
PET
SHARLENE TEO

Ponti

Sharlene Teo

Tradução de Alessandra Esteche



Copyright © Sharlene Teo 2018

TÍTULO ORIGINAL
Ponti

PREPARAÇÃO
Mariana Moura

REVISÃO
João Sette-Câmara
Juliana Rodrigues

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Stein | Equatorium Design

ARTE DE CAPA
Katie Tooke

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Michael Mateyko

REVISÃO DE E-BOOK
Victor Huguet

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0483-8

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais

1. Szu
2. Szu
3. Amisa
4. Szu
5. Circe
6. Amisa
7. Circe
8. Szu
9. Amisa
10. Szu
11. Amisa
12. Szu
13. Amisa
14. Circe
15. Szu
16. Circe
17. Szu
18. Amisa
19. Szu
20. Amisa
21. Szu
22. Amisa
23. Circe
24. Szu

Agradecimentos

Sobre a autora
Leia também

1
SZU
2003

O dia de hoje marca meu décimo sexto ano neste planeta horrível e quente. Estou presa na escola, em pé, as mãos em uma parede verde. Eu as pressiono com tanta força que meus dedos doem. A vergonha me prende a essa parede.

Mais uma vez estou encrencada. Como sempre. Levo semanas para me livrar da situação. Tem algo de desonesto na minha cara, mesmo quando falo a verdade. O que a gente pode fazer se nasceu com uma cara ruim? Acho que é por isso que a maioria das pessoas não se dá bem comigo. Sim, se dar bem, como os patos se dão bem com a água ou as crianças com certas habilidades. Como as outras garotas do colégio parecem virar melhores amigas em questão de segundos, com piadas internas e riso fácil.

Aos onze anos eu tinha esperança de que iria mudar com a puberdade, de que um dia eu sairia de minha crisálida, florescendo em beleza. Não tive a sorte! Em vez disso, acne. Cabelo nojento. Sangue. Pelo visto, puxei ao lado do meu pai, os Ng grosseiros e pálidos, uma família de enganadores e apostadores, contrabandistas e fugitivos. As pessoas são superficiais, admitam ou não. Eu não estaria presa aqui se me parecesse um pouquinho que fosse com minha mãe, que é um monstro, mas é tão deslumbrante que se safa de tudo. Mesmo quando ela não está por perto, sinto seus olhos nas minhas costas; seu olhar cortante de reprovação.

Os fãs do terror a conhecem como Amisa Tan. Nome artístico: Amisa Tan Xiaofang. No dia a dia, ela é o tipo de mulher que nunca transpira, que jamais seria pega falando com a boca cheia. Come como um passarinho, fuma como uma chaminé. Quando saía mais de casa, ganhava frutas e flores (como se fosse uma deusa pagã) na feira, de homens gaguejantes de todas as idades, que também competiam para ajudá-la com as sacolas. Ela aceitava os presentes, mas rejeitava a mão de obra, me obrigando a carregar todas as compras. No caminho de volta, os carros diminuíam a velocidade em

reverência enquanto minha mãe passava pelo acostamento, eu me arrastando atrás dela. As alças das sacolas de plástico cortavam minhas mãos, o peso de jantares futuros afligia meus ombros e braços.

Estou olhando fixamente para a parede porque se fechar os olhos posso pegar no sono por um segundo, em pé, como um cavalo. A parede tem cor de vômito e sorvete barato de menta. Atrás de mim fica a sala dos professores. Ouço-os entrando e saindo pelas portas duplas de madeira. Digo a mim mesma que se me esforçar ouvirei os riscos de caneta esferográfica. Um xis, resposta errada, incorreto. Agora mesmo, a mme. Goh, a sra. Fok e o sr. Singh estão elaborando nossos testes: Língua Materna, Matemática Básica e Química. Já sei, estou com uma sensação familiar no estômago, aquela de que não vou bem. *Você não está indo bem, Szu*. *Precisa se animar*, a sra. Fok me diz, é um dos motivos pelos quais estou de castigo. O outro é porque sou "desordeira" e também muito velha, a sra. Fok continua, para perturbar minhas colegas por causa das coisas que digo.

Elizabeth Kwee é a garota nova que veio da Escola Secundária de Santa Madalena há duas semanas. Ela é meia cabeça mais baixa do que eu e tão doce e artificial quanto um docinho japonês. Tem um aglomerado de espinhas na bochecha direita, causadas, talvez, por um travesseiro sujo e uma forte preferência por determinada posição para dormir. Achei que talvez pudéssemos ser amigas. Mas foi ela quem disse à sra. Fok que sou uma mentirosa compulsiva e passo o dia sussurrando "coisas estranhas e assustadoras" para ela.

A parte sobre conversar com ela o dia todo é verdade, principalmente durante as aulas arrastadas da tarde. Quanto a falar "coisas estranhas", não concordo. Sou a pessoa mais normal que conheço.

Cingapura fica apenas um grau ao norte do Equador e parece o alvo para o qual o sol está mirando com a intenção de matar o planeta. À tarde, este prédio esquenta como um fogareiro de cobre. A sala fica tão abafada que todas as trinta e três alunas suam metade de seu peso corporal, uma forma de sofrimento que as garotas mais comprometidas com seus transtornos alimentares consideram benéfica e embelezadora. A sala de aula esturricada cheira a desodorante Impulse e absorvente sujo. Nossas camisas encharcadas ficam translúcidas como casca de cebola e grudam na pele por causa da transpiração. Alças e bordas de taças de sutiãs emergem como as cores atravessando o papel de tornassol: rosa-neon, verde-limão, bordô; cores

pouco ortodoxas para nossa escola formal e respeitável só para garotas. Sempre uso sutiã bege.

A sra. Chan, responsável pelo Atendimento Pastoral, já trocou minha dupla cinco vezes este ano. Cansei todas elas. Minhas colegas me chamam de Sadako, nome da menina que se afogou na série *Ringu*, e preferem me deixar em paz. Pelo menos até ficarem entediadas e decidirem fazer da minha vida um inferno. Por enquanto, até as garotas mais cruéis e perfeitas têm achado melhor fingir que não existo.

Clara Chua, Lee Meixi e Trissy Kwok são uma visão de três cabeças de pescoço comprido e pele cristalina, mochilas de marca e vida sexual subestimada. Apáticas e ardilosas como crocodilos. Indecifráveis e invencíveis. Seus olhos límpidos julgam e brilham. Todas as manhãs, em uníssono, elas enrolam o cabelo de comercial de xampu com delicadeza e o colocam sobre o ombro como a bandoleira de um rifle.

Nosso colégio é de freiras, do Convento Whampoa dos Eternamente Abençoados, mas não tem nada de devoto nas coisas que as adolescentes infligem umas às outras. Neste lugar não são as meninas estranhas ou as bizarras demais que são perseguidas, mas as menos abastadas, as que não podem comprar mochilas ou tênis bons, ou as fracas, choronas ou boazinhas demais. Já vi garotas serem destruídas por concordar com a coisa errada. Já vi garotas amarradas como pato assado estilo *char siu* nos banheiros mais imundos, a calcinha exposta, engolindo as lágrimas, por terem ofendido uma das crocodilas ou alguém do grupo delas. Sempre por causa de algo pontual ou insignificante — piscar por tempo demais de um jeito desdenhoso, tossir de um jeito engraçado demais, dizer alguma coisa idiota e incompreendida.

Não acredito em santos, mas logo que entrei nesta escola (há três anos eternos, no ano infeliz em que completei treze) eu fazia esta oração todas as manhãs, no ritmo dos meus passos logo antes de passar pelos portões:

Peço ao cocô dos pássaros,
Peço às árvores,
Peço à entrada,
Peço aos guindastes,
Que nenhuma menina seja maldosa comigo,
Que eu fique bem.
Amém, amém, amém.

Os portões de ferro forjado da escola têm a cor de chiclete de banana, para imitar a textura maleável dos marshmallows, apesar de não haver escapatória. Uma paleta enjoativa como doce compõe as cores suaves e delicadas do nosso colégio, para amenizar o golpe dos horrores perpetrados do lado de dentro; paredes verde-menta perto da sala dos professores, lilás senil no pátio, rosa-bebê e azul-bebê nas torres altas e cafonas que formam as alas leste e oeste. Passo mais tempo neste complexo do que em qualquer outro lugar. Queria que pegasse fogo enquanto durmo.

*

Ontem vi uma miragem no quadro branco. Se acreditasse em Deus, diria que foi uma visão sagrada. Os traços da caneta da sra. Fok começaram a pular na superfície, correndo e saltando como as linhas na tela de um monitor cardíaco; parecia que eu ia desmaiar ou pular da cadeira e começar a dançar. Meu sangue acelerou. Meus ossos se encheram de uma ansiedade avassaladora, como se a coisa pela qual eu estava esperando a vida toda, sem saber dizer o que era, finalmente estivesse para acontecer. Naquele instante tive um impulso urgente de falar com Elizabeth Kwee. Sua orelhinha rosada era um receptor de sabedoria infinito, convidativo. Minhas mãos e meus pés estavam gelados embora o restante do corpo estivesse fervendo.

— Ei, Elizabeth, quer ouvir uma coisa? — sussurrei.

Ela continuou olhando para o quadro.

— Ei, quer ouvir uma coisa legal?

— Não — respondeu entre dentes.

Ela tamborilava os dedos da mão direita na mesa de plástico cinza. A parte inferior e carnuda da palma estava manchada de tinta azul. Eu me inclinei em direção à orelha dela.

— Minha mãe é um monstro — sussurrei.

Eu estava muito perto. Sabia o quanto minha respiração devia estar quente e grudenta, naquele calor infinito das duas e meia, naquela umidade. Alguém atrás de nós se mexeu na cadeira. Elizabeth se afastou sutilmente. Não queria correr o risco de ficar de castigo.

— Pare de falar — sussurrou ela.

— Ninguém está ouvindo — retruquei. — Não vai acontecer nada. Então, você conhece minha mãe?

— *Conheço*. E daí?

— Ainda tem como conseguir cópias do filme dela, na Malásia, pirata…

— Aquele sobre a *pontianak*. Sei. Eu estava doente aquele dia. Mas fiquei sabendo que você fez uma apresentação.

Na última sexta-feira, durante a aula de Educação Nacional, fiz uma apresentação de PowerPoint sobre a carreira cinematográfica da minha mãe. Minha voz tremeu durante toda a introdução. As garotas do fundo riram. *Ponti!* (não confundir com *Pontianak 1957*, *Pontianak*, *Maldição da pontianak* ou *Retorno da pontianak*) foi o melhor filme lançado em Cingapura em 1978, e o mais subestimado.

Ponti! é um filme cult. É o primeiro, e certamente o melhor, de uma trilogia, embora quase ninguém conheça e seja difícil conseguir uma cópia. Mas os cinéfilos dão um jeito. Minha mãe recebeu quatro cartas dos Estados Unidos, três da Indonésia, duas do Japão e uma da Holanda de superfãs dizendo o quanto a amavam. De vez em quando ela tira as cartas da pasta, alisa os vincos do papel e relê em silêncio. Eu disse que se comprássemos um computador talvez ela recebesse ainda mais mensagens de fãs, mas ela não confia na internet, nem minha tia. Minha tia diz que fios em excesso vão irritar os espíritos, e quando digo que não é assim que funciona ela dá um meio sorriso e faz sinal para que eu fique quieta.

No melhor (e único) papel de sua carreira, minha mãe, usando próteses baratas, interpreta uma garota chamada Ponti que ficou corcunda em razão de uma deformidade congênita e que faz um pacto com um *bomoh* — *um xamã* — para ficar bonita. Ela fará qualquer coisa, pagará qualquer preço. Uma vida de feiura é insuportável. Minha mãe tinha dezenove anos, quase a minha idade. *Por favor, Datuk, eu imploro*, ela diz para a câmera — e a voz que sai é a de uma completa estranha: uma dubladora americana, doce e pequena e estrangeira.

O curandeiro concede seu desejo. De uma nuvem de poeira, ela emerge radiante como uma pérola, mesmo com a imagem granulada.

Com a beleza de Ponti, no entanto, vem uma sede por sangue masculino. Ela se torna a *pontianak*, um monstro canibal. Deve encontrar vítimas e se alimentar delas para manter sua aparência. Usa um vestido branco colado nos quadris e seduz homens que viajam sozinhos pelas escuras estradas de terra de Pantai Dalam. Tudo de acordo com o mito da *pontianak*, contado por esposas preocupadas para que os maridos tomem cuidado com garotas jovens e bonitas andando sozinhas à noite. É claro que os homens não escutam. E ela é muito sedutora. Então, dá um beijo longo e molhado que

suga a alma e a juventude das vítimas. Eu me contorço ao ver minha mãe beijando um ator. O sangue jorra. Então a câmera desvia e foca no alto das palmeiras. Dá para ver as folhas tremendo. Ouvir a mastigação faminta ao fundo. Não havia orçamento para mais sangue, então somos poupados da violação em si.

Na cena seguinte ela está em pé sozinha em uma clareira artificial. É a cena que mostrei na sala, no lugar da anterior, de sedução e assassinato. É uma cena sem falas, e minha favorita. Minha mãe respira fundo e parece derrotada e pegajosa de suor. Seus ombros estão caídos de um jeito esquisito. A parte da frente do vestido está encharcada de xarope de milho diluído, mais rosa do que vermelho. Ela vira devagar e, ao encarar a câmera, pisca como se estivesse saindo de um transe. Então sua expressão se fecha; ela está cansada demais até para chorar. Sempre me dá vontade de abraçá-la nessa cena. Nesse momento a projeção tremulou, como se concordasse comigo. Olhei em volta para me certificar de que todas na sala escura estivessem prestando atenção. Trissy riu para o celular. Meixi estava de olhos fechados. Vanya e Lin, no entanto, olhavam para a tela sem pestanejar.

Minha mãe levanta a mão para limpar a sujeira do braço esquerdo. Está tremendo; não são só os solavancos da câmera. Seu cabelo preto comprido está cortado em camadas, como era moda nos anos 1970. Iluminada por trás por uma luz turva, ela parece estar na lua. De perto, sua expressão é suave e vulnerável. Nunca a vi na vida real. Parece alguém com quem eu me daria bem, uma garota cheia de preocupações e afeto que um dia vai se solidificar na minha mãe, mas não por ora.

Ponti! termina com uma cena de perseguição. Meu monstro está pálido e agitado, mas ainda orgulhoso. Ela mantém o queixo erguido enquanto corta o campo de caniço-branco. Os longos talos verdes estremecem ao seu redor. O herói está se aproximando. Eu costumava tapar os olhos nessa cena. Nunca quis que ele a alcançasse. Mas é ele quem deve vencer. Ele sabe como derrotar a *pontianak*: um prego sagrado e enferrujado, enfiado no buraco em sua nuca, o buraco que o *bomoh* fizera para amaldiçoá-la com a beleza. A lenda também diz que ele deve enfiar um pedaço do cabelo dela no buraco. O ator faz isso com a determinação entediada de quem coloca panfletos de pizzaria em uma caixa de correio. Decorei os quadros finais: o farfalhar das folhas encharcadas pela chuva; os pés descalços e delicados da minha mãe pisando a lama, seguidos por botas pesadas. O estrondo de um raio quando o herói a alcança. Ele levanta o martelo e enfia o prego junto com o cabelo.

Por fim, um barulho horrível de algo sendo esmagado enquanto minha mãe arregala os olhos.

— Melancias. Esse é o truque — disse minha mãe. — Se você golpear o centro de uma melancia com uma faca comprida, é como esfaquear uma barriga; o barulho é o mesmo. Se deixar uma melancia cair de uma altura de três metros, parece um crânio se abrindo. Se chacoalhar grãos de café em um tambor de lata, parece uma tempestade. Mas esse último truque todo mundo sabe.

Há muitos anos, quando eu ainda era uma criança fofinha, assistíamos juntas à trilogia várias vezes, até eu conhecer cada filme de cor, e ela me contava histórias sobre as gravações, sobre a vida livre e maravilhosa de que desfrutava antes de eu nascer.

— *Wah lau*, eles faziam uma bagunça no set — sussurrei para Elizabeth. — Polpa de melancia por todo lado, pedaços de berinjelas, cenouras brancas, tomates e rabanetes no chão, tudo grudento. Gravaram em um estúdio de som em Johor, em junho, quando fazia muito calor. O lugar fedia a vegetais podres.

— *Não quero saber* — disse Elizabeth.

Ela estava olhando para a frente, os olhos fixos, e tinha parado de bater os dedos na mesa; aproximou a cadeira da mesa, como se quisesse afastar o corpo todo de mim. As pernas de metal fizeram um barulho irritante ao serem arrastadas pelo chão.

— Enfim, apesar de minha mãe morrer em *Ponti!*, ela ressuscita em *Ponti 2*. Também é decapitada no final de *Ponti 3*, mas mesmo assim o fim é meio que aberto. Sabe como são os filmes de terror… sempre deixam a possibilidade de uma continuação.

Elizabeth virou a cabeça para mim com uma expressão tensa e firme.

— Você pode, por favor, calar a boca? — retrucou entre dentes.

— Tá bom, tá bom — respondi.

Nós duas nos viramos para o quadro branco. Nada que estava escrito lá fazia sentido. Matemática e o que as outras pessoas falavam eram como línguas estrangeiras. Fiquei ouvindo o barulho baixo e laborioso do ventilador de teto zumbindo sobre nossas cabeças. Um mosquito pairou próximo à minha orelha esquerda e saiu voando. Nem o mosquito queria ficar perto de mim. Senti uma fisgada na costela, que subiu até a traqueia. Não sabia se estava com raiva ou triste ou feliz ou tudo isso junto. Tentei conversar com Elizabeth mais uma vez.

— Posso te emprestar o VCD, a sra. Chong me ajudou a converter o vídeo…

Elizabeth cobriu com a mão a orelha esquerda, a que estava mais perto de mim. Com a outra mão, bateu na mesa. A sala ficou em silêncio.

— Elizabeth e Szu. Algum problema? — perguntou a sra. Fok, apontando a caneta sem tampa para minha cara.

Senti uma multidão de colegas virando na nossa direção. Agora seus olhares é que eram como ondas de calor atingindo minha nuca, minhas bochechas avermelhadas, meus ombros suados.

Fiz que não com a cabeça e engoli em seco, muda mais uma vez.

— Senhora, ela fica falando, e eu estou tentando prestar atenção — denunciou Elizabeth em um tom ofendido e choroso.

— Szu Min, você se lembra da semana passada? — perguntou a sra. Fok, brandindo a caneta. — Já foram dois avisos. O que eu disse, garota?

Olhei para ela com a cabeça baixa. Tentei incorporar uma ovelha. Por que os professores fazem essas perguntas retóricas terríveis? Na visão periférica eu via Meixi, jogando o cabelo brilhoso e sempre obediente. Ela parecia sentir nojo, mas principalmente tédio, de mim.

— Castigo — continuou a sra. Fok, respondendo à própria pergunta. — Terça-feira, Posto Verde B, perto da sala dos professores. Esteja lá às duas. Fique quieta e em silêncio. Vocês precisam aprender a ficar quietas e em silêncio. Não tente nenhuma gracinha. Vou passar lá para fiscalizar.

*

— Ah, Szu, você ainda está aqui — diz a sra. Fok, sua sombra projetada na parede verde. — Pode abaixar os braços.

Viro e olho para ela. Meus braços estão doendo, e a odeio por isso. Ela é mais baixa do que eu, como a maioria das pessoas. Seu cabelo é preto e oleoso com fios grisalhos, e cai liso sobre sua cabeça. A pele tem a cor de papel-crepom amarelo. Ela parece uma planta que foi esquecida durante as férias.

— Sua avaliação é daqui a cinco semanas — diz ela. — Não é muito tempo para se recuperar.

— Sim, senhora, eu sei — retruco simplesmente.

— Cinco semanas — repete.

Ela me encara, e seus olhos são duas contas pretas. Como ela ensina

matemática o dia todo, penso em um ábaco. Penso nos testes de Matemática Básica em sua mesa, neste momento, sem ninguém de olho. Penso que meu teste também está ali, corrigido e avaliado, e me pergunto quão baixa pode ser a nota. Ela sabe, eu não. Meu fracasso paira como um varal de roupas pingando entre nós.

— Szu, você precisa se aplicar mais — diz a sra. Fok. — Eu sei que tem isso dentro de você.

Pisco lentamente para ela. "Isso dentro de mim", penso. O que é essa coisa a que ela se refere? Um parasita? Assim como eu, ela não sabe. Mas neste instante estou tentando diminuir minha frequência cardíaca. Acalmo minha respiração. Imagino que sou uma porção de manteiga, me aplicando ao teste escrito, deixando uma mancha amarela gordurosa. Imagino minha nota baixa se contorcendo até virar algo magnífico. Um 88 impressionante, um 92 imponente, um 100 perfeito como resultado de todas as equações corretas, ou até mais — um 120, porque fui excepcional e também porque ela adora minha personalidade. Então eu poderia usar os 20 pontos extras em outra nota baixa, para aumentá-la. Todos ficariam felizes.

— Como você está se saindo? — pergunta a sra. Fok.

— Ahn? O quê?

Ela respira fundo.

— Como está se saindo com a revisão?

— É… bem.

É mentira, porque para que uma revisão aconteça é preciso ver tudo pelo menos uma vez. Meus cadernos e pastas permanecem intocados embaixo da minha mesa na sala. Imagino os papéis brancos e limpos acumulando poeira e bactérias.

A culpa faz minha língua inchar na boca. A saliva se acumula embaixo. Talvez eu babe. Olho para baixo, estou envergonhada; a sra. Fok sabe disso. Ela respira fundo e cruza os braços, e eu fico olhando para seus sapatos pretos gastos. Seus pés cansados e braços irritados julgaram corretamente: sou a Noiva de Frankenstein, estou abaixo da curva normal, não consigo nem concatenar palavras longas. *O que essa garota sabe das coisas*?, deve estar se perguntando. *Espero que minha filha não seja uma inútil como ela*.

A sra. Fok me dispensa. Nossas bocas esboçam um meio sorriso reto e forçado. Nos despedimos e andamos em direções opostas — eu em direção a minha mochila, ela em direção à montanha de testes.

Os olhos da minha nuca se estreitam olhando para a sra. Fok. A boca do

meu cérebro diz entre dentes: *Odeio você e sua matéria idiota. Espero que você tenha câncer. Espero que não sobreviva.*

Ao sair pelos portões amarelos, minhas mãos doem e minhas pernas sentem o peso do meu aniversário. Como é possível que as pessoas comemorem isso, deem uma festa em que os outros ficam olhando, fazendo sinal de positivo enquanto elas cortam um bolo de qualquer jeito? Como alguém pode gostar de estar um ano mais perto de um problema na coluna, insônia, gengivas se retraindo para mostrar caninos amarelos? Mesmo com a ilusão de sabedoria, a velhice me deprime. Tenho medo do dia em que minha boca vai se congelar em um rosnado formado ao longo da vida e não vou mais conseguir acompanhar as novas porcarias da música pop.

Meu ônibus chega fazendo um chiado. Enquanto subo, penso: e se, para variar, todo ano, em vez de gastar e marcar a mesma pele estranha, eu acordasse com uma nova? Trocar minha pele comprida como uma cobra. Seria o melhor presente. Queria poder sumir e virar outra pessoa, uma vez após a outra. Mas tenho pelo menos mais dois anos de educação obrigatória, e ainda é terça-feira.

2
SZU
2003

Sempre moramos neste balão. Fica no fim frondoso e surpreendente da rua, e às vezes as pessoas vêm até aqui e se decepcionam ao ver que não há para onde ir. Balançam a cabeça e fazem o balão para voltar por onde vieram.

Abro os portões alaranjados de ferrugem e me arrasto pela calçada. Não quero entrar em casa, mas também não quero ficar do lado de fora. Tudo fede. Quando desci do sessenta e sete na ponte e comecei a caminhada, quase vomitei. O ar cheira a ovo podre ou churrasco queimado. Se as outras pessoas do ponto de ônibus também não estivessem tossindo e engasgando, eu ia achar que tinha um tumor no cérebro.

Não importa quantas vezes minha mãe e minha tia me obriguem a varrer as folhas encharcadas, a aparência da calçada nunca melhora. O jardim está coberto de ervas daninhas. Os grilos e as cigarras não calam a boca o dia inteiro. Adotamos um cachorro quando eu tinha dez anos, um terrier branco desajeitado, claramente para substituir meu pai. No início o chamei de Ovo, depois de Pudim. Finalmente decidi por Biscoito. Biscoito latia sem parar quando eu voltava da escola. Fazia um estardalhaço para um cachorro tão pequeno: era um sistema de segurança de quatro patas. Sempre muito feliz em me ver. Olhos bobos brilhantes e a língua rosada para fora. Há quatro anos eu estava atravessando a rua. Alguém tinha deixado o portão entreaberto: um cliente chorando talvez. Biscoito correu na minha direção, as patas pulando no asfalto, quando um caminhão de vinte toneladas desceu a rua. Pela primeira vez, ele ficou em silêncio. Hoje é um ponto sem grama na beirada do jardim, perto das bananeiras.

Temos um velho jasmineiro e duas buganvílias. Digo “temos”, mas o que realmente quero dizer é que essas coisas existem, se recusando a morrer embora não cuidemos delas. As buganvílias estão sempre floridas, pétalas brancas e cor-de-rosa curvadas pelo calor, ensopadas pela chuva, e o jasmineiro desfolha o ano todo.

Nossa casa é muito velha. Meu pai ganhou na loteria um ano antes de eu nascer, e eles a compraram nos anos 1980, e é só por isso que temos uma casa com jardim. A construção é reta e feia, quase como um quartel militar. Não seria surpresa descobrir que os japoneses torturavam pessoas aqui durante a guerra. Às vezes o vento faz com que as paredes uivem, e durante as monções o telhado crepita, como se estivesse tentando se livrar de um sonho ruim. As paredes externas, manchadas pela chuva, parecem ter sido atingidas por golpes de tinta cinza clara. Fede a cigarro, incenso e à sopa de fungos da minha tia. Tudo é amarelado: cada parede, cada tijolo, cada janela.

Ao entrar, vejo o sino de cobre sobre o prato de latão na mesa. Isso significa que temos um hóspede. A recepção é pequena e estreita, com papel de parede descascado, de cor creme salpicada de verde. O altar está iluminado por duas lamparinas de óleo de amendoim em apoios em formato de lótus, rodeadas por quatro velas derretidas, a cera vermelha empoçada no papel de embrulho empoeirado. Hoje o altar está preparado com uma oferenda de bolo seco, cinco laranjas e um prato raso de perfume. No centro, divindades e outros seres imortais encaram com seus olhos de estátuas ou pinturas. Se um cliente está por perto, acendemos o incenso, abaixamos a cabeça em sinal de respeito e o convidamos a se juntar a nós em adoração. Minha tia resmunga algo baixinho. Nos ajoelhamos e levamos a testa ao chão, nós três. Esperamos até que o visitante comece a se mexer, se contorcendo em um desconforto educado. Isso pode levar de cinco a quinze minutos. Então minha tia levanta para tocar o sino. Todos nos levantamos e ela recebe a "taxa de saída", adicional ao pagamento, entregue em um envelope marrom. Acompanhamos a pessoa até a porta, nossas três vozes femininas lamuriosas e gentis, nossos três rostos diferentes, porém aparentados pairando sobre o portão de metal. Dialeto, mandarim, inglês, falamos tudo. *Adeus, adeus, até a próxima*.

A lâmpada cor de âmbar sobre a porta está acesa, o que significa que a sessão ainda está em andamento e preciso fazer silêncio. Desamarro os sapatos de lona e os coloco na prateleira. Presto atenção para tentar ouvir as vozes, mas só ouço o balbucio irregular do filtro do aquário que fica na cozinha. Atravesso o corredor e paro diante da porta marrom-escura. Encosto o ouvido nela.

Tia Yunxi está murmurando em um tom baixo e monótono. Está falando em dialeto. Parece *hakka*.

A cliente está emitindo sons de concordância. É uma mulher bem velha, com a garganta seca.

Tia Yunxi não permite água naquela sala.

— Mas por quê? — perguntei certo dia.

— É preciso manter as pessoas com sede — respondeu ela, e sorriu, os lábios finos e franzidos, sem dentes.

No final do corredor fica o quarto da minha mãe. Está fechado, como sempre, nenhuma luz vindo da fenda sob a porta. Será que ela está dormindo ou está na sala com minha tia e a cliente? Minha mãe participa das sessões quando o cliente tem muito dinheiro ou apresenta potencial para gastos desesperados e exagerados. Ela é especialista em escolher um alvo. Nem sempre são os bem-vestidos ou alinhados, nem os que dirigem um Audi ou um Lexus reluzente e deslocado na entrada encharcada da nossa casa. A pessoa poderia aparecer nua, ou usando trapos e cheirando a merda, e minha mãe ainda assim saberia.

— A chave é o rosto — explica ela. — Um rosto triste é uma carteira aberta.

Um dia vou aprender a ser tão habilmente cruel quanto ela. Minha mãe encontra a fraqueza que quer atrás dos olhos, enfiada entre pés de galinha e linhas de expressão, todo o medo e a esperança cega transmitidos nos menores tiques e gestos. As pessoas não percebem o quanto querem que sua fraqueza seja explorada; o quanto querem ser punidas por serem elas mesmas. Minha mãe encontra o ponto exato da dor e cutuca. Ela promete tudo a essas pessoas, e é tão maravilhosa de se olhar, tão deslumbrante e persuasiva, que algumas até já concordaram em lhe entregar suas economias. Tanto homens quanto mulheres se apaixonam um pouco por minha mãe. Demonstram seu amor com notas de cinquenta e cem e mil dólares, maços azuis, vermelhos e marrons, enfiados em sacos plásticos.

Tia Yunxi se afasta durante essas transações, os olhos vidrados, no auge de um transe. Afinal, ela é o meio, o canal. *Obrigado*, os clientes dizem, após seus entes queridos terem ido embora mais uma vez, com um soluço e um gemido, e o corpo da minha tia ter parado de tremer. Ela cai sobre a toalha de renda como uma boneca de pano.

Lágrimas escorrem pelo rosto dos clientes. *Obrigado, obrigado, obrigado*, dizem em mandarim, *hakka*, *teochew*, *hokkien*, inglês. Quando a sessão termina, o que resta da dor, pois é sempre excessiva, se estende pela sala como um paraquedas usado. Minha tia acende um pedaço de anis estrelado

e abre a janela.

— Você viu isso? Como aquele velho ficou feliz? — me pergunta ela. — A sessão correu muito bem — comenta, o rosto contente. — Você estava prestando atenção?

Dependendo da hora do dia e do ângulo, tia Yunxi parece ter qualquer idade entre cinquenta e cem anos. Ela tem uma saúde de ferro. Desde que a conheço, nunca ouvi sequer um espirro seu. Ela apareceu na nossa porta há nove anos: 1994, o ano em que meu pai foi embora. Minha mãe é a última pessoa a pedir ajuda ou admitir que está com problemas. É muito orgulhosa. Mas Yunxi simplesmente *pressentiu*. Pode ser intuição de irmã. Ela entrou em nossas vidas depois de ter viajado metade do mundo. Uma pequena cingapurense de cinquenta anos, sozinha na Transiberiana. Tudo o que trouxe foi uma mala surrada de vime e um guarda-chuva roxo comprido.

A verdade é que minha tia Yunxi é metade mulher, metade violino. Ela tem um som agudo, é estreita e rígida. Sustenta os braços em ângulos estranhos, como se não fossem dela. Isso se deve em parte ao reumatismo, mas também a certa afetação. É aguda e estridente. Mas de vez em quando é capaz de emitir notas claras e impressionantes de doçura. É a única pessoa que me compra presentes. Quando eu era bem novinha, e muito tempo antes de eu conhecê-la, meu pai me contou.

— Sua mãe vai ter muita vergonha de contar isso — disse ele. — Ou vai pensar que você é jovem demais para saber. Mas eu não.

Ele disse que Yunxi era um nome inventado. Ela nem era uma pessoa, mas um violino raro, um Lipinski Stradivarius, o único Stradivarius fora de turnê no Sudeste Asiático. Havia tão poucos no mundo que dava para contá-los nos dedos, e cada modelo era assinado e numerado. Minha mãe tinha roubado o instrumento inestimável de uma faculdade de música (como?, perguntei, e meu pai respondeu que isso era irrelevante) e o disfarçado de mulher, uma irmã mais velha, porque minha mãe sempre quis ter uma irmã. E assim o violino se transformou em uma mulher de cabelos grisalhos encaracolados e sardas no rosto, e dedos tão finos e frágeis que parecem que vão cair a qualquer momento.

— Tudo isso é verdade — afirmou ele, e tocou o nariz.

Meu pai amava móveis antigos. Durante anos, trabalhou em um antiquário como aprendiz e restaurador. Quando ganhou na loteria, não precisou mais trabalhar, porém seu amor por móveis antigos permaneceu, o passatempo adorado. Ele me ninava com suas explicações longas e

rapsódicas sobre como um sofá de canto era feito, sobre sua proveniência florestal. Tudo o que era suave ao toque tinha sido talhado a partir de matéria-prima bruta. O cerne do tronco era duro e pesado. O mogno sangrava e fazia uma bagunça. Pés de feijão se esticavam em direção a um céu tailandês abstrato. Meu pai passava tanto tempo na oficina que sempre cheirava a lascas de madeira e a algo forte que mais tarde reconheci como solvente de tinta. Ele tinha um cheiro diferente, disso tenho certeza. Cera e madeira e colarinho suado, cerveja. Então, certo dia, quando eu tinha oito anos, ele saiu e não voltou. Desapareceu tão decidido que deve ter sido uma decisão tomada depois de muita contemplação, cozinhando em sua cabeça como um caldo, essa vontade de ir embora. Ou será que foi fácil?

Em meus sonhos, meu pai é muito real. Sempre acordo enfurecida e reconfortada por vê-lo. Ele tem ombros caídos e não é alto nem baixo, com um rosto largo e marcado e uma ruga de expressão entre as sobrancelhas. Sempre sussurrava em mandarim à minha mãe perguntando qual era o problema. Sempre havia um problema. Com ela, com eles, comigo. Sua voz é vaga. O que tenho é algo próximo de uma figura paterna, emprestado de novelas. Não existem gravações dele. A voz é a primeira coisa a ir embora. Depois, padrões de fala. O tom de uma frase. O que era uma piada e o que eram pílulas de sabedoria? A gente não escolhe o que fica e o que desaparece. Com o tempo, até inverdades bobas ganham peso e geram significados, como mofo em uma fruta.

*

Quando alguém pergunta o que minha mãe e minha tia Yunxi fazem exatamente, fui instruída a dizer: elas tocam um pequeno negócio em casa sem empregar outras pessoas. Oferecem serviços holísticos de bem-estar. Isso inclui coaching transformacional e práticas para o corpo e a mente. Minha tia aprendeu muitas dessas práticas com viajantes de todas as partes da China, Mongólia, Índia e Nepal. Não posso dar muitos detalhes porque os serviços tendem a variar de acordo com as necessidades de cada cliente.

O negócio da minha mãe e da minha tia é a esperança. O fato de as pessoas virem até elas já garante metade do sucesso; essas pessoas querem acreditar naquilo pelo que pagaram. Para nos procurar, anotar nosso endereço e ficar confuso com o balão, e vagar hesitante pela entrada da casa, é necessário ter muita esperança, em excesso até. Alguns chamam isso de

desespero. O surto derradeiro do último recurso. A maioria dos clientes espera ser consolada pelas vozes dolorosamente familiares dos mortos. Sentem que foram deixados para trás e querem que alguém lhes diga o que fazer. Essas pessoas supõem que o além garante sabedoria e previdência.

Só duas vezes tivemos incidentes com reclamações, com clientes desconfiando da tia Yunxi e saindo da casa esbravejando depois de jogar um punhado de notas de cinquenta na mesinha antiga. Me senti um pouco vingada nas duas vezes, um inchaço no peito, a fascinação do espectador. Tia Yunxi tira de letra. Mantém a voz baixa e calma o tempo todo. Ela parece ter sempre razão.

— Sinto muito que você se sinta assim.

Resposta:

— Você é uma golpista, uma piada.

— Não vamos conseguir trabalhar com esse tipo de energia.

Resposta:

— Você só fala merda.

Os clientes reservam seus xingamentos, a língua suja, para Yunxi. É mais fácil levantar a voz para uma mulher pequena e pálida, com galhos no lugar dos braços e um rosto esquelético e olhinhos pequenos. A raiva nunca é direcionada à minha mãe, que percebe os menores sinais — os olhos semicerrados, a voz engasgada — de que deve bater em retirada com os passos calculados de uma bailarina. Ela fazia parte de um grupo de dança na adolescência. Quando eu era pequena, dizia que eu devia fazer o mesmo, mas aos nove anos eu trombava nas coisas e a cada ano ficava mais alta, até que a puberdade chegou, com esse andar desajeitado.

*

O arrastar de uma cadeira me faz saltar da porta para a cozinha escura. Estou sem meias e meus dedos estão gelados em contato com o piso. Fico olhando para o aquário grande e sujo. A corvina de olhos grandes e as corcorocas abrem e fecham a boca, as barbatanas prateadas cintilando na água turva. O peixe-leite está morrendo; seus olhos têm um tom curioso de vermelho e ele está nadando muito devagar, desconfortável, como se fosse cair a qualquer momento.

Abro a porta da geladeira no momento em que minha tia e a cliente passam pelo corredor.

— Mas as coisas vão mudar? — pergunta a cliente em mandarim. — Eu vou me sentir melhor?

Sua voz treme. Não suporto olhar para ela.

— As coisas sempre mudam — responde minha tia com sua voz sábia e empostada. — É a fase da lua, a luz e o fluxo. A mudança é uma constante.

Reviro os olhos para a geladeira, que está tão cheia que parece que vai transbordar. Minha tia ama cozinhar. Verduras frondosas envoltas em jornal, salsichas chinesas finas, grandes blocos de tofu. Da feira: tâmaras vermelhas em um caldo cor-de-rosa meio nojento, pasta de camarão em vidrinhos. Estou só olhando. Chamo de dieta do olho. Calistenia ocular. Não há mal, não há culpa em olhar. Às vezes aperto a comida; amasso o tofu, cutuco a carne de porco, dou um tapinha no pote de biscoitos Khong Guan. Só isso. Olho tão fixamente que minha visão embaça.

— Ah, menina. Como foi seu dia? — pergunta minha mãe.

Fecho a porta e viro para ela. Está vestindo um pijama azul. Blusa de seda puída e calça comprida. O rosto fino e luminoso. Ela nunca precisou fazer dieta.

— Nada mau — respondo.

Não correspondo seu olhar.

— Eu não esqueci — diz minha mãe. — Caso você tenha achado que esqueci seu aniversário.

Ela se aproxima e pressiona a cabeça no meu pescoço. Eu me retraio. Seu rosto alcança meu ombro. Ela coloca os braços em volta de mim e aperta minha gordura. As unhas vermelhas afiadas enterradas no meu uniforme. Não fosse a dor, essa proximidade pareceria irreal. Como seus punhos são fininhos: ela sempre tem que mandar ajustar a pulseira do relógio, mandar fazer braceletes sob medida. Como essa mulher me carregou na barriga? A cada dia está encolhendo, não só ficando mais magra, mas perdendo densidade. Ficando franzina, transparente. Logo vai se dissolver, e não vou me lembrar mais do contorno do seu corpo.

— Tia Yunxi tem uma surpresa para você — diz minha mãe para o meu ombro.

Não quero me mexer; tenho a sensação de que poderia derrubá-la. Não consigo respirar.

— O que é?

— Você vai ver.

Ela me leva até meu quarto. Um raio de sol ilumina um cone de poeira

sobre a cama. Tem uma caixa branca retangular no meio dela. Longa e estreita como o caixão de uma boneca. Tento soltar a fita azul que está bem amarrada em volta da caixa, mas tem um nó cego, então preciso cortar com uma tesoura. Deslizo a tampa e tiro as camadas de papel de embrulho. Algo que demanda tanto esforço para ser aberto deve ser caro.

Ouço minha tia Yunxi atravessando o corredor. Sua cabeça aparece junto ao batente da porta, e ela sorri, revelando pés de galinha.

— Continue — diz ela, e isso faz com que minhas mãos fiquem mais desajeitadas.

O vestido está bem dobrado. Levanto-o contra a luz; é surpreendentemente pesado. Rosa-claro e ajustado na cintura, a parte de cima com continhas brancas imitando pequenas pérolas. Tia Yunxi se aproxima e encosta o vestido no meu corpo. Vai até os joelhos. O tecido brilhoso é rígido e pinica a pele. Parece um vestido que estaria em um topo de bolo; naquelas princesas de plástico sem pernas e de cabelos dourados. Ou o vestido que uma mulher de sessenta anos acha que as adolescentes usariam.

Minha mãe e tia Yunxi mantêm os olhos em mim enquanto me viro e tiro o uniforme. Meus braços ficam presos na blusa, e por alguns segundos me pergunto se vou ficar presa ali para sempre, no poliéster justo demais com a pele pegajosa e o odor corporal que sai dos meus poros, um fedor de batata.

— Uma jovem precisa de um bom vestido — diz tia Yunxi, fechando o zíper.

Não consigo respirar. Estou suando e meu rosto está vermelho. A um minuto de cair no choro. Minha mãe está à esquerda, observando enquanto me olho no espelho. O vestido não serve. Faz meu corpo parecer muito comprido e muito largo. Tem cor de algodão-doce rançoso, aperta minha barriga e se alarga no quadril. O tecido brilhoso da saia destaca as cicatrizes nos meus joelhos.

Observo minha imagem no espelho, mas evito meus olhos.

— Qual é o problema? — pergunta minha mãe.

O que ela quer dizer na verdade é o seguinte: qual é o seu problema?

— Gostou ou não? — indaga tia Yunxi. — É do tipo moderno. Comprei para você no Golden Mile.

— Amei — minto. — É uma graça.

— Que bom — comenta minha mãe. — Agora agradeça sua *ah yi*.

— Obrigada, tia Yunxi.

Abaixo a cabeça, minhas bochechas tremem.

Para meu jantar de aniversário temos ovos centenários com gengibre fatiado e óleo de gergelim. São seis horas. Costumamos comer às sete e meia, oito. A luz do sol atravessa as grades enferrujadas da janela. Fico olhando para os arbustos de buganvília inclinados no jardim enquanto mastigo. Os ovos centenários estão ao mesmo tempo suaves e picantes. Não me descem. Penso em engolir um ovo inteiro, imagino qual seria a sensação, gelado e velho, como o olho de um dinossauro preso na goela. Quase me engasgo. Do lado de fora da janela, uma névoa suave se assentou sobre a grama, silenciando as cores. Engulo e sinto a gema seca entupir minha garganta.

— Vocês estão sentindo? O ar está fedendo — digo.

— Não estou sentindo nada — responde minha mãe.

— Nem eu — ecoa tia Yunxi.

— Têm certeza? Está em todo lugar — insisto.

— Não seja burra. Cale a boca e coma seus ovos — retruca minha mãe.

Sei muito bem que não devo dizer que não estou com fome.

Todo mundo sabe que para transformar um ovo normal em um ovo centenário é preciso mergulhá-lo com casca em uma salmoura de hidróxido de cálcio e carbonato de sódio, depois deixar em um saco plástico por dez dias. O óxido de zinco ajuda a acelerar o processo, que demandava meses, além de madeira e argila, nos velhos e lentos tempos antes dos computadores e dos relógios digitais. Vejo uma sombra atravessar a mesa de mármore: um carro passando. Minha mãe tamborila suas garras. Depois de 240 horas de cura, o ovo está pronto. Parece um embrião alienígena preservado em geleia podre. A clara, translúcida e amarelada; a gema, um cinza-escuro marmoreado. Coloco mais um pedaço na boca, nojento e familiar.

Tia Yunxi levanta sua xícara de chá e minha mãe levanta uma taça de vinho.

— Dezesseis — dizem elas juntas, com a mesma voz solene.

Paro de mastigar e fico olhando para meu prato sujo.

3
AMISA
1968

Ela tinha dez anos e as coisas estavam mudando. A guerra acabara havia muito tempo; tivera a sorte de não testemunhá-la. A Malásia estava arruinada. No ano anterior, um violento *hartal* de dois meses de duração interrompera os negócios na ilha, e a poeira e a insatisfação permaneciam nas janelas fechadas e ruas sujas das principais cidades. O vilarejo com tetos de zinco onde ela cresceu ainda sobrevivia, a cada dia menor, negligenciando fábricas e bases militares e os turistas que no futuro inundariam o lugar e jogariam embalagens de batata frita e refrigerante por toda parte. Tudo logo mudaria, e para pior. Mas por enquanto Amisa era uma criança tranquila que não queria nada mais do que uma tartaruga ou um macaco; uma garota desocupada, adorável e aparentemente lerda.

Nasceu e passou a vida inteira em Kampong Mimpi Sedih. As casas se abriam para o mar verde-ardósia que às vezes balbuciava como um bêbado, mas na maior parte do tempo era calmo e reservado. Um manguezal tomava várias partes das redondezas. Não havia como fugir dele, era belo à sua maneira, aquela água selvagem e cheia de gazes. Quando o vento soprava às vezes a casa toda fedia a ovo podre, e Amisa se perguntava se o cheiro chateava as galinhas, uma lembrança do fracasso. Como a vida deve ser horrível para uma galinha, pensava, ter de ficar em pátios escaldantes o dia todo, com um casaco de penas que não podem tirar, trepando e cacarejando para o nada. Imagine trabalhar a vida inteira cagando comida para os outros, até ficar gorda e velha e ser decapitada.

As raízes dos mangues despontavam da água como talos de nabo ou dedos de bruxa. Ela não brincava lá. Não nos caniços cheios de insetos que picavam. Não entre os segredos das cobras-d'água. As raízes das palmeiras sustentavam árvores inclinadas mais velhas do que qualquer um. De vez em quando ela ouvia barulhos na água, o som de algo se mexendo. Eram crocodilos, ou até criaturas mais antigas, de tromba comprida, corcundas ou

de barbatanas afiadas, seu pai dizia. Amisa fingia medo, arregalando os olhos, porque o pai gostava quando ela parecia infantil. Mas ela sabia que eram só perioptalmos, ou *ikan keli*, bagres corpulentos aglomerando-se nas águas.

Ela gostava de ouvir as histórias de fantasmas do tio jovem e bonitão, ainda que não acreditasse em uma palavra do que dizia. Às vezes ele falava muito rápido e ela não entendia tudo, ficava só observando suas sobrancelhas se movimentando com afinco.

— Cuidado com o *orang minyak* — dizia o tio. — Sabe o que ele faz com garotinhas bonitas como você?

Amisa fazia que não com a cabeça.

— Ele vive coberto em óleo preto, para escorregar se alguém tentar capturá-lo. E tarde da noite entra no quarto das garotas e se enfia embaixo das cobertas com elas. Tem olhos brancos assustadores e mãos nojentas que…

Ele esticava o braço e fazia cócegas na garota. Amisa se esquivava, com uma risada fraca. As mãos dele eram rápidas e úmidas. Perto dali seu pai apagava um cigarro e desviava o olhar.

Do outro lado da ilha havia um funicular grande e ruidoso que levava até o topo da colina. Fora usado pelas forças britânicas covardes e depois pelos japoneses bestiais durante a guerra. Os carros tinham laterais de madeira e portas instáveis que exigiam toda a força para serem abertas. Quando não estavam em uso eram mal-assombrados, claro. Paranormais em meio período. Os trilhos eram enferrujados e lascados, cor de sangue velho. O vento assoviava através dos buracos do metal. A colina era cheia de túmulos não identificados. A ilha também. Um lugar muito velho, propenso ao desrespeito. Os adolescentes desafiavam uns aos outros a cometer atos de sacrilégio, invadindo mesquitas e templos, descartando bitucas de cigarro em lápides, se beijando em solo sagrado.

Naquele ano, a mãe de Amisa mais uma vez estava grávida. Ela era uma mulher rígida que se casara na adolescência e sempre agia como se sua vida estivesse quase no fim. Certamente já soube ser feliz no passado. Será que a felicidade era algo que não podia ser desaprendido, como nadar ou andar de bicicleta? Amisa suspeitava que contribuía pelo menos em parte para a tristeza da mãe. Cada filho contribuía, mas ela principalmente. Sua mãe era o tipo de pessoa que era impossível imaginar criança e impunha dificuldade às menores coisas. Rir, lavar a roupa, ambos eram deveres. Mas quem

poderia culpá-la se ela se sentia fria e mórbida o tempo todo e suas terminações nervosas sinalizavam *dor dor dor*? Ela passou aquele trimestre estirada no divã perto do fogão respirando com dificuldade enquanto a dor florescia e crescia dentro dela. Mal podia sair de casa, porque havia uma escadinha de madeira na entrada.

A irmã mais velha de Amisa, Jiejie, também estava grávida. Jiejie tinha dezessete anos e havia acabado de se casar com o homem grosseiro que operava os fornos na fábrica de carvão. Pelo que parecia, de um dia para o outro Jiejie tinha deixado de ser uma garota brincalhona, divertida e boca-suja, e se tornado uma mulher séria com a mão sempre apoiada na barriga que crescia. A gravidez assustava Amisa; uma onda de medo que entrava pelo umbigo e inchava dolorosamente como um balão, até explodir na forma de um pequeno humano.

Amisa tinha seis irmãos, e eles nunca paravam quietos. Trepavam pelas vigas da casa e gritavam e estavam sempre brigando. Seu preferido era o segundo irmão mais novo, Didi. Ele era um merdinha irônico com cara de macaco-prego e jeito de espertalhão. Até recentemente, Didi seguia Amisa por toda parte. Desde que aprendera a andar, ele chupava o dedão de uma das mãos e se agarrava à camiseta dela com a outra. Irritada de início, ela logo se afeiçoou por seus olhos, que pareciam bolinhas de gude marrons, e pela inelutabilidade banguela de seu sorriso. Mão e mãozinha dadas, eles percorriam os pântanos, mas Amisa sempre cuidava para não o levar a nenhum lugar inseguro. Nada de águas profundas ou buracos enlameados.

Xiao Gui, ela o chamava, Fantasminha, até a mãe mandar que parasse porque não era auspicioso. Embora aos oito anos se considerasse muito velho para segui-la por toda parte, Didi ainda era seu melhor amigo, sua sombra cambaleante. Eles tinham um temperamento parecido; ambos eram travessos e gostavam de roubar segredos. O brinco de metal brilhoso de alguém, apanhado no peitoril de uma janela, se tornava uma meia promessa. Um livro-razão amassado, esquecido no banco de madeira de um vizinho, era um segredo comercial. Botões e tampas de garrafa afanados em balcões eram segredos que estragariam uma blusa, azedariam leite fresco. Secretamente em todos os lugares eles encontravam essas sucatas da vida dos outros, as coisas que abandonavam sem querer. Didi e Amisa gostavam de pegar e compartilhar os itens, virando-os na palma da mão, gargalhando com a emoção livre do roubo.

Nos tempos atuais, Didi alardeava menos veneração a cada movimento

dela e a cada vez que roubavam segredos e sumia no rastro das brincadeiras rápidas dos outros garotos do *kampong*, o vilarejo. No entanto, todas as noites antes de dormir, seu Fantasminha ainda vinha abraçá-la até quase a sufocar, e ela nunca se cansava daqueles bracinhos magros.

Em algumas manhãs, os dois saíam bem cedo em expedições para observar pássaros com Khim Fatt, o tio velho, gentil e paciente que explicava que cada vibração lá em cima podia significar a chegada de um exemplar impressionante. Talvez uma andorinha, ou um martim-pescador-de-orelha-azul, ou uma coruja-baía-oriental com o olhar de assassina em série e as penas acastanhadas. Ela gostava da calmaria da procura, de como ela e Didi se moviam como se fossem um só, se agachando, dando passos ágeis para trás quando instruídos, ambos se deleitando com a voz lenta e pomposa do tio enquanto ele nomeava pássaros, recitando quando cada um tinha migrado e de onde.

*

Amisa estava ficando bonita, ainda que só tivesse dez anos, mas havia algo frio nela — todos sentiam. Essa frieza era incompatível com o calor meloso. Era óbvia, embora a menina fosse tão agradável de se olhar, com o cabelo preto que emoldurava um rosto de boneca e aquele sorriso perfeitamente cosido. Ela tinha a percepção e o porte de uma criança fofa consciente da própria fofura, o que perturbava tanto adultos quanto outras crianças. Existe a mesma alquimia inesquecível em ser desagradável e em ser universalmente amado.

Mesmo sem seu cúmplice, ela ainda entrava na casa dos outros e roubava pequenas lembranças. Nada grave: tufos de cabelo, cascas de cebola. Guardava em uma pequena prateleira em seu quarto. Sozinha, era menos infalível. Após ter sido pega algumas vezes, a família tornou-se impopular. Eram como os donos irresponsáveis de um gato que roubava. Nem a mãe confiava nela. Preferia a panóplia de irmãos e a confiável irmã mais velha. Amisa lembrava mais a avó, uma beldade *peranakan*, ou de ascendência chinesa, que nunca abraçava os filhos porque não queria amarrotar a *kebaya* que lhe cobria o corpo.

— Essa aí tem o rosto de uma princesa, mas o coração de uma irmã feia — sussurrou a mãe de Amisa para o pai da menina depois de mais um incidente furtivo, e ele simplesmente balançou a cabeça.

As outras crianças das redondezas se esquivavam de Amisa. Ela encarava demais, demorava tempo demais para responder. Era bonita, mas será que era meio burra?, elas se perguntavam. As garotas a chamavam de Boneca pelas costas, *Xiao Wa Wa*, diziam com maldade.

Certo dia, Didi e seus irmãos mais novos estavam no pátio chutando galinhas e aprofundando seu dialeto masculino; gracinhas e insinuações que eram jovens demais para entender, mas que absorviam dos meninos mais velhos. As crianças da vizinhança não a convidaram para jogar bolinha de gude. Ela ficou assistindo enquanto traçavam seus planos e, quando uma das garotas olhou para a janela, Amisa se afastou e foi ajudar a mãe a descascar chalotas. Quem precisa disso?, pensou.

Ainda assim, quando saiu de casa uma hora depois, sentia um peso no peito e quis ficar longe da praia onde poderia encontrá-las e então foi para a floresta. Lá, o zunido verde enchia seus ouvidos e não a censurava. Ela gostava das árvores de raízes aéreas, dos ninhos de pássaros com o fundo de esporos marrons esplendidamente obsceno e do cheiro profundo e esponjoso da vegetação. Amisa respirou devagar até a barriga se abobadar, e tentou andar assim com a barriga proeminente, imitando a mãe e a irmã grávidas. Depois de alguns minutos aquilo ficou desconfortável, e ela parou. Ouviu um barulho. Os macacos eram inescapáveis como o ar, com a pele cinza desbotada e a expressão atormentada. Ela não recuou quando as folhas se agitaram, não até algo apertar seu ombro.

Quando se virou seu coração acelerou. Havia uma criatura preta reluzente atrás dela. Amisa engasgou. A boca ficou seca. Homem oleoso. Todo lustroso. Era musculoso e se avultava como um pilar. Tirou a mão do ombro pequeno da menina. O branco dos olhos se destacava, mas o restante do corpo brilhava como tinta preta fresca. Ela se lembrou do *orang minyak*, o homem nu que andava pelas árvores e pelos campos coberto de óleo para escapar das autoridades. A mãe tinha avisado que o *orang minyak* só podia ser visto por garotinhas. Ela não sabia ao certo o que ele fazia com as meninas, só que era ruim e que um jeito de afastá-lo era deixar uma pilha de roupas de homem sujas perto da cama, ou até usar a camisa de um homem. Mas era tarde demais para isso.

— Que horas são? — perguntou o homem com a voz rouca.

Ele falou em malaio e depois mudou para *hokkien*. Tinha o rosto enrugado embaixo da camada de óleo; era mais velho do que seu pai. Fedia a carros e pés suados.

— Quatro — respondeu Amisa.

O olhar do homem foi de sua cabeça até seus pés. Ela estava com as mãos vazias, exceto por um caule que antes brincava de girar. Amisa vestia uma camiseta branca suja e uma bermuda cáqui puída e com bolsos, mas eles continham apenas casca de alho e um grampo de cabelo. Cerrou e abriu os punhos. Algo se agitou do outro lado. Ela se sentia como um animal alerta: pelos eriçados, mãos e pés frios apesar do forte calor.

Uma mulher surgiu por entre a folhagem. Também estava coberta de óleo, o cabelo liso passando dos ombros. Parecia vestir roupas similares às do homem por baixo da sujeira. Amisa estava com medo de verdade; com aquele cabelo a mulher podia ser uma *langsuir*, ou uma *hantu pontianak*, ambas espíritos vampirescos. Mas, ao sorrir, ela revelou dentes retos e brancos e seus olhos brilharam. Disse para o homem em *hokkien*:

— É só uma garotinha, não tem nada.

O homem lançou da mulher para Amisa um olhar que não era hostil, só cansado. Não era só óleo o que cobria seus corpos: estavam cobertos de lama, detritos do pântano, talvez merda, a julgar pelo cheiro. A menina olhou para os pés descalços deles. As unhas do homem estavam todas destruídas.

A mulher colocou as mãos nos joelhos e se aproximou de Amisa.

— Escuta, qual é o seu nome? — perguntou com uma voz calma e suave. — Não queremos assustar você.

— Xiaofang — respondeu Amisa.

Seu rosto ficou vermelho; ela devia ter mentido.

— Você é uma garotinha muito bonita, Xiaofang. Pode nos fazer um favor? Precisamos muito de ajuda. Você mora longe daqui?

Amisa hesitou, então balançou a cabeça em negativa.

— Pode nos trazer algo para comer? Não precisa ser muito. E um retalho se encontrar, só um pedaço de pano comprido. Se você for boazinha, vou te dar uma recompensa.

O homem virou para a mulher de um jeito abrupto e lançou-lhe um olhar intenso. Ele levantou as mãos, mas percebeu que Amisa estava olhando e as abaixou de novo. A mulher fez sinal com a cabeça para que ficasse quieto.

— Será que pode fazer isso para mim? Pode guardar segredo?

Amisa assentiu, séria. Ela guardava segredos muito bem.

— Que bom — disse a mulher, e sorriu novamente.

Fez sinal com o queixo como se indicasse que a menina podia ir.

Amisa recuou um passo de cada vez, quebrando galhinhos enquanto se afastava. O homem e a mulher oleosos ficaram olhando para ela, os olhos flamejantes, parados como estátuas. Quando estava a oito passos de distância, ela se virou e saiu em disparada, sem dar chance para que quatro mãos oleosas a pegassem. Corria tão rápido que começou a perder o fôlego. A vegetação rasteira, irregular e áspera, arranhava suas canelas.

Quando chegou ao *kampong*, sua camiseta estava encharcada de suor e as pernas, cheias de cortes.

— Qual é o seu problema? — gritou a mãe sem olhar para ela.

Amisa balançou a cabeça e sentiu um calafrio. A mãe tinha fechado as janelas. Do lado de fora o sol ainda exclamava no meio do céu, tremeluzindo entre as persianas de vez em quando.

Ela estremeceu. Um dos cortes na perna direita era fundo e ardia. Sentou no chão de madeira de tábuas tortas e pegadas aparentes, uma das pernas imundas dobrada em sua direção e a machucada, estendida. Examinou o corte na parte interna da perna, perto do joelho, apertando-o com o dedão e o indicador: o sangue escorreu. Continuou apertando até parar, a dor aguda e hipnotizante.

— Aaah! — gritou Amisa.

A mãe se mexeu e estalou a língua.

— Fique quieta. Pare de me incomodar — resmungou em *hakka*. — Me deixe em paz.

Depois de alguns minutos, Amisa ouviu a respiração da mãe ficar regular e profunda. Um de seus irmãos — parecia ser Didi — cacarejou lá da rua. Ela ouviu as batidas felizes de chinelos no chão: eram os garotos correndo uns atrás dos outro lá fora. Limpou a perna com o pano que estava ao lado do fogão. Então, levantou e começou a andar bem devagar, embora tomada por um impulso violento. Saiu da casa com o pano e desceu a pequena escada com cuidado, aterrissando suavemente na poeira. A galinha gigante, Goreng Pisang, esticou a cabeça e a encarou com os olhos brilhantes de borda vermelha. Amisa olhou para a crista flácida e o bico partido de Goreng Pisang e sentiu ternura por aquela pobre ave burra presa na gaiola.

O pai ficaria fora até tarde, bebendo cerveja com os pescadores, e os garotos voltariam e sairiam de novo como bem entendessem. Naquele momento, a irmã provavelmente estava preparando uma refeição para o marido, em sua própria casa, tão perto mas tão particular.

Na esquina de sua casa morava um sapateiro ancião chamado Ah Huat, cuja família aos poucos se mudara ou morrera. Quando era pequena, Amisa lembrava que ele era cheio de energia e briguento, dado a algazarras e bebedeiras no quintal que compartilhavam. Agora morava sozinho, velho demais para trabalhar ou incomodar alguém. Amisa espiou a casa, a lixadeira enferrujada no canto e as prateleiras organizadas à mostra. Viu que ele dormia, como imaginara, a cabeça jogada para trás na cadeira de madeira com almofadas de batique desbotadas, os cabelos brancos macios como as penas de um pintinho, o peito ossudo subindo e descendo.

Passou ligeira pela soleira. Ali era seu território: ela estudava o vizinho enquanto ele dormia, em fins de tarde como aquele, quando um estupor tomava Kampong Mimpi Sedih e até os animais cochilavam. Ah Huat tinha um rosto para o qual o descanso era transformador, conferindo-lhe elegância e dignidade no sono. Ela ficou olhando para a boca manchada pelo fumo e envolta em rugas. Nessas horas, imaginava aquele homem como um dos avôs que nunca conhecera, ambos assassinados durante a guerra. Ao ir embora, costumava levar um punhado de cascas de amendoim ou o lacre de uma lata de cerveja como lembrança: nada que fosse fazer falta, mas naquele dia olhou com ousadia para o prato no balcão. Quatro pedaços de melancia, um comido pela metade, empilhados em fatias perfeitas. Andou na ponta dos pés até o balcão e colocou os pedaços com cuidado na sacola de plástico que estava ao lado, um a um. Ah Huat se agitou e ela parou, mas ele só abriu e fechou a boca como um peixe tentando respirar.

Finalmente estava escurecendo. A mudança no céu sempre acontecia assim: luz solar absurda o dia todo, sem transição, então tons aguados de azul e marrom enquanto a noite se instalava e os insetos voadores emergiam dos esconderijos. Ela atravessou a floresta a passos lentos e deliberados. Macacos olhavam e tagarelavam dos galhos altos, mas mantinham distância. Ela levava a sacola de plástico em uma das mãos e o pano na outra. O sangue tinha secado e os cortes menores já não doíam. O suor esfriava em suas costas. Ela se lembrava do caminho, reto ao longo dos trilhos e à esquerda na ponte bamba de madeira, passando pelas lápides antigas cobertas de musgo e atravessando o matagal.

Amisa encontrou-os no mesmo lugar, sentados um de frente para o outro. Talvez fosse fácil não os enxergar entre as folhagens, não fosse pelo formato do crânio da mulher e pelo brilho em seus olhos quando olhou para Amisa. O homem se assustou com o som de seus passos e o sacolejo da

sacola de plástico. À pouca luz ela viu que o óleo da pele dele tinha desaparecido em alguns lugares: um ombro, um ponto no queixo. Os traços de ambos despontavam com a insistência de uma ferida, como pus atravessando uma gaze. Os *orang minyak* pareciam mais humanos, familiares como dois trabalhadores por quem ela poderia ter passado na cidade.

A mulher levantou primeiro, seguida devagar pelo homem. Quando Amisa se aproximou, ele lhe tirou a sacola de plástico com uma indecência canina, abrindo-a com tanta força que rasgou as alças. Ela estremeceu. O homem segurou a fatia de melancia com a marca da mordida de Ah Huat paralelamente à própria boca e avançou como se não comesse havia anos. O suco escorreu-lhe pelo queixo e pela barriga funda enquanto a mulher oleosa encarava Amisa com pura gratidão.

4
SZU
2003

Na manhã seguinte acordo assustada. Meu despertador toca dois segundos depois, um bipe agudo e invasivo. Tenho dificuldade para desligá-lo, os olhos embaçados. Dezesseis anos e um dia. Sinto gosto de fumaça na boca. Meio acordada. Imagino minha mãe me observando enquanto durmo, soprando anéis de fumaça na minha boca enquanto ronco. Meus pulmões parecem sujos. Esfrego os olhos e estico o braço em direção à cortina para abri-la.

Uma névoa se assentou sobre o jardim, ofuscando o contorno das árvores e dos vasos de terracota. Da janela do meu quarto o mundo parece um cenário de filme de baixo orçamento. Os telhados vizinhos lembram cumes dobrados em papel pardo. A qualquer momento, um guindaste poderia se abaixar e destruir todas essas casas e descartá-las no estacionamento de um estúdio caindo aos pedaços. O fedor de churrasco queimado de ontem está em toda parte e ficou mais denso. Embora a janela esteja fechada, o cheiro ruim vem se arrastando até meu nariz.

Saio da cama cambaleando. Me engasgo enquanto visto o uniforme, as mãos rígidas. Abotoo a camisa e subo o zíper da saia. Ela aperta minha cintura. A pele do meu dedo fica presa no zíper.

— Caralho — resmungo.

Dói. Tem uma gota de sangue no meu anelar.

No ônibus a rádio explode pelos alto-falantes e tento não olhar para a tela da televisão, que mostra os passageiros filmados de três ângulos. Nada é capaz de piorar uma manhã como ser lembrada da própria feiura. Nenhum dos ângulos me favorece. A câmera é de baixa qualidade e captura o interior do ônibus com um brilho azul-acinzentado sinistro, como se um fantasma fosse aparecer a qualquer momento. A *makcik*, ou tia, atrás de mim não para de assoar o nariz. Quando ela coloca a mão em um dos lados do nariz acatarrado e faz força, parece o fusível de uma chaleira elétrica zunindo à

noite. O tio ao meu lado fica balançando as pernas e batendo no meu joelho. Queria que tivesse uma bolha me protegendo de todos os outros seres humanos. Me encolho perto da janela.

A locutora da rádio é uma jovem com uma voz afetada e cheia de mel. "O índice de poluição do ar de hoje está em 164. É aconselhável ficar em casa, pois não é um índice saudável. Se precisar sair, por favor, use uma máscara de proteção. Máscaras hospitalares serão disponibilizadas pelo governo entre as nove e meia da manhã e as seis da tarde de hoje nos seguintes pontos de distribuição…"

Ela lista os locais, mas não aguento mais seu sotaque quase americano idiota e falso. Coloco os fones. Ouvi os rumores. O jornal informa sobre incêndios florestais em Sumatra. "Sumatra em chamas" parece o nome de uma banda de rock ruim. Não gosto de rock. Prefiro as distorções do *shoegaze*. Descobri o *shoegaze* em uma revista de música que alguém deixou no ônibus sessenta e sete.

Esse estilo de música é feito para mim. Anula tudo: as horas tediosas adiante, a poluição à minha volta. A maioria das bandas é do norte da Inglaterra. Imagino castelos e ar frio, garotos brancos bêbados com o cabelo penteado para trás e dentes malcuidados tropeçando em paralelepípedos. Ar comprimido suspenso em uma nota do baixo. O ônibus treme e sacoleja. Prendo a respiração e fecho bem os olhos.

*

Quando chego ao pátio da escola, a neblina engrossou até se tornar um véu cinza, e estendo as mãos na frente do rosto enquanto avanço. Está quase na hora do momento cívico. Através da névoa, vejo duas bandeiras penduradas nos mastros. Em uma manhã normal, duas representantes hasteiam as bandeiras solenemente ao som sibilado e estridente do hino nacional. Mesmo quando as bandeiras chegam ao topo raramente há vento suficiente para que o tecido voe de um jeito fotogênico. As bandeiras simplesmente ficam penduradas ali — caídas, manchadas de chuva. As representantes se afastam. O hino segue por dois versos, e assim que o som é cortado colocamos a mão direita no peito e murmuramos o juramento. *Nós, cidadãos de Cingapura…* Pronunciei essas palavras toda manhã de aula na última década. Elas não têm significado nenhum para mim. Como uma carne que é mastigada até não ter mais sabor.

O ar tem gosto e cheiro de ranço. Não é como no filme *Heidi*, com aquele ar suíço puro e de altitude. Isso é fumaça de segunda mão, uma bagunça que não foi limpa e flutuou até nós. Não sei se teremos momento cívico hoje. Transfiro o peso de uma perna para a outra. Não vejo nenhum professor. Apesar do meu torpor, percebo um grupo de garotas reunidas no canto esquerdo do pátio. Tudo o que distingo é o aglomerado de cabeças de cabelo preto curvadas, uniformes farfalhantes e pernas embaralhadas e cheias de picadas de mosquito.

Eu me aproximo. Uma garota está estendida no concreto. Ela faz um movimento sutil. Parece uns dois anos mais nova do que eu. Nunca a vi antes. O rosto é daqueles que a gente esquece em um segundo. Nem bonito nem feio. Ela olha para a própria mão. A boca faz movimentos redondos suaves, como um peixinho dourado fora do aquário. As pernas estão esticadas em ângulos obtusos, e percebo que o tornozelo direito tem uma mancha vermelha, o pé sem meia e sem sapato.

— Um dos cachorros selvagens arrancou seu sapato — sussurra alguém. — Comeu a meia. Teria mastigado o resto se Faizah e Sarah não tivessem passado por ela.

— Bem-feito — acrescenta alguém.

Nos fundos da escola tem uma pequena floresta que o governo plantou para manter o ar limpo. Não funcionou. Os abetos alcançaram a altura máxima em metade do tempo, aguçados pelo calor. As coníferas são verde-escuras e seus topos parecem cerdas de aplicador de rímel. Tem uma cerca de arame azul em volta da floresta por causa dos cachorros selvagens que perambulam pela grama alta. De vez em quando aparece um buraco na cerca, aberto por alicate ou pelas mordidas dos cachorros híbridos, meio amarronzados, meio cinzentos; tem uma mistura de lobo ali. Eles correm rápido, têm pernas fortes. Nunca latem ou uivam. As autoridades chamaram agentes do controle de pragas e animais, mas esses cães são astutos. Sabem se esconder.

Encontrei um deles durante meu primeiro ano aqui. O bicho se aproximou por trás enquanto eu chorava nos fundos da cantina. Eu estava observando minhas lágrimas escorrendo pelas mãos, tão concentrada em sentir pena de mim mesma que só percebi que tinha companhia quando ouvi uma respiração alta e forte. Meu primeiro pensamento foi Biscoito, de volta do mundo dos mortos. Me virei e tinha um cachorro enorme e sujo a menos de um metro de mim. Ele — era macho, dava para ver as bolas

penduradas — cheirava a grama em círculos. Fiquei olhando para o focinho molhado e os dentes amarelos, a língua comprida e sem cor como um bife velho, não rosada como a de Biscoito. Havia, pensei, certo glamour macabro em morrer destroçada por um animal. Mas o cachorro-lobo me olhou com indiferença. Depois de um tempo se afastou, o lombo subindo e descendo. Meu coração desceu da garganta e voltou a se enfiar entre as costelas.

— Circe — diz alguém; *Sãr-ci.*

A garota no chão não responde. Uma professora chega e nos afasta.

— Circe — repete a professora. — Você está me ouvindo?

Os olhos da garota se reviram para onde a professora está. Ela mexe a cabeça e senta, se apoiando incerta nas mãos.

— O que aconteceu? Você está bem?

— Estou — responde Circe, com a voz baixa e rouca.

Parece que está com dor de garganta. Deve ser por causa da névoa.

— Garota, você consegue levantar? Tem certeza de que está bem? — continua a professora. — Mais tarde você precisa me procurar para assinar o relatório do acidente.

— Tudo bem. Positivo. Me dê uns minutos.

Me aproximo para olhar mais de perto. Que tipo de pessoa fala assim? Será que ela acha que está no Exército?

A professora parece conhecê-la bem. Assente e se afasta.

— Circe Low é a rainha do drama — sussurra alguém atrás de mim.

— Ela se acha o máximo. E não é tudo isso.

— Meu pai conhece o pai dela. Diz que eles são novos-ricos, sem classe.

Em alguns minutos a multidão já se dispersou, com as garotas saindo em duplas resmungando chatices insignificantes umas para as outras. Um bando de pombos sobrevoa nossas cabeças. Circe e eu olhamos para cima ao mesmo tempo.

— O que vai acontecer com o momento cívico? — pergunto.

Ela olha para mim.

— Não faço ideia.

— Talvez eles nos deixem ir para casa. Por causa da névoa. Mal consigo enxergar. Meus olhos estão muito secos.

Estou resmungando, e logo ela vai tentar se livrar de mim.

— Você está bem? — pergunto.

— Sim, estou.

Ela toca o tornozelo e coça a mandíbula com a outra mão.

— Um cachorro cinza pegou meu sapato. Parecia uma mistura de lobo e pônei. Nada fofo. Apareceu do nada e agarrou meu tornozelo e não soltava. Saiu sangue, mas não está doendo. Só que meu Converse era novinho. Converse 77s, edição especial. O que vou fazer com um pé só? Cachorro desgraçado. Da próxima vez vai levar um chute.

— Será que você não pegou raiva? Ou Aids.

— Não se pega Aids de um cachorro. Não seja burra.

— Claro que pega — retruco, apesar de não ter certeza. — É melhor você fazer um exame de sangue. Caso esteja morrendo.

Ajudo-a a se levantar e ela bate na saia para espanar a sujeira do chão. Circe olha para mim de soslaio.

— Você é Ng Szu Min?

— Como você sabe?

— Nada de mais. Vi você perto da sala dos professores. Deve ter feito uma burrice muito grande para ter ficado de castigo.

— Eu estava conversando durante a aula. Só isso.

— Hum. Bom, fiquei sabendo que você morde e lambe as pessoas e inventa umas merdas.

— Quem disse isso? Não é verdade. As pessoas do seu ano são burras e fofoqueiras.

Olho seu corpinho minúsculo de cima a baixo.

— E atrofiadas — acrescento.

— Em que ano você está?

— Quarto ano da secundária.

— Estou no mesmo ano, sua burra.

— Então por que nunca te vi?

— Fui transferida para cá no último semestre. Não estou sempre na escola — explica Circe. — Tenho problemas para dormir. É sério. Tenho atestado médico.

— Uau. Que sortuda.

Ela me lança um olhar malicioso e frio.

— Ouvi dizer que você é como a garota d'*O chamado*. Que nunca lava o cabelo e é uma aberração. Que você sai de aparelhos de TV.

Antes que eu possa reagir, Circe dá de ombros e sorri para mim. Ela parece ter ao mesmo tempo doze e vinte e poucos anos quando faz isso. Percebo que pertence aos sete por cento da população mundial abençoados

com o que se chama de Sorriso Vencedor. A sinceridade daquele sorriso me dá um frio na barriga, como estar sentada no banco de trás de um carro enquanto passa por uma lombada. Ela levanta se apoiando no pé descalço. Ao entrarmos no prédio da escola e atravessarmos o corredor escuro, ela se apoia no meu braço.

5
CIRCE
2020

Desde o divórcio, eu durmo melhor. Sete horas direto toda noite, até o despertador disparar. Também lembro mais dos sonhos. Nos últimos tempos, tenho sonhado com testes e ensaios de coral, esperando sinceramente ser cantora profissional, sem saber que minha vida seguiria outra direção. E, antes ainda no tempo, sonho que sou próxima do meu irmão — quando nós dois conspirávamos contra a vida adulta.

Leslie e eu teríamos feito qualquer coisa para não crescer. Mesmo quando crianças sabíamos que éramos um clichê; víamos *A volta do Capitão Gancho* e *Peter Pan* até as fitas ficarem gastas. Não acredito que meu irmão hoje tem trinta e cinco anos, um tufo de cavanhaque, uma esposa chata e duas crianças inteligentes e mal-humoradas. Quando éramos crianças, nos escondíamos atrás das cortinas da sala, pálidos e tensos, enquanto o papai sentava à mesa de jantar com a cara fechada, analisando as contas. Leslie e eu detestávamos seriedade. A vida adulta nos parecia um fluxo interminável de papéis e suspiros. Franzir a testa e sempre pedir desculpas, mesmo sem querer.

— Eca. Os Chatos de novo, não — proclamava Leslie ao ouvir a voz dos convidados no corredor.

Ele gemia como o monstro verde do *Clube do terror* porque a noite era longa e séria quando meus pais davam um jantar.

Quando assistíamos à TV, Leslie e eu fazíamos barulho de vômito nas cenas de beijo. Quando instalaram uma linha de telefone extra para o fax, ligávamos um para o outro de cômodos diferentes inventando piadas longas desprovidas de conclusão, contando histórias de fantasmas elaboradas até a orelha ficar quente por causa do fone e mamãe implorar que fizéssemos a lição de casa. No ano em que instalaram a internet, ouvíamos a tempestade de dados na linha telefônica, interrompendo a conexão um do outro. Era 1997: o início da crise financeira asiática, período de declínio rápido da

moeda e agitação do mercado — mas, enquanto outros negócios desmoronavam, o comércio de luxo do meu pai prosperava inesperadamente. Descobrimos que mesmo em tempos de ruína fiscal as pessoas ainda nutriam um apetite teimoso e avaro por certos tipos de joias, relógios e ternos de abotoamento duplo.

Nossa família se mudou do apartamento onde eu tinha passado a vida toda para um casarão de dois andares na Margouliouth Road com um piso tão brilhoso que dava para ver o reflexo do meu rosto alegre. Passamos de pousadas baratas para hotéis cinco estrelas, acomodados pelo dinheiro novo do meu pai. É engraçado como demoramos para nos adaptar à perda de privilégios, mas como nos acostumamos rápido com o conforto. Um hotel é um hotel. A mamãe nos repreendia por não darmos valor às coisas boas, e meu irmão e eu reviráramos os olhos malcriados um para o outro e mexíamos os lábios dizendo *nhé, nhé, nhé*. Discutíamos e batíamos um no outro de mentirinha em aviões abafados que atravessavam o mundo. Nossos pais pagavam milhares de dólares para realocar nossas brigas e queixas triviais de uma cidade a outra. Nós, os Low, nos amávamos, mas raramente nos dávamos bem, mesmo naquela época. Todas as famílias são iguais, ou a nossa era especialmente negativa? Atenas, Tóquio, Moçambique. Em ônibus turísticos, carros alugados, trens crepitantes, não prestávamos atenção ao cenário, ofuscado por nossa monstruosidade recém-adquirida. Leslie mantinha os olhos no Game Boy; eu, no Tamagotchi.

Tudo volta com tanta clareza e tantos detalhes enquanto durmo que, ao acordar, antes de procurar pelo celular, sinto um poço de passado alojado no peito. É uma sensação física. Um peso. Por um instante, penso que vou ver o velho pôster dos Backstreet Boys na parede e acho que vou colocar o uniforme e ir para a escola. Tudo isso apesar de terem se passado pelo menos dois anos da última vez que Leslie e eu realmente nos divertimos juntos, só nós dois (acho que foi durante uma sessão nostalgia em que vimos *A volta do Capitão Gancho* no Old Cathay, quando a mulher dele ficou trabalhando até tarde e não pôde se juntar a nós). E mês que vem vou fazer trinta e três.

Nunca sonho com meu ex-marido. Fico feliz que não tenhamos terminado tarde demais. Exaurimos toda a nossa feiura; não temos mais nada para infligir um ao outro. Estremeço ao pensar como seria se seguíssemos nos ressentindo e tentando superar nossas diferenças irreconciliáveis, sem cessar, até os quarenta, cinquenta, sessenta. Pelo menos

ainda me resta alguma juventude. Trabalhar com estagiários de vinte e um anos faz com que me sinta antenada. Percebo como essa geração se posta (postura ruim, olhos evasivos, distantes; mão tensa no celular), como eles falam (apáticos, preferindo mensagens de texto a conversas verbais) e também como se vestem. Os anos 1970 estão na moda novamente — calças boca de sino, batas — assim como o Recession Chic dos anos 2000: camisas amassadas, estampas florais desbotadas, roupas de entrevista feitas para suar. Peças vintage de segunda mão são essenciais; nada de fabricação recente. Enquanto isso, fábricas inteiras se dedicam a gastar roupas novas, fazer com que pareçam sujas e usadas.

Mamãe, sempre encantadora, insiste que me concentro nas coisas idiotas e superficiais da vida (como roupas e programas de TV) e ignoro o que é importante. *O que* é importante? É algo que eu ainda gostaria de saber. Hoje em dia pego minha mãe olhando para mim espantada. Como se eu tivesse me tornado o oposto do que ela queria e esperava. Ela ficou mais negativa na velhice. Diz que não é nenhuma surpresa que eu tenha desistido do casamento, porque sou dessas pessoas que desistem de tudo. Me culpa por seus cálculos na vesícula e diz que está ficando velha por minha causa. Digo que isso não é possível porque ela já é velha.

— Você e sua grosseria — retruca ela. — Eu queria ter tido uma filha mais doce.

Ela escondeu meu divórcio da maioria dos parentes. No fundo, espera que Jarrold e eu reatemos, que talvez consultemos um conselheiro matrimonial cristão, embora ambos sejamos cristãos não praticantes, no máximo. Ninguém precisa saber, ela diz. Tudo bem.

Leslie é aliado da minha mãe. Ele mora com a esposa, Rachel, em um condomínio elegante na Costa Leste com quartos do tamanho de minichihuahuas e uma piscina de formato fálico quando vista de cima. São os pais perfeitos e dedicados de dois meninos precoces com quem tenho dificuldade de lidar; não sou boa com crianças. Não poderíamos ter nos tornado mais diferentes. A lembrança mais recente que tenho do meu irmão mais velho é seu rosto fechado de reprovação, enquanto a mulher pisa em ovos em torno dos escombros do meu casamento com uma delicadeza beata, como se a solteirice fosse uma doença que precisa ser curada.

Estou mergulhada no processo de desconhecer meu ex-marido. Desconhecer é uma prática tão gradual e delicada quanto seu inverso. Merece o mesmo espaço e a mesma deliberação. Por que um divórcio

carrega muito mais gravidade e derrota do que um término? Por que os amigos julgam em silêncio e sentem pena? Claro, tem a questão dos bens e dos títulos, do nome das coisas. As pessoas mais próximas eliminando a expectativa de que ficaríamos juntos para sempre e teríamos filhos talentosos e gordos. Esse é o ponto crítico. Ele pode ficar com os amigos chatos e os títulos dos clubes. Não me importo. Estou no estágio do espanto com o fato de meu ex-marido e eu um dia termos dividido um canudo, um cobertor, um apartamento. Posso admitir para mim mesma que ele não beijava bem, que era morno na cama.

Nunca sonhei com os últimos dez anos. Li uma lista na internet que dizia que algumas das coisas mais comuns com as quais as pessoas sonham são:

1. Cair de prédios.

2. Ser perseguido.

3. Animais.

Nada tão excitante quanto os dois primeiros. Dos animais falarei depois. Não há perseguições ou quedas nos meus sonhos. Só esse lodo do passado. Caminhos trilhados e coisas antigas. Todos esses sentimentos antigos borbulham e deixam um filme fino sobre meu dia desperto, como uma película na sopa.

*

Sou consultora de mídias sociais. Estou na empresa há mais de quatro anos. Quando entrei, em 2016, tinha vinte e nove anos e, era bem-casada e estava muito animada por estar aqui. Agora tenho quase trinta e três e sou bem-descasada, e em certas manhãs de segunda-feira, sentada nesta sala, tenho a sensação de que se estivesse presa em um navio em alto-mar com essas pessoas mataria todo mundo. Devia procurar outro emprego, mas não tenho ânimo.

Minha principal conta é a de Jolene See. Ela é uma estrela do Canal 8 que está tentando entrar no mercado pop taiwanês. Primeira parada: Taiwan. Próxima parada: China. Depois: o mundo. Ficarei impressionada se ela sair do Sudeste Asiático. Jolene tem uma voz minimamente decente —

um soprano triste, meloso —, mas não tem como forçar essas coisas. Eu é que sei. A equipe que gerencia sua carreira é péssima, mas eles nos pagam em dia. Acabo cuidando de grande parte do trabalho deles, fazendo a curadoria do conteúdo em inglês da Jolene nas redes sociais. Cada postagem, cada tuíte, cada e-mail oficial. Jolene tem dezessete anos, é ingênua e burra como uma porta, mas é uma boa garota.

— Tem que ser fofo — diz a equipe dela.

— Positivo — respondo.

Durante pelo menos metade da semana de trabalho, eis o que faço: ventriloquia remunerada. Adoto a voz de uma garota de dezessete anos, "fofa" e excêntrica, com quem é fácil se identificar. Minha sala é um plano aberto; todos conseguem ver meu monitor. O sol entra forte pelas janelas que vão até o chão. Deve existir uma palavra — algum termo alemão ou inuíte — para descrever a sensação terrível de não gostar de uma vista bonita só porque ela é familiar demais e sinônimo de trabalho e tédio diários. Morei nesta ilha a vida inteira, e com frequência esqueço que ela é só um cisco no mapa do mundo.

Tem muita coisa amontoada nesta cidade. Não existe um espaço vazio e calmo por aqui, a não ser que consideremos um estacionamento corporativo aos domingos. Torço o pescoço para a esquerda e depois para a direita e absorvo o brilho cristalino de Marina Bay — arranha-céus de vidros espelhados prateados e azuis, o movimento de uma rodovia, guindastes levantando contêineres. Tudo isso é aterro. Há trinta anos, era parte do leito do mar — hoje é um horizonte alto e irregular, que esconde um sumidouro enorme. Ao lado das janelas compridas fica nossa Parede Símbolo verde-sálvia, que tem esse nome porque foi feita para ser símbolo do escritório recém-reformado. Essa cor era para ser calmante, mas me lembra a pintura terrível perto da sala dos professores da minha escola. Alguém precisa trocar as pilhas do relógio de parede. Os ponteiros estão parados às seis e meia, o que é cruel, porque ninguém pode ir embora enquanto o chefe não liberar.

O governo está construindo mais uma linha de MRT. *ESTAÇÃO DE BAY VIEW — PRONTA PARA SERVI-LO EM 2023*. Não vejo necessidade de tantas paradas em um raio tão pequeno. Túneis de mármore, aço e acrílico, com bancas de revista subterrâneas e cancelas apitando sem parar. As estações ficam tão perto umas das outras que uma viagem de menos de vinte segundos as separa. Quando a porta fecha já está na hora de abrir de novo.

Estou escrevendo um e-mail para uma mulher burra de doer do escritório da Joy Management em Hong Kong. O tom precisa ser exato: não pode ser crítico demais, porém precisa ser firme para que ela saiba que, se estivesse fazendo seu trabalho direito, eu não teria que ficar pedindo as mesmas coisas idiotas. Depois de duas frases, meu foco é interrompido por barulhos de perfuração e metal. Vejo que horas são no celular. Tomo um remédio chamado praziquantel de quatro em quatro horas, depois das refeições. Essas cápsulas beges em uma cartela são uma novidade. Engulo o comprimido em silêncio à minha mesa com um gole de água com gás. Não contei a ninguém no escritório que estou me recuperando de uma teníase.

Como peguei uma tênia em um país de primeiro mundo como Cingapura é um mistério para mim, e para meu médico também. Dr. Quah disse que foi carne crua. Algum vendedor ambulante não lavou as mãos direito. Os ovos de tênia se espalham pelas fezes. Em algum momento nos últimos dois meses eu provavelmente estava preocupada demais para perceber que estava comendo merda. Eu podia ter comido merda e morrido se não tomasse cuidado.

Sei que algumas pessoas ingerem tênias na esperança de que o parasita coma tudo e elas emagreçam. A minha só me deu cólica. Permaneci com o mesmo peso, mas desenvolvi um apetite um pouco maior. Tinha vontade de comer sabores fortes e elaborados: casca de laranja cristalizada, choco frito, espinafre apimentado, repolho em conserva. Só quando a cólica piorou procurei um médico. Fiquei chocada ao descobrir que algo tinha feito moradia dentro de mim, sem ser convidado. A coisa crescia, enquanto eu me contorcia e ficava tonta.

Dr. Quah prescreveu o remédio para tratar a coisa. Agora estou matando a desgraçada, aos poucos mas de vez. Arrancando-lhe a vida com veneno. Quando ela desistir da luta vou cagar pedaços de seu corpo branco doentio. Olho por olho, merda por merda.

Sei como meu verme é. Já vi seu rostinho em sonho, espiando por trás das pálpebras. *Cestoda cyclophyllidea*, esse é seu nome, que parece nome de remédio para sapinho, ou de alguma mulher feia de um mito. Meu Cestoda é comprido e esguio e se movimenta com determinação. Não é uma criatura burra. Quer solapar o melhor de mim, todas as vitaminas e nutrientes. As anedotas mais engraçadas e os sentimentos mais caros. Cestoda mora no meu intestino, mas gosta de viajar pelo meu corpo, dar uma olhada, fazer uma inspeção. Tenho uma reunião daqui a um minuto. Me contorço na

cadeira ao sentir o verme vagando pela minha garganta. Tem algo de intenso e quase sexy no fato de que estou sozinha com esse conhecimento. Sinto a coisa se arrastando pelo esôfago, entupindo a laringe, evitando o coração. Aninhando-se no átrio entre os pulmões, descendo até a barriga. É o verme ou indigestão?

Gordon Cheong, meu chefe, faz um sinal com a cabeça para mim. Levanto e vamos para a sala de reunião. Somos sete. Jeanette Kok Hui Ling está andando à minha frente; a gata do escritório. Estudo sua bunda em uma saia lápis cinza-amarronzada, desfilando de um jeito ao mesmo tempo natural e ensaiado. Imagino como seria segurar seu quadril como um vaso e chacoalhá-lo. Jeanette traz as comidas mais engorduradas para almoçar à sua mesa: *char kway teow*, que é um macarrão de arroz frito com carnes; espetinhos com molho *satay* pingando; *mee goreng*, um macarrão frito apimentado; e asinhas de frango fritas da praça de alimentação ao lado. Às vezes ela tira a comida da caixa de isopor suada e coloca no único prato quadrado branco que temos na cozinha do escritório. Do bebedouro, vejo-a posicionar a câmera do celular. Depois de publicar a prova na internet com a devida tag, ela come. Engole tudo enquanto faz compras on-line, fazendo barulho como em um desenho animado, um frenesi de pauzinhos descartáveis e colheres de plástico devorado em staccato por sua fome feroz. Para onde vão todo aquele óleo e gordura? Será que entopem suas artérias minúsculas? Será que saem de seu corpo em uma viagem pacífica, como cocozinho de coelho, ou ela dá umas cagadas épicas de vida ou morte?

Aquele apetite apocalíptico é a única coisa que desperta meu interesse por ela. Me pergunto se ela tem um verme do qual não faz ideia. Talvez eles tenham um relacionamento longo e unilateral. O verme dela seria inferior ao meu; de paladar menos seletivo, letárgico à tarde.

Como se soubesse que estou pensando nela, Jeanette senta na poltrona de couro à minha frente e levanta a cabeça. Dou um meio sorriso, mas ela ignora. Volta a atenção para o tablet. Suas unhas estão pintadas de violeta. Kiat Ming, Irfan, Carl e Mona sentam e também pegam seus tablets. Tap, tap, tap. Todos rolam até a programação de hoje. Carl fica vidrado no decote de Jeanette. Gordon pigarreia e começa a falar. Olho para ele e tento não me distrair.

— Olhem para a tela — diz Gordon.

Nossos olhares obedecem, como boas ovelhinhas.

O monitor grande que fica na parede mostra o rosto de uma mulher.

Seus traços carregam a clareza artificial do retoque digital. Levo meio segundo para reconhecê-la, então sinto um nó na garganta. Filho bastardo de um sentimento ao mesmo tempo de horror e comoção. Meu estômago revira. Meu verme deve gostar disso. Bastante comida.

Me obrigo a examinar a versão mais jovem de uma mulher que conheci. Ela está meio escondida atrás de uma folha verde grande, com um sorriso que revela as rugas nos cantos dos olhos reluzentes. Sua boca, curvada e pintada de vermelho-escuro, está na sombra. Embora a imagem tenha sido retocada, a mulher é o que entrega que se trata de uma foto antiga. Ela tem aquele tipo de beleza *peranakan*, *nyonya*, isto é, dos descendentes de chineses, que não se vê mais nas ruas hoje em dia.

— Alguém sabe quem é essa mulher? — pergunta Gordon.

— Nunca vi na vida — responde Jeanette.

— Nem eu. É uma gata — comenta Carl.

— Eu sei — anuncia Irfan, que parece saber tudo. — É a mulher que fez a *pontianak* naqueles filmes dos anos 1970.

— Essa mesma — confirma Gordon. — Amisa Tan. Quem não conhece o nome talvez reconheça o rosto de pôsteres antigos. O estúdio de Aaron Leow vai fazer uma remontagem do filme. É um projeto importante. Todos a postos. Thali e Joseph podem dizer o quanto tiveram que brigar para ganhar esse cliente.

Carl e Irfan soltam murmúrios de aprovação. Gordon passa o cursor sobre o rosto de Amisa.

— *Ponti!*, 1978. Seguido por *Ponti 2*, 1979, e *Ponti 3: A maldição do Bomoh* em 1980. Iskandar Wiryanto fez o roteiro e dirigiu os três filmes. Alguém já ouviu falar dele?

Silêncio na sala. Jeanette está alisando a unha do indicador com o dedão. Kiat Ming está mexendo no celular embaixo da mesa. Mona está quase roncando.

— Pois é. Ele nunca fez sucesso. Achava que estava fazendo cinema de arte. Mas essa trilogia é puro entretenimento. Ninguém levou a sério. Enfim, a produtora do Leow está fazendo a seleção de atores, e querem que a gente cuide da divulgação do filme. Alguma ideia? Quero ver animação.

Carl e Irfan fingem estar animados. Ming continua no celular. Ninguém está olhando para mim.

Eu me lembro da primeira vez que a vi: a mãe de Szu. Não a conheci como Amisa Tan, atriz de filmes cult, sereia dos arquivos de cinema, olhar

inocente em um cartaz colorido. Só seu vestido inflado como água-viva quando ela se afastava. Os punhos pálidos e os traços fortes, frios mesmo quando pegos de surpresa, atraente demais para ser a mãe calma e caseira de alguém. Amisa tinha um rosto que estava sempre aceso de raiva, ou irritação, ou uma tristeza típica de adulto que ela nunca pensou em esconder de duas adolescentes.

Aquela primeira tarde volta de repente como cenas de um filme. Szu abriu o portão e a velha porta bege. Fiquei olhando para a nuca da minha nova amiga, com uma leve repulsa ao ver as gotas de suor que se formavam, embora eu também estivesse suando. No momento em que entramos eu soube que tínhamos de ficar em silêncio. Aquele era um lugar de reverência, de dedo no lábio, calando minhas piadas. Era um dia de janeiro de uma claridade ofensiva, três semanas depois de nos conhecermos. O ar era estático e fúnebre.

— Tem alguma coisa pra comer? — perguntei a Szu baixinho.

Na época eu ainda estava testando Szu, ciente de que tocava em um ponto fraco sempre que falava em comer. Séria, ela assentiu. Tiramos os sapatos e atravessamos o corredor. Aos dezesseis anos, éramos as únicas amigas uma da outra. Tínhamos a simbiose intensa e irreplicável típica de adolescentes ansiosas; adulávamos e magoávamos uma à outra em medidas flutuantes. Dei uma olhada na cozinha. Era nojenta; os pratos desbotados ou manchados de sopa no escorredor. Quando Szu abriu a geladeira, saiu dali um fedor de peixe e legumes em conserva.

— Você trouxe uma amiga, Szu. Estou impressionada — disse alguém.

Szu deu as costas para o brilho estressante da comida, e meus olhos a seguiram. Uma mulher espetacular e espectral estava à porta com um vestidinho azul-claro e chinelos vermelhos de plástico daqueles que a gente compra por noventa e nove centavos na feira. Mesmo naqueles trajes, eu nunca tinha visto alguém com tanto ar de estrela. Fiquei boquiaberta. Na época, Amisa já estava bem doente. Eu não sabia, mas obviamente elas sabiam, tanto a mãe quanto a filha; o fato pesava no ar. Quando a conheci, restavam a Amisa Tan oito meses de vida. Estava muito magra. Não parecia uma mulher de carne e osso, mas um estêncil gravado com todo cuidado. Longas mechas grisalhas e brancas marcavam seu coque baixo.

— É… Oi, tia — disse por fim.

— Por favor, é sra. Ng.

— Meu nome é Circe.

— Prazer.

Ela me analisou por um instante. Me senti insuficiente no uniforme cinza-escuro. Ela desviou o olhar.

— Bom, sinta-se em casa. Divirtam-se, garotas.

A sra. Ng não pediu que eu repetisse meu nome incomum; não fingiu interesse. Ela era muito diferente das outras mães, que teriam oferecido água, ou chá de crisântemo, ou bolo. Havia um ar de realeza em seus movimentos. Acendeu um cigarro, foi para o quarto que ficava no fim do corredor e fechou a porta com cuidado. Senti um nó na garganta. E um impulso de segui-la, mas permaneci no mesmo lugar.

— Bom… agora você conhece minha mãe — disse Szu. — Desculpe, não tem nada para beliscar na geladeira. Talvez tenha biscoitos Khong Guan em algum lugar, mas não sei de quando são.

— Deixa pra lá. Posso conhecer a casa?

A casa estava tomada por grandes formigas vermelhas. Rachaduras compridas serpenteavam pelas paredes, e metade da tinta estava descascada em arquipélagos irregulares. A grade da janela da cozinha estava coberta por camadas grossas de merda de pássaro e morcego. O bangalô antigo era escuro e silencioso, à exceção do ronco do filtro do aquário enorme que ficava na cozinha e, de vez em quando, do som de um cântico baixinho. Um homem, ou uma mulher com voz rouca, balbuciava em um dialeto que eu não reconheci.

— É minha tia Yunxi — disse Szu, quase pedindo desculpas.

Pensei: *Quem poderia morar aqui? Que chiqueiro assustador.* Mas ao mesmo tempo havia uma aura naquele lugar. Não sei explicar. A casa era coberta por uma excentricidade que me acompanhou por anos. As janelas sujas e portas fechadas às vezes aparecem nos meus sonhos. Ao fim das visitas à tarde, eu ficava feliz por retornar à familiaridade limpinha da minha casa, e ainda assim queria voltar para a casa de Szu. Ficava ansiosa para revisitar aquela construção branca aonde levava a entrada frondosa, de bela tristeza. O lugar era tão degradado e descuidado que até minha mãe ficaria chocada. Lembrava os bastidores de um teatro antigo. As velas derretidas, as lâmpadas alaranjadas, as paletas de pó rosado e fino que eu imaginava que Amisa passava na pele lisa e fantasmagórica.

6
AMISA
1975

Tudo estava guardado. Não fora difícil. Ela não tinha muito o que levar, só uma bolsa e os *ringgits* que economizara de trabalhos estranhos: colher lichias e berbigões, separar botões, lavar pratos, assistente de negócios na Campbell Street, garçonete, o que arranjasse.

— Estou pronta — disse Amisa, e os pais olharam para ela sentados à mesa de madeira e assentiram.

Dezessete anos e muito bela. Olhos amendoados, nariz fino, boca rosada e reluzente como um *ang ku kueh*, aquele bolinho avermelhado chinês. O pai pensou: quem é essa garota? Como foi que essa deusa assustadora saiu de mim e de minha mulher doce mas comum? O que ela está fazendo aqui? Nos últimos três anos, para falar a verdade, Amisa o vinha deixando nervoso, e ele não fora capaz de protegê-la do tio libertino e dos garotos maliciosos da fábrica de carvão.

Ou talvez não tenha sido capaz de controlá-la. Aos treze anos, ela entrou para um grupo de dança que se apresentava durante o Ano-Novo Chinês e o Festival de Outono. Os movimentos sinuosos e sensuais de Amisa a destacavam e faziam com que as mulheres mais velhas da plateia instintivamente levassem a mão à boca e os homens desviassem e voltassem o olhar, furtivos, olhando-a de cima a baixo, ah, assim. Tarde da noite, Amisa voltava para casa cheirando a grama e suor, com manchas de carvão nas pernas e nos braços, sabe Deus por quê, e até o sorriso de miss parecia um defeito. Ele não entendia como ela podia ser tão diferente da irmã boa ou dos sete irmãos fortes, que trabalhavam duro e tinham riso fácil.

A família pegou emprestada a caminhonete de Khim Fatt, e os irmãos foram na caçamba com ela.

— Pegou tudo de que vai precisar? — perguntou Jiejie.

Trouxera a filha mais nova consigo. Nunca ficava sozinha ultimamente.

— Sim, Jiejie — disse Amisa. — Não precisa se preocupar.

Mas enquanto falava sentiu uma pontada de medo na boca do estômago, o enjoo da certeza de que de fato decidira deixá-los. Não sabia como expressar suas razões egoístas, válidas e várias. Na casa, ela era voto vencido. A atmosfera era insuportável. Os pais a olhavam todos os dias como se ela fosse assassiná-los.

Quando a caminhonete passou chacoalhando por uma lombada, Amisa descansou o rosto na palma da mão e ficou olhando para sua pessoa favorita. Didi piscou para ela com um foco raro, uma concentração tenra. Sua boca se curvou de ponta a ponta em duas covinhas bem marcadas. Logo, logo meu Fantasminha vai despedaçar corações, pensou Amisa.

Ele ainda tinha o comportamento atrevido de macaco-prego da sua infância. O olhar dela pousou sobre a laceração perversa na perna direita dele, uma marca longa e em alto-relevo. Didi era o garoto mais selvagem do *kampong* e naquela primavera andava obcecado por uma motocicleta usada, com lataria e tanque azuis como um martim-pescador. Como Didi gostava dela, daquelas rodas reluzentes, acelerando o motor até deixar as galinhas em pânico. Seu rosto endiabrado se iluminava sobre a cela de caubói. Amisa concordou em dar uma volta na escuridão. Ela gritou nos ouvidos do irmão e se agarrou a ele, sentindo o tamborilar de suas costelas enquanto Didi gritava e ria dela.

Uma semana depois, Didi desviou de um lagarto gigante e bateu a motocicleta em um poste. No acidente, sua perna direita foi aberta do quadril ao joelho saliente. Ele levou seis semanas agonizantes para voltar a andar direito e agia como se nunca tivesse se machucado, apesar do andar delator.

A viagem passou rápido demais. Durante o último trecho de estrada, Didi manteve os olhos nas árvores, rangendo os dentes. Jiejie alisava o cabelo da filha e sorria para Amisa.

No terminal de ônibus, Amisa deu um abraço forte em Jiejie, nos irmãos um a um e em Didi por último. Ela mal conseguiu olhar para ele sem ter vontade de chorar, então manteve os olhos no chão. Quando levantou a cabeça, ele sorriu como se tivessem uma piada interna. Talvez eu não deva ir, pensou Amisa.

— Você escreve e liga? — perguntou Jiejie.

Ela estava sorrindo, mas ainda assim havia uma sombra de abandono, uma preocupação enfiada no canto de sua boca. Sua filha de sete anos puxou o braço de Amisa. Ela fez um breve afago na garotinha.

Ao embarcar no ônibus, Amisa virou-se para a família em pé na calçada: os pais com cabelos grisalhos e expressão severa; os irmãos bronzeados de calça cáqui e camiseta; a irmã bela e séria com um vestido cinza e a filha sósia. Didi sorriu e acenou. Amisa sentou e acenou de volta da janela, a palma da mão descansando no vidro.

Só depois que o ônibus atravessou a rodovia e a ilha encolheu até virar um pequeno reflexo verde, Amisa colocou a mão no bolso e a fechou sobre algo. Ela olhou em volta para se certificar de que ninguém estava vendo antes de tirar a bolsinha de pano vermelho, virando-a no colo e revelando o bracelete de jade. Tinha sido de sua bisavó, e por direito seria de sua primeira cunhada, mas o irmão mais velho ainda não tinha se casado e não parecia que se casaria logo. A mãe sempre disse que ela era uma ladra, que não era confiável, e Amisa sentia como se fosse quase esperado que ela levasse o objeto mais precioso de sua mãe, enfiado no fundo da segunda gaveta, exatamente onde ela sabia que o encontraria.

Quando a ponte serpenteou para Cingapura, ela olhou para a vastidão de concreto, os prédios altos agrupados como fileiras de dentes tortos, conjuntos habitacionais com acabamento em estuque e prédios comerciais pela metade. Percebeu que, para além da vontade de sair de Kampong Mimpi Sedih, não tinha pensado muito sobre aquele lugar novo, não tinha permitido que ele ocupasse qualquer espaço em suas idealizações. E talvez por isso seria impossível se decepcionar.

Táxis de teto amarelo passavam pelas vias largas, com faixas brancas metodicamente pintadas; carros e caminhões avançavam em filas obedientes. Amisa se sentia tranquila, e não assustada, com o tamanho da cidade, o cimento e os andaimes por todo lado.

Em Geylang, o senhorio mudo e careca a levou por um lance de degraus estreitos que rangiam sob seus pés, como se a madeira fosse ceder a qualquer momento. A casa cheirava levemente a urina e óleo vegetal. No topo da escada havia duas portas que ficavam tão perto uma da outra que só podiam abrir para dentro. O ar exalava incenso e um cheiro azedo e corporal de doença. No quadrado entre as duas portas só cabia uma pessoa por vez. O senhorio destrancou a porta amarelada à esquerda, e Amisa entrou atrás dele em seu novo lar. O quarto era pequeno, com uma lâmpada desprotegida e manchas de infiltração nas paredes, mas ninguém podia entrar sem chave ou sem bater. Aquele lugar era realmente dela.

De manhã, ela trabalhava na feira, ajudando o sr. e a sra. Lim a separar

berbigões, amêijoas e camarões. O sr. Lim era um velho amigo de seu pai, com sobrancelhas brancas cheias e um olhar simpático que se transformava em voluptuoso quando a mulher se distraía. Quando a sra. Lim não estava olhando, Amisa fazia um movimento sinuoso e piscava para o sr. Lim, alimentando seu interesse, mas não permitia que a tocasse. Ela era alvo de todos os olhares da feira já às quatro e meia da manhã, com um avental manchado de peixe, o rosto amassado de sono e o cabelo escondido sob uma touca de plástico branca.

Na longa caminhada de volta para casa, os homens encaravam e chupavam o ar por entre os dentes. Às vezes ela nem percebia que estavam ali até que começassem a segui-la. Para se distrair, Amisa classificava os olhares em generalizações raciais, sentindo-se como a mãe quando fazia isso. Os malaios piscavam e acenavam para ela. Os chineses a chamavam de *mei nu*, ou "gatinha", e gritavam cantadas grosseiras em vários dialetos, ficando cada vez mais agitados conforme ela os ignorava, e os indianos a encaravam com uma intensidade leonina, mas pelo menos não diziam nada. Ela erguia a cabeça e tentava andar depressa, mantendo o olhar treinado em frente. A cidade ficava a mundos de distância da costa sussurrante de Kampong Mimpi Sedih, com sua promessa de tartarugas, suas várzeas e charcos, mas parecia que os homens de todos os lugares eram iguais em suas intenções pantanosas, não importava o quanto disfarçassem. Eles queriam devorá-la. Sua fome era rotineira.

No fim da tarde e algumas vezes à noite, ela trabalhava no Paradise Theatre, um pequeno cinema na esquina da Jalan Ubi com a Everitt Road. Tinha apenas duas salas: uma que passava filmes hindus e chineses, e outra que exibia filmes hollywoodianos não inéditos. Em alguns dias ela limpava os banheiros, em outros assumia a função de lanterninha e ficava sentada em uma cadeira dura no fundo da sala.

À frente ficava uma tela do tamanho de um pequeno mundo.

Contagem regressiva: dez números apitando e as últimas movimentações antes que a sala comprida e escura ficasse tão silenciosa e vasta quanto o fundo do mar. Um instante de paz. Era todo um modo de ser e, para ela, parecia liberdade total. Amisa amava os filmes de kung fu, com sua coreografia incompreensível e os jovens de mullet que nunca se cansavam; ou os musicais hindus com romances vibrantes, garotas exuberantes e notas animadas surgindo e sumindo em batidas de baixo e bongô. As cores vívidas dos saris chicoteavam pela tela, cada quadro pulsando com uma vida que era

muito melhor que a vida. Ela adorava até *Tubarão*, com aquele animal idiota e a ameaça revolta das águas americanas. Hollywood parecia incrivelmente irreal: todos muito loiros, untuosos, de coxas fortes e um tanto grosseiros. Poderia assistir a filmes o dia todo, e mesmo sem as imagens os sons já eram agradáveis: nada além do movimento suave do rolo de filme no projetor, o farfalhar das embalagens de comida e a respiração de uma plateia intrigada ou quase dormindo. Poderia morar bem ali, atrás deles, ficar para sempre naquele reino escuro de diálogos abafados, intrigas abafadas; e sentia um parentesco raro, uma humanidade compartilhada com a silhueta daquelas cabeças inclinadas para cima, mastigando *kacang puteh*, um petisco de grão-de-bico, ou sementes de melancia.

Os jovens casais a divertiam. Eles entravam na sala com formalidade e, quando as luzes se apagavam, trocavam beijos apaixonados e barulhentos, rangidos desafiando as poltronas dobráveis. Às vezes deixavam um resíduo pegajoso, um rastro encaracolado de origem corpórea indeterminada que ela limpava com água sanitária. O gerente, um homem com uma carranca permanente de trinta e poucos anos chamado Pok Hian, a instruía a dar uma batidinha educada no ombro de tais pombinhos, permitindo até mesmo que batesse de leve em suas cabeças com um leque de madeira se isso os fizesse parar. Mas mesmo com a bagunça Amisa os deixava em paz.

Havia um casal chinês de vinte e poucos anos que vinha para as matinês de domingo. A garota estava sempre com um rabo de cavalo, era simples e um pouco rechonchuda, e o homem era de altura média, com ombros caídos e um rosto um pouco marcado. O casal chegava ao cinema de mãos dadas, a garota sorrindo, clara e radiantemente apaixonada. O homem se aproximava do balcão e comprava ingressos para um par de assentos do fundo, e, quando arrancava e entregava os canhotos, Amisa se sentia agitada e irritada com o modo como ele olhava para ela, enquanto segurava a mão da namorada. O olhar dele sempre se demorava pelo menos dois batimentos além do normal.

Quando as luzes se acendiam e a multidão saía da sala, a garota de rabo de cavalo quase sempre estava com os olhos vermelhos e as bochechas brilhando, embora Amisa nunca a tivesse visto chorar. Talvez ela se emocionasse fácil até mesmo com os pastelões de Hong Kong. Talvez tivesse uma disfunção nos olhos ou no nariz. Mas certa vez, Amisa percebeu a silhueta do casal discutindo furiosamente em sussurros inaudíveis durante uma cena de briga em *Os sete guerreiros do kung fu*. Aquele namoro parecia

horrível e especialmente enfadonho, fadado ao fracasso. Ela se perguntava por que a garota de rabo de cavalo se dava o trabalho, por que qualquer pessoa, na verdade, se dava o trabalho de se envolver nos rituais do amor, por que não chegavam logo aos finalmentes como ela fazia no kampong, apalpadas animalescas sem roupa na grama alta com qualquer corpo bonito, indiferente ao que podia pegar ou ao que podia começar a crescer dentro dela. Se acontecer, aconteceu, dou um jeito, pensava, com a mesma naturalidade que sentiu tantos anos antes. Entrando na floresta sem munição ou proteção contra o verde cada vez mais escuro, a não ser por uma sacola de plástico com um pano de prato e fatias de melancia comidas pela metade. Talvez sua mãe estivesse certa e ela tivesse sorte de ainda estar viva. Talvez tivesse sido até enfeitiçada.

Então a vida seguiu. Afagava frutos do mar nas primeiras horas do dia, camarões bigodudos escorregando das mãos, conchas escorregadias e piso molhado e o agito e o furor da feira antes de abrir. Quando terminava, Amisa passava como um samurai pelas montanhas de baldes, resmas de macarrão e tecido e cortes violentos e transbordantes de boi e porco, e ia para casa, tomar banho e tirar aquilo tudo do corpo. Então ela tirava um cochilo e seguia para o turno no cinema. Repousar, repetir.

O sr. e a sra. Lim eram chefes agradáveis, embora não aprovassem o fato de ela morar em Geylang.

— Aquela região toda tem prostitutas — dizia a sra. Lim, e balançava a cabeça. — Lugar sujo. Fique longe dos números vermelhos.

O número da casa onde Amisa morava parecia ter sido vermelho um dia, mas a tinta fora raspada.

7
CIRCE
2020

Nas semanas seguintes, tenho a sensação de que uma lata de vermes em forma de Amisa foi aberta. Não via sua cara havia anos, mas se tornou difícil evitá-la. Recebo sua foto anexada a e-mails. Cópias impressas me abordam agressivas das paredes e mesas. Sou bombardeada de Amisa, e meus pensamentos se voltam para Szu. Mas as lembranças são enevoadas pelo tempo, estáticas e malformadas. Me vêm à mente imagens de seus braços compridos e seu rosto triste e doloroso. Eu queria poder varrê-las para longe, excluí-las permanentemente da lixeira do meu cérebro.

Gordon despacha nossa equipe para o escritório da Somerset a fim de fazer o Treinamento de Habilidades de Liderança e Proatividade. Geralmente eu odeio essas sessões, mas desta vez estou aliviada por ter um dia sem *Ponti*. O instrutor é um homem rechonchudo e de pele oleosa chamado Clarents Goh Bok Tin, com o cabelo lambido e a língua um pouco presa. Minha dupla é Jeanette. Sentamos em cadeiras de plástico brancas que lembram os brinquedos do jardim de infância. Sempre que me mexo na cadeira minhas coxas produzem um rangido agudo no plástico. Jeanette está mais alegre hoje: está apaixonada, segundo os boatos. Algumas pessoas são ótimas em passar de um amor para outro. Fazem disso um hábito fácil e encantado. Jeanette é assim. O fato de ela ser muito bonita ajuda. E, quando ela decide que não está dando certo, se livra do relacionamento como um fio solto na camisa e experimenta o próximo.

Quando vem até nossa mesa, Clarents só tem olhos para Jeanette, e é como se eu não existisse. Ele pede que pensemos em um legume, qualquer legume, exceto uma cenoura. O velho truque mental. É claro que só penso na maldita cenoura.

A cenoura alaranjada e brilhante na minha cabeça se transforma no rosto de Szu. Ela me faz estremecer. Embaça minha visão no ônibus a caminho de casa, no banheiro, na fila do caixa na manhã seguinte, nos túneis escuros

pedindo ao tio do táxi que me faça chegar logo em casa naquela noite. No dia seguinte, na hora do almoço, o rosto assustado e carrancudo de Szu flutua pelo meu cérebro, e me obrigo a pensar em uma música e continuo caminhando. A imagem que tenho dela é da adolescência. Szu flutua na salmoura sombria da minha memória, com espinhas espalhadas pela testa e aquele olhar furtivo e preocupado que me acalmava e irritava ao mesmo tempo. Porque é um consolo saber que existe alguém como a gente no mundo: faz a gente se sentir menos imperfeita e solitária.

Mas, passado certo ponto, quando há semelhanças demais, esse consolo se transforma em mal-estar. *Maria vai com as outras. Imitadora*, eu pensava. Tento caminhar até parar de pensar nela. Digo a mim mesma que vou demorar o tempo que for preciso, posso mentir que fiquei presa na fila do banco. Continuo andando. Vou além do horário de almoço dos meus colegas, passo por cafés e megalojas de eletrônicos. Sigo em direção a uma fileira de lojas perfumadas que cheiram às esposas dos novos-ricos, as *tai-tais*. O luxo me conforta. Lembra tudo a que não dei valor quando meus pais me sustentavam. *Tai-tais* cheiram a camisas recém-saídas da lavanderia, brilhantina e três borrifadas de Chanel nº 5 na pele bem-cuidada, mas pouco amada. Clichês existem porque são verdadeiros. Em uma vitrine, vejo uma bolsa Marni marrom iluminada pelo sol. Sinto uma comichão. Meu verme acha bonita. De couro e com alças elegantes. Custa três mil e seiscentos dólares de Cingapura, incluindo impostos. Eu teria que passar dois meses e meio comendo macarrão instantâneo para comprá-la.

De volta à minha mesa passo vinte minutos sonhando com o quanto aquela bela bolsa de couro melhoraria minha existência. Com ela no braço eu me tornaria uma pessoa melhor. A vida se estabilizaria. Mas quando terminasse de pagar pela bolsa meu cabelo teria caído por causa dos conservantes do macarrão instantâneo. E minhas unhas estariam quebradiças e amareladas. E meu verme Cestoda talvez morresse envenenado por glutamato monossódico, e não por causa do remédio. Eu não teria nada para guardar na bolsa nova além de faturas do cartão de crédito e uma decepção não reembolsável.

Gordon surge atrás do meu ombro. Eu deveria estar escrevendo um e-mail de marketing para Jolene. Ele olha para a tela do meu computador.

— Muito interessante — diz, o que na língua de Gordon quer dizer: "O que diabos você está fazendo?"

Olho para a barba quase púbica e a camisa azul listrada, desabotoada

propositalmente em um *V* profundo, atrás de mim.

No corpo do e-mail, tudo o que escrevi foi: *Beleza do capitalismo = cobiça. Óbvio demais? Bolsa Marni = três mil e seiscentos. Aluguel = dois mil e seiscentos. Despesas gerais = novecentos.*

— Estou testando um ângulo novo… para a campanha de comunicação da Jolene. Indo além — explico, me sentindo burra antes de terminar de falar. — Vai mudar o jogo. De bom para ótimo.

— Não vejo a hora de ver os resultados, então.

— Positivo! — respondo com entusiasmo.

— Certo — replica Gordon, o que na verdade quer dizer "errado".

Murcho por dentro de um jeito que não acontecia desde a escola secundária. Enquanto ele se afasta, a nuvem de sua reprovação paira sobre mim.

*

Uma semana depois da primeira vez que fui à sua casa, convidei Szu para ir à minha depois da escola. Esperamos pela mamãe no pátio. Szu estava inquieta ao meu lado, uma vara ansiosa. Nossas silhuetas no vidro da recepção refletiam a diferença de altura entre nós: uma cabeça. Formávamos uma dupla e tanto: eu, baixinha com o chanel crespo; Szu, alta com o rabo de cavalo sem vida. De canto de olho, vi as garotas do badminton lançando olhares de desprezo em nossa direção. Fingi não me importar.

O Porsche da mamãe estacionou. Todo mundo percebeu. Szu entrou no banco de trás e eu, no banco do carona, batendo a porta para dar ênfase.

— Você está atrasada, mãe — disse.

— Me desculpe, Sisi. Trânsito. Oi, Szu! Prazer em conhecê-la. Sou a tia Magda.

— Oi, tia.

— Como foi a escola, garotas?

— Foi de bom a *simplesmente ótimo* — respondi.

— Você e seus dizeres engraçados!

Mamãe riu e balançou a cabeça.

Peguei o celular e comecei a jogar o jogo da cobrinha. Ouvi Szu ainda se debatendo atrás de mim com o cinto: o *zup* do poliéster, quatro tentativas e um clique.

Quando chegamos em casa, minha empregada, Josephine, trouxe uma

bandeja cheia de fatias de laranja e biscoitos de amendoim.

— Leve lá para cima, obrigada — ordenei.

Segui os movimentos preguiçosos da cabeça de Szu enquanto ela observava a entrada da casa: o piso de mármore cor de pêssego, o armário duplo cheio de enfeites de vidro suecos e o tapete persa que a mamãe todo ano mandava lavar.

— Sisi me disse que sua mãe é uma estrela de cinema — comentou mamãe.

— Hum, é — respondeu Szu.

Ela engoliu em seco e olhou para minha mãe com a cabeça baixa.

— Ela atuou na trilogia *Ponti,* 1978-1980. Filmes de terror nacionais.

— Ah! Não posso dizer que conheço — retrucou mamãe. — Ela ainda atua?

— Não. Está aposentada — explicou Szu com a voz pegajosa e tímida que reservava aos professores.

— Bom, vou procurar *Ponti* na locadora da próxima vez.

— Por favor, né, mãe? — repreendi. — Você nunca vai na locadora. Ninguém mais aluga filmes. É tudo pirata hoje. De Johor.

— Vocês, jovens. Não consigo acompanhar. A tia é um dinossauro! E seu pai, Szu? O que ele faz?

— Restaura móveis antigos.

— O quê, querida? Não entendi.

— Restaura móveis antigos.

— Ah! Que legal. Um amigo da família, tio Meng, também…

— Vamos para o meu quarto — falei. — Venha, Szu.

No andar de cima, Szu olhou para o pôster dos Backstreet Boys colado na parede. SHOW ME THE MEANING OF BEING LONELY, estava escrito. Os Backstreet Boys estavam em pé com os braços cruzados ou com as mãos no quadril, todos de franja com as pontas descoloridas, cinco maxilares proeminentes pairando sobre cinco pares de tênis de valor inestimável. Szu cruzou os braços e olhou para os sapatos de lona. Os ombros caídos lhe conferiam uma postura abatida.

— Desculpe por mamãe ter perguntado sobre o seu pai — falei. — Ela não sabia.

— Tudo bem. Ele não morreu. Pelo menos não que eu saiba. Enfim, não quero muito falar n…

— Não acredito que ele *ganhou na loteria*! Sua família é aleatória demais!

Meu pai sempre disse que quando alguém ganha na loteria não deve contar a ninguém, pois pode ser assassinado por causa do dinheiro.

— Assassinar alguém é um jeito megaidiota de conseguir dinheiro.

— Ah, é?

— Eu não ligo pra dinheiro.

— Ah, tá! — zombei. — *Todo mundo* liga pra dinheiro. Olhe nossa escola. Quem diz que não liga está mentindo ou se enganando.

— Posso usar o banheiro?

Apontei para o banheiro do meu quarto. Ela fechou a porta e teve que puxar duas vezes para trancá-la. Ficou lá um bom tempo.

— Por que você usa creme de barbear? — perguntou quando saiu.

— Meu irmão Leslie gosta de usar meu banheiro. Deve ter cagado e tomado banho aí antes de sair. Ele tem o próprio banheiro, mas bagunça o meu para fazer graça.

— Ah — disse Szu.

Ela sentou com delicadeza na beirada da minha cama queen size e olhou em volta mais uma vez. Revirei minha coleção de CDs.

— O que você quer ouvir?

— Qualquer coisa. Sou neutra.

Meu lábio superior se curvou em uma expressão de irritação enquanto eu escolhia um CD do Fleetwood Mac. "Neutra" era uma expressão minha, uma das minhas frases de efeito. Quando a música começou a tocar, subi nas cobertas com estampa de nuvens e deitei de lado. Quando olhei para Szu, ela estava sentada com o tronco ereto, as mãos no colo, os olhos levemente fechados.

— Sua casa me passa uma vibração feliz — comentou.

Depois que ela foi embora eu tomei banho. Quando saí e passei a mão no espelho embaçado para avaliar meu corpo, percebi que todas as embalagens e a pasta de dente Kodomo na pia tinham sido organizadas com o rótulo virado para a frente. Imaginei Szu estudando os ingredientes sem pressa nenhuma.

*

Moro em um apartamento alugado em Tiong Bahru. A região é tendência há mais ou menos uma década, e o custo de vida reflete isso. Até uma porção de *prata*, um simples pãozinho, é mais cara aqui. Chamo de preço

Super Hipster. Meu colega de quarto é um homem de quarenta anos chamado Julius (ou Yong Ling Kiat no contrato de locação). Um ex-colega nos apresentou. Minha única exigência para um colega de quarto era que ele não fosse uma aberração. Até agora, Julius e eu estamos nos dando bem. Ele trabalha com publicidade e se identifica como assexual. Disse isso logo no início, para evitar qualquer mal-entendido de que pudesse ter interesse por mim. Na hora me senti ofendida, mas passei a valorizar sua franqueza. Ele é alto demais para um cingapurense, tem mais de um e oitenta, e usa um rabo de cavalo oleoso.

— Quando você vai cortar o cabelo? — perguntei enquanto largava a bolsa. — Está ficando sem corte.

— Não mande em mim — dispara ele.

Está preparando um chá. A mãe comprou um bule transparente do Japão. Observo o botão verde-acinzentado se desdobrar e florescer no centro do bule.

— Chegou correspondência pra você.

— O que é?

— Está na mesinha.

Pego um envelope grosso almofadado com meu nome e meu endereço escritos com caneta preta. A tinta estava acabando e a última linha do endereço está arranhada com golpes frenéticos de caneta entalhados no papel.

O envelope é grosso basicamente por causa do plástico-bolha. Dentro há maços de papel vermelho. Quando tiro, vejo que são papéis recortados no formato de animais do zodíaco, do tipo que espalham por toda parte no Ano-Novo chinês. Conto onze deles, o coração batendo na garganta. Só está faltando o coelho. Tateio o envelope para ver se tem mais alguma coisa e procuro com cuidado o endereço do remetente, mas não encontro nada.

— Marketing viral — diz Julius. — Muito bem-feito. Parece autêntico, como se um pobre estagiário realmente tivesse usado uma caneta que estava falhando para anotar todos os endereços. Talvez a logo esteja em tinta invisível. Fabricantes chineses. Hum, tenho um palpite de que agência seria. Deixe eu ver.

— Não — respondo.

Coloco os papéis de volta no envelope. Papel-crepom fino, deixando um leve cheiro de poeira nas minhas mãos. Tenho o impulso de escondê-los. Sei que não é alguém tentando me vender alguma coisa. É alguém tentando me

contar alguma coisa.

Aos oito anos, lembro que uma velha que cheirava a poeira pressionou papéis como aqueles na palma da minha mão. Imagino seus olhos tristes e escuros e estremeço.

À noite, sinto uma presença em meu quarto. Devem ser duas ou três da manhã — a hora da bruxa para alguém em algum lugar. *Quem acredita sente*. Não era isso o que a tia louca da Szu dizia? Tia Yunxi, proponente de seu estilo próprio de vodu.

Quando sinto alguém no quarto, a primeira pessoa, e a mais óbvia, que vem à minha mente sonolenta é meu ex-marido, Jarrold. Agora já posso dizer seu nome com tranquilidade e indiferença. Duas palavras que não significam mais nada: Jarrold Koh.

Eu me lembro do peso de seu corpo decadente e de peito ossudo na cama — ele sonhava como um cachorro, as pernas se debatendo, revirando os lençóis; por um momento raro e difuso, sinto carinho por ele. Esse homem que não passei a odiar, mas por quem desenvolvi desdém, desinteresse total e absoluto. O que é ainda pior do que o ódio. Perto do fim, quando não discutíamos mas preenchíamos o lugar com um nevoeiro nocivo de conflito, ele era o primeiro a falar. A tentar me explicar as coisas ou me acusar de não ouvir, e isso literalmente me fazia dormir. Com as pálpebras teimando em fechar, eu beliscava meus braços com as pontas irregulares das unhas para me manter acordada. E ele percebia, é claro que percebia. Só de pensar nisso minhas pálpebras começam a pesar.

Então, lembro a mim mesma: só sinto falta dele porque estou me sentindo sozinha. E é menos solitário do que não ter saudade de ninguém. Porque não temos mais que nos apertar na mesma cama e manter a farsa de compartilhar a vida típica dos jovens casais. Como se a vida fosse um pacote de salgadinho tamanho família. Como se fosse possível encaixar peças diferentes. Como se todos fossem feitos para a felicidade. Talvez Jarrold tenha uma chance. Penso que ele me esqueceu e se apaixonou por alguém dócil. Imagino-o sussurrando ternuras para uma garota de rosto redondo e cabelo mais brilhante e coração mais gentil do que o meu. Cada passo meloso do amor, fileiras de emojis e conversas tímidas, imagino. Noite do encontro: ele leva *lontong*, um bolinho de arroz envolto em folha de bananeira, e leite de soja da feira próxima à casa dela e ela sorri, aceita agradecida. Mais tarde eles diminuem as luzes e trepam solenemente ao som de Adele ou algo do tipo.

Todos esses detalhes que nunca vou saber, tudo isso está acontecendo. Enquanto fico aqui sozinha, sendo assombrada. E isso me faz acordar um pouco, me traz de volta ao corpo. Retorno ao peso mole dos meus membros besuntados com manteiga de carité no colchão e a todo o espaço à minha volta, o cobertor só meu. Então percebo que a presença que sinto não é Jarrold, mas uma mulher ao pé da cama. Sua sombra se estende até o travesseiro.

Há muito tempo parei de acreditar que nós é que atraímos as coisas, boas ou ruins. Mas esta noite parece muito óbvio, meio acordada, que Szu aparecesse para mim, porque tenho consumido muita energia pensando nela. Não é escolha minha a sensação de que alguém está aqui.

Szu está vestindo nosso uniforme da escola secundária. Seus sapatos brancos gastos são a única coisa iluminada pela fatia de luar que entra através das frestas da persiana da janela. Braços cruzados. Está mais esguia e tão ossuda quanto a lembrança que tenho dela. Quando assimilo sua silhueta, os traços do rosto um pouco embaçados, não grito. Por que ela me assustaria? Nunca foi capaz de intimidar.

— Circe, como vão as coisas? — diz ela, e não parece hostil nem triste.

Sua voz é tão prosaica e familiar que me faz engasgar. O tom é um pouco estranho. Ela parece uma daquelas dublagens americanas de animações japonesas, levemente fora de sincronia.

Minha língua se descola do fundo da boca.

— Que merda é essa? — deixo escapar.

E de certa forma estou sendo sincera. Como vão as coisas ultimamente? Resposta: em um estado constante de que-merda-é-essa-que-está-acontecendo. Não sei se minha boca está se mexendo ou se estou dizendo as palavras em pensamento.

Sou tomada pelo impulso de estender as mãos e agarrar Szu pelos pulsos esqueléticos. Quero segurar seus ombros, com a liberdade indiferente dos velhos tempos, e dar um chacoalhão. Perguntar o que deu errado. Em geral e especificamente.

A internet pode me dizer em um milésimo de segundo onde minha velha amiga está de verdade, mas isso daria início a um jogo do qual não quero fazer parte. Não quero saber porque isso significaria convidar o passado para voltar como sintoma do presente torto. Nossa história acabou. *Não me importo e não quero saber*. É história antiga.

A imagem de Szu desvanece e tremula no pé da cama, e ela descruza os

braços. Logo o despertador escandaloso vai ressoar em meus ouvidos, e os pássaros vão grasnar seus refrãos lá fora, e o dia, sempre o dia, tudo de novo.

— Que jeito de me cumprimentar — retruca Szu, e desta vez parece que sou eu falando. — Principalmente depois do que você fez.

Ela deixa as palavras se assentarem sobre o quarto, como folhas caídas de uma árvore. Meu estômago revira. Não consigo me mexer, nem mesmo me encolher. Ela abre a boca de novo.

— Vá embora — digo, mas tudo o que sai é um gemido, e os cantos do quarto viram um borrão.

Enquanto entro em sono profundo, penso: não quero nunca mais saber de Szu ou vê-la. Se encontrá-la, vou correr na direção contrária. Mesmo que meus pés não obedeçam, vou obrigá-los. Não quero saber se ela parece tão precocemente esgotada quanto eu aos trinta e três ou se está radiante; se ganhou peso, se está mais saudável; se arrumou o rosto ou cortou todo o cabelo, fez luzes; se tem uma cicatriz de cesárea ou ossos quebrados, se mora neste país ou em outro continente. Ou a coisa que mais temo, se morreu há sabe Deus quanto tempo e eu estava distraída demais com minha própria vida para sequer suspeitar.

*

Acordo com um solavanco. Minha mão esquerda se debate no travesseiro, e inspiro o ar com força assim que o despertador dá início a seus apelos polifônicos. Tateio procurando o celular e o silencio. Estava tendo um sonho cheio de ação, até ele ser interrompido. Minha cliente Jolene estava correndo atrás de mim; Jolene transformada em assassina, de repente assustadora com o penteado de estrela pop e sua pele de brilho acetinado. Corri dela por um corredor do FairPrice com luzes piscando e prateleiras cheias de caixas de cereal. Calçava sapatos de solas finas demais, que me davam a sensação de que ia perder o passo a qualquer momento.

Me arrumo para ir trabalhar, engolindo em seco o gosto amargo na boca. A duas paradas do escritório, me lembro de Szu ao pé da cama, me provocando.

Quando Amisa foi para o hospital, Szu ficou obcecada com a morte. *Quanto tempo alguém levaria para morrer se não comesse ou não bebesse nada?*, perguntava. Ela me fazia pesquisar essas coisas na internet porque não tinha computador.

Eu não a censurava. É difícil não ficar fissurado com a morte quando ela está olhando na cara da sua própria mãe. Segundas e quartas depois da escola eu ia com Szu até o hospital Mount D., um complexo enorme de prédios azul-esverdeados e de um bege deplorável. Arrastando os pés, contornávamos o balão que levava à porta e entrávamos na recepção com ar-condicionado, pegávamos o elevador até o terceiro andar e virávamos à esquerda duas vezes no piso emborrachado e esterilizado que fazia nossos sapatos de lona cantar.

Aos dezesseis anos eu nunca tinha perdido ninguém na família, nada próximo a ponto de mexer comigo. Mas da TV e dos filmes eu sabia o bastante para concluir que todos os hospitais na verdade parecem iguais. E essa uniformidade era mais crua e brutal do que reconfortante.

Tia Yunxi não economizou. Amisa ficava em um quarto individual, com uma parede de vidro para observação. Eu tentava não olhar os outros quartos a caminho do dela, mas não resistia. Tudo na ala era limpo e esterilizado a ponto de ter um brilho plástico. Embora não houvesse placas, Szu e eu sabíamos que estávamos no Vale dos Sem Esperança. Aprendemos sobre esse lugar em filmes feitos para a TV, mas era surreal estar à deriva em um deles. Tínhamos que observar o decoro. Ficar com as mãos cruzadas, os pés juntos, a cabeça baixa. O cheiro no ar era uma mistura de desinfetante e doença. O desinfetante não curava a doença; só tentava anular a infecciosidade de uma superfície. Um diagrama em um aviso na parede dizia: não lavar as mãos e tocar a boca, sem pensar, pode ser suficiente para ficar doente. Sem o devido cuidado, até uma doença simples pode se transformar em algo sério. Como se precisássemos de mais lembretes. O ar da ala era pesado, solene. As cortinas ao lado das camas eram violeta, e os outros pacientes pareciam mais velhos do que Amisa.

No Vale dos Sem Esperança certas palavras eram proibidas. “Morrendo”, “terminal”, “injusto” são alguns exemplos que lembro. Nada evidente, nenhuma expressão de indignação, nenhum alarme. Velhos trêmulos, de olhos bem fechados, respirando com a ajuda de aparelhos, enquanto os filhos de meia-idade ficavam ao lado da cama, já tendo passado do ponto do choro. Avós minúsculas com coroas finas de cabelo, pele repuxada e amarelada, ou de um azul-acinzentado inchado e sem cor por causa da medicação, os remédios caros entrando pelas veias daqueles corpos débeis. E, no fim do corredor, Amisa Tan.

Sua condição havia piorado nos últimos dois meses até ficar claro que ela

precisava ser hospitalizada. Antes, enquanto a doença permanecia inaudita, era fácil confundir seus sinais cada vez mais nítidos com uma fragilidade nobre e condenada. Eu entrava na cozinha às três da tarde e via seu perfil delicado inclinado em direção à janela da cozinha, em paz por um instante. Quando olhava para nós, ela sustentava uma expressão de ira vã, como se fôssemos oficiais de justiça que tinham vindo confiscar seus móveis. Amisa levantava o nariz para mim sem disfarçar o desprezo, mas isso só me fazia querer ainda mais conquistá-la. Na época eu era muito imatura para me sentir ofendida. Mas o modo como ela olhava para a própria filha era muito pior — ela olhava do cabelo bagunçado até os pés de Szu e rangia os dentes, como quem diz: *Por que ela, por que eu, por que tudo isso?*

Amisa era assim quase toda vez que eu a via. Eu desfrutava do prazer secreto do *Schadenfreude* ao ver uma mãe ser tão descaradamente cruel com a própria filha. Szu mantinha a cabeça baixa, curvava os ombros até ficar quase da minha altura e nunca desafiava a hostilidade da mãe. Até eu sabia que as coisas não eram tão simples e que não haveria um desfecho empoderador a partir daqueles insultos diários. Amisa abalava Szu mais do que qualquer uma das garotas maldosas da escola.

Quando Amisa entrou no Vale dos Sem Esperança, eu já tinha desenvolvido por ela um sentimento intenso que pairava entre a paixão e a intimidação. Ela era incorrigível e de outro mundo: uma mulher bonita que partia o coração da filha todos os dias tanto quanto fascinava nós duas. Não é isso que as revistas querem dizer quando chamam as pessoas de estrelas: esta coisa inefável, o carisma? Não importa o que digamos, nós, seres humanos, somos superficiais em essência, está programado em nossos olhos e cérebros de macaco. Nunca conheci ninguém como Amisa Tan. Ela tinha um estilo próprio de indiferença ofensiva e ao mesmo tempo atraente que eu queria desenvolver um dia.

Era a época errada para pensar nisso, para admirar o objeto da minha adoração particular e grotesca. Seu rosto tinha perdido a cor, as maçãs do rosto estavam muito fundas. Ela estava morrendo; era óbvio, embora ninguém tivesse coragem de dizer. Não esqueço sua aparência no fim. Cabelos escuros com mechas grisalhas espalhados pelo travesseiro, o peito subindo e descendo como o de um passarinho. Era cada vez mais frequente encontrá-la dormindo quando a visitávamos. Yunxi nunca ia junto; dizia a Szu que precisava ficar em casa, atendendo os clientes. Afinal, precisavam manter o negócio funcionando.

Certa tarde quando chegamos, Amisa estava sentada na cama. A camisola hospitalar azul estava amarrotada, e ela parecia uma boneca de porcelana aninhada em papel-crepom. O rosto estava inchado e pálido. Ela piscava como se tivesse cisco no olho.

— Oi. Como você está se sentindo hoje? — perguntou Szu.

— Olá, sra. Ng — cumprimentei.

— Vão embora — retrucou ela.

Eu me encolhi. Então, ela virou para a filha.

— Aposto que você está feliz por me ver assim — disse Amisa, com a voz bastante rouca. Dava para perceber que ela precisava se esforçar para projetá-la com tanta veemência. — Você me custou caro.

— O quê? — questionou Szu, com a voz fraca, embora Amisa tivesse falado alto o suficiente para que nós duas ouvíssemos. — Por que você está dizendo isso?

Comecei a recuar em direção à porta, as mãos geladas, pontadas de dor e vergonha nas costelas.

— Porque é verdade — respondeu Amisa.

*

Em 2003, a neblina persistiu. A síndrome respiratória aguda grave havia irrompido em Guangdong no ano anterior e se espalhara pela região. Pessoas morreram. Todos estavam com medo de serem infectados. Alguns usavam máscaras hospitalares idiotas, mas Szu e eu preferíamos morrer a nos juntar a eles. Andávamos pelo Heeren como dois peixes-anjo, olhando discretamente para os garotos. Nossos longos cabelos escuros como caudas delicadas e finas. Nossas vozes murmurantes ecoavam pelos corredores de shopping centers — Takashimaya, Far East, Heeren. *Não é fofo? Ficou bom? Muito caro. Parece barato. Perfeito para um encontro daqueles. Que encontro daqueles? Ha, ha*. Conversinha de comércio. Éramos o alvo, adolescentes mimadas com propensão a fazer compras para driblar o tédio. Éramos mais poderosas do que percebíamos.

Com cinco meses de amizade, Szu e eu desenvolvemos uma obsessão maníaca por cremes japoneses. Ou melhor, eu desenvolvi e ela foi atrás. Às vezes, depois do hospital, íamos ao Wisma. Nós nos demorávamos na pequena loja da Sasa que ficava ao pé de uma escada rolante gigante, analisando rótulos mal traduzidos até que a atendente, com o cabelo alisado

e cílios falsos que pareciam patas de aranha, nos mandasse ir embora se não fôssemos comprar nada. Revirando os olhos mas felizes em segredo pela desculpa, comprávamos coisas. Ainda pegando a carteira, já sabíamos que aqueles produtos não iam funcionar para nós; eram feitos para garotas japonesas que viviam em um clima mais frio, seguiam uma dieta de missô e sashimi e tinham a pele boa e sem poros. Em Cingapura, são necessários apenas três segundos para que um sebo se forme na sua testa. Szu e eu esfregávamos freneticamente a zona T com papel matificante e afastávamos as mãos envergonhadas e enojadas pela camada de óleo que ficava na superfície antes azul e sequinha. O aroma sutil de óleo de linhaça e medo. Será que ficaríamos assim para sempre, entre compras e preocupações?

Durante a adolescência, tudo o que a gente sabe é tudo o que a gente sabe, o que não deve ser ignorado. Temos uma visão estreita do mundo, e os riscos são menores, mas sentidos com a mesma profundidade. O céu adolescente eram o piso de mármore das lojas e letreiros laterais de neon, atrás de balaustradas de vidro. Um mundo perfumado e seguro. Coisas compradas com trocados. Uma blusa, uma presilha de cabelo, um tubo de brilho labial caro que eu sabia, ainda abrindo a embalagem, que não ia me deixar mais bonita. Nada além de uma camada estranha de óleo brilhante colando minha boca.

— Minha mãe tem uma coleção incrível de coisas que pegou dos sets de filmagem, mas ficam trancadas, senão eu te mostraria — gostava de dizer Szu, e eu assentia; eu gostava de ouvir.

Não me importava que Amisa não fosse tão famosa quanto Szu dava a entender. Ou que Szu fosse imprecisa quanto a quais admiradores famosos tinham lhe deixado espelhos compactos com pó de pérola e potes de cremes exorbitantes. Na época nem me toquei: que tipo de admirador daria creme noturno de presente a uma mulher? Eu não queria assistir à trilogia por medo de que fosse horrível e acabasse com a ilusão. A verdade é que Szu e eu contávamos meias verdades uma para a outra. Éramos cúmplices em nossos exageros mútuos. Além do mais, eu era fascinada pela carreira de estrela de cinema breve, porém sedutora de Amisa, uma moldura na qual exibíamos nossas fantasias de fama, a suspensão compartilhada da descrença. A voz de Szu assumia um tom de reverência quando falava sobre os três filmes.

Ficávamos em seu quarto lendo revistas, e juntas cobiçávamos cremes caros e paletas de sombras cintilantes com temas de bailes de gala que nunca

frequentaríamos. Quando não estávamos gastando dinheiro, sonhávamos com coisas que compraríamos para nos sentirmos mais bonitas, mais fortes, vacinadas contra o mundo.

*

Quando saio do escritório está chovendo grosso; penso na chuva ácida e me pergunto se é corrosiva. Células da pele danificadas. O verme dentro de mim se encolhendo. Estou a cinco minutos do MRT quando o céu cede ao aguaceiro, tão cruel que parece pessoal. Tempestades me assustam pra caralho. Golpeada pela chuva, aperto o passo. Sem guarda-chuva, não tenho escolha a não ser correr como uma galinha até a escada rolante da estação. Meus pés estão próximo demais da beira do degrau prateado, e sinto uma umidade desagradável nos calcanhares. Quantas vezes por semana me pergunto como seria cair ali embaixo? Será que eu morreria ou só bateria a cabeça? Entro no trem e as portas se fecham. Sob a luz verde nada favorável do vagão, todos olham os celulares.

Devo ter o único telefone burro da cidade, porque ele tem andado caprichoso, mentindo ao avisar que perdi ligações e apitando por nada. Verifico a vibração no bolso; mais um alarme falso, ninguém atrás de mim. Esfrego os olhos e me ajeito, agarrando a alça do trem. Uma leve cambalhota nas costelas. Cestoda, agitado. Quando começo a me distrair, vejo o topo da cabeça dela. O choque parece um miniataque cardíaco.

Szu está em pé do outro lado da porta de vidro. Um borrão de tias e *ah bengs*, chineses desqualificados, ao seu redor. O cabelo está preso em um coque baixo, mas ela ainda tem o mesmo perfil adolescente sonolento. Por um instante penso que me enganei. Mas ela se vira para mim de uma vez quando o trem começa a andar. Encaramos uma à outra. Íris castanho-escura com íris castanho-escura. Aquele olhar louco inconfundível. Então ela desaparece.

8
SZU
2003

Depois de desinfetarmos as mãos e atravessarmos o corredor na ponta dos pés, Circe aperta o botão do elevador como se nossas vidas dependessem de uma fuga apressada. Por um segundo me pergunto se ela acha que toda essa morte à nossa volta é contagiosa. Mas, quando as portas se abrem, também sinto a urgência e o alívio, como se tivesse me livrado de um peso. Estou tão feliz quanto ela de estar descendo para o saguão, onde uma tia de cabelo ruivo com um permanente empurra uma cadeira de rodas. Qualquer movimento, por mais lento que seja, parece esperançoso em comparação às cenas acamadas a que estamos acostumadas.

Um homem com equimoses no rosto e olhos turvos está na cadeira de rodas. Ele se parece um pouco com um ator que fazia o patriarca ranzinza da novela das nove no fim dos anos 1990, um apostador trapaceiro que causava intriga em um negócio de família. Seu olhar nos segue pelo corredor até a recepção.

Quando saímos do hospital e nos vemos sob o sol, Circe diz:

— Tudo parecia bem no Vale dos Sem Esperança hoje. As máquinas apitavam pacíficas. O ar cheirava a xarope para tosse sabor banana.

Não a incentivo, só mexo o rosto até formar algo que lembre um sorriso. Circe insiste em chamar a Ala 12A de Vale dos Sem Esperança. Assistimos de novo a *Em busca do vale encantado* no quarto de Circe esses dias, em um VCD riscado. Os quadros congelavam e saltavam esporadicamente, e sentíamos pena dos bebês dinossauros com pele de tom pastel desbotada e voz suave, tentando atravessar as planícies traiçoeiras para encontrar os pais. Foi daí que Circe tirou a ideia do nome. Não quero deixar que o nome pegue, que essas visitas se tornem só mais um ingrediente de suas anedotas, embora eu também já tenha começado a chamá-lo assim na minha cabeça.

Isso faz da minha mãe a Rainha do Vale dos Sem Esperança. Olhe só para ela escorada no trono, cercada de travesseiros ásperos, com uma beca de

papel e um suporte de soro fazendo as vezes de cetro. Está reinando há três semanas. Se ela é a rainha, não é improvável que um dia vá embora? Não quero pensar nisso. Tudo o que posso fazer é observar o monitor com aquele *bipe-bipe-bipe* impessoal e as linhas de sua respiração. E quando deixo a ala não consigo tirar seu rosto esticado e brilhoso da cabeça. *Por favor, melhore e volte a parecer normal. Simplesmente melhore e permita que eu a odeie em paz.*

Circe e eu saímos pelas portas automáticas, e o sol me faz estreitar os olhos. Penso na frieza do hospital e na mãe que deixei lá cochilando na cama — é isso, uma semicochilada eterna, nunca um sono profundo, por causa dos apitos e da dor.

São quase quatro da tarde, e a entrada de concreto reflete a luz do sol bem em meus olhos. Talvez eu fique cega. Parte de mim inveja os carteiros depressivos na Islândia sobre os quais li em uma revista na sala de espera, fazendo as entregas da manhã no solstício de inverno. Ter só quatro horas de sol pode fazer a pessoa ficar triste, pedalando em bicicletas que rangem no escuro e no frio implacável. Imagine ter horror à vida por deficiência de vitamina D, tendo a consciência de que a única coisa que lhe falta é a luz do sol.

— Vamos — diz Circe, me guiando em direção ao ponto de ônibus. — Você não pode ficar parada desse jeito.

Nos últimos dias reconheci que é isso o que eu faço: congelo porque demanda energia demais orientar meus pensamentos até formular algo suportável, e esqueço como me locomover.

*

Este fim de semana é Dia dos Namorados, e nossas colegas estão agitadas com a expectativa. As Disponíveis, nós duas incluídas, estão aflitas se perguntando se os garotos sem graça que conhecem vão convidá-las para sair, de última hora, em uma mensagem de texto superficial ou um fluxo sinuoso de mensagens instantâneas tarde da noite. As Comprometidas sonham com os namorados com fervor renovado. Seus rabos de cavalo pendem como flores cheias de néctar. Rostos apoiados nas mãos durante as aulas da tarde, Geografia ou Literatura Inglesa, sem aprender nada, os olhos piscando lentos como se fossem fechar, com um olhar meloso e açucarado brilhando sob as pálpebras. Circe também reparou no aumento periférico de

pele oleosa, com punhados de espinhas florescendo nas bochechas coradas das Comprometidas.

As Garotas Comprometidas também têm as seguintes características inconfundíveis: vagam por aí atordoadas, desatentas, em espasmos eternos de êxtase; enfiam o nome do namorado, ou o prefixo "meu namorado" em qualquer conversa. Antes do momento cívico e depois da aula elas se reúnem e comparam seus relacionamentos. Soltam um tipo de risada secreta e presunçosa, um som tribal de frequência particular que só quem é de sua classe é capaz de decodificar e reconhecer. Ele irrita os ouvidos de todas as outras pessoas. Até os professores e as moças da limpeza viram a cara quase sem disfarçar a irritação.

Sarah Choo é a pior de todas. Pelo que fiquei sabendo, está namorando há um mês. Os dois se conheceram na igreja. Ela não para de falar dele. Cobre a boca com a mão e levanta os ombros, como uma má atriz interpretando o papel de Colegial Risonha. Circe revira os olhos para mim, e dou de ombros. Frases ouvidas por acaso: "Até onde foram?", "Quase lá", "Ainda não", "Combinamos que vai ser em breve. Muito em breve" (risadinha).

No intervalo, a fila para comprar bebidas é longa e lenta. Chacoalho os trocados no bolso. As moedas suadas e escassas na mão. A garota na minha frente não para de levar a pulseira até a boca e morder os pingentes em formato de estrela.

— Dá para sentir o cheiro dos hormônios. É nojento — resmunga Circe atrás de mim.

— Elas estão tão excitadas que estou ficando enjoada — respondo, baixando a voz ao dizer "excitadas".

A garota na nossa frente olha para trás franzindo a testa.

— A *Noite* dos Namorados é quando todo mundo trepa que nem cachorro — continua Circe, em um sussurro obsceno. — É quando Sarah Choo vai arranjar um pretexto para ir à casa do namorado. Ele vai garantir que os pais saiam para jantar, para os dois poderem fazer barulho à vontade. Aposto que ela tem uma calcinha especial que está guardando...

— Eca, pare.

— Cheia de frufru, fúcsia. Bem clichê.

— Você é nojenta.

— Rosa com estampa de oncinha — diz Circe, mas já está perdendo o interesse por esse número, claramente inspirado pelos garotos de

fraternidade indecentes e irritantes dos filmes adolescentes a que andamos assistindo.

Se as escolas nos Estados Unidos forem iguais à de *American Pie*, então todos são obcecados por sexo, pensam, respiram, sonham, se gabam, planejam e especulam sobre o assunto sem parar. Os garotos todos têm dentes perfeitos e maxilar marcado. Dão soquinhos uns nos outros e gritam quase genuinamente. As garotas ostentam abdomes bronzeados e luzes cor de mel, e dispõem de uma oferta infinita de frases de duplo sentido e respostas espirituosas. Todos parecem ter uma compreensão mais aguçada da adolescência do que nós. É deprimente.

Viramos para a Sarah Choo, que está sentada com uma bandeja a uma mesa lotada perto de nós. Olhamos para seus tornozelos grossos compensados pelo nariz arrebitado de Buffy-a-caça-vampiros. Tentamos imaginar o namorado lendário. Será que ele é fã da Buffy? Será que ela o enlouquece? Nenhuma de nós diz uma palavra, mas dá para perceber que estamos pensando a mesma coisa: *O que ela tem que eu não tenho (além do nariz)?* E ao mesmo tempo: *O que tem de errado comigo*? Nós duas sabemos que as respostas a essas perguntas, se é que existem, não são quantificáveis.

Circe e eu nunca namoramos, nunca tivemos que inventar estratagemas elaborados ou álibis frágeis para ficarmos sozinhas com alguém em algum lugar escondido onde não deveríamos estar. Os pais de Circe dão o mínimo possível de atenção a ela, e eu ficaria emocionada se a mãe que me resta desconfiasse que sou sociável a esse ponto.

Circe me disse que trocou alguns beijos desajeitados com dois garotos decepcionantes, um deles um ano mais novo e o outro, da nossa idade. Ela não fala mais com nenhum dos dois; os beijos e apalpadas aconteceram no fim de duas tardes surreais. Antes das seis da tarde e do fim da linha do ônibus cento e setenta e sete, as parcerias já tinham acabado.

— Um deles fumava — disse ela. — Tinha gosto de doença pulmonar.

A escolha de palavras me fez estremecer.

Ela conheceu um dos garotos no bar de sinuca escuro perto do Peninsula Plaza e o outro, no segundo andar do fliperama MultiLeisure. Tenho setenta por cento de certeza de que esses garotos existem. Como criminologistas amadoras, visitamos os locais da paixão, analisando os *ah bengs* com gel no cabelo de uma forma que esperamos que pareça despreocupada e encantadora, duas ousadas coquetes francesas importadas diretamente de um filme de Godard, não duas cingapurenses que estudam

em um convento e têm manchas de suor nas costas do uniforme e círculos em volta do tornozelo causados por meias apertadas. O fliperama cheira a manteiga de pipoca vomitada e água sanitária. Tática de sedução: nos apoiamos em paredes manchadas e pegajosas, respirando devagar, observando tudo. Não é esse o sinal de acasalamento das algas marinhas, das anêmonas? Sem resposta, nem mesmo um olhar para nossos seios ou nossa cara. Nenhum sinal de vida sensível; só o zumbido dos ventiladores, o som da bola branca rolando. Tento a sorte duas vezes, e nada. Sou uma garota-fantasma, uma imitação do que uma garota deveria ser.

— Tinha alguma coisa no ar, no verão passado, para mim, e agora que completei dezesseis anos passei do ponto — comenta Circe, brincando daquele jeito meio grosseiro, meio profano que, quando eu tento usar, parece melancólico demais.

Ela chama de Verão do Amor. Na época pensei: não sei o quanto ela sabe sobre o amor. Mas eu também não sei. Fui imprecisa quanto a minhas experiências. Disse à Circe que beijei um garoto no Natal, um indonésio amigo de uma amiga. Ela nunca me pressionou para que eu contasse mais (que outra amiga, por exemplo), talvez por delicadeza. Mesmo assim, eu disse que ele era muito rico e muito quieto. Petróleo, joias. Disse que ele reclamou de os efeitos do grande nevoeiro de Sumatra, que ainda estão se dispersando pela costa, terem entupido seus pulmões e feito com que cuspisse sangue enquanto dormia. Eu sabia que estava exagerando um pouco, mas Circe nunca falou nada. Se for pressionada, estou preparada para citar algum diagnóstico elaborado, a fumaça e o sabor de cobre da língua dele penetrando em meus dentes. E é verdade: se me concentrar bastante sinto o beijo-fantasma, sua umidade e seu alcance.

Às vezes ele tem dezoito anos. Outras, inimagináveis vinte e três. É mais alto do que eu, tem um pescoço macio no qual descanso minha cabecinha aflita. Seu rosto é parecido com o de Benson Chen, um dos semifinalistas de *Star Search* que está sempre na TV vendendo produtos para a pele. Benson Chen é pálido e translúcido como um bolo lunar nevado. Tem cabelo preto comprido que emoldura seus traços femininos como cobertura de bolo. Circe sabe que tenho uma queda por ele. O que nunca menciono é o quanto ele me lembra seu irmão.

Leslie Low é dois anos mais velho do que a gente, o que quer dizer que depois que terminar as provas finais vai se alistar no Serviço Nacional. É difícil imaginar Leslie de uniforme militar e cabeça raspada, empunhando

um rifle. Parece que ele nunca sai do quarto na mansão espaçosa com piso de taco dos Low. Parece uma peça de xadrez em posição de empate por afogamento. Resmunga em sua própria língua de garoto solitário. Dei de cara com ele ao pé da escada quatro vezes.

Circe protege Leslie como uma adaga. Ele a chama de Sisi às vezes. Casualmente, mas parece ser uma piada interna antiga. Ela sempre o chama pelo nome, Leslie. Quando fala dele, ela se eriça um pouco, claramente orgulhosa.

*

As duas garotas mais bonitas, de longe, da nossa turma flutuam pela cantina. Se chamam Trissy e Meixi. Todas as outras garotas se arrastam com estardalhaço pelo piso recém-trocado, mas os sapatos brancos de lona das duas não fazem nenhum barulho. A luz da manhã ilumina suas tranças compridas e macias, agracia seus ombros de patinadoras. Não as imagino envelhecendo ou ficando mais bonitas do que são. Não há limites para esse tipo de inveja branda; ela faz de mim uma coruja melancólica e vidrada. Estico o pescoço para observá-las indo embora.

Os namorados de Trissy e Meixi têm dezenove anos: gêmeos lindos. Nenhuma das duas é virgem. No Convento Whampoa dos Eternamente Abençoados, notícias como essa não são apenas boatos abafados. O telefone sem fio funciona perfeitamente. É impossível ignorar as histórias sussurradas.

Trissy parece uma atriz coreana sensual. Seu rosto parece astuto e ao mesmo tempo ela tem cara de quem não se importa com nada nem ninguém. Às vezes acho que ela poderia desfrutar de qualquer poder a que minha tia Yunxi tem acesso, mas Trissy seria uma vidente sociável e popular. Segredos ferozes e cinéticos brilham e se se propagam à sua volta como um incêndio incontrolável.

Lee Meixi tem pernas que não acabam mais e um rosto com formato de coração feito para ser admirado. Nunca a vi suar. Nunca a vi com uma expressão que não fosse serena. O que se passa ali dentro? *Alguma coisa*, seus olhos dizem. *Mas você não é boa o suficiente para ouvir.* A beleza é uma armadura. Desde que a conheço, minha mãe age como se fosse invencível por ser bela.

Minha mãe e eu assistimos a um filme chamado *Entre o amor e a glória* na TV certa vez, quando eu tinha mais ou menos oito ou nove anos. No

filme, uma mulher linda e gentil é acusada de assassinato, e seu amante se vira contra ela. Lin Ching Hsia, com as sobrancelhas impecavelmente franzidas e queixo fendido, interpreta a mulher. Quando é injustiçada e rejeitada, fica tão furiosa que seu cabelo se torna platinado como o da Marilyn e bem comprido. Sua nova encarnação é maravilhosa; "homicida" é uma postura que lhe cai bem. Ela tem um surto violento. Espadas se chocando, movimentos e efeitos sonoros de lutas coreografadas. Eu me lembro muito pouco do que acontece no filme, só da minha mãe agarrando meu braço até cravar as unhas, deixando marcas de sangue preso por baixo da pele. Ela tremia. Queixo projetado, boca tensa. Olhos levemente marejados, como se fossem alérgicos ao que viam. Lembro que tive medo de saber exatamente o que estava se passando em sua cabeça, mas pude imaginar, mesmo naquela idade, como ela devia se sentir ao ver outro belo monstro, muito mais famoso, quebrando tudo na tela.

*

Vou para casa só quando não tenho escolha. As aulas acabaram. Circe está ocupada com o coral. Depois de dois bimestres, ela está mais envolvida com o grupo. Cita os nomes das garotas com quem canta de vez em quando: Rong En e Angela. Sei que elas existem, mas não as conheço. No fim da tarde, com o horário comercial chegando ao fim, os carros começam a sair da rua encurvada. O pátio está quase vazio, e o guarda no portão acena sem vontade quando finalmente vou embora.

Andando do ponto de ônibus até a minha casa, sinto como se tivesse pedras no peito. Abro o portão enferrujado, que range como um filhote de dinossauro. Arrasto os pés pela calçada comprida. Enquanto caminho o céu passa de um marrom leitoso para um azul-cinzento escuro, como se alguém tivesse apertado um interruptor. A cidade é cheia de luzes de neon irradiando dos conjuntos habitacionais, dos arranha-céus. Não dá para ver as estrelas por causa de tanto brilho. Nunca vi a noite normal, nunca saí do país. Tirar férias é uma ideia estranha para mim. Um céu de verdade é coisa de fotografia: estrelas espalhadas em constelações estonteantes. Não tem nada disso aqui. Muita luz artificial.

Viro a chave na fechadura, entro no hall. Com minha mãe no hospital, a casa está ainda mais silenciosa. Não que ela fizesse muito barulho quando estava acordada, mas agora é como se tivessem retirado um abafador e a

gente pudesse ouvir todos os sons dentro das paredes. Tubulações e compensados expostos, um ruído velho e feio. Os lagartos correm atrás do reboco. Eles saem mais sem minha mãe aqui. Parecem ousados, destemidos.

Ajudo tia Yunxi a arrumar tudo para uma consulta noturna. Ela vai receber uma mulher cuja filha tem um buraco no coração. Tiro o pó do altar. Tudo precisa estar exatamente no lugar que minha tia mandar.

— Você parece muito triste — comenta tia Yunxi.

Largo um prato de noz-de-areca e viro para ela. Ela acabou de meditar e parece sonolenta. Sempre foi velha, mas agora parece uma ruína antiga. Muito abatida e enrugada. Me pergunto quantos anos vai demorar até que o meu rosto se enrugue como o dela.

Ela se aproxima e coloca um dedo gelado embaixo do meu olho direito com delicadeza.

— Você está com cara de que precisa dormir mais. Não se preocupe, garota. Por que não vai tomar uma sopa de peixe? A titia pode arrumar aqui sozinha.

— Estou bem.

— É difícil ver sua mãe daquele jeito — continua tia Yunxi. — Para mim, também. Há muito tempo, eu disse a ela que trazia má sorte vestir roupas brancas e fazer papel de má. E agora…

Ela para de falar e suspira com força.

— Agora o quê? — pergunto. — Ela vai melhorar? Você consegue prever?

Pareço uma de suas clientes.

Tia Yunxi pega minha mão e a aperta. A dela está ressecada e gelada. Procuro seu olhar, mas ela fica olhando para o meu pescoço.

— Podemos rezar e esperar, Szu — diz ela com sua voz normal. — Não posso forçar as coisas.

9
AMISA
1976

No dia seguinte, ela faria dezoito anos. Grande coisa. Quando chegou para trabalhar no Paradise Theatre, encontrou o gerente, Pok Hian, todo cheio de si, instruindo a todos que o chamassem de Rocky. Estava se sentindo especialmente bruto com o novo nome e obrigou-a a esfregar um banheiro infestado de cocô mole, fruto de alguma crise de diarreia; ela não conseguiu pegar nem o finzinho de um filme.

Quando Amisa chegou em casa naquela noite, a mulher que morava no quarto ao lado tinha deixado a porta aberta. Seu nome era Yunxi e era impossível saber exatamente quantos anos tinha. Era da província de Fujian, próximo às montanhas, e se mudara para Cingapura havia vinte anos. Elas conversavam em mandarim. Yunxi tinha um sotaque pesado que soava muito melhor e mais refinado do que o de Amisa; era sua entonação. Seu cabelo parecia mudar de cor, de todo preto para salpicado de branco e grisalho. Certos dias, Amisa achava que ela poderia passar por uma mulher de vinte e cinco anos. Em outros, parecia ter o dobro, com os olhos tão fundos e cansados que a garota nem puxava conversa.

Yunxi era uma mulher franzina que batia as portas dos armários da cozinha e fazia tudo com uma energia vibrante. Embora nunca tivessem falado explicitamente sobre o que ela fazia, Amisa ouvia o fluxo de vozes masculinas sussurradas que preenchiam e deixavam seu quarto durante toda a noite até as primeiras horas do dia.

Amisa se surpreendeu ao ver Yunxi deitada de bruços na cama de madeira dura, com a blusa levantada revelando uma faixa de pele amarelada e marcada pelo elástico do cós, estranhamente obscena.

— Não estou me sentindo bem. Acho que fui intoxicada — disse Yunxi.
— Intoxicação alimentar — acrescentou. — Carne estragada. Ossos velhos.

— Há algo que eu possa fazer?

— Só um pouco de chá.

Amisa ferveu um pouco de chá-preto barato e levou para Yunxi. Empoleirou-se na beirada da cama porque não havia cadeira no quarto. Pensou nos visitantes de Yunxi, nos homens que entravam de fininho tarde da noite. Não podia deixar de sentir pena de Yunxi com as bochechas fundas e os braços magrelos, assoprando o chá para esfriá-lo. Quem poderia saber tudo por que ela tinha passado?

— Como você está, Xiaofang? — perguntou Yunxi.

— É meu aniversário amanhã — respondeu Amisa, olhando para o pequeno altar no canto do quarto, onde havia um incenso e uma imagem colorida que ela não reconhecia.

— Quantos anos?

— Dezoito.

— Você é uma criança — comentou Yunxi, e bebeu o chá. — Tem tanto ainda para viver, você nem imagina.

Duas horas depois, Yunxi recebeu uma visita. Ela apresentou a mulher como sua mãe para Amisa, mas a chamava de Laoshi, professora, em tom respeitoso. A idosa tinha vindo apenas duas vezes antes, o que levou Amisa a pensar que Yunxi estava com algo sério; ela não era do tipo de pessoa que pediria ajuda caso não fosse necessário. Laoshi vestia roupa de linho marrom e tinha uma expressão preocupada, e era tão muda e enrugada quanto um shiitake seco. Encurvava o corpo diante do fogão no qual ferviam uns fungos grudentos e ervas pretas grossamente enroladas.

— Precisa de ajuda? — perguntou Amisa.

Laoshi se virou. Sorriu, revelando dentes pequenos, perfeitos e acinzentados, e fez que não com a cabeça. Amisa voltou para o quarto a fim de tentar dormir entre os turnos de trabalho. Mas ainda ouvia a tosse seca intervalada de Yunxi e, mesmo após Laoshi ter tirado a mistura do fogão, o remédio de sabor pungente invadia os corredores estreitos com seu cheiro inebriante como o de solvente, mas difícil de definir, inquietantemente mais animal do que vegetal.

Horas depois, Amisa acordou para ir trabalhar. Ela se arrastou até a cozinha. Olhou a panela e decidiu lavá-la para Yunxi. Despejou o conteúdo na pia. As ervas restantes entupiram o ralo, lembrando fios enormes de pelos pubianos.

— Não faça isso… eu estava guardando as ervas — disse Yunxi com a voz rouca.

Ela esfregou os olhos e veio até a pia. Vestia uma camisola fina com

manchas amareladas por toda parte. Quando Yunxi olhou para as ervas na pia, Amisa percebeu as picadas de insetos rosadas e os rastros de feridas em seus braços.

— Desculpe — falou Amisa. — Eu não sabia. Estava tentando ajudar.

Ela projetou o queixo, esperando uma repreensão severa; o olhar familiar e agressivo da mãe indicando que um comportamento idiota era o que se esperava dela.

Mas Yunxi fungou e deu de ombros.

— Tudo bem. Obrigada, Xiaofang.

Quando chegou em casa depois do trabalho, Amisa encontrou uma garrafa de vinho de ameixa à sua porta com um cartão desejando um feliz aniversário. Ela sabia que Yunxi a mandaria embora se agradecesse. Sozinha no quarto estreito, Amisa brindou com o espelho com uma fanfarronice ensaiada, exatamente como Amisha, a garota ousada de sobrancelha arqueada em *Lomari*. Amisha pavoneava seu sari despreocupada, se recusava a seguir as instruções do pai e roubava a cena em todos os números musicais de que participava, para finalmente fugir com o estranho lindo de doer que acabou se revelando um trapaceiro, um patife, um canalha. No fim, eles apunhalaram um ao outro e morreram. Era um grande fiasco, mas Amisa amava.

Ergueu a sobrancelha de maneira sedutora para ninguém antes de beber um gole da taça. Embora o gosto fosse nojento, o vinho era um presente; então, ela decidiu terminá-lo de uma vez. Bebeu direto do gargalo, como um dos apostadores bêbados e amarelados de nicotina de quem sentia medo sempre que os via a caminho do trabalho. Foi a primeira vez que bebeu uma garrafa inteira de álcool. Ficou feliz por ser uma garrafa pequena. A queimação e a doçura quase a deixaram enjoada.

Deitou na cama e ficou olhando para o teto. A marca de infiltração cinza acima da cama parecia florescer e se espalhar. Dezoito anos. A infância era uma piscina comprida e lúgubre da qual acabara de sair. Seu corpo ainda sentia a dor do esforço da fuga, e todos os dias, desde o instante em que abria os olhos, ela se sentia cansada. Mandava dinheiro para casa quando sobrava. Voltaria para Kampong Mimpi Sedih para visitar um dia e traria Didi para Cingapura. Mas até agora vinha adiando ligar para casa. Ainda não tinha conquistado nada, e seria mais fácil para a família especular no silêncio. A distância entre onde ela estava e o topo reluzente onde queria estar aumentava cada vez mais.

Da parede esquerda veio uma batida insistente. Um dos clientes de Yunxi. Amisa achara que ela estava doente demais para receber alguém. Nunca pegou os homens subindo a escada estreita e entrando no quarto ao lado do dela, nunca ouviu nada da própria Yunxi; só dos clientes, que com frequência pareciam estar chorando, ou tentando raciocinar em dialetos incompreensíveis. Amisa não decifrava em que língua eles resmungavam, só que as vozes masculinas indistintas e suplicantes eram cheias de tristeza e vergonha. Não tinha se deitado com ninguém desde a mudança para Cingapura, e as lembranças calorosas e gostosas do corpo a corpo que vinham consumindo Amisa nos últimos anos arrefeceram. Se aquele era o som do desejo, ela estava feliz por não o reconhecer mais.

Mesmo assim, quando os homens iam embora, Amisa tentava vê-los de relance, ainda que só pelas costas. Eles batiam em retirada muito rápido — sombras tristes se arrastando pela escada e saindo pela porta, engolidas inteiras pelo ar úmido da noite. Ela sentia o peso e a presença deles, os ouvia, mas nunca os via. Às vezes, se perguntava se não seriam invenção de sua imaginação perversa, ou se Yunxi na verdade não estaria sozinha no quarto ao lado, batendo o estrado da cama na parede, pulando nas molas barulhentas, tocando vozes adulteradas em um gravador com defeito.

*

Na manhã seguinte, quis morrer. Não imaginava como homens velhos e frágeis como Ah Huat, o vizinho morto havia tanto tempo, faziam da bebida um prazer e um passatempo. Em pé na barraca, seu peito doía e seus músculos se enrijeciam, como se o calor da feira tivesse se enfiado através de suas costelas e estivesse comprimindo seu coração até ele secar. Tudo era insuportável. Ela só precisava tentar continuar respirando. Inspira. Expira. Só isso. O cheiro de marisco era tão enjoativo que lhe dava vontade de vomitar.

— O que tem de errado com você, garota? A sua cara está verde — ralhou o sr. Lim.

A sra. Lim tirou os olhos da pilha de berbigões e emitiu um som de reprovação.

— Assim não vai dar. Olha, por que você não vai para casa mais cedo? — sugeriu ela.

— Estou bem — respondeu Amisa, e colocou a mão enluvada na frente

da boca ao sentir bile subindo pela garganta.

A cabeça pulsava como se vermes perambulassem por seu cérebro, ameaçando empurrar seus pensamentos imorais pelas orelhas.

— Você está com cara de quem viu um fantasma — comentou a sra. Lim. — Vá para casa, *lah*. Seus germes entram nos frutos do mar. Podemos ficar sozinhos o restante do dia. Descanse um pouco.

Amisa pegou o 985 em vez de voltar andando. Toda vez que o ônibus vermelho e branco passava por uma lombada, parecia que sua cabeça ia explodir. Em meio ao tumulto da ressaca, ela sentiu o calor minucioso de um olhar em sua nuca. Virou para trás com a cara fechada.

— Senhorita, tudo bem? — perguntou um homem em mandarim.

Olhava para ela da fileira de trás, do outro lado do corredor, a cabeça inclinada como um cachorro preocupado. Ela levou um segundo para reconhecer aquele rosto marcado que transmitia um desejo persistente e grosseiro. O jovem vestia uma camisa de manga curta listrada com colarinho amarrotado e calça cáqui. Parecia menos feio do que ela lembrava. Sua expressão estava mais suave, mais contida. Amisa ficou olhando para ele. Pensou na namorada que usava rabo de cavalo; fazia um tempo que eles não iam ao cinema.

— Desculpe incomodá-la, mas você não parece bem — disse o homem, que parecia tímido, não a encarando enquanto falava. — Pode parecer estranho, mas me lembro de você do Paradise Theatre. Você trabalha lá, não é?

Amisa pressionou as têmporas e pensou em dizer que ele estava enganado, mas daria mais trabalho lidar com suas contestações. Eles haviam se encontrado muitas vezes para que houvesse alguma dúvida.

— Você precisa de um médico? — tentou ele mais uma vez.

— Estou bem — respondeu ela.

Não precisava de ajuda, e, mesmo que precisasse, ela não viria dele.

— Chegou o meu ponto — disse, olhando pela janela. — Prazer em vê-lo. Tchau.

Ela estava a uns quinze minutos de casa, mas daria um jeito de ir andando, para se livrar dele. Levantou e se apoiou na barra de metal do assento, mas, quando soltou, suas pernas se dobraram com uma rapidez assustadora. O joelho direito atingiu o chão, irradiando uma dor aguda. O homem se levantou depressa e a ergueu com gentileza, apoiando o braço dela em seu ombro. Ela ainda não conseguia falar quando as portas se

abriram e ele a ajudou a descer do ônibus.

— Eu acompanho você até sua casa, você não está bem — disse ele.

Era por volta das sete da manhã e o sol tinha acabado de surgir, dominando as nuvens cinzentas e o horizonte irregular da cidade. Amisa não disse nada e se apoiou no braço dele enquanto andavam pela avenida de conjuntos habitacionais e algumas lojas de pneus, o tintilar de xícaras e pires e bate-papos nas cafeterias.

— Tenho um tempo antes de entrar no trabalho — explicou ele. — É caminho.

— Aham.

— É bom ver você de novo.

— É.

Quando chegaram à ponte, o homem virou para ela e disse:

— Então, me chamo Wei Loong. Qual é o seu nome?

— Amisha — respondeu ela.

Os olhos delineados com kajal da garota do filme flutuaram atrás dos dela.

— Amisa?

— É, pode ser. Amisa — disse ela.

Era mais fácil de pronunciar. Se aquele imbecil do Pok Hian podia se reinventar, por que ela não poderia fazer o mesmo?

Passou o restante da caminhada em um estupor satisfeito e onírico, as sílabas dançando em sua cabeça. Amisa parecia original. Amisa parecia brilhante. A ressaca subiu pelos andaimes e se dissolveu no ar puro e claro. Quando chegaram à porta, ela já tinha concordado em encontrar Wei Loong no Kallang Theatre para assistir a um filme mais tarde.

10
SZU
2003

O tempo parece passar aos trancos e barrancos. Arranca a toda velocidade e de repente tropeça. Na primeira quarta-feira de março é a excursão da escola. Tive que preencher uma autorização deprimente e pedir à minha tia que assinasse. Acho muito ridículo que ainda haja excursões no nosso ano. Aos dezesseis anos estamos velhas demais para sermos enfiadas em um ônibus e passarmos a manhã caminhando por um lugar educativo com placas caricaturais e uma folha de atividades.

Todo mundo conhece o parque Haw Par Villa. Todo mundo já o amou, mas ninguém jamais admitiria. A maioria visitou quando criança, curiosa e com os olhos arregalados, quando o lugar era moda, no início dos anos noventa. Os irmãos donos da pomada Tiger Balm projetaram e construíram o parque. Tinham milhões para gastar e decidiram criar algo dos sonhos. Vi nos jornais fotos do espaço recém-inaugurado. As cores vivas, as estátuas em laca, um toboágua no formato de um dragão sorridente. Implorei para ir, e um dia meu pai me levou. Eu tinha só seis anos. A viagem até lá foi longa, demorou mais ou menos trinta e cinco minutos, o que considerei demais porque Cingapura é tão pequena que se pode atravessá-la a pé de uma ponta à outra em meio dia.

O Haw Par Villa era coberto de árvores entre as quais suas torres se destacavam, como um segredo mal guardado. A entrada era reluzente e gigantesca, e no meio havia um pagode elegante, pintado de laranja, vermelho e cinza-escuro. Segurei a mão do meu pai enquanto caminhávamos em direção a ela. Eu estava feliz por minha mãe ter ficado em casa, embora não tivesse dito nada. Eu a imaginava chamando o lugar de brega, falando de outro parque em outra cidade onde esteve quando era uma jovem atriz. Se tivesse saído de casa naquele dia, estaria usando lenço, chapéu e óculos de sol, se refrescando com um leque de papel e com o rosto besuntado de creme.

Algumas outras famílias caminhavam pelo parque, mas o local não estava muito cheio. A tinta na madeira lacada ainda cheirava a nova.

— Não respire muito fundo, Coelhinha — disse meu pai.

O velho apelido era inspirado no doce White Rabbit Creamy Candy, que eu amava, com a embalagem cor creme, azul e vermelha.

— O vapor dessa tinta pode causar dano cerebral.

A tinta fresca nas paredes e as gravuras ornamentadas brilhavam, luminosas como um marca-texto à luz da tarde. No centro do portão ficava um leão rugindo. Até o chão parecia brilhar. Mais tarde meu pai comprou para mim um bicho de pelúcia, um tigrinho com a língua rosa. Acho que o esqueci no banco de uma estação do MRT ou no fundo de algum ônibus em um dia sonolento ao longo dos anos. De vez em quando me pergunto onde pode estar.

Agora o ônibus para no estacionamento com um assovio, e nossa turma sai em fila. Um aglomerado de nuvens se desloca e revela o sol, que renova seu calor escaldante e faz o chão cegar. Arrasto os sapatos pelo concreto. Minha garganta está muito seca. Não consegui falar o dia todo.

Dou um passo para o lado quando Trissy e Weili, estrelas da natação, passam à minha frente em direção à entrada do parque. Olho para suas pernas bronzeadas e torneadas, imunes a picadas de inseto. Durante uma fração de segundo, penso na injustiça que é a genética, espirais misteriosas de DNA girando e se unindo em sentenças para a vida: *Você vai ser comum. Você vai ser bonita. Você vai repelir mosquitos. Você vai ter estômago de avestruz. Você vai enjoar quando comer caranguejo.*

Circe pega meu braço e me puxa, e deixo que ela me guie até o parque. O portão que antes parecia imenso agora parece pequeno e velho. A tinta desbotou e descascou em formatos desagradáveis. A entrada se abre para uma avenida larga mas rodeada de lixeiras verdes e remendos de grama meio morta. Por toda parte, o cricrido de grilos e o ronco de geradores. Não há mais ninguém neste lugar miserável de merda.

— Não se afastem do grupo — diz a jovem sra. Tay, que acabou de se tornar mãe e tem sobrancelhas grossas e olheiras escuras.

Formamos uma fila aos pares. Circe fica fazendo comentários sarcásticos sobre as estátuas espalhadas pelo parque em dioramas meio largados, representando fábulas morais, lendas chinesas. Não presto muita atenção. Percebo que Circe está se divertindo, apesar de reclamar.

Vinte minutos depois, a sra. Tay me encontra perto dos pagodes. Avança

com tanta severidade e propósito que meu primeiro instinto é fugir, mas ela me prende pelo olhar. Está segurando o Nokia. A cara fechada.

— Circe, pode nos dar um minuto?

Circe e eu trocamos um olhar, mas ela obedece e se afasta para observar uma estátua de gesso de uma sereia com os braços erguidos. O sol se esconde atrás de um véu de nuvens brancas viscosas. Me sinto fraca e com um pouco de frio. Estreito os olhos e tento me concentrar na sra. Tay.

— Szu, infelizmente recebi uma ligação — diz ela. — É sua mãe.

Sinto como se eu fosse um personagem de um programa de TV. É uma cena que já vi se desenrolar muitas vezes nos dramas do Canal 8. Estou fazendo o papel da garota com a boca trêmula e os olhos já marejados. Meu rosto está quente, mas minhas mãos estão congelando.

— Sua tia acabou de ligar. Sua mãe se foi. Sinto muito — revela a sra. Tay.

Na hora percebo que quando as pessoas dizem que alguém "se foi" parece que só nos desencontramos. Como se elas tivessem ido ali cuidar de outros afazeres.

A sra. Tay mantém a voz calma e tranquila, mas vejo que está tentando controlar a expressão. A pena é um sentimento desagradável. Por um instante sinto mais pena dela do que ela deve estar sentindo de mim.

Fico olhando para ela, com a expressão abobalhada e vazia que costuma irritar os outros professores, mas o olhar da sra. Tay permanece afável. Sinto um mosquito pousar em meu braço direito. Sua tromba perfura a epiderme e suga meu sangue AB raro. De repente, ouço cada grilo no parque, corpinhos verdes escondidos nos vãos entre o junco e nas fendas das estátuas de gesso espalhafatosas.

— Sinto muito — repete a sra. Tay, e percebo que ela está sendo sincera. — Pobrezinha.

Ela balança a cabeça e vem até mim, me puxa para um abraço. Murcho como um repolho empapado. Olho para Circe por trás da sra. Tay. A boca de minha amiga se abre, e sua mão sobe e pousa sobre a base do pescoço.

— Você quer retornar a ligação da sua tia? — pergunta a sra. Tay.

Ela me solta e meus braços caem. Faço que não com a cabeça.

— Hum, não, tudo bem, por favor, não, tudo bem — respondo por fim em palavras, e coço a nuca enquanto abaixo a cabeça.

Não quero olhar para ela. O chão é azul-turquesa com desenhos de redemoinhos, imitando o oceano, mas as rachaduras reuniram tanta poeira

ao longo dos anos que a superfície parece enlameada.

— Quando foi?

— Há quarenta minutos.

Por que a notícia demorou tanto tempo para chegar até mim? Quanto tempo é normal demorar? Como é que eu vou saber o que fazer *a)* agora; e *b)* para sempre? Há uma hora estávamos embarcando no ônibus bufante, e eu estava com o pé no degrau. Estava pensando por que alguns degraus são tão mais largos e difíceis de subir do que outros. Também estava pensando na minha mãe deitada na cama do hospital. Tinha começado a pensar nela sem parar, a imagem daquele rosto de cera dormindo colada na minha mente como um lambe-lambe. Fiz uma lista de possibilidades:

— *Talvez minha mãe esteja prestes a melhorar bastante, e quando eu chegar ao hospital amanhã ela estará sentada na cama. Talvez esteja saudável e tenha voltado a ser má. Talvez brigue comigo enquanto passa blush no rosto. Talvez exija um cigarro e que eu vá atrás do médico mais novo, dr. Ngoi, de cara carnuda como um* char siu bao, *um bolinho de porco com molho barbecue, e voz de eunuco.*

— *Talvez minha mãe entre em coma e fique em estado vegetativo. Então posso ficar o resto da vida cuidando dela, sendo tão boazinha que é de se admirar.*

— *Talvez ela se vá mesmo (e para onde, se para lugar nenhum, eu não sei). Mas só em algum momento no futuro, depois de nos aproximarmos e entrarmos no reino das conversas tocantes, compartilhando pérolas de conhecimento. Amor de sobra e cobertor, amor fácil.*

Minhas fantasias eram iguais às de sempre, mesmo antes de ela ficar doente. Não senti nada de diferente. Não prestei bastante atenção, ou saberia.

— Você pode ir embora se precisar, Szu — avisou a sra. Tay.

Faço que não com a cabeça.

— Estou bem — respondo. — Prefiro ficar aqui, mas preciso ficar sozinha.

— Claro.

Sinto lágrimas banais surgindo. Tento pensar nos meus olhos como pequenas bacias cheias de água.

— Posso ir?

— Sim, mas talvez eu apareça para ver como você está. Se sua tia Yunxi quiser que você vá até ela, eu aviso. Mas por enquanto não tenha pressa. Só precisamos nos reunir no portão principal daqui a duas horas. Tudo bem?

Ela coloca a mão na bolsa e tira um pacote de lenços.

Pego o pacote. Em um dos lados tem o desenho de um ursinho amarelo segurando um balão, e o plástico está todo amassado por ter ficado dias na bolsa da sra. Tay. O urso me faz querer chorar.

— Posso ir?

— Sim, Szu, claro.

Eu me afasto o mais rápido que posso, passo por Circe, que começa a me seguir, mas faço que não com a cabeça e estendo o braço como se segurasse uma espada em um filme de samurai, empunhando-a para baixo, de maneira elegante. Semana passada Circe e eu tentamos assistir a *Rashomon* porque cinéfilos sofisticados parecem amá-lo, mas acabamos roncando no sofá. Eu me lembro do samurai do filme, muito forte e estoico. Então, finjo que sou um guerreiro japonês valoroso e continuo andando.

Passo pela imagem do caranguejo com cabeça de homem e pela escultura de uma aldeia trabalhando: figuras na labuta, manejando foices e equilibrando varas de bambu nas costas de gesso descascadas. Adentro o parque cada vez mais, me afastando de todo mundo, até chegar à caverna guardada por duas estátuas, um touro e um cavalo, ambos finamente vestidos para batalha: cota de malha e túnica azul-turquesa arrojada, empunhando cetros, botas nos cascos. Estou sem ar embora não estivesse andando tão depressa assim. Minha respiração é rápida e irregular.

A placa em chinês acima das estátuas diz: OS DEZ TRIBUNAIS DO INFERNO.

Já estive aqui antes. Ver aquele cavalo de olhar vazio agita as brasas fracas da minha memória. A entrada da caverna parece muito menor e mais pobre do que eu me lembrava. Por que as dimensões da vida real sempre me decepcionam?

Meu pai estava em pé bem ali, os olhos abatidos, o cenho franzido e fechado. Ele parecia ao mesmo tempo profundamente triste e zangado. Como um homem que acaba de receber uma sentença de prisão. Havia tanta profundidade em seu rosto que era como olhar para um abismo.

Lembro que pensei: é isso o que os adultos fazem, alimentam as frustrações em suas cabeças? A raiva se carrega como bateria? Naquela noite, os murmúrios dos meus pais eram como trovões, e um deles jogou um bule de chá Pu-erh de cima da mesa, quebrando-o. Às vezes eu desejava ser cega e surda. Quando eu tinha seis anos, talvez a tristeza tenha começado a se acumular como esporos de mofo em nossa casa. Talvez eu esteja só especulando. Fechei os ouvidos com os dedos e fiquei quieta enquanto meus pais bradavam no cômodo ao lado. Eu desejava um silêncio espesso e denso, paredes calmas em que nada de odioso acontecesse do lado de fora.

*

Circe me encontra encolhida no Terceiro Tribunal do Inferno, sentada ao lado de uma estátua cujo coração é arrancado por um homem de máscara amarela. Seu rosto pequeno e comprimido ostenta uma expressão de angústia silenciosa, ainda mais entristecida pelos blocos de tinta descascada, que dão a impressão de que o homem tem uma doença de pele. Circe me vê com a boca levemente aberta, como um sapo pegando moscas, e os olhos vidrados e marejados. A caverna é úmida e parece se estender longe, iluminada por lâmpadas alaranjadas de baixa potência. Aqui tem ainda mais mosquitos, que me picam em lugares estranhos, na dobra da pele atrás do joelho, na canela.

— Ei — diz Circe, e senta ao meu lado.

Gotas caem do teto da caverna e acertam o topo da minha cabeça.

— Você está bem? — pergunta ela.

Não digo nada, só cutuco uma casca de machucado no joelho e ofereço um meio sorriso.

Espero que ela não veja, à luz alaranjada fraca, que chorei. Circe parece insegura; parece não saber o que fazer com as mãos. Parece muito mais nova quando seu rosto não está contorcido em um riso sarcástico. Passaria por treze anos. Talvez seja a luz, mas seus olhos parecem rosados. Talvez ela também estivesse chorando.

— A sra. Tay mandou que eu procurasse você, e é claro que agora todo mundo sabe — diz ela, olhando para baixo.

— Que merda.

— Eu sei.

Solto um suspiro longo. Condolências sussurradas e sorrisos forçados me

cansam demais. Até Trissy Kwok e Lee Meixi têm a capacidade de se tornar sensíveis de repente, e com estilo. Temo a atenção suave de sua empatia, os estranhos gestos de gentileza que vão sumir quando a tragédia não for mais recente.

Já vi acontecer antes, com Nancy Lau, a garota com eczema grave que todas pararam de provocar por breves semanas quando a avó morreu. Durante um tempo, Nancy foi tratada com sorrisos calorosos no intervalo, livros compartilhados, convites para ver um filme no Lido, até a manhã inesperada em que Trissy e Meixi voltaram a chamá-la de "Pernas de Lagarto" durante a aula de Educação Física, entoando o apelido cada vez mais rápido. Era a declaração de que o período de luto respeitoso tinha chegado ao fim e que não iam mais sentir pena. Nancy fugiu da quadra de netball. O professor Toh me escolheu para ir atrás dela. Nancy estava escondida embaixo da árvore mais distante, abraçada às pernas nuas e envergonhadas e chorando como um bebê. Levei um lenço, mas ela me dispensou, enfurecida por ser objeto da pena de uma pária como ela.

— Não quero voltar para lá — digo.

— Não se preocupe, não precisamos voltar — responde Circe, e olha o relógio.

É um Swatch que brilha no escuro que invejei muitas vezes. Não é algo que minha mãe ou tia Yunxi me deixariam ter.

— Temos até quatro e meia. Acabou de passar das três. Temos bastante tempo.

— Que bom — digo.

Não quero falar que prefiro ficar sozinha, e, mesmo que dissesse, esse impulso muda de uma hora para a outra. Uma gota de água cai do teto e acerta meu braço.

— Este lugar é tão estranho quanto eu lembrava — comenta Circe. — Leslie e eu brincamos de esconde-esconde aqui uma vez, quando éramos crianças. Eu caí e arranhei o joelho. Tinha um homem com garras no lugar das mãos e uma espécie de globo amarrado nas costas. Aquilo me deu pesadelos.

— Quem é que vem aqui?

Olho para a cena à nossa frente, as imagens pintadas com cara de sofrimento, vírgulas viradas no lugar das sobrancelhas, boca em formato de jujuba. Um demônio com cabelo amarelo berrante agarra as laterais do peito de um homem e o rasga ao meio. Os pequenos órgãos do homem

ameaçam cair de seu abdome. Leio a placa:

CRIME:
Ingratidão
Desrespeito aos Anciãos
Fuga da prisão
Drogados e Traficantes
Pilhagem de Sepulturas

CASTIGO:
Coração arrancado
Amarrado à coluna de cobre quente e queimado

— O que você prefere? — pergunta Circe. — Ter o coração arrancado ou ser queimada?

— Coração arrancado.

— É, é mais poético. Quem quer ser queimado? Como um pedaço de lula ou frango. Sem dignidade — diz Circe, e ri, mas há algo forçado em seu sorriso.

Um ar gelado entra na caverna; sombras compridas aparecem na entrada. Ouvimos algumas garotas entrando. Cochichos. O arrastar de sapatos de lona. Risadas ressoam e param, como um arquivo de áudio falhando. Esperamos. Depois de um tempo elas vão embora, mas agora a caverna parece mais escura do que antes, e as imagens torturadas parecem um pouco mais vivas, como se pudessem se mexer quando não estamos observando. Olho para minhas mãos. Quase vejo a energia se esvaindo de mim como uma força vital, algo a se saquear de um planeta, uma substância verde reluzente que evapora no ar entorpecente.

— É… Szu? — fala Circe. — Você não precisa ir? Encontrar a tia Yunxi, ou ir para o hospital, ou sei lá.

— Não.

— Tem certeza de que quer só ficar sentada aqui? Eu vou com você ao hospital… temos permissão.

— Não sei. Não.

Sinto as lágrimas se acumulando de novo e borrando a imagem das minhas mãos. As lágrimas caem nas palmas, gotas gordas e quentes que assustam Circe tanto quanto me envergonham.

É muito revelador e desagradável ser vista chorando. Até bebês berrando no transporte público sabem disso, e é por isso que sempre parecem muito desesperados.

— Sinto muito — continua Circe. — Sinto muito mesmo, Szu.

Ela dá uns tapinhas nas minhas costas com delicadeza. Sua mão ossuda bate no ritmo das minhas fungadas. Como a sra. Tay, ela está tentando. Não estou acostumada com tantas pessoas se esforçando à minha volta. O holofote me atordoa. Percebo pela postura tensa e pela voz séria de Circe, tão diferente da voz normal, que ela também se sente deslocada. Parece que estamos atuando, mas não sabemos nossas falas.

— Me sinto tão… — balbucio.

— Tão?

— Eu… eu não sei. Como se fosse vomitar.

— Você está bem? Quer que eu traga um pouco de água?

— Não.

— Ah, cara. Olha só, você quer sair daqui? A sra. Tay disse que você pode ir embora.

— Não. Eu meio que… meio que gosto daqui — digo. — Não quero ir embora.

A última coisa que quero fazer é ver o corpo da minha mãe exposto como tudo o que é, afinal: um corpo. É muito óbvio, e mais do que posso suportar.

— Tá — diz Circe.

— Tá.

— Ei, sabe de uma coisa?

— O quê?

— Também estou meio em choque, sabia? Sua mãe e eu nunca fomos pr…

Cubro o rosto com as mãos, e isso parece fazê-la parar.

— Sinto muito — diz Circe baixinho.

— Você não precisa ficar falando isso — retruco, embora sinta um nó de raiva se formando na garganta, como uma bola de pelo ou o início de uma dor de garganta. Afinal, o tempo todo Circe fez das visitas ao hospital uma piada: o Vale dos Sem Esperança. Ela estava certa, não havia esperança, mas não devia ficar me lembrando disso.

Horas se passam, ou o que parecem horas. Há algo de consolador no tédio, algo de novidade no silêncio. Normalmente tagarelamos sem parar.

Agora só estamos sentadas aqui como se nos conhecêssemos há décadas, não desde o início do ano. Sinto uma exaustão enorme na rigidez da garganta e nas juntas: com a morte da minha mãe, envelheci de modo irreversível em apenas uma tarde. A distância entre o agora e o antes parece se estender ao infinito. Ainda tenho muito a dizer a ela. Penso nos últimos meses frenéticos e povoados de gente que ficou entre mim e ela e a tia Yunxi. Penso no oncologista com sua prancheta e na radiologista com as unhas pintadas de nude e no especialista em mandíbula com a voz calma — eles sugeriram para Yunxi e para mim que seria *a qualquer momento* com a expressão vacilante, desviando o olhar.

Ficamos sentadas até nossa bunda ficar dolorida e os mosquitos terem picado cada uma vinte vezes. Então, ouvimos a sra. Tay e a sra. Yeo nos chamando. Enquanto andamos em direção ao ônibus, Circe passa um dos braços por baixo do meu. Eu me apoio nela, mancando levemente para acomodar nossa diferença de altura. Todo mundo está olhando, mas ninguém faz nenhum comentário depreciativo desta vez. Eu me sinto como uma celebridade constrangida. Como se estivesse atravessando a nave de uma igreja ou a prancha de um navio.

*

Quando chego em casa, são quinze para as cinco, e na mesa da cozinha sombras dançam à luz clara do sol. Tia Yunxi não está. Ela me deixou um bilhete em chinês rabiscado com pressa: *Resolvendo coisas. Tem sopa na geladeira*.

A sopa está em uma tigela de louça azul coberta por filme plástico. A gordura e o óleo se solidificaram, formando uma camada fina e turva sobre a superfície. Tenho certeza de que tia Yunxi preparou essa sopa de fungos há dois dias. Encheu a cozinha com um fedor de axila e frango estragado. É possível dizer que essa sopa com cheiro de morte sobreviveu à minha mãe? As coisas estão exatamente como estavam ontem. Cada objeto parece desonesto em sua imutabilidade. A casa tem o ar estático de um showroom de móveis após o horário de funcionamento. Como se as paredes fossem feitas de madeira compensada e tudo fosse preso ao chão com fita adesiva e alfinetes.

A água do aquário precisa ser trocada; assumiu um tom de verde nojento e um lodo escuro começou a se formar no vidro. O aquário mofado me tira

o apetite, embora meu estômago esteja resmungando. Respiro fundo e estremeço. Três corcorocas com escamas amarelas e olhos frios e apáticos seguem o movimento perpétuo de um lado ao outro do aquário em sincronia lânguida. Meu favorito, o peixe-leite que há seis meses achei que estivesse morrendo, segue firme e forte. Eu estava errada. Escamas novas e reluzentes cresceram sobre as fissuras na lateral de seu corpo, e ele evita meu olhar com seus olhos estreitos e impessoais de peixe. Penso em algumas das coisas que aconteceram no breve intervalo entre meu pronunciamento de que ele estava condenado e hoje.

Semana passada choveu tão forte que o dreno enorme de monção que fica na estrada principal transbordou, e uma árvore se partiu e caiu no meio do caminho, um tronco comprido e descamado despontando da poça de centímetros de profundidade e tão lamacenta que parecia litros de achocolatado. O trânsito ficou congestionado por séculos, com carros abandonados nas estradas largas e esparrinhadas. Durante sete dias tive um sono leve, sem sonhos.

Mês passado o nevoeiro de Sumatra voltou e o índice de poluição do ar ultrapassou os cento e cinquenta, mas, em vez de entrar em pânico e manter as crianças em casa, todo mundo só resmungou, porque já acontecera várias vezes antes. Expeli uma bola imensa de catarro do tamanho e da cor de um pintinho.

No início deste ano, logo após meu aniversário, em janeiro, fiz uma melhor amiga e ela fala muito. Circe às vezes é mandona e bem irritante, mas sou grata por sua amizade. Tia Yunxi perdeu dois clientes porque um repórter do *New Paper* veio para uma consulta e a acusou de ser charlatã. A competição anual de *Star Search* aconteceu, e eu não acompanhei. Construíram um shopping novo chamado Hive na Orchard Road. Uma loja a três ruas daqui pegou fogo e um mês depois a Secretaria de Desenvolvimento Urbano mandou que fosse demolida.

Faz só dez meses que minha mãe foi ao médico pela primeira vez. Não foi a tosse seca de fumante nem o cansaço eterno o que a incentivou. Assim como o alcoolismo funcional, essas coisas eram uma constante havia muitos anos. Mas seus ombros tinham começado a doer tanto que às vezes ela não conseguia dormir. Dizia que parecia um cabide de ferro fundido pesando em seus nervos. Seus gemidos, que eu ouvia através da parede fina como papel que separava nossos quartos, me faziam estremecer. Ela imputava a dor à exaustão de ser médium, canalizando ou parecendo canalizar as vozes

reticentes e chocantes dos mortos. Certo dia, sua pálpebra direita começou a baixar e não voltava mais ao formato normal. Eu jamais ousaria dizer que ela estava com uma cara engraçada, que havia algo de excêntrico em sua beleza. Ela foi à policlínica esperando ser encaminhada a um cirurgião plástico, mas acabou passando de um médico a outro e a outro, acumulando opiniões. Uma especialista com um coque tingido de vermelho e um consultor tão velho que parecia uma carpa com bigodes e um oncologista que parecia preocupantemente jovem, como se tivesse acabado de terminar o curso de medicina da Universidade Nacional de Cingapura, com cicatrizes de acne nas bochechas e um pomo de Adão proeminente. Eles recitavam palavras que não significavam nada para ela: *ptose, miose, sintoma de síndrome de Horner, síndrome de Pancoast, parestesia eventual.* Mostraram a radiografia de seus pulmões, na qual, no topo do lado direito, havia uma sombra cinza, tão fraca que era preciso estreitar os olhos para enxergar.

— Você tem certeza de que está ali? — perguntou minha mãe ao radiologista com a voz ao mesmo tempo queixosa e irritada.

Ele nem mesmo fez um sinal com a cabeça. Desviei o olhar para tia Yunxi. Ela estava olhando pela janela com os olhos vidrados, fixos no estacionamento e nas árvores. Estava com a mesma expressão que assumia durante uma sessão, quando tentava fazer contato urgente com algo de fora da sala. Será que estava se perguntando por que não tinha sentido que algo estava errado? Pensei em tia Yunxi pressionando as mãos nas costas curvadas dos clientes, nas cabeças esperançosas, mas aquela sala clinicamente iluminada não parecia conter a promessa de uma cura mística e sentimental.

Pensamos que fosse apenas um tumor desgovernado, mas o problema era mais grave, e avançava com uma velocidade violenta. Minha mãe era um monstro semifamoso, e eu achava que ela viveria para sempre. Será que eu teria sido capaz de tê-la avisado meses, anos, uma década antes? Será que eu teria sido capaz de ter a previdência de dizer: *pare de viver de maneira tão egoísta*? Será que eu teria tido coragem de dizer, e será que ela teria escutado?

Tenho dezesseis anos e meio e estou começando a perceber que a vida às vezes acontece assim: depressa, sem maiores concessões. Você acha que ainda tem décadas de vida e de repente o tempo acaba.

11
AMISA
1977

Após seis meses do início da corte, Wei Loong levou Amisa ao Satay Club. Enquanto ele fazia o pedido, ela ficou sentada em um banco de madeira com vista para o rio, olhando para a água escura como petróleo. Seus braços e suas pernas doíam. Não eram apenas os longos turnos de trabalho; cada vez mais, ficar perto de outras pessoas o dia todo a esgotava. Ela tinha crescido em um *kampong* cheio de gente, mas a única serenidade que sentia era em um cinema escuro. Tinha só dezenove anos. Com a idade, sua misantropia se agravaria como uma doença crônica? Ela se sentia diferente e ao mesmo tempo vergonhosamente similar às outras garotas sentadas em bancos próximos à espera do namorado, passando a mão na saia, arrumando as fivelas dos sapatos de verniz.

Wei Loong chegou com um prato de papel cheio de espetinhos com molho satay. Amisa pegou um palito e arrancou um pedaço de carneiro queimado com os dentes. Mastigava com a consternação de um vaqueiro. A fumaça das churrasqueiras a carvão pairava no ar.

— Ligou para casa esta semana?

Ela limpou a gordura dos lábios.

— Sim. Didi não estava lá. A tia do fim da rua ensinou minha Jie a fazer *kueh tutus* e ela ficou obcecada. Não consegue mais parar de fazer esses bolinhos. Meu segundo irmão está namorando. Os outros estão na mesma.

Na verdade, Jie foi a única com quem ela falou. Os pais quase nunca iam ao telefone, e quando iam, as conversas eram forçadas e breves. Ela sempre ficava preocupada com a possibilidade de perguntarem sobre o bracelete que tinha roubado.

— E você? — perguntou ela. — Teve notícias de alguém?

Wei Loong deu de ombros.

— Você sabe como meus irmãos são — disse, embora ela não os conhecesse. — Uns vagabundos, todos eles. Só querem dinheiro

emprestado agora que Ah Luat me promoveu.

— Primeiro dinheiro, depois, conversa — comentou Amisa.

Estava satisfeita agora, e um pouco enjoada. Passou a língua na lateral da boca e tirou um pedaço de cartilagem do molar esquerdo. Não queria parecer deselegante; então, engoliu.

*

Mais tarde, na cama, Wei Loong enrolou o cabelo dela na mão. Amisa afastou as mechas antes de apoiar a cabeça em seu peito. Havia uma figueira antiga e muito alta que ela via da janela do sexto andar. Às dez da noite, seus galhos longos eram iluminados pela luz cor de âmbar sombreada pelas pessoas em casa. A árvore era considerada sagrada, e havia um santuário sob seus galhos. Amisa gostava dela, grandiosa e incompatível com o horizonte de andaimes e guindastes.

— Venha morar comigo, Amisa — sussurrou Wei Loong em seus cabelos.

Ele disse seu nome como se fosse uma fruta exótica. O sexo lançava um feitiço especialmente soporífico sobre ele, que falava arrastado e baixo, como quem fala dormindo.

— Talvez — respondeu ela, com a voz adocicada. — Estou muito cansada. Não acredito que tenho que acordar às três.

— Largue a barraca de frutos do mar.

— Não posso fazer isso — disse ela, rindo.

— Não posso, não posso, não posso — imitou ele.

Ela riu, um pouco menos entusiasmada desta vez, ainda olhando pela janela. Ouviu-o respirar fundo.

— Case comigo — disse ele.

Amisa virou para Wei Loong. Ele estava sério. Ela observou seus olhos suaves com dobras epicânticas, as marcas de espinha em seu rosto e o nariz fino. O rapaz era tão bom para ela que parecia uma traição relembrar a repulsa inicial. Encostou a boca na dele em um pânico íntimo. Ele a abraçou, virando-a de frente, e colocou a mão em seus seios. Ela sentiu a língua dele abrir seus lábios e deslizar por sua boca, um verme gordo e tenro. Pensou em Humphrey Bogart e Ingrid Bergman com seus beijos de lábios fechados, virando o rosto bruscamente, a ideia épica de um romance épico. Então, de repente, imaginou a mãe na cozinha escura e cheia de ervas, se perguntando em que ato desrespeitoso a filha estaria envolvida, se é

que ainda se perguntava.

*

Na tarde seguinte, houve um princípio de incêndio no cinema, e o lugar teve que ser evacuado. Além do dia em que ficou doente depois do aniversário, Amisa nunca estava livre naquele horário. Enquanto andava para casa, os pés cansados pisando leve, chacoalhava as chaves no bolso empoeirado. Em frente à sua casa, viu uma mulher de meia-idade em pé na rua. Ela segurava um menino pelos ombros. Os dois se separaram quando Amisa se aproximou. O menino parecia ter cerca de onze anos, com os joelhos valgos, o rosto pálido e tímido e a boca rachada.

— Com licença — chamou a mulher quando Amisa chegou à porta. — A *Datin* Tia Yunxi mora aqui? É este o endereço?

Ela mostrou um pedaço de papel, e Amisa assentiu.

— Sim. Você é parente dela?

Amisa estudou o rosto da mulher. Não se parecia em nada com Yunxi.

— Ah, não — respondeu a mulher. — Vim para uma consulta, para meu filho.

O menino olhava para o chão.

— Ah, claro, eu levo você — disse Amisa.

Ela franziu a testa enquanto levava os visitantes pela escada estreita, o piso rangendo em protesto contra os passos atrás dela.

No andar de cima, a jovem levou a mulher e o menino à cozinha. Eles esperaram cautelosos perto da *wok* e da guirlanda de cebolas que estavam penduradas.

— Só um segundo — falou Amisa.

Ela ficou ao pé da porta do quarto de Yunxi e inclinou o corpo em direção ao cômodo. Ouviu um cântico triste e rouco vindo do quarto. Ficou assustada.

— Yunxi? Tem umas pessoas aqui procurando você.

O cântico parou. Quando veio até a porta, Yunxi estava vestindo um *samfoo* cinza-escuro com fechos de corda. Seu rosto estava corado e cheio de linhas fundas que Amisa nunca tinha notado com clareza.

— Sim, claro. Por favor, traga-os até aqui — pediu Yunxi, e sua voz ecoou no espaço apertado; sua entonação chinesa parecia quase uma oratória.

Amisa voltou para a cozinha e levou a mulher ao quarto de Yunxi. A mulher fechou a porta após o menino entrar. Amisa encheu um copo de água e bebeu rápido. Não estava com fome, só com sono, como sempre. Tiraria uma folga de Wei Loong naquela noite. O noivado era como uma tensão nos braços. O que realmente significava estar noiva? Ela foi para o quarto e fechou a porta. Deitar na cama minúscula sonolenta e com as roupas sujas era o que ela mais gostava de fazer. As imagens atrás de suas pálpebras eram infinitamente melhores do que as teias de aranha nas vigas do teto ou as persianas cobertas de fuligem. Prestou atenção, mas não escutou nada vindo do outro lado da parede.

Seus pensamentos se deslocaram para uma blusa com um laço no pescoço, cor de malva e feita de seda, que ela tinha visto em uma mulher elegante na Havelock Road. O cabelo da desconhecida tinha as pontas viradas para fora. Amisa imaginou ser aquela mulher, entrando em um táxi de teto amarelo com uma graça casual e privilegiada — uma perna em meia-calça depois da outra, delicadamente.

Depois de uma hora, a porta ao lado se abriu. Amisa manteve os olhos fechados, mas os ouvidos em alerta.

— Adeus, Laoshi — disse o menino, manso, quase desafinando.

Talvez também fosse mais velho do que ela pensava.

— Obrigada, obrigada — agradeceu a mulher em *hokkien*.

Depois que eles desceram, Amisa não pôde mais se conter. Levantou e espiou a cozinha. Yunxi estava pegando a *wok*.

— Olá! Não costumo vê-la em casa a essa hora — disse Yunxi com a voz de sempre.

— Teve um princípio de incêndio.

— Ah. Claro. Você é Cão de Terra, não é?

— Como? — perguntou Amisa, esfregando os olhos.

— Você nasceu em 1958, ano do Cão de Terra. Hoje é um dia de azar para você.

Yunxi começou a picar uma cebola, demonstrando habilidade com a faca pequena.

— Nunca perguntei o que você fazia. Achei que…

Yunxi lhe lançou um olhar paciente.

— Com todos aqueles clientes homens…

— Ah! — exclamou Yunxi, a lâmina tinindo na tábua de madeira.

Em vez de raiva, seu rosto se abriu em um sorriso.

— Não acredito que você achou que eu vendia meu corpo dessa maneira.

Ela riu, uma gargalhada exagerada e rouca.

— Podemos dizer que uso meu corpo, mas de outro jeito.

— Como? — quis saber Amisa.

— Sempre tive um dom, mas minha Laoshi me ajudou a refiná-lo, há muitos anos.

— Não estou entendendo.

— Sou médium. Sou possuída pelo espírito dos mortos, pelos deuses das estradas, dos formigueiros, das árvores. Aqueles homens que vêm aqui estão desesperados… mas não como você pensava.

— Ah — murmurou Amisa.

Yunxi assentiu e sorriu. Uma brisa leve entrou pela janela sanfonada. Amisa pensou no menino que tinha acabado de ir embora, com os joelhos valgos e muito magro. Ela se perguntou o que o assombrava.

*

Na semana seguinte ela largou o emprego na feira. Largar algo era muito fácil quando apresentado como opção. A sra. Lim deu-lhe um envelope vermelho. O sr. Lim abriu um sorriso genuíno.

— Boa sorte e se cuide — disse ele, e virou para as pilhas de camarões.

— Pode deixar — respondeu Amisa, olhando para os olhos rosados e dignos de pena de uma sardinha à frente.

Tirou a touca e o avental manchado. O rabo de cavalo liso e oleoso colado na cabeça. Devolveu as coisas à sra. Lim e se afastou da barraca, sorrindo e acenando para os tios e tias. Soltou o cabelo e o ajeitou com os dedos. Teve vontade de bater nas salsichas chinesas penduradas. Do lado de fora, o restante da cidade ainda estava acordando. Um vendedor de máscaras de papel passou por ela com o riquixá cheio de máscaras artesanais e de animais. Um Mickey Mouse, uma cabeça de burro e um rosto masculino dramático com as sobrancelhas arqueadas se afastaram dela balançando. Ela tirou o envelope do bolso e o abriu. Havia vinte dólares.

No dia seguinte, ela foi com Wei Loong para Fort Canning. No formulário de casamento, ela assinou seu nome em letras tremidas e observou quando ele assinou o dele. *Ng Wei Loong*. Ela também era uma Ng agora.

O casamento foi realizado três meses depois, no dia 9 de julho de 1977.

Foi uma cerimônia pequena e simples, sem exageros ou fanfarra. No dia choveu, mas ela não achou nada de mais, não era supersticiosa. Yunxi e Laoshi compareceram, e alguns dos amigos de Wei Loong, inofensivos colegas da época de escola com esposas dóceis. Ela manteve uma distância pacífica em relação a eles, um sorriso discreto no rosto.

— Seus amigos são tediosos — sussurrou para Wei Loong.

— Yunxi parece sobra de madeira — retrucou ele.

— Como ousa dizer isso?

— Tudo bem, ela parece um violino. De valor inestimável.

— Melhor.

Amisa vestia um *qipao* vermelho-sangue bordado com florezinhas. Fora feito sob medida em Chinatown, e Wei Loong economizara durante meses para pagá-lo. Quando ela surgiu no espaço aberto com o *qipao*, parecia que ele ia chorar.

— *Mei nu* — disse ele, e ela estremeceu por dentro, porque soou como aqueles homens horríveis nas ruas. — Sou muito sortudo. Poderia ficar olhando seu rosto para sempre.

Amisa contemplou o marido. Não conseguia imaginá-lo com mais de trinta anos, nem a si mesma. A juventude parecia expansiva, comprada a granel e útil, como um estoque infinito de lenços de papel.

Ela escreveu para a família para contar: adivinhem só, eu me casei. Ele é um homem bom. Ganha um salário decente. Não me machuca. ~~Tenham orgulho de mim uma vez na vida e confiem que não vou estragar tudo.~~ Perguntou por Didi. Recebeu uma carta da irmã como resposta: Didi estava trabalhando no Genting Highlands e, no alto de seus dezesseis anos, tinha feito dos jogos de azar um hábito. Todos estavam saudáveis e felizes por ela. Os pais mandavam cumprimentos, Jiejie disse.

Dois dias depois do casamento ela embalou as coisas para se mudar do quarto. Embora ela tivesse poucos pertences, Yunxi a ajudou.

— Você acha estranho, ou má sorte, eu não ter convidado minha família? — perguntou Amisa.

— Você tem seus motivos. Eles compreendem — respondeu Yunxi no espaço minúsculo no topo da escada.

— Sim — disse Amisa, incerta.

Duas baratas passaram correndo no canto de sua visão periférica e entraram no quarto de Yunxi.

Yunxi apertou um pequeno medalhão esverdeado nas mãos de Amisa.

— Para que tenha boa sorte e um casamento feliz.

— Ainda vou ver você? — indagou Amisa.

— É claro — prometeu Yunxi, e ficou olhando para ela com um sorriso discreto e caloroso. — Você sabe onde me encontrar.

— Obrigada — disse Amisa, envergonhada por estar tão emocionada assim. — É melhor eu ir.

*

O apartamento de Wei Loong, e agora dela, ficava em Toa Payoh, perto de Geylang e de uma cidade movimentada e cheia de conjuntos habitacionais, e cercado por oito cemitérios chineses. Havia um terreno de gramado seco em frente ao prédio, onde algumas noites gangues secretas marcavam território. Mas era uma região mais familiar do que Geylang, cheia de *mak ciks* e seus netos, lojas de tecido e cafés, e quase todas as manhãs o aroma de *otah*, um bolo de peixe, e *kopi o*, um café cingapurense, frescos preenchia o ar.

Ao acordar todas as manhãs, a primeira coisa que ele fazia era beijá-la no nariz e depois avidamente na boca antes que ela pudesse ao menos tomar fôlego. Ele a atacava com amor como se fosse seu último dia na terra. Dizia inúmeras vezes o quanto se sentia sortudo. Dizia isso tantas vezes que o elogio acabou perdendo o significado. Todos os dias apostava na loteria a data de nascimento dela: 23081958, e, como bônus, o dia em que ficaram juntos: 190476. Ele a idolatrava, seu numerozinho da sorte. Quando sentia que a esposa estava irritada, ia à feira e trazia café da manhã, almoço ou jantar: o sanduíche *baos*; ou o pudim *kueh lapis*; *nasi lemak*, ou arroz ao coco; *chok* de frango; o macarrão *ban mian*; *murtubak*, uma panqueca recheada de carne; o que ela quisesse.

Da noite para o dia, Amisa pareceu ter ganhado cinco quilos e ficou horrorizada, mas até ela tinha que admitir que a deixavam ainda mais bonita. Seu cabelo adquiriu um brilho mais intenso. Ela se tornou invencivelmente linda: a claridade das maçãs do rosto, os pequenos tornozelos e a poesia lúcida que os outros projetavam em sua expressão vazia. As pessoas paravam na bilheteria só para olhá-la. Aos dezenove anos, ela era uma lenda local: algo mítico, uma garota insuportavelmente adorável em pleno desabrochar. Até cães de rua e crianças sorriam para ela, que não retribuía a gentileza.

Wei Loong trabalhava como restaurador de móveis antigos na Bartley

Road. A oficina tinha o cheiro terroso de teca e de verniz. Na primeira vez que Amisa visitou o local, os outros quatro homens que trabalhavam lá largaram as ferramentas e olharam daquela deusa para Wei Loong e de volta para ela, boquiabertos e incrédulos.

— *Wah lau*, você é muito sortudo — disseram a Wei Loong, na frente dela.

— E eu não sei? — respondeu Wei Loong.

Amisa se eriçou como um pavão com o vestido tubinho de estampa laranja e as botas de cano longo.

Órfãos juntos, os dois. Ela podia ser feliz assim, desde que nada mudasse; desde que nunca ficassem doentes ou velhos e ninguém queimasse ou assaltasse o quarto grande com o varal espetado para fora da janela, a cama desfeita e as paredes bege. Wei Loong não era rico, mas também não era pobre. Não era um garanhão, mas também não era um pangaré. Não era interessante, mas também não era entediante. A infância infeliz garantiu isso, e era mágoa o que compartilhavam, algo que ardia e os machucava em lugares parecidos. O pai, um marinheiro namorador, saíra de casa quando Wei Loong tinha sete anos. Seus irmãos estavam presos ou deixando um rastro de contrabando pelos países vizinhos. Ela poderia ter escolhido qualquer um, mas demandava menos energia lembrar a si mesma: pelo menos ele reuniu coragem para falar com ela.

Se o amor era ter alguém que a tratava como uma princesa, então ela o tinha encontrado. Um bom casamento não era tirar a sorte grande para garotas chinesas tradicionais? Era bom ser abraçada. Cuidada, lembrada. Amisa sentia que podia relaxar naquela vida. O sexo era decente. Eles tomavam cuidado. Ela não queria filhos ainda, e ele não a apressava. Bebiam juntos algumas noites na feira perto de casa. Ele era uma companhia melhor quando levemente embriagado; ficava mais seguro de si e mais espirituoso e animado. Tirava sarro dela e fazia insinuações grosseiras até que um brilho tomasse suas bochechas e o álcool rodopiasse em suas veias, deixando tudo mais leve.

12
SZU
2003

Faz um dia que minha mãe morreu. Liberada da escola, passei a manhã inteira deitada na cama, ouvindo o trânsito e os pássaros lá fora alternando as melodias. À tarde, tia Yunxi deu permissão instantânea para que eu ficasse na casa de Circe. Está muito cansada e ocupada para discutir. Minha tia sempre pareceu ser feita de coisas mais estranhas e misteriosas do que eu. Nós duas sabemos que sou mais frágil, que não consigo nem olhar para o quarto da minha mãe ao lado do meu, com o espelho oval que reflete o corredor e a marca discreta no colchão viscoelástico em que ela deitava o corpo esbelto.

Vou para a casa de Circe e me jogo em sua cama. Ela coloca o álbum dos Kinks para tocar bem alto embora eu esteja enjoando deles. Quando digo isso, ela me ignora durante três músicas, e em seguida troca por *The Velvet Underground & Nico*. O CD tem o desenho de uma banana na capa que nós duas queremos estampado em camisetas. Amamos esse disco. Queremos vestir nosso amor por ele no peito e que garotos indies imaginários pensem que somos interessantes e namoráveis. Mas hoje os acordes e as vozes suaves que saem das caixinhas de som do computador parecem melancólicas e melosas demais, em paz com um mundo colorido. Não quero ouvir música, mas também não suporto o silêncio. Ficamos sentadas em seu quarto amarelo desejando que a tarde se dissipasse, folheando revistas e tentando dar a impressão de que nada mudou.

Naquela noite, tenho um sonho assustador e óbvio na cama de casal da Ikea dela. No sonho, estou amarrada ao convés de um navio que está afundando e minha mãe aparece na proa com a aparência mais jovem e mais esperançosa que já vi. Ela está bem longe e tudo está balançando, mas a ouço perfeitamente.

— Não é culpa sua que eu seja quem sou — diz ela. — E não é culpa minha que você seja quem é.

Quero responder, mas não consigo falar. Acordo tremendo e com os olhos e o rosto molhados. Circe ronca levemente ao meu lado.

Nesta hora, começa uma tempestade. Fico agitada e sinto os dedos gelados relaxarem. Lá em cima, estrondos lentos. Imagino nuvens espalhadas pelo céu furioso. Penso na grandeza do céu, que cobre todos nós com imparcialidade.

Uma rajada de vento faz os canos de aço no telhado cantarem. Eu me lembro dos mainás que Circe, a empregada, Josephine, e eu ficamos observando horas antes, quase na hora do jantar. Criaturas balançantes empoleiradas nos fios telefônicos, muito delicadas e pequenas.

— Os menores são comidos por gatos — disse Josephine. — Não há esperança para eles.

Penso nos esconderijos dos mainás. Fico apavorada com seu bem-estar. Abro os olhos e espio o rosto de Circe. Ela parece calma, quase bonita. A escuridão em seu quarto parece feita de tinta azul-cobalto. O ar crepita como estática de TV. Circe resmunga como se me chamasse para perto. Ela respira em mim, nossas bocas a não mais do que oito centímetros uma da outra. Ela cheira a pasta de dente Kodomo e pão Gardenia. Neste instante sei que essas duas coisas sempre vão fazer com que me lembre dela, com hesitação, com dor. E, talvez por isso, com o tempo vou aprender a evitá-las.

Seu irmão perfeito e incognoscível está no quarto ao lado. A apenas dois metros de distância, o garoto tranquilo deve estar sonhando com a boca aberta. Meio adormecida, me pergunto se beijar um irmão é como beijar o outro; se meu amor pelos dois vai se revelar se eu beijá-la, como uma mancha de tinta em um cartão branco, uma marca, um padrão em spray. Não consigo definir a natureza desse emaranhado em meu peito. Talvez um dia se transforme em algo letal, e não há nada que eu possa fazer em relação a isso.

Prendo a respiração e me debruço. Mas neste momento Circe vira para o outro lado e me dá as costas, quase com força, como uma advertência. Deito de barriga para cima e fico olhando o teto. O vento uiva apressado para o telhado. A cada agitação, o colchão range com minha traição, minha covardia. Depois, da parede ao lado, ouço que o colchão de Leslie também range. Com total naturalidade, e a mesma respiração, Circe engancha as pernas nas minhas, e nossos joelhos e canelas ficam levemente entrelaçados. É ao mesmo tempo desconfortável e reconfortante. Minha pele está quente

e grudenta, mas sempre que tento me mexer ela me mantém presa. Acabo adormecendo.

Quando Josephine acende a luz às seis e quinze, nossas pernas ainda estão meio entrelaçadas, mas a coberta caiu da cama. De canto de olho parece que um poltergeist varreu o quarto e jogou os travesseiros e a coberta em um canto. A pilha amassada em tom pastel parece uma fantasia da *Vila Sésamo* que alguém jogou fora. Todo o sangue da parte inferior do meu corpo escoou e minhas pernas estão dormentes. Uma camada fina de suor está grudada em minha testa pegajosa e embaixo dos braços. Circe e eu parecemos irmãs siamesas unidas pelas pernas. A imobilidade não me incomoda. Minha mãe está morta. Ainda é difícil dizer isso. A sensação de estar presa no lugar, ancorada à terra, é boa.

*

Tenho mais quatro dias de licença da escola por causa do luto. Então visto uma camiseta puída e uma bermuda enquanto Circe resmunga e abotoa o uniforme. Depois de comer torrada com *kaya*, uma geleia de coco, no café da manhã (eu fico só assistindo, enjoada e tímida demais para comer, enquanto Leslie e Circe devoram o pão, e acabo dando minha torrada intocada para ela), entramos no Lexus reluzente do pai dela. Ele vai me dar uma carona para casa depois de deixar Circe na escola.

No caminho, um engarrafamento serpenteia a Pan Island Expressway e um véu de nevoeiro residual se instala sobre os postes e as copas das árvores. O vento do ar-condicionado bate em meus joelhos. Circe olha pela janela franzindo a sobrancelha. Acho que ela está com inveja porque não preciso ir à escola e vai ter um teste de matemática às onze horas para o qual nenhuma de nós duas estudou. Ela age como se fosse normal, mas também um pouco minha culpa. Sinto sua irritação no ar abafado do carro. Ela é boa nisso, em ficar nesse pêndulo entre a cordialidade e a grosseria.

Quando a deixamos, ela bate a porta do carro e não olha para trás. Ergo o pescoço e a vejo arrastando os pés ao passar pelo portão. Ela caminha meio passo atrás de um trio de garotas sonambulando sincronizadas, com tranças embutidas e braços dados. Enquanto o carro se afasta, ela pendura a mochila azul nos ombros. É muito perturbador precisar tanto assim de alguém, é o que penso. Minha única amiga vai diminuindo cada vez mais até eu não a distinguir mais no mar de uniformes. Pela primeira vez, queria estar

me juntando a ela, compartilhando o conforto terrível da rotina.

No caminho até minha casa, o pai de Circe não sabe muito bem o que dizer. Pensando bem, nunca fiquei sozinha no carro com ele antes. Na maioria das vezes é a mãe de Circe, Magda, que me dá carona. Ele liga o rádio na YES 93,3 e ficamos sentados, perfeitamente cientes de que os DJs estão entusiasmados demais. Depois de um cruzamento, ele muda para uma estação de música clássica. Cordas sóbrias substituem o mandarim animado. Imagino o Victoria Concert Hall e as garotas prodígio elegantes da Orquestra Sinfônica de Cingapura, todas de preto com violinos equilibrados sob os maxilares concentrados.

Estamos passando pela Queensway. Árvores verdes e grandes e grupos de crianças na calçada. O pai de Circe viu minha mãe, certo dia, quando veio buscar a filha na nossa casa. Minha mãe sorriu enquanto ele gaguejava o próprio nome. Low Ghim Teck, importador e exportador de produtos.

— Que ótimo — disse ela em seu inglês de atriz do Canal 5. — Bom, sei para quem ligar quando precisar importar ou exportar.

Ele não pareceu perceber que ela estava sendo sarcástica. Minha mãe tinha esse efeito nas pessoas. Acho que nunca conheci um homem de qualquer orientação sexual que não a achasse bonita, que não ficasse abalado de alguma forma. Era sempre mais difícil perceber o que as mulheres pensavam dela. Caixas e atendentes de lojas se afastavam, como se intimidadas por sua beleza ou simplesmente desanimadas com o desdém com que ela pedia ou ordenava as coisas.

Depois que ele me deixa em casa, o dia se borra como uma aquarela. Começa a chover e o céu nublado deixa a casa escura. Tia Yunxi me instruiu a "dar uma arrumada geral" na recepção, na cozinha e nos banheiros, pois vamos receber pessoas para o velório. Nunca fui boa em arrumar as coisas. Não sou minuciosa. Passeio pela casa com o espanador de penas marrom, e mancho todas as superfícies com minhas digitais. Espalho poeira com o pano úmido. A poeira e a sujeira geram ainda mais poeira e sujeira. Há longos fios de cabelo pela casa inteira. Meus, da Yunxi, da minha mãe. Tirando a sala da frente, que os clientes veem, o restante da casa sempre foi bem sujo. Atrás da pia, encontro duas baratas mortas do tamanho de minigrampeadores. Estão com uma das antenas entrelaçadas, quase trançadas, e quando jogo seus corpos na lixeira imagino que são a reencarnação de amantes imortais que partiram para mais uma vida condenada a dois. Adeus, Romeu e Julieta, Yang Guo e Xiaolongnu, Sid e

Nancy.

Naquela noite, tia Yunxi não vem para casa. Fico estranhamente tranquila. Vou para a cama prestando atenção na movimentação nas paredes, algo maior do que lagartos. Agora que ela se foi, penso na minha mãe o tempo todo. Ela me preocupa tanto que parece inevitável que reapareça. O rosto jovem da minha mãe não esteve espalhado em meus sonhos durante anos? Parece impossível que ela tenha ido embora para sempre.

Espio pela janela antes de ir para a cama. Pela grade ornamentada, olho para o jardim com as samambaias onde os pássaros fizeram ninhos e os aglomerados de árvores escuras. A grama alta e úmida não se mexe. Presto atenção com uma superstição inconsciente tentando ouvir o choro de um bebê. Se você ouvir um bebê chorando alto em algum lugar próximo, a *pontianak* está longe, atiçando você a se aproximar dela. Se o choro estiver distante, significa que o monstro está por perto.

Mas, se minha *pontianak* agora é um fantasma, ela é um fantasma muito tímido. Não quer se revelar. Acordo tarde da noite com uma certeza sobrenatural de que há alguma coisa batendo asas em meu ouvido e encontro apenas a normalidade insistente do meu quarto. O ar quente e os grilos no jardim me lembrando de que estão lá fora. Mas não aqui, não ela.

*

Na manhã seguinte, sou acordada pelos sinais sonoros longos e insistentes de um caminhão dando a ré. Tia Yunxi entra assim que me sento na cama. Está trazendo uma caneca para mim.

— Como você está, garota? Os caminhões estão aqui para preparar o velório — diz ela. — Vou fechar por nove dias. Nada de clientes. Só visitas.

Concordo com a cabeça e esfrego os olhos. Minha tia não oferece nenhuma explicação para sua ausência na noite anterior, e eu não pergunto. Ela me dá a caneca. Está cheia de achocolatado Milo fervendo. Penso nos pedaços solidificados de leite e açúcar no chocolate maltado, reconfortante e impuro. Tomo um golinho e coloco a caneca na mesa ao meu lado.

Tia Yunxi tira do bolso um quadrado de pano branco e me dá. O sinal do luto, de ser digno de pena, ou de sentir pena. Algo muito pequeno que torna tudo muito real. Por um instante ficamos sentadas de frente uma para a outra atordoadas, murchas e sem palavras. A esta luz a pele da minha tia parece pálida, venosa, quase translúcida. O luto transforma as pessoas em

fantasmas. Não me refiro apenas às que se vão, mas às que ficam. Depois de um tempo, minha tia faz um carinho na minha mão e se levanta.

— Szu, você precisa estar preparada — diz, saindo do quarto. — Pense no que tem a dizer para sua mãe. Guarde para si. Não conte para ninguém. Principalmente para sua amiga bocuda. É para você. É importante.

O que eu ainda tenho a dizer para minha mãe? Nunca falamos sobre o que realmente significávamos uma para a outra. Quando ela estava bem, eu era muito descuidada com meus maus sentimentos. Carregava minha raiva escrita na testa em traços crus e grossos. Ela só tinha quarenta e quatro anos. Neste momento seu corpo está sendo drenado e preenchido com produtos químicos.

No dia do meu aniversário de treze anos, minha mãe me disse que eu era um acidente feliz. Eu tinha menstruado pela primeira vez no dia anterior e estava inconsolável. Minha mãe, tia Yunxi e eu estávamos sentadas à mesa de mármore. Minha mãe segurava uma faca que pairava como um ponto de interrogação sobre um pequeno bolo verde.

— O idiota do seu pai e eu não somos como os outros pais — disse ela. — Nunca quisemos ou precisamos de um filho. E eu estava ficando velha demais, mesmo quando tive você. Então, na verdade não era para você ter acontecido, mas você chegou até aqui! É maravilhoso, Coelhinha. Feliz treze anos de acidente! — parabenizou ela, e fatiou o bolinho.

Ela não me chamava de Coelhinha havia muito tempo. Era uma demonstração de carinho, e fazia tempo que minha mãe tinha deixado de ter esse sentimento por mim. Por isso esse momento se destacou para mim. Eu sabia que o objetivo dela era me animar e até ser engraçada, que a palavra "feliz" estava relacionada à palavra "acidente", mas eu só me concentrei em "acidente". As sílabas ardiam como um arranhão. Comi em silêncio, mastigando o bolo chiffon até virar uma massa sem gosto na boca. Tentei pensar em outros acidentes felizes, mas só imaginei carros batendo em tendas de balões, cabeças de palhaço explodindo, invenções animadas da imaginação: indesejáveis, abstratas, implausíveis.

*

O velório será realizado na entrada da garagem. Temos muitas coisas para fazer hoje. Logo vou ter que deixar a segurança bagunçada do meu quarto. Olho pela janela e vejo uma van branca e um caminhão azul estacionando.

Sete homens saem, todos com a mesma camisa polo roxa e feia. Eles tiram cadeiras e mesas dobráveis da traseira do caminhão e as empilham junto ao muro. Dois deles arrastam postes de aço e começam a montar uma cobertura amarela listrada. Um homem grita instruções para outro em *hokkien*. Eles começam a posicionar uma fileira de mesas para o bufê.

Puxo o ar por entre os dentes e meu estômago faz um barulho de pedras rolando. Hoje em dia me sinto mais leve. Prendo o quadrado de tecido branco à manga direita. O velório vai durar três dias. Não faço ideia de quem virá. Pelo que sei, minha mãe não tinha amigos. Meus avós estão todos mortos, e não sei onde os outros irmãos da minha mãe estão.

Vi minha avó materna apenas uma vez, há oito anos, pouco antes de ela morrer. Eu me lembro de uma sombra pequena e encurvada à porta e da surpresa dos meus pais. Eles a convidaram para entrar, minha mãe se arrastando pelo corredor estreito, de repente desajeitada. Minha avó era muito velha e assustadora. Lembrava a Imperatriz Viúva. Ostentava seus anos com resplandecência; décadas de grampos presos ao redor da cabeça, segurando o cabelo branco e fino em um coque imperfeito. Até suas mãos, inquietas sobre a curva da cadeira em madeira teca da sala de estar, eram anciãs, salpicadas de sardas e com textura de casca de árvore. Olhou para mim desconfiada antes de seus olhos reluzentes por fim decidirem pela indiferença. Eu tinha seis anos, e a feiura já tinha se instalado em meus traços. Na época, meu rosto tinha começado a se alongar e estreitar, passando de hamster fofinho a ratazana nojenta. Independentemente de minha aparência, eu não era importante. O que importava era o que pairava no ar entre minha mãe e ela. Minha avó parecia sugar a luz do sol, deixando a sala sem ar e estranhamente calma. Ela não olhou duas vezes para meu pai. Ele hesitou à porta antes de se retirar para o jardim selvagem e tórrido.

Minha mãe sentou-se diante da minha avó com a boca contraída. Eu não sabia que aquela seria a primeira e a última vez que veria as duas juntas. Havia pouca ou nenhuma semelhança familiar. A única coisa que pareciam ter em comum era a raiva. Eram como duas gatas com as costas arqueadas e o pelo eriçado. Então começaram, sussurrando entre dentes, cuspindo frases de tempos em tempos. Estavam discutindo em *hakka*. Eu entendo *hokkien*, mas *hakka* não, então não fazia ideia do que estavam dizendo. As duas pareciam bravas e tristes. Eu tinha a sensação de que, com raras exceções, as pessoas só sentiam uma de duas coisas em relação à minha mãe: raiva ou paixão.

De repente, minha mãe se levantou e foi até o quarto. Depois, voltou para a sala com raiva. Quando espiei pela porta, acho que a vi jogar algo na minha avó. Parecia uma bolsinha vermelha, mas eu não tive certeza. Minha avó foi embora logo depois, antes que meu pai pudesse cumprir a hospitalidade de oferecer algo para comer ou beber. Atravessou a entrada da garagem com dificuldade, bufando e magoada, e foi a última vez que a vi.

Quando vi minha avó pela primeira e última vez, meus pais também já tinham dado início a suas próprias batalhas intensas e cansativas. Não parecia haver fim ou propósito para suas discussões ininterruptas. Não passavam de um hábito desagradável.

Certa manhã, em setembro do ano seguinte, até o ar parecia hesitante. Acordei com uma sensação ruim no cérebro e nas costelas. Um silêncio terrível preenchia a casa. Me encolhi sob a coberta cor de pêssego. Ouvi minha mãe bater na porta do quarto. Então, meu pai me chamou. Sua voz parecia sufocada e reprimida. Quando o encontrei na cozinha, ele estava pálido e com os olhos arregalados, como um dos peixes pampos enrolados em papel filme na segunda prateleira da geladeira. Fui atrás dele até a porta, onde ele virou e me abraçou com delicadeza, como um Papai Noel chinês cansado em um shopping center.

— O papai tem algumas coisas para resolver em Ghim Moh. Trago mingau de peixe se pegar a barraca aberta. Volto logo — disse.

Não acreditei nele, mesmo tendo só oito anos, e meu pai percebeu. Não olhava nos meus olhos. Pendurou uma mochila no ombro, ajustando o peso quando a alça escorregou. Fui atrás dele até o portão, não mais do que isso. Ele caminhou firme até o Honda Civic capenga com meus livros de colorir espalhados no banco de trás. Ligou o carro e manteve os olhos no painel e no leãozinho pendurado no retrovisor. Aquele leão feio era uma piada interna, um brinde que transformamos em acessório para o veículo. Fiquei assistindo enquanto ele tirava o carro do balão. O carro virou à esquerda e então se juntou à fila infindável de carros e caminhões anônimos da via principal. Como se aquela fosse a deixa, minha mãe gritou me mandando entrar.

— *Szu! Szu! Szu Min!*

Ela estava com dor de garganta de tanto discutir, e sua voz estava rouca como a de um monstro. Quando entrei em casa, ela já tinha se retirado para o quarto e fechado a porta. Não queria me ver, só queria se certificar de que eu ainda estava lá. Fiquei olhando para o papel de parede descascado do

corredor. Fomos abandonadas juntas, minha mãe e eu, mas pela primeira vez na vida me senti sozinha de verdade. Era uma solidão que parecia maior e mais adulta do que o meu corpo, maior até do que um país. Ah, essa solidão tinha proporções continentais. Voltei para a cozinha e preparei uma caneca de Milo.

Dias se passaram. Semanas. Meses. Nem uma ligação. Nem mesmo umas palavras rabiscadas. Era difícil acreditar que meu pai tinha nos abandonado e corrido para algum buraco da ilha sem deixar vestígios. Não achei que ele estivesse falando sério quando ameaçava minha mãe com isso. Achava que eu é que devia ter fugido, eu, a menina inquieta de oito anos, não ele, um homem de quarenta que devia saber o que faz.

— Seu pai é um malandro — cuspia minha mãe, como se fosse uma explicação. — Nada mais do que isso. Ele é um *ah goon*, um *ah seng*. Vem de uma linhagem longa de malandros, ninguéns e nadas e voltou para a lata do lixo, que é o lugar dele.

Eu não engolia aquela amargura. Meu pai era melhor do que o lixo, ainda que não nos aguentasse mais. Talvez nós fôssemos mesmo insuportáveis, e ele estivesse de saco cheio. Minha mãe, antes fumante ocasional, herança dos dias de atriz, tornou-se fumante em tempo integral, ávida. Começou a beber como um clichê, saboreando licores escuros que lhe deixavam com o hálito de um velho rabugento. Estava sempre de ressaca e com um humor terrível. Esqueci como era seu rosto quando sorria e como apreciar sua companhia, embora nunca tenha perdido o desejo patético de agradá-la. Eu a amava com muito ódio; perto dela eu me sentia desleal, nojenta. Em segredo, me perguntava se seria mais divertido viver com os ninguéns e nadas do que com uma ex-atriz de filmes de terror. Talvez ser alguém e algo fosse superestimado.

Durante aquele ano inteiro, esperei que tudo não passasse de um mal-entendido, que estivéssemos enganadas quanto a ele. Qualquer dia, meu pai voltaria com um sorriso irrepreensível e duas sacolas plásticas cheias de frutas e lanches. Doce de ameixa azeda, o favorito da minha mãe.

Repassei sua partida repetidas vezes na cabeça até ficar confusa quanto ao que tinha acontecido de verdade e o que eu tinha entendido errado. Cada detalhe contava. Se na manhã anterior eu tivesse virado à esquerda e não à direita na rua principal, se tivesse comido os legumes, se tivesse obedecido a cada palavra dele, talvez o resultado tivesse sido diferente. De qualquer forma, eu não queria a verdade. Queria dizer a mim mesma que as coisas

podiam ser revertidas, ainda que não acreditasse nisso.

13
AMISA
1977

Recém-casada, Amisa passou a trabalhar no Paradise Theatre seis dias por semana. Rocky a promoveu a bilheteira e lanterninha em tempo integral, nada de banheiros sujos. Naquela semana, estreou um filme de Hollywood cuja popularidade a deixou surpresa. O nome era *Contatos imediatos de terceiro grau*. Quando ela o descreveu para Wei Loong, soou como o pesadelo de um bêbado.

O foco do filme era um homem vidrado em óvnis. Ele ficou obcecado com a visão de uma montanha, tentou recriá-la com purê de batata, sua loucura foi se intensificando até que ele construiu uma estrutura de argila enorme que tomou conta de sua família e da sala de sua casa. Quando os alienígenas se revelaram, Amisa achou as criaturas sem graça, as cabeças de alfinetes iluminadas por trás por uma luz desfavorável.

Ainda assim, a fila para comprar ingressos serpenteava do lado de fora. Todos queriam ter contato com alienígenas. Ela ficava ocupada o dia todo na bilheteria, emitindo ingressos e sem tempo para se mexer, até seu traseiro ficar dolorido no banco de plástico. Em uma quinta-feira, um pouco antes da sessão das oito e meia, um homem correu até a bilheteria. Era um homem de meia-idade e tinha um rosto enrugado e bronzeado sobre o qual descansava uma faixa espessa de cabelo preto que parecia peruca. Seu bigode parecia uma lagarta gótica. Comprou ingresso para o melhor lugar: três e cinquenta dólares de Cingapura. Quando Amisa entregou o ingresso, ele a encarou. Tinha um olhar intenso e marcante, direto, mas não grosseiro. Quando ela olhou para cima, irritada, o homem nem piscou.

Naquele momento, ela se lembrou de quando observava as águias sobrevoando o pântano com Didi, cinco anos antes, e do tio Khim Fatt apontando para um pássaro que parecia esperto, empoleirado no galho de uma palmeira. Ele tinha a plumagem marrom manchada e a crista de ponta branca.

— É um gavião de Wallace — explicou o tio Khim Fatt, e depois rabiscou algo no caderno.

— Quem é Wallace? — perguntou Amisa.

O pássaro a encarava.

— Provavelmente algum militar branco rico — respondeu Didi, se agachando ao lado dela.

Sua mão pequena e áspera descansou no ombro dela enquanto ele esticava o pescoço para olhar.

— Já vi esse tipo de gavião por aqui antes, mas este é poderoso! Como um deus pássaro.

Eles viraram a cabeça ao mesmo tempo que o gavião se mexeu no galho. A ave abriu as asas, mostrando sua envergadura castanho-avermelhada. Então, abriu a boca e gritou "aaaaaaa, aaaaaaa" em um tom agudo e altivo.

Depois, eles voltaram a Kampong Mimpi Sedih, uma longa caminhada em silêncio. Didi tinha onze anos na época e segurou sua mão com um cavalheirismo natural, soltando-a só quando se aproximaram das casas.

O homem diante dela guardava uma semelhança impressionante com aquele gavião de Wallace. Tirando o bigode idiota, a semelhança estava no nariz adunco e nos olhos amarelados. Ainda mais impressionante era a completa falta de luxúria ou atração em seu olhar. Talvez ele fosse homossexual, pensou ela com arrogância. Ele avaliava Amisa como se guardasse alguma grande sabedoria, uma resposta a uma pergunta que ele se fazia havia anos.

— Posso ajudá-lo? Temos pipoca e *kacang puteh* do outro lado do corredor — disse Amisa.

— Incrível! — exclamou ele, e continuou a encarando. — Me desculpe. Não consigo me acostumar com seu rosto. É como uma máscara perfeita.

Ela franziu a testa e piscou lentamente.

— Mas também desvenda — disse ele. — Nunca vi um rosto como o seu, nem em Cingapura, nem em todo o Sudeste Asiático. No Cazaquistão ou no Tibete, talvez, no alto dos montes sagrados, mas com certeza não por aqui. Você é tão linda que me deixa levemente enjoado, se não se importa que eu diga. Você deve ouvir isso o tempo todo.

Ouço, pensou Amisa. E cruzou os braços.

— Eu garanto que não sou um pervertido — continuou o homem. — Sou casado e tenho uma filhinha. Mas reconheço algo importante quando vejo, e você, minha jovem, tem um rosto feito para o cinema.

— É… obrigada — respondeu Amisa.

Ela não disse que ele parecia um gavião. Ele falava como um personagem de um filme. Alguém seguro de si, ainda que estivesse simulando uma voz, um asiático imitando um dos primeiros filmes americanos falados: um tanto afetado. Ainda assim, seu rosto ficou corado.

— Qual é o seu nome? — perguntou ele.

— Amisa.

— Amisa. Quero trabalhar com você. Por favor, posso lhe dar meu cartão?

Ele enrolava os erres de um jeito estranho. Amisa se perguntou de onde ele era. Parecia malaio, mas falava inglês com um sotaque que ela não conseguiu identificar.

Amisa deu de ombros enquanto ele tirava um cartão de um estojo prateado elegante.

— Agora, se me der licença, Amisa, preciso assistir a esta sessão. Vejo algo grande em nosso caminho. Tenho uma oferta para você: seja minha estrela.

A jovem ficou olhando para ele, estreitando de leve os olhos.

— Não sei do que você está falando.

— É simples, estou lhe apresentando uma oportunidade, porque acho que você é especial. Use o tempo do filme para pensar. Me diga o que acha quando eu sair mais tarde.

Ela pegou o cartão e o homem se virou em direção à sala. Depois que ele desapareceu na escuridão, ela olhou o cartão. Era impresso em papel branco com as letras em relevo.

ISKANDAR WIRYANTO

VISIONÁRIO • CINEASTA • AUTEUR

2 3 0 8 5 8

O telefone dele continha os mesmos dígitos que o aniversário dela. Qual é a probabilidade?, pensou Amisa. Ela sabia o que era um cineasta, mas as duas outras palavras pareciam pomposas e desconhecidas. Talvez ele pudesse ajudá-la a virar modelo. Talvez conhecesse pessoas que poderiam colocá-la em contato com outras pessoas. Um visionário seria alguém como Yunxi, que evocava mensagens do éter?

Ela não assistiu àquela sessão de *Contatos imediatos*; já tinha visto várias. Então, pegou um espelhinho e examinou as pontas duplas do cabelo, cagou

timidamente no banheiro dos funcionários, ficou vermelha e fez caretas elásticas e horríveis para si mesma no espelho do banheiro. Estava se sentindo um pouco atordoada e tonta com os elogios daquele homem. De alguma forma, tinham certa imponência se comparados aos elogios de sempre.

Cento e trinta e cinco minutos se passaram. Ela ficou olhando para a porta. As famílias malaias saíram primeiro, com as mães repreendendo os filhos que choravam, seguidas pelos adolescentes indianos e chineses jogando pipoca uns nos outros, os jovens casais de todas as raças besuntados no líquido um do outro, os casados tentando segurar a barra ou pensando no trabalho, os lobos solitários pensando no universo e, finalmente, Iskandar Wiryanto. Ele saiu da sala caminhando despreocupado com as mãos nos bolsos e foi direto até o balcão de Amisa. Ela fingiu estar ocupada com o livro-razão.

— Que filme — comentou ele.

Ela não respondeu, e ele acrescentou:

— Estou extasiado. E então, Amisa?

Ela deu de ombros, tola como não era de seu feitio. Não conseguia sustentar o olhar daquele homem. Ele a encarava com uma franqueza e familiaridade como se os dois se conhecessem havia anos. Depois de um tempo ela tirou o cartão do bolso do uniforme e ficou segurando.

— Você quer trabalhar comigo como?

— Seja minha atriz principal.

— Isso é uma piada? — resmungou Amisa em mandarim, antes de repetir em inglês.

Ela pigarreou e analisou o cartão mais uma vez.

— Sr. Wiryanto, eu não sou atriz. Só vendo ingressos.

— Eu sei — disse ele, sorrindo até as rugas em volta dos olhos formarem vincos.

— E, além disso, sou casada — continuou Amisa. — Se isso for algum tipo de oferta imoral, não estou interessada mesmo. Se você me incomodar, vou chamar meu gerente. O nome dele é Rocky.

— Calma, calma — pediu ele.

Ela o encarou, a boca em uma linha reta e voluptuosa.

— Não é nada disso, prometo. Você não precisa ter experiência como atriz, prefiro alguém não treinado para o papel. E assustadora, como você.

— Assustadora?

— Isso.

Seus olhos brilharam.

— Quero que você faça um monstro. Uma *pontianak* poderosa, um papel enorme, maior do que a maioria das atrizes iniciantes consegue.

— *Pontianak*? Por que você quer que eu finja que sou um fantasma? Isso não dá azar?

— Ah, pelo menos você está considerando a oferta — comentou ele, sorrindo. — Por quê? Você é supersticiosa?

— Na verdade não — admitiu ela. — De onde você é?

— Morei em toda parte — disse ele, com uma pausa enigmática. — Mas sou de Kota Pontianak, Indonésia.

— Nunca ouvi falar. Você está inventando?

Ele riu.

— Você é engraçada — disse ele.

Ninguém nunca tinha falado que ela era engraçada.

— É claro que não estou inventando. A cidade fica bem na linha do Equador. É real. Posso trazer um mapa e mostrar para você.

Ela balançou a mão na frente do corpo e fez que não com a cabeça. Rocky passou por ali, lançando um olhar curioso para ela. Amisa olhou para o relógio.

— Não entendi seu cartão — disse Amisa apressada, segurando o cartão sob a luz. — O que é um *auteur*? O que é um visionário? Por que você não diz de forma simples?

— Porque isso me descreve — declarou Iskandar, simplesmente. — Bem, o que você acha?

— Vou pensar. Obrigada — respondeu Amisa. Mas percebeu que ele a vira colocando o cartão de volta no bolso da camisa.

— Começamos a rodar em seis semanas — avisou ele. — Não posso atrasar o cronograma. Mas... Me chame de louco, mas, se você se encaixar, demito minha atriz principal. Eu não estava muito feliz com ela mesmo. Ela não é nada comparada a você.

— Sério?

— Sério. Se meus instintos estiverem certos e você for tão incrível quanto parece, arranjo tudo. Estou com um pressentimento ótimo. Não vou conseguir dormir esta noite.

Ela enrugou o nariz e franziu o cenho.

— Não faça essa cara. Estou muito animado com você. Por favor, pense.

— Claro — retrucou Amisa. — A gente se vê. Tchau.

— Você tem meu cartão, Amisa. Espero receber notícias suas. Tchau.

Nas portas duplas, Iskandar virou para admirá-la uma última vez, depois a saudou e saiu para a noite úmida.

Você tem um rosto feito para o cinema; importante; você é perfeita; atriz principal. Amisa ficou recordando o que ele disse, repetindo inúmeras vezes na cabeça. No jantar, estava atordoada, um sorrisinho sonhador brincando em seus lábios. Os elogios dele eram como um vestido novo esperando em casa, em uma sacola bonita, no armário. Ela mexeu no macarrão mas não atacou o prato com o vigor costumeiro de quem trabalhou o dia todo sem almoço.

— Você está bem? — perguntou Wei Loong. — Algum *ah beng* te incomodou no trabalho de novo? Mostrou a aliança? Diga a esses desgraçados que você é uma mulher casada, e que eu vou espancá-los.

Ela fez que não com a cabeça devagar. A feira estava quente e lotada, e famílias conversavam ao redor deles, mas ela se sentia como se estivesse em outro mundo. O mundo puro e livre de suor dos ricos e famosos. Imaginou o homem de *Contatos imediatos* flutuando até o óvni em formato de *kueh tutu*. Ela se viu sob os holofotes alienígenas, e a sensação foi deliciosa.

— Conheci alguém interessante hoje — disse finalmente.

— Ah, é mesmo?

Wei Loong olhou para ela e então de volta para o prato de *char kway teow* na frente deles. Colocou um pedaço de bolinho de peixe na boca e mastigou.

— Sim, é um diretor indonésio chamado Iskandar Wiryanto. Ele me deu um cartão. Disse que quer trabalhar comigo…

Wei Loong pegou o cartão. Uma sombra dançou em seu rosto.

— Ele está fazendo um filme de terror. Sobre uma *pontianak*. Sabe, a fantasma — explicou Amisa. — Ele me ofereceu o papel principal se eu fizer um teste.

— Você acha que vai fazer? — perguntou Wei Loong.

— Bem, por que não?

Ele analisou o cartão mais uma vez e devolveu-o.

— Imagine quanto dinheiro teríamos se eu virasse atriz? — continuou Amisa. — Todas as coisas legais que poderíamos comprar para nossa casa. Móveis bons. Ele falou que vai fazer uma trilogia.

— Onde Cingapura tem indústria cinematográfica? — indagou Wei

Loong, gesticulando com os pauzinhos. — Que eu saiba, tinha filme malaio, mas os estúdios não fecharam todos?

— Ele mesmo está financiando.

— Como ele arranjou dinheiro? Esse sujeito parece suspeito. Além disso, P. Ramlee já fez filmes da *pontianak* há muito tempo, e fizeram bastante sucesso. Como esse vai brigar com eles?

Amisa deu de ombros e mordeu o lábio enquanto Wei Loong olhava para longe, ponderando.

— Além disso, a *pontianak* não está meio fora de moda? Hong Kong já tem tantos filmes de fantasma… quem precisa de mais? Todo mundo está louco com *Star Wars* e alienígenas.

— Tá, tá, já entendi, é uma ideia idiota — disse Amisa. — E sou uma idiota por sugeri-la.

— Eu não disse isso — respondeu Wei Loong.

Amisa soltou o talher e pegou a bebida.

— Você não vive dizendo que eu devia experimentar outras coisas? — resmungou ela para o caldo de cana-de-açúcar. — Agora que isso apareceu você fica todo desconfiado.

A raiva se acocorou em seu ombro como um abutre. *Você tem muita sorte de eu estar com você. Eu podia arranjar coisa muito melhor. Talvez eu possa ser uma estrela, ir para Hong Kong ou até Hollywood*, pensou, cheia de ódio. Wei Loong se ajeitou no banco. O silêncio se instalou.

— Acho que você deve tentar, se isso vai te deixar feliz — disse ele por fim. — Pode ser que não consiga, mas não há mal nenhum em ir já que o figurão convidou. Talvez dê certo.

— Foi o que pensei — comentou ela, sorrindo, e o clima mudou. — Nunca se sabe, não é?

— É. Nunca se sabe — repetiu Wei Loong, hesitante. — Mas acho que eu devia ir com você.

— Por quê?

Ele fungou e limpou o nariz.

— Caso seja algo suspeito.

— Ah.

— Como aqueles fotógrafos desprezíveis que querem tirar fotos de você nua e vender em JB…

Amisa soltou um suspiro alto e cavalar e empurrou os brotos de feijão pelo prato com uma colher de plástico.

— Não sou burra, sei cuidar de mim mesma.

— Eu sei.

— Então?

Ela o encarou e Wei Loong desviou o olhar.

— Nada, *lah*. Esqueça o que eu disse.

— Claro.

Depois do jantar, eles voltaram para casa em um silêncio mortal. Wei Loong a seguiu até o elevador azul estreito, no qual havia um quadro manchado descascando da parede, e fechou a porta pantográfica ao entrar. Ela esticou o braço e pressionou o botão do sexto andar.

— Não precisa ficar apertando — disse ele. — Já estamos subindo.

Amisa ignorou e ficou observando os andares passando pela janelinha. Lembrou-se de quando andava no velho funicular quando era criança, subindo ruidoso a colina íngreme — colina e ferrovia ambos agora provavelmente renovados em uma lustrosidade reluzente. Ela via isso acontecer o tempo todo naquela cidade, o velho e gasto sendo derrubado para dar lugar ao novo e implacável. A cidade estava mudando a uma velocidade vertiginosa, e ela sabia que Penang não seria diferente. Ou você acompanhava, ou ficava para trás na poeira e no abandono.

Wei Loong tirou do bolso a chave de casa. Eles ouviram o telefone tocar. Ele abriu a grade e depois a porta principal enquanto o toque insistente e estridente continuava. Ela entrou apressada e tirou o telefone verde do gancho.

— Alô?

— Xiaofang? Alô? Xiaofang?

Era Jiejie, e estava soluçando.

Amisa apertou o telefone na orelha.

— Estou ouvindo. Jiejie, o que aconteceu?

A irmã estava chorando tanto que Amisa não entendia o que dizia.

— O que aconteceu, Jie?

— É Didi — disse Jiejie apressada; seu tom de voz lembrava o de quando era garota, quando batia o joelho com força em algo coisa e engolia as lágrimas.

Amisa sentiu o caldo de cana-de-açúcar voltar. Sentiu o gosto na cavidade apertada onde a boca encontra a garganta.

— O que aconteceu? Ele se acidentou de novo?

Ela ouviu a irmã soltar o ar devagar. Amisa, que antes estava empoleirada

no braço de madeira de uma cadeira, esticou o fio do telefone e se sentou direito. Wei Loong perambulava à sua frente, mas ela balançou a cabeça e fez sinal para que ele saísse.

— Houve um deslizamento de terra — contou Jiejie. — Hoje de manhã choveu muito. Didi saiu com a motocicleta assim mesmo. Ele estava indo em direção à rodovia Kuala Lumpur–Karak quando aconteceu.

— Que horas?

— Um pouco depois das dez.

Amisa tentou se lembrar do que estava fazendo naquela hora. Provavelmente estava preenchendo o livro da bilheteria com sua caligrafia arredondada e irregular, com as pálpebras pesadas.

— Um tronco de árvore caiu na estrada — continuou Jiejie.

Amisa respirou fundo. A voz da irmã era monótona e desconexa.

— Didi ficou preso. Vários carros também, e um ônibus de turismo. A equipe de resgate demorou duas horas para chegar ao local.

— Ele está bem? — perguntou Amisa, embora já soubesse a resposta.

— Não — balbuciou Jiejie. — Não.

As mãos de Amisa estavam congeladas. Ela imaginou a falha profunda das encostas, detritos se acumulando em questão de segundos. Uma pasta de água lamacenta e pedras deslizando, desabando e escorrendo. Terra cor de marsala jorrando. Era assim que acontecia. Ela agarrou o telefone. O aparelho estava quente e machucava a orelha de tanto que ela o pressionava.

Começou a chorar. Pensou na última coisa que Didi deve ter visto ao fazer a curva da estrada: o horizonte cor de tangerina e de repente terra correndo em direção à terra. Desejou que ele não tivesse ficado preso na escuridão durante horas, assustado e sozinho, enquanto a lama enchia suas orelhas, sua boca, seus pulmões. Que seu fim tivesse sido rápido e indolor. Desejou que pudesse ter feito alguma coisa, qualquer coisa. Mudado o clima, acalmado o solo. Ligado para casa mais vezes e insistido que ele viesse ao telefone. Tentado falar com ele no dia anterior. Dizer Didi, por favor, por favor, fique em casa. Ela se arqueou, arfadas violentas vindo em ondas. A tristeza era tão grande e selvagem que ela sentia que ia explodir. Didi não merecia morrer. Tinha só dezesseis anos. Era seu Fantasminha, observador de pássaros, fanfarrão, merdinha atrevido e sua pessoa favorita no mundo inteiro.

Jiejie fungou do outro lado da linha. Amisa não queria ouvir mais nada dela, não sabia mais o que dizer. Pensou no quanto aquilo era ridículo, as

duas estarem fazendo os mesmos barulhos de passarinho com a garganta.

Depois que ela desligou o telefone, Wei Loong envolveu-a nos braços, mas ela o empurrou como se o marido fosse uma toalha caída da prateleira. Deitou na cama sem tirar a roupa e os sapatos. Entrelaçou os dedos sobre o estômago, olhando para o teto, a mente cheia do rosto de Didi da última vez que o viu. O irmão acenou para ela da calçada com o restante da família, um sorriso torto brincando nos lábios. Em que ele estava pensando? Imaginou-o agora, esmagado e imóvel.

Ouviu o marido entrar no quarto com os passos hesitantes, como quem se aproxima de um animal selvagem.

— Só me deixe sozinha — disse.

14
CIRCE
2020

Um dia depois de ver Szu na estação, não consigo me concentrar. Estreito os olhos para a tela a manhã inteira, linhas onduladas em meu campo de visão parecem vermes fantasmagóricos nadando. Logo após o almoço, Gordon me chama em sua sala.

— Como está indo a campanha do *Ponti*?

— Ótima — respondo, e mesmo sorrindo sinto a tensão em minhas bochechas.

— Você precisa ser mais específica — diz Gordon.

Está me encarando desde que entrei. A luz do monitor ilumina as manchas de sol e a barba branca por fazer em seu rosto. Ele parece precisar de uma máscara para dormir e dez anos de sono.

Faz anos que Gordon não me aborda com esse tom moroso e reprovador. Costumamos ser amigáveis um com o outro. Os pelinhos no meu braço se eriçam. Aperto um pouco mais o cardigã preto da Baleno em volta dos ombros e pigarreio.

— Bom, terminamos a revisão das redes sociais. Finalizei a estratégia geral com Mark e Yihan; vamos de Cingapura kitsch old-school. Como dito no briefing: "terror analógico para a geração digital". Então, foi essa a direção que tomei. Enviei o planejamento de marketing revisado semana passada.

— É, eu tenho ele aqui. Vamos ver.

Ele não se esforça para virar o monitor na minha direção. Mantém os olhos na tela com a intensidade de um espectador de futebol americano, como se estivesse torcendo para que o documento marcasse pontos a qualquer momento. Finalmente, vira para mim.

— Não sei outra forma de dizer isso — diz ele.

Pisco algumas vezes.

— Está muito *blé*, Circe. Páginas e mais páginas de *blé*. Não me atrai.

Precisamos ser incríveis, não medianos. Entende?

— Entendo — respondo.

Sinto meu estômago se comprimir. A tênia saiu envenenada há um mês, o raio x provou, mas às vezes sinto que ela ainda vive dentro de mim e não sei se isso me deixa enojada ou levemente aliviada.

— O problema é que… eu não sei se você está comprometida com o briefing — explica Gordon. — Olha só, Circe… você e eu, falando francamente, não somos mais superjovens. Temos que nos esforçar mais ainda para pensar fora da caixa. Entende o que quero dizer? O mundo mudou desde que você se juntou a nós, essa é a velocidade da mudança.

Não me agrada ser colocada no mesmo grupo que ele. Tenho trinta e três anos. Gordon tem mais de quarenta, com mechas caras no cabelo e um corte que o faz parecer mais forçado do que na moda.

— Entendo o que quer dizer — respondo, com o tom conciliatório e ensaiado que reservo aos clientes difíceis.

Tento sorrir, mas sinto meu estômago se contorcer.

— Olha, Circe — fala Gordon, mas desta vez com a voz mais suave. — Sei que as coisas não estão fáceis para você. Com o divórcio. É muita coisa.

— Estou lidando bem com tudo — retruco. — Para ser sincera, estou com dor de estômago.

— Tudo bem — diz Gordon. Seu rosto se fecha. — Então, vou direto ao ponto. É verdade que você não assistiu a nenhuma das exibições do arquivo? Você não viu *Ponti!*, nem *Ponti 2* nem *Ponti 3: A maldição do Bomoh*? Nem *unzinho* deles, sendo que nosso cliente pediu explicitamente que vinculássemos a campanha aos filmes originais? O que está acontecendo? Acorda pra vida, Circe! Esse tipo de coisa é *básico*! Se você fosse estagiária, eu te demitia na hora.

— Sinto muito — digo, com sinceridade.

— Não é do seu feitio agir assim. Tem certeza de que está tudo bem?

Faço que sim com a cabeça. Não sei como explicar.

— Tudo bem. O que você faz quando está promovendo um remake e não tem a primeira versão do filme em questão?

— Assiste a todo material original disponível.

— Eu não devia precisar te dizer isso.

— Me desculpe.

Me sinto como um ratinho assentindo.

— Você sabe o que fazer então.

Pego meus papéis e meu tablet e saio. Aposto que foi Jeanette quem me dedurou. Jeanette, com a bunda perfeita e o timing impecável. Duas horas depois, do lado de fora da sala de exibição, ela levanta os olhos do celular e diz:

— Ah, é você.

Como se não estivesse me esperando.

As luzes já diminuíram quando nos sentamos. Me acomodo na poltrona de plush e sinto meu rosto corar em um redemoinho de ansiedade e adrenalina. Sempre me recusei a assistir aos filmes. Preferia ouvir os relatos de Szu a respeito de sua grandeza, imaginar Amisa neles em vez de me familiarizar com as imagens reais, diminuindo seu poder. Principalmente depois que Amisa morreu, eles se tornaram relíquias fantasmagóricas. Sinto algo pesar na garganta, como se eu estivesse sendo julgada, como se estivesse desrespeitando os mortos.

Toda vez que me mexo, a cadeira range. A tela treme e o título aparece: *PONTI 2*, palavras brancas tremidas sobre um fundo marrom e verde. O som de cordas me dá uma sensação de pavor crescente. A câmera vira de uma estrada de terra tranquila para um campo de arroz verde e úmido rodeado de árvores-do-viajante com as folhas secas parecendo um leque. A tomada vai ampliando até compreender toda a paisagem de casas esparsas com telhados alaranjados de palha, galpões de aço corrugado enferrujado e o velho silo, unidos por estradas estreitas e serpenteantes. Foi nesse tipo de lugar que Amisa cresceu?, me pergunto. Pedaços de terra largos e castigados pelo sol em algum fim de mundo. Dou uma olhada para a direita. Jeanette está com os olhos grudados na tela do celular.

Um caminhão barulhento surge, branco e azul, descendo a estrada de terra. Um homem bonito franze o cenho no banco do motorista. Ele estreita os olhos e faz umas caretas até chegar ao destino. No povoado, atravessa a sombra das palmeiras a passos largos e um grupo de aldeões se reúne à sua volta, vestindo *tengkoloks* e *baju melayus*. Quando um dos homens começa a falar, é dublado por uma voz americana grave.

— Precisamos da sua ajuda — diz ao herói. — Tem uma *pontianak* aterrorizando nosso povoado. Ela tirou a vida de muitos dos nossos homens. Se não tomarmos cuidado, vamos ficar sem homens. Ela parece uma jovem bonita, mas não se engane.

— Eu a conheço — responde o herói, com expressão determinada.

Descobrimos que seu irmão foi assassinado pela mesma criatura em

Ponti!

Como derrotar aquela intrusa fantasmagórica? Como consertar as coisas? Aos trinta e cinco minutos de filme, o herói avança pela vegetação, levando um facão para se proteger, uma carranca anuviando seus belos traços. Ele foi avisado sobre o quanto o monstro das árvores é perigoso. Ela é pior do que uma *pontianak* comum. É *Ponti!* com um grito penetrante, um ponto de exclamação. Está furiosa porque jamais vai encontrar a paz. Teve seu coração partido por um filho que nasceu morto e um marido que a traía e espancava. É irracional e louca e tudo o que tem de errado com as mulheres.

O herói procura por ela para além do campo tranquilo, entrando na vegetação irregular e em declive que margeia o bananal. Deixa musical delatora: um turbilhão de cordas. Fecho os olhos com força por um instante. Não aguento ver. Silêncio. Uma pausa.

— Você veio aqui atrás de mim? — pergunta uma voz: doce, curiosa.

O homem vira a cabeça. As bananeiras farfalham. Está escuro na clareira, e parece que ele não sabe onde procurar. Então. Lá está ela, calma e provocante em uma piscina de luar, como se estivesse esperando ali o tempo todo. Amisa parece ser o que há de mais caro no filme barato. Parece tão jovem que meu coração dói. Sorri, e seus olhos brilham e entretêm. Então, me dou conta pela primeira vez: os filmes são uma ficção muito enganosa. Eis uma mulher de volta do mundo dos mortos — mas ela não existe mais fora da tela, seu corpo recriado em uma filmagem levemente desfocada.

Na última vez que a vi, ela era o oposto do épico: muito real e incrivelmente pequena. Estava deitada em uma cama, fechando de leve os olhos. Sentia uma dor constante, e seu corpo refletia isso, a pele ao mesmo tempo lustrosa e seca. As maçãs do rosto pontudas demais, no fio da navalha entre a elegância e já pendendo para o macabro. Estava com um lenço azul na cabeça, um vestígio do orgulho ou mesmo da vaidade. E parecia muito, muito velha. Não é um sinal de maturidade modesta perceber que as pessoas que considerei anciãs em vários momentos da minha vida não eram muito mais velhas do que sou hoje? Ela tinha quarenta e poucos anos. A Amisa da tela não parece ter mais do que vinte e um. Está no auge da beleza. O cabelo até a cintura e, mesmo coberta de pó para parecer morta-viva, ela reluz.

— Quem é você? Nós já nos encontramos?

Sua boca está levemente dessincronizada em relação à voz da dubladora americana. A dublagem tem uma dicção antiquada que não se parece em

nada com o registro cingapurense.

Não consigo definir o que mais é tão estranho em ver Amisa na tela — então percebo. É o fato de ela parecer muito *feliz*. Ela sorri para o ator como se estivesse apaixonada por ele. Descansa uma das mãos delicadamente sobre a outra, as duas cruzadas em frente ao corpo, elegante junto à mortalha branca.

Ela não era nada disso na vida real. Sempre que entrava na cozinha ou na sala, eu não tirava os olhos dela porque Amisa carregava uma tristeza glamorosa demais. Sempre um peso.

O herói foge pelo campo de caniço-branco o mais rápido que seus pés são capazes de carregá-lo. Quer muito alertar os povoados vizinhos — mas quando um plano como esse funcionou? Ninguém vai acreditar nele.

A bela jovem passeia pela rua, vira à direita, vai em direção à casa do herói. Caminha sem pressa. A tomada nos faz acompanhar cada passo, focando no balanço despreocupado de seus quadris, no encanto de seus ombros esguios com o vestido branco florido. Quando ela é convidada a entrar, a câmera faz a volta e vemos seu rosto. Amisa sorri. A esposa do herói se espanta. A *pontianak* revela sua verdadeira natureza, medonha, e um trovão ressoa. Ela parece sinistra, perturbada, os lábios vermelhos; a maquiagem de monstro grossa como papel machê. Flutuando como uma folha de papel ao vento, a *pontianak* sai voando. O corpo de um camponês é revelado sob as folhas de uma árvore próxima, ensanguentado e ferido. A câmera se aproxima de seu rosto, com um olho pendurado; a cavidade é uma polpa artificial gelatinosa, como framboesas amassadas. Ela abriu o abdome do camponês. Tem sangue por toda parte, um pouco rosa demais para parecer convincente, mas repugnante. Tudo é exagerado. Cubro o rosto com a mão direita, espiando entre os dedos. Um grito penetrante e o som de batidas frenéticas: a dona de casa agachada no chão de terra e uma velha correndo para consolá-la. As batidas aceleram minha pulsação. Ângulos vertiginosos. Cortes bruscos. Algo no rosto astuto da velha e em seus membros magros me lembra tia Yunxi.

Vi Yunxi pela primeira vez quando fazia um pouco mais de uma semana que eu frequentava a casa da Szu. Ela veio por trás e deu uma batidinha leve no meu cotovelo: uma mulher bronzeada e magrinha que até então eu só tinha ouvido murmurando e revirando o quarto trancado que ficava atrás da antecâmara escura. Aquela área específica sempre exalava cheiro de incenso misturado com algo muito mais difícil de definir: doce e um pouco podre.

Se tivesse que descrevê-lo, diria que parecia jasmim-manga — flores velhas e pungentes apodrecendo na chuva — misturado com sovaco.

— Circe? Ouvi muito sobre você. Szu nos falou coisas muito boas. Deixe-me olhar para você — disse Yunxi em mandarim.

Fiquei congelada no corredor, os olhos percorrendo o cômodo enquanto ela me analisava de cima a baixo, da esquerda para a direita, e vice-versa.

— Você tem uma constituição robusta, uma família estável, não tem muito a expiar…

A voz da velha era grave como a de um homem com dor de garganta. Era uma voz que parecia emergir lá do piso.

— Não está de luto por ninguém…

Tudo verdade até então. Szu, que estava no banheiro, tinha me falado sobre o que a tia fazia. Sua clarividência me deixava tensa.

— Não precisa ficar nervosa — falou Yunxi.

Levei um susto.

— Você tem uma energia especial — continuou, dando um sorriso que revelou uma fileira de dentes pequenos, retos e amarelados. — Mas precisa tomar cuidado com seu comportamento.

— Que comportamento?

Pareceu que as paredes dos quatro cantos do cômodo iam se fechar em volta da minha cabeça, e um sentimento pesado e escuro começou a se espalhar dentro de mim, como tinta na água.

— Circe?

Jeanette está me olhando fixamente. As luzes se acenderam na sala de projeção, e um dos focos dispara diretamente para minhas pupilas. Sinto minha cabeça e meus membros pesados, como se meu corpo tivesse simplesmente desligado.

*

Depois da sessão, corto pela Haji Lane em direção à estação Bugis. São quatro e quarenta e cinco da tarde, e os prédios e galhos estão tingidos de um dourado rosado, o horizonte reluzente como em um comercial de cartão de crédito. Descendo pela fileira de lojas bem-cuidadas com janelas sanfonadas em cores vivas, encontro não menos do que quatro garotas adolescentes posando junto a paredes brancas. Amigas ou namorados diante delas, tirando fotos e mais fotos com celular ou máquina fotográfica. A cada

clique da máquina, a garota faz uma pose minimamente diferente da anterior. Cada garota parece preparada para um apocalipse pagão no deserto: chapéus de aba larga, coletes esvoaçantes e leggings de alta compressão impraticáveis no calor tropical. Acho que é isso que está na moda: as mesmas coisas feias que só as bonitas podem se dar o luxo de usar. Elas são blogueiras de moda ou modelos de lojas on-line.

A garota mais perto da esquina de onde estou é a mais bonita. Ela chama atenção. É magra demais. Algumas coisas não mudam — me lembro da época do colégio de freiras: garotas fingindo passar a semana inteira à base de pequenas maçãs-verdes, para depois se empanturrar de macarrão instantâneo; o vômito suave de filme de terror japonês emanando das cabines mais distantes. Essa garota é o objetivo de todo aquele choro na hora do almoço: membros de boneca de pano e pele cristalina, franja reta emoldurando olhos intensos e adoráveis. Tem alguma coisa mordaz e familiar nela. O passado emerge como as bolinhas de suor que coçam no decote curvado da minha blusa. Então, em um clique: Clara Chua, uma das piranhas lindas e biônicas da escola. Não acredito que ainda me lembro do nome dela.

A garota percebe que estou olhando e projeta o belo maxilar. Seu olhar é ao mesmo tempo desafiador e suplicante. Clara Chua se dissolve no ar.

O namorado para de tirar fotos e me encara. No mundo implacável dos adolescentes, qualquer um com mais de trinta ou é maneiro, ou é bizarro. O que eu sou além de uma estranha careta? Um robô de escritório de calça social. Apresso o passo em direção à neutralidade arborizada da North Bridge Road. Pelo menos não cruzei com um clone da Szu hoje. De repente eles parecem estar se proliferando pela cidade, mas também eu acabei de passar quarenta e oito minutos sendo obrigada a assistir à sua falecida mãe aterrorizando pessoas.

Ao ar livre no fim da tarde me sinto tomada por uma sensação pesada e voraz. Sinto na pele e na alma a vergonha de ser pega admirando uma adolescente deslumbrante idiota. Vejo que horas são no celular. Preciso pegar o trem para Outram a fim de ir a uma reunião.

Chego ao sinal da Ophir Road e, quando a luz verde se apaga e a amarela se acende vejo os dois. Do outro lado do cruzamento, esperando. Estão em pé ao lado de outro casal, ou outra dupla de pessoas. Reconheço Jarrold de imediato, como um cachorro conhece sua dona ou uma dona conhece seu cachorro. Não há cronologia ou política nesse instante de reconhecimento.

Simplesmente acontece. Não há rótulos de “ex” ou “marido” colado no que vejo. Sou apenas um par de olhos apressados, torcendo para que ele não tenha me visto. Dou um passo para o lado e tento me misturar ao grupo de universitários.

Faz um ano e uns três meses que Jarrold e eu nos encontramos para finalizar a separação e quaisquer questões pendentes sobre a venda do apartamento. Embora tivéssemos assuntos a conversar, coisas a tratar, aquele encontro foi tão sentimental e desconfortável que só de lembrar ainda estremeço. Desde então, evitamos um ao outro, mantendo uma distância segura. Jarrold gosta de fazer happy hour no Dempsey, então tudo bem, é zona proibida. Ele sabe que o Verdi, o restaurante italiano maravilhoso na Duxton Road, é meu. Acho que nunca nos preocupamos em dividir Bugis e o entorno.

Meu ex-marido fez trinta e sete anos em maio. Engordou um pouquinho na papada e está vestindo uma camisa social azul-clara com colarinho engomado. Totalmente comum. Mas parece bem. Saudável. Mais feliz. Está conversando animado com uma garota que parece um pouco mais jovem do que eu. Analiso-a rapidamente, protegida pela segurança do ombro de um estranho. Ela tem cabelo comprido e liso e veste uma blusa branca sem mangas e uma saia preta. Até aqui, tudo tedioso. É namorada dele? Colega? Amiga? Difícil dizer. Estão próximos, tratando o espaço um do outro com uma liberdade que transmite certa intimidade. Ela ri enquanto fala. Não ouço o que diz, mas já a odeio. O sinal muda e eu colo nos universitários, conseguindo evitar Jarrold e sua acompanhante. Estou tão irritada e solitária que podia matar alguém.

Caminho apressada até a entrada da estação do MRT e, embora tenhamos seguido em direções opostas, fico paranoica achando que eles viraram e estão andando na mesma direção que eu. Não ouso olhar para trás.

15
SZU
2003

É o primeiro dia do velório, e todas as mesas e cadeiras estão preparadas, com flores frescas e artificiais dispostas como um meio de distração. Entregaram o corpo pela manhã. Dois homens tiraram o caixão da traseira do carro fúnebre. Posicionaram-no com o tato e a calma formais de profissionais, diante de dois bancos de madeira compridos e com a cabeça em direção à entrada da casa. É o corpo da minha mãe ali dentro, ali, *e não no quarto dela ou na cama do hospital*. Fico duvidando até abrirem a tampa cara de nogueira para olharmos. Chamam essa tampa de meio-sofá porque as pernas não ficam expostas. Quer dizer, por que alguém precisaria ver as pernas? Só o rosto e as mãos. Acho que até o termo meio-sofá parece desrespeitoso. Sofás são para sentar.

Tia Yunxi explicou o que estaria incluso no pacote da funerária, a parte cosmética, mas eu não estava preparada para o resultado. Minha mãe mal parece ela mesma. A pele ficou amarelada por causa do verniz e duas marconas de blush lhe conferiam certa cor. A boca foi pintada de um tom suave de rosa que ela teria odiado: doce demais. As mãos pequenas e delicadas estão rígidas, cruzadas.

Minha tia está de preto, a boca comprimida em meio sorriso, meia carranca. Fica esfregando as mãos e não se importa quando eu percebo, mas, quando um dos homens da funerária olha, ela para. Parece ainda mais magra do que o normal, como se fosse quebrar como um graveto ao se mexer rápido demais. Também me sinto magra. Em segredo, estou vagamente alegre por me sentir magra. Me pergunto se Circe e as outras garotas da escola vão notar e concordar em silêncio que pareço melhor. Não comi muito esta semana. Só algumas fatias de bolo de peixe e o caldo claro e límpido que estava em um tonel enorme na geladeira. Meu apetite foi pelos ares, assim como a rotina. Neste momento, nossa existência está centrada na minha mãe e nos lencinhos quadrados presos na nossa manga direita.

Uma porta de carro bate e eu viro para olhar. Dois homens estão vindo pela entrada: um alto, e o mais baixo claudicando. Suas feições são encobertas pelas sombras das árvores, e não os reconheço quando se aproximam.

Os novos visitantes prestam condolências a minha mãe com três reverências. Reproduzo minhas falas: temos refrescos no isopor; água ali. Chá quente é só pedir. Amendoim naquela mesa.

— Obrigado, Szu — responde o mais alto; fico surpresa ao ouvir meu nome. — Não queremos nada.

Ele senta e a cadeira de plástico range.

— Sua mãe era uma boa atriz.

— Você trabalhou com ela?

— Sim — responde ele. — E meu irmão também.

Ele gesticula em direção ao homem à sua direita, que acendeu um cigarro.

— Ah Choon era eletricista. Eu cuidava dos efeitos especiais. Trabalhamos com sua mãe em *Ponti!* e *Ponti 2*.

Ao ouvir o nome dos filmes, sinto um peso no peito. Por algum motivo, era fácil esquecer que se tratava de um esforço colaborativo e não dizia respeito só a ela.

— Sua mãe era maravilhosa na tela — continua o primeiro homem. — Todos que tenham assistido nunca vão esquecer aquele rosto. Ela era uma estrela, uma *ming xing*. A gente amava trabalhar com ela.

— Obrigada — respondo, com a garganta se fechando.

O segundo homem sorri com o cigarro pela metade na boca. O irmão olha para ele com ar de reprovação.

— Szu! — chama Circe.

Ela está vindo pela entrada da garagem, e logo atrás estão o sr. e a sra. Low. Apenas três passos atrás deles, arrastando os pés e com os olhos colados na tela do celular, está Leslie.

— Com licença — digo aos dois visitantes.

Vou até Circe. Trocamos um abraço chocho. Faz um dia que não a vejo. Ela parece nervosa, inquieta.

— Onde está sua tia? — me pergunta Circe.

— Em algum lugar por aqui. Provavelmente ocupada.

— Meus pêsames, Szu — diz a mãe de Circe, Magda.

— Olá, sr. e sra. Low — cumprimenta minha tia em seu inglês

entrecortado e sem sotaque.

— Meus pêsames, tia — fala Magda.

Leslie tira os olhos do celular; olha para os pais ocupados conversando e, em seguida, para mim. Não consigo corresponder seu olhar por mais de um segundo.

— Não conheci sua mãe — resmunga ele. — Mas sinto muito.

— Tudo bem — retruco.

Sinto os olhos de Circe em mim. Seu olhar é eletrizante. Como aqueles mata-moscas elétricos que às vezes vejo em cafés ao ar livre. Sou tomada não só pela preocupação mas também pela crença de que ela pode ler meus pensamentos. Cruzo e descruzo os braços, transfiro o peso de uma perna para outra. O tempo demora a passar. Mais estranhos entram e saem pela entrada da garagem, um portal sombrio de condolências e sorrisos silenciosos. Minha tia recebe envelopes brancos. Por que nunca vi nenhuma dessas pessoas antes?

— Sua mãe conhecia muita gente — comenta Circe. — Achei que ela não saía muito.

— Todas essas pessoas são dos filmes — explico. — Na verdade, acabei de conhecer aqueles dois homens ali, que faziam parte da equipe…

— Mas você reconhece alguém? E conheceu, tipo, alguém famoso?

— Circe, que enxerida, não seja *kaypoh* — interrompe Leslie. — Por que você está interrogando a garota? Não é da sua conta.

— Só estou curiosa.

— Tudo bem — falo, tentando parecer calma. — Não conheço ninguém. São pessoas aleatórias — acrescento em tom de pesar, embora não seja essa minha intenção.

— Velórios são assim, eu acho — diz Leslie. — Será que dá para achar algum dos filmes da sua mãe na internet?

— Não, não tem nenhum na internet.

— Sobre o que eram? Além de *pontianaks*.

— Só isso. E só uma *pontianak*.

— Ah.

Me lembro da primeira e única vez que tentei mostrar *Ponti!* a Circe, só nove meses atrás. Aos dez minutos de filme ela já estava impaciente, olhando o celular, e paramos a fita quanto Josephine bateu à porta e nos chamou para jantar. O tempo todo enquanto mastigava o arroz branco, o pampo cozido no vapor e os legumes do *chai sim* com alho frito dos Low,

pensei no quanto a comida deles parecia mais colorida e mais salgada na minha boca, com um gosto melhor, mas pior para mim, mesmo que minha tia usasse os mesmos ingredientes. Senti um raio lento e pegajoso de vergonha se espalhar de um lado a outro do meu rosto e descer até o estômago quando me lembrei da parte do filme em que paramos: o médico da aldeia gritando um alerta, sua boca em um "O" tedioso. Depois do jantar, subimos de volta para o quarto de Circe, e eu tirei a fita do videocassete. Nunca mais tentei mostrar os filmes para ela.

*

— Podemos ir para o seu quarto? — pergunta Circe.

Dou de ombros e procuro pela minha tia. Ela está ocupada conversando com Magda, que está com os braços cruzados, a cabeça inclinada em atenção. O sr. Low está em pé por ali, os olhos no chão, as mãos nos bolsos da calça. Levo Circe e Leslie para dentro da casa, passando pelo corredor cor de baunilha com o papel de parede geométrico antiquado e as rachaduras no teto.

Entramos em meu quarto e Circe fecha a porta. É pequeno demais para três pessoas. Circe senta na minha cama e as molas rangem. Sento ao lado dela e nossos corpos se inclinam um em direção ao outro por causa do colchão macio.

Leslie faz menção de ir até a cadeira giratória verde, mas Circe faz um gesto mostrando o lugar ao meu lado. Sinto um misto de decepção e alívio quando ele a ignora. Entro em pânico analisando o que deixei exposto e espalhado pela escrivaninha. Letras de música copiadas de qualquer jeito. Pedaços de papel almaço, cheios de contas desleixadas e incorretas.

— Vocês querem água ou alguma coisa? — ofereço.

— Não, estamos bem — diz Circe.

Ela pega um livro da mesinha de cabeceira, folheia e lê a sinopse na capa.

— *Sempre vivemos no castelo*. Parece assustador — comenta Circe. — É sobre cavaleiros, essas coisas?

— Na verdade não.

— Dá medo?

— Um pouco.

— Hum.

Ela folheia o livro rápido. É fino, e Circe está danificando a lombada.

— Kor, você já ouviu falar deste livro?

— Não, Sisi, nunca ouvi — responde Leslie. — Não seja irritante.

— Não sou irritante — diz Circe, mas para de falar.

Leslie respira fundo e fica olhando para o brilho pequeno e claro do celular. Me pergunto com quem ele está trocando mensagens. Nunca fiquei no mesmo espaço fechado com os dois antes. Cutuco uma casquinha de machucado no braço esquerdo, um semicírculo minúsculo de sangue seco onde uma picada de mosquito se tornou insuportável. Espero que eles puxem assunto, mas o silêncio se arrasta. De poucos em poucos segundos, mudo meus pés de posição ou coço os braços ou a nuca.

Ouço o murmúrio leve de pessoas do lado de fora da janela. Vozes, novas e baixas. Todos são estranhos solenes, e todos parecem amar minha mãe. Sua adoração e afeto por ela me deixam desconfortável. Chegaram tarde demais. Onde estavam dois, quatro, seis meses atrás? Anos atrás, quando ela parou de sair de casa regularmente? Quero agitar os braços e dizer: Olha só! Ela nem era tão boa ou perfeita assim! Onde vocês estavam quando ela estava sofrendo tanto que tomava morfina na veia? E quando ela não conseguia nem falar, ou comer, ou usar a mandíbula, embora seus olhos me dissessem que ela estava com fome e que tinha muito a dizer. Sou uma pessoa má porque não esqueci que ela me amassou como uma bola de papel a vida inteira, e agora que ela se foi eu não sei como me desamassar. Parem de atuar, tenho vontade de dizer a eles. É o que ela fazia. Deixem isso para os profissionais.

— Sua mãe e sua tia — começa a falar Leslie.

Ele parece não saber bem como continuar. Circe larga o livro e olha para o irmão.

— Elas fazem mesmo essas coisas espirituais de mediunidade… ou é, tipo, só fingimento? Se você não se importa com a pergunta.

Leslie coloca a mão na nuca, olha para mim tímido.

— É de verdade — respondo, e olho para Circe, mas ela fica olhando para o chão.

— Ah, eu devo ter confundido — diz Leslie. — Desculpe.

— Tudo bem.

"Tudo" é tanta coisa que nem sei se acredito. "Tudo" é o silêncio que invade o espaço triangular entre nós, grosso e tão artificial quanto xarope de milho. Afastada educadamente, uma pitada de julgamento paira no ar. Consigo senti-la. Circe solta um suspiro e leva a mão direita à boca, observa

as cutículas.

— Então, é… Você acredita nessas coisas? Espíritos e videntes? — pergunta Leslie.

— Às vezes — respondo. — E… e você?

— Hum. Não sei dizer. Acho que não — diz Leslie. — Mas a gente não tem como saber.

— É… entendo o que você quer dizer — falo, assentindo.

Circe emite um som entre uma bufada e algo como se estivesse assoando o nariz.

— Preciso fazer xixi — diz.

Ela levanta tão depressa que bate nos meus joelhos ao passar por mim. E sai do quarto, fechando a porta.

Leslie olha para as paredes, porque não tem mais nada para ver além da escrivaninha e de mim. Minhas bochechas coram quando olho para a página arrancada de uma revista e colada ao lado do espelho. É um anúncio da Neutrogena e a modelo parece ser francesa e não ter mais de dezenove anos. Ela está com o cabelo castanho preso em um coque e as mãos repousam uma em cada lado da mandíbula. Colei o anúncio ali faz mais de um ano. Estava bem no meio da edição de abril de 2003 da revista *Seventeen*. Me senti ao mesmo tempo enjoada e capturada por sua beleza natural e impossível. Nem todo o creme de limpeza Deep-Clean Nova Fórmula! me faria ficar daquele jeito. Ela encara a câmera com a ousadia de um ser encantado.

Leslie Low é mais um dos encantados. Tem dezenove anos e uma beleza deslumbrante, e em março vai se alistar no Serviço Nacional. Circe diz que ele vai desaparecer nas florestas de Pulau Tekong para o treinamento de infantaria, e as árvores vão cuspi-lo de volta depois de nove semanas — quase careca, profano e irreconhecível. A internet, a que tenho acesso na escola, me diz que a palavra "Tekong" significa obstáculos. Supostamente a ilha é cheia de obstáculos e fantasmas famintos. Garotos somem, e no dia seguinte seus restos mortais são encontrados bem amontoados ao longo da trilha.

Leslie pigarreia e olha pela janela. Minhas mãos estão geladas e sinto uma tensão no pescoço. Fechei a cortina de voal, então só vemos o contorno borrado das pessoas, como fantoches em um teatro de sombras, com movimentos sombrios e orquestrados.

— Você tem uma casa legal — elogia Leslie.

— Obrigada.

— É, tem muita personalidade. Gostei do jardim.

— Obrigada.

Eu poderia perguntar sobre o Serviço Nacional, quem sabe. Como ele está se sentindo, se está preparado, o que achou do resultado das provas finais, que curso vai fazer na universidade. (Economia e Contabilidade — já sei a resposta.)

— Seria legal ter um… — começa a falar Leslie.

— Você gosta de *shoegaze*? — cuspo a pergunta.

Minha voz desafina com o esforço da ousadia. Limpo minha garganta idiota.

— Desculpe… o que você disse? — acrescento.

— Ah. Seria legal ter um jardim tão grande assim — diz Leslie. — O que você estava dizendo?

— Só… é. Você gosta de *shoegaze*?

— Ahn?

— *Shoegaze* — respondo, minha alma murcha. — Sabe, o estilo de música. Tipo Ride e Slowdive e…

A falta de expressão em seu rosto me impede de continuar.

— Não sei o que é isso — responde Leslie. — Desculpa. Você e Sisi gostam de umas coisas esquisitas. Tipo aqueles filmes estrangeiros cabeça. Ou aquelas músicas antigas de gente velha dos anos 1970 ou sei lá quando, muito antes de a gente ter nascido.

— Então, de que tipo de música você gosta? — pergunto.

Antes que ele responda, ouço uma risada abafada do outro lado da porta.

— *De que tipo de música você gosta?* — repete Circe, imitando minha voz de um jeito meloso.

Ela entra no quarto com um sorriso afetado.

— Jay Chou e R&B taiwanês — responde Leslie sem um pingo de timidez.

Circe senta do meu outro lado na cama.

— Você é muito chinês — diz a Leslie.

Ela vira para mim com um sorriso sarcástico que a faz parecer uma garota malvada de doze anos.

— Meu irmão é um *ah beng*. Ele tem o desejo secreto de ser uma estrela do pop taiwanês. Igualzinho ao Jay Chou.

— O que tem de errado com o Jay Chou? — questiona Leslie, na lata. —

Aposto que Szu nem sabe da merda que você escuta quando acha que ninguém está ouvindo. Aquele indie todo é só fachada… quando você não está, Szu, Circe ouve Britney e tenta copiar todos os passos de dança…

Ele sorri enquanto dedura a irmã, e eu reparo em seus dentes grandes e tortos pela primeira vez.

— Mentira — retruca Circe.

— Falsa — acusa Leslie.

Circe o encara por um segundo, então dá de ombros e diz:

— E daí que eu gosto da Britney? As pessoas têm o direito de gostar do que quiserem. Não é, Szu?

— Acho que sim — resmungo.

Me lembro de todas as vezes que ela tirou sarro de Clara Chua por idolatrar a Britney Spears, porque a Britney é muito água com açúcar e nem é a última novidade. Agora as pessoas gostam mais da Avril Lavigne, mais punk. Clara insiste em sua adoração fora de moda, e Circe diz que isso é patético.

É muito mais difícil odiar sua única amiga no mundo inteiro quando *1)* é como decidir entre isso a única opção do cardápio ou ficar com fome; *2)* a crueldade dela vem e vai como uma brotoeja ou uma febre; *3)* a lembrança de sua gentileza está tão fresca na memória que incentiva o perdão; *4)* às vezes os insultos são tão leves que me pergunto se são coisas da minha cabeça ou se eu é que estou sendo malvada, ingrata.

Duas noites atrás fugi desta casa, e Circe me colocou para dormir na sua cama e me deixou ficar de conchinha com ela. Não sei o que eu seria capaz de fazer quando as paredes do meu próprio quarto parecessem pesar sobre mim. Cada azulejo e cada canto era uma lembrança de que estes espaços são os mesmos, mas minha mãe, não. Passei muito tempo com ódio dela. Agora que ela se foi, minha tristeza parece sombria e imerecida. Como dar sentido a isso? Circe não pediu que eu explicasse. Acarinhou meu cabelo e me fez dormir. Agora ela é uma pessoa diferente, um Grinch insensível fazendo cara feia ao meu lado.

16
CIRCE
2020

Quando termino a reunião e chego em casa, estou morrendo de fome. Julius, meu colega de quarto, ainda não chegou, e fico feliz por ter o lugar só para mim. Coloco meu pijama mais simples e confortável. Estou com muita preguiça para cozinhar; então, janto quatro fatias de pão Gardenia. Um com uma camada grossa de *kaya* e manteiga, dois com geleia de morango e um só com manteiga e açúcar. Minha língua fica insensível de tanto doce e meu estômago vai reclamar depois, mesmo livre do verme traiçoeiro. Ouço os vizinhos assistindo à TV através da parede à esquerda e me pergunto se eles se ressentem de mim tanto quanto eu deles por causa do barulho.

Me olho no espelho do banheiro enquanto tiro o delineador. É a mesma cara de sempre; sou como aquelas pessoas que parecem estranhamente as mesmas desde a infância. Permaneci constante em minha vulgaridade. Puxo minha pele; os defeitos que comecei a notar gradualmente desde os vinte e poucos anos decidiram fazer moradia permanente e se pronunciar com mais força no rosto. Tenho três linhas na testa, atravessando a pele como cordas de guitarra. Tento suavizá-las e elas desaparecem por um instante, mas só um instante. Tenho rugas nos cantos dos olhos e olheiras. Manchas escuras onde o sol bate.

As revistas, com sua falsa defesa do amor próprio, dizem que aprendemos a gostar cada vez mais de nós mesmas à medida que envelhecemos. Apesar da decrepitude, do valor decadente. Seja uma mulher que se deteriora em paz; almeje, mas também aceite, sua sina. Acredite em produtos cosméticos e em suas promessas de preservação. Você deve celebrar, não reclamar; amadurecer como uma garrafa de vinho, não uma banana; florescer, não apodrecer. Deve segurar uma escova de cabelo e cantar com entusiasmo ao som de Abba ou Beyoncé com suas irmãs e amigas. Deve comprar ingressos de cinema para assistir a filmes que têm cenas exatamente como essa. Deve

entregar seu dinheiro e abraçar a camisa de força de quem você é e de seu envelhecimento. Mesmo nesta cidade sufocante, onde muitas garotas nas ruas parecem ser feitas de porcelana e ainda cabem em suas saias da moda independentemente de quantas tigelas de *mee pok*, macarrão com legumes e carne, devorem em praças de alimentação.

Sou muito jovem para dizer que estou velha demais para isso. Sou muito pálida para alguém que mora perto do Equador. Termino de lavar o rosto e passo a observar minhas mãos. Vejo e sinto a preocupação em todo o corpo, e não faz sentido porque não construí nada de valioso com essa preocupação, e na minha cabeça ainda me sinto tão confusa quanto aos vinte anos.

A porta da frente se abre com um rangido e bate. É Julius, voltando de um evento de trabalho em algum bar deslocado na Jalan Besar. Me pergunto, pelo jeito desajeitado com que solta as coisas, se ele está um pouco bêbado. Seco as mãos na toalha e vou para a sala.

— E aí, Circ — fala alto Julius, o rosto um pouco corado.

— Oi — resmungo.

Julius está em pé sob a luz amarela da sala de estar e também parece velho. Inchado e desbotado nas bordas. Me pergunto quanto tempo ainda vamos morar juntos. O contrato de aluguel vence em novembro, e já é agosto. Este ano já é uma folha seca com as bordas onduladas.

Sentamos à mesa da cozinha e bebemos chá de jasmim.

— Então? — pergunta Julius depois de um tempo.

— Então o quê?

— Como foi o seu dia?

— Foi bom. Estou muito cansada.

— Você parece triste. Está tudo bem?

— Sim, está. Por que acha que eu pareço triste?

— Está escrito na a sua cara.

— Como foi a sua noite?

— A mesma coisa de sempre.

Ele inclina a cabeça para um lado e me analisa com o exagero de um bêbado.

— Tem certeza de que está tudo bem? Você parece preocupada.

— Estou bem — respondo. — Já disse.

— Por que a grosseria? Relaxa.

Julius fecha a cara e eu desvio o olhar.

Sempre pensei que mandar as pessoas relaxarem só as deixa mais nervosas. Os músculos da minha nuca ficam tensos e doem.

— Só estou perguntando porque me preocupo — continua Julius, tamborilando as unhas compridas demais na xícara de porcelana. — Não estou insinuando nada.

— Olha só, Julius, desculpa. O dia hoje foi longo. O trabalho só me dá dor de cabeça.

— Tudo bem — responde Julius.

Somos como um casal velho e morno. Parece que nós dois percebemos isso no mesmo instante. Julius pigarreia. Não sei como desfazer a estranheza que paira sobre a mesa como um peido. Imagino Julius pelado pela primeira vez; dou uma olhada em seu corpo comprido e sem músculos. Como se lesse minha mente, ele se levanta com uma pressa visível. Sua cadeira se arrasta no piso da cozinha.

— Acho melhor eu ir dormir logo, tenho que acordar cedo — diz ele, e boceja.

Vejo o rosa-acinzentado de suas gengivas e sua garganta e me lembro do meu verme e de como ele desceu pela minha garganta com audácia meses atrás. Apenas uma vaga lembrança: é chato como a dor adquire uma pátina nebulosa para que suportemos sua inevitável repetição. Me pergunto se posso considerar o verme um tipo de dor. Não chegava a doer. Mas a invasão e a repugnância que senti diante de seu furto parasita — o ultraje — me afligiam.

Julius pega suas coisas e se levanta.

— Sabe de uma coisa, não dói ser mais gentil — solta ele do nada ao deixar a cozinha. — Eu só estava tentando ajudar. Você não devia descontar as coisas nos outros.

Ele está certo, e também está bêbado. Antes que eu responda, ele fecha a porta do banheiro discretamente, e ouço o clique da tranca. Julius sempre demora uma eternidade no banheiro e fica em um silêncio mortal durante os minutos intermináveis entre sua entrada e o barulho do chuveiro. Às vezes me pergunto se ele entra lá para meditar. Até mesmo o barulho abominável e ecoante de um cocô caindo no vaso seria revelador. É reconfortante lembrar que todos nós cagamos. Me sinto unida aos meus semelhantes.

Vou para a cama. Enquanto espalho um creme noturno caro demais no rosto, me impressiono com a ironia de tudo: o fato de eu ter deixado um

apartamento em um conjunto habitacional e um casamento por uma residência mais impessoal, sem raízes — mais escura, escassamente mobiliada, sem compromisso, sem bagagem —, para acabar vivendo a mesma situação. Noites tensas e monótonas, um beco sem saída, um homem me dizendo para ser mais gentil, melhor, tentar mais; me dando conselhos que não quero ouvir, instruções. Quando foi que fiquei tão fraca e tão fácil de atingir assim? Quando foi que passei de alguém que magoa para alguém que é magoada?

*

Jarrold e eu nos conhecemos na faculdade, durante meu primeiro ano na Universidade Nacional de Cingapura. Ele era um líder estudantil, ou LE, como dizia (ele gostava muito de acrônimos), do terceiro ano. Nos conhecemos na Festa do Sorvete da Faculdade de Artes e Ciências Sociais, na qual ele estava distribuindo copinhos de sorvete. Parecia tão feliz e animado quanto um labrador. Fui até ele e pedi um de menta com chocolate. Ele me entregou duas bolas de sorvete e um sorriso. Comi na sua frente com uma timidez afetada, lambendo a colher laranja-neon como uma gatinha. Já tinha reparado nele antes e já sabia seu nome, mas perguntei qual era assim mesmo e me apresentei como Circe. Como a maioria das pessoas, ele teve um pouco de dificuldade para pronunciar meu nome.

Jarrold Koh. Jarrold Koh Kok Yang. J.K.K.Y. Ainda me lembro do raio de sol que iluminava seu nome quando eu pensava nele. Em 2006, JK tinha um cabelo bagunçado que estava na moda e a atitude despreocupada de um jovem que acreditava ter o mundo diante de si. Melhor ainda, minha amiga Aishah me disse que Jarrold já fora obeso, mas o rigor do Serviço Nacional o convertera literalmente em metade do homem que era. Eu gostava muito disso. Mais tarde, quando ele me mostrou fotos da adolescência, parecia uma versão confusa de seu eu atual. Isso o fez parecer mais tentador. Na época, eu admirava sua disciplina, amava a ideia de que ele tinha se condensado para ocupar menos espaço no mundo. Havia algo de poético nisso.

Onze anos depois, quando nosso relacionamento já estava firme e forte e já tinha devorado nossos vinte anos placidamente, as coisas entraram em colapso. Na noite em que meu marido desmoronou na minha frente, estávamos na City Hall, a estação agitada como uma colmeia cheia de

abelhas operárias. O rosto de Jarrold eram dois olhos úmidos, um nariz comum, a boca no formato de uma castanha-de-caju virada para baixo.

Chorar o emasculava. Me senti mal por pensar isso, e o fato de me sentir mal não redimia ou negava minha maldade, mas a intensificava.

— Desculpa, desculpa — murmurava eu baixinho. — Vai ficar tudo bem — disse, embora não acreditasse nisso.

Com o tempo, sem querer, comecei a pensar nele como se fosse um colega de trabalho que eu não conhecia muito bem e com quem jamais me relacionaria socialmente. Alguém que só respondia "hum" e "ah", que se desculpava tanto que era irritante. Toda noite discutíamos em looping com base em verdades absolutas, lançando feitiços de culpa e generalizações desesperadas como quem joga um cobertor sobre um animal moribundo. Àquela altura era *você SEMPRE faz isso* e *por que você SEMPRE faz aquilo*. Tudo o que fazíamos juntos era estressante e chato. Desenvolvi uma estima por paredes e portas e pela distração socialmente aceitável das telas de aparelhos eletrônicos.

Acima de nós, o letreiro mudava um milissegundo antes que eu me concentrasse no que ele dizia. Uma voz impessoal anunciou que o trem para o norte chegaria em dois minutos. Quando levantei o olhar, o ar em volta de Jarrold parecia efervescer com o caráter definitivo da coisa.

— Desculpa? — disse ele. — *Wah lau*. Você não tem mais nada a dizer? É só isso? "Desculpa"? Onze anos e só isso?

Balancei a cabeça. Olhei para as tias correndo em direção aos trens com os rebanhos de crianças, e as jovens de olhos amendoados mandando mensagem enquanto caminhavam, tios com gel no cabelo e garotos do Serviço Nacional com boinas verdes e mochilas pesadas — todos despreocupados. Como invejei sua indiferença. Estremeci.

— Para ser sincera, não sei o que mais eu poderia dizer, Jarrold — respondi por fim.

Foi a única resposta que me veio à cabeça, e enquanto a dizia pensei em como a expressão "para ser sincera" sempre me pareceu chamar a atenção para um padrão de desonestidade. Estávamos em pé separados por um banco de mármore semicircular. Jarrold tomou fôlego e começou a falar com uma voz engasgada e impertinente que me deixou agitada e com medo de sermos ouvidos.

— Olha só — disse ele. — Eu sei que não sou nada de mais.

Ele olhava para mim suplicante, tentando atrair meu olhar.

— Sei que você pode entrar no trem agora ou olhar em volta e ver dez caras iguais a mim.

Ele estava certo: àquela altura, em meus sonhos, ele era sempre uma sombra ou uma série de sombras, nem era um rosto real no qual eu pudesse fixar minha frustração.

— Circe, você pelo menos está me ouvindo? — perguntou Jarrold. — Porque você não está sendo justa ou gentil comigo. Não sou nenhum CEO, óbvio, nenhum operador de bolsa de valores. Não tenho muito dinheiro ou uma habilidade especial. Sei que você não leva meu trabalho a sério…

— Isso não é verdade — interrompi.

— Espera, deixa eu terminar…

— Eu não sei de onde você tirou isso — falei. — Você não pode me acusar sem fundamento. Eu *gosto* que você trabalhe na Chan Brothers. Isso te realiza. Conseguimos descontos incríveis em viagens. Nunca disse que não levo a sé…

— Essa não é a questão, Circe — argumentou ele, e seu rosto ficou todo vermelho.

— Qual é a questão então?

— Olha só. Eu amo você. Isso não é alguma coisa? Eu me importo com a gente. Ainda acho que nós podemos dar certo. Mas isso não vai acontecer se você também não tentar.

Me contorço internamente ao ouvir *amo*, *a gente* e *nós*. Não sabia como dizer a esse ser humano em forma de marido que eu tentei a vida toda e que, aos trinta e um, estava cansada. Parada ali, em uma fração de segundo, repassei toda a história que compartilhamos: primeiro amor hesitante na faculdade, fazer as coisas juntos, churrascos e festas americanas com outros casais, ninguém falando da vida sexual abertamente, dar as mãos como se a vida dependesse disso. Praia de Sentosa. Ir ao cinema com outros casais. Grupos no celular. Segurança em longo prazo. Presunção em curto prazo por achar que nossos amigos solteiros e tímidos pareciam tristes. Dar entrada no apartamento juntos. Pequenas piadas internas. Aulas de culinária depois do trabalho. Aulas de aikido para casais. Pacotes de viagem. Minhas tias e tios sorrindo para mim com carinho, olhando para minha barriga cheios de esperança. Fatiadores em espiral. Projetos para cinco anos.

Chega. Só de pensar nessas coisas, me sinto sufocada. Eu sabia que preferia ficar sozinha a continuar fingindo. Nem tinha certeza de quem eu era de verdade.

Talvez meu irmão beato, Leslie, esteja certo: sou superficial e malvada.

*

Segunda de manhã encontro um envelope marrom na minha mesa no trabalho. Endereçado apenas a Circe, escrito a mão em letras garrafais infantis de canetinha preta, sem remetente.

— Foi Miki quem deixou isso na minha mesa? — pergunto a Irfan.

Miki é o estagiário que distribui a correspondência.

— Não sei — responde Irfan. — Acabei de chegar. Por quê? Recebeu uma carta de amor?

O sorriso bobo revela seus dentes perfeitos, e lembro que ele poderia ser atraente se não fosse tão irritante.

O envelope é protegido com plástico-bolha, está todo enrugado e tem mais ou menos o tamanho de um cartão comemorativo. Já sei o que esperar. São os animais de papel de novo, três desta vez. Feitos de papel-crepom vermelho-escuro, com cortes irregulares nas pontas, em formas imperfeitas: um coelho com os olhos arregalados, curvado de lado, um macaco sorridente com orelhas que parecem tigelas, uma cobra enrolada com uma língua de papel-crepom amarrotado. Tento desamassar a cobra. O corpo enrolado em si mesmo como um pretzel de papel, terminando em dois olhos assimétricos e um retalho como língua. Lembra meu verme. Estico o cestoda de papel bem cortado ao lado do mouse pad e guardo os outros dois papéis no envelope, que coloco de volta na bandeja de correspondência.

Estalo os dedos e abro meus e-mails. Tem um relatório de acompanhamento feito por Koya, o prodígio do marketing do escritório de Novena. No fim do documento, tem um anexo. Uma versão mais jovem da Amisa que conheci pula à esquerda da tela, em um vestido branco de gola alta. Lembra a gola de uma veste estilo *cheongsam*. Ela parece um fantasma de tempos de guerra; assombrando e sendo assombrada. Segura o pescoço com a mão e lança um olhar tímido por trás do ombro direito em direção à câmera, os lábios esticados em uma linha com uma curva leve e forçada. Ela poderia ser a Madame Cobra Branca, ou o espírito da raposa, uma mentirosa inveterada, uma vigarista.

Ao lado dela está uma foto de melhor qualidade, quase luminosa, da nova *pontianak*. *Ponti 2020*. O estúdio acabou de escalar uma

modelo/influenciadora/cantora eurasiática chamada Eunice Prinze depois de caçar talentos on-line e fazer duas sessões de testes. Está na mesma pose de Amisa, mas é zero por cento fantasma e cem por cento mulher sensual de bom gosto. Olhar em direção à câmera, mão descansando no pescoço. Decote ousado. Os lábios levemente abertos. Eunice investiu pesado em um perfil nos últimos meses. Já a vi puxando o rabo de cavalo castanho elegante e piscando na capa da revista *Cleo*; sorrindo como um raio de sol cheio de saúde em uma propaganda de iogurte probiótico na TV. Ela é metade indochinesa, um quarto holandesa, um quarto polonesa, e tem aquela aparência de olhos mais arregalados, ambígua do ponto de vista étnico (principalmente europeia), que sabemos que vai torná-la altamente comercializável no exterior. Alguém como Amisa jamais conseguiria um papel além do de garçonete hoje em dia; ela parece chinesa demais e agourenta demais, é assim que as coisas são.

Já Eunice é familiar, porém exótica: branca o suficiente para se encaixar, estrangeira o suficiente para se destacar. Dezenove anos e deslumbrante e invencível. Clico no link e assisto a um vídeo de apresentação de Eunice. Ela é ainda mais bonita em movimento. Algumas garotas (Categoria A) têm uma beleza calorosa e convidativa; outras (Categoria B) têm o tipo de beleza que afasta as outras mulheres e faz com que elas se arrependam de seus momentos de gulodice. Eunice tem uma beleza irritantemente cativante que leva a gente a pensar que garota bacana e tranquila, encantadora demais para odiar. Vamos classificá-la como o pássaro mais raro, Categoria C. Ouro do marketing. Rainha da Esperança Comprável. Conquistadora de múltiplos públicos. Sua voz é um cantarolar doce e transatlântico que a aproxima e a afasta da voz rouca das estrelas de reality show. Ela tem todo um quê de membros longos e lânguidos que lembra o Bambi.

— O que você acha? — pergunta Jeanette.

Eu me viro. Ela está em pé atrás da minha cadeira com um café na mão e vestindo um tipo de macacão que não pareceria deslocado em um filme do James Bond. Definitivamente Categoria B. Dou de ombros.

— É, acho que ela é bonita. A imagem dela foi muito bem construída. Achei que eles quisessem algo *lo-fi*? Prefiro a atriz original.

— Hum — diz Jeanette, inclinando a cabeça levemente para a tela. — Você gosta da antiga, é? Ela morreu. Não podemos fazer nada. A não ser que ela tenha uma filha muito parecida com ela.

— É, que pena — concordo, para acalmar a ansiedade repentina que começo a sentir.

Velório de Amisa: dezesseis anos atrás, em agosto. Pouco antes do Festival dos Fantasmas Famintos. Fui a todos os três dias de velório. Parecia que ia durar para sempre, aquelas noites úmidas cheias de estranhos mudos e Szu acenando para que eu me aproximasse, pálida, pegajosa e desolada.

— De qualquer forma acho que eles queriam dizer *lo-fi*, mas de vanguarda — continua Jeanette. — Está no briefing.

— Eu sei, mas ela parece… uma super-heroína.

— Bom, isso combina com a reescrita do Leow. Você sabe, o arco de redenção. Ele quer fazer um filme artístico, mas cheio de ação. Tipo Wong Kar Wai misturado com Quentin Tarantino.

— Uau. Boa sorte para ele.

No *Ponti!* original, a que finalmente assisti há poucos dias, o monstro não encontra a redenção. Ela nunca pede perdão. Nem sobre o próprio cadáver. Ela quebra tudo até o final amargo. Depois que o herói martela o prego em sua cabeça, ela geme, grita e se recusa a se transformar em uma esposinha dócil. A terra se levanta, e uma bananeira gigante a engole com um estrondo violento de terra se remexendo. Fica ambíguo se ela foi derrotada ou encontrou um jeito de escapar do curandeiro, do herói e dos bravos aldeões.

— Quer dizer, a aparência dela não é nem um pouco comercial — digo, olhando para a tela. — Essa garota nova não é nem assustadora.

— Se você tivesse prestado atenção na trilogia original, teria percebido que a intenção não é assustar — retruca Jeanette em tom mordaz. — É filme B, entretenimento sensual. Além disso, é uma remontagem, não um remake cena a cena. Então...

— Obrigada por explicar, Jeanette. Agradeço muito.

— Sem problemas. Pois então, Eunice Prinze tem seguidores suficientes para formar um pequeno séquito. É uma influenciadora de verdade. Isso vale mais do que ser assustadora.

— Hum. Tá.

Giro a cadeira e viro de novo para a tela. Depois de um minuto, me levanto. Na copa, ligo a chaleira e me apoio no balcão. Bebo golezinhos minúsculos de chá-verde. Tudo e todos ficam velhos e antiquados com o tempo. Um dia a caneca corporativa de merda que estou segurando fará parte da coleção de antiguidades de alguém, e desenhos de gruas serão

exibidos em museus de robôs. As pessoas não vão mais precisar falar. Todos vamos deslizar e intuir tudo. E eu estarei morta e enterrada há muito tempo, como Amisa Tan.

Depois de um ou dois minutos, volto para minha mesa. A tela do monitor me pega de sobressalto. A uma distância curta é como uma daquelas ilusões de óptica estranhas — não importa onde eu esteja, os olhos da mulher antiquada à esquerda parecem me seguir.

17
SZU
2003

É o segundo dia do velório, e passei as últimas horas, quando o céu começou a escurecer, cumprimentando o fluxo constante de visitas. Neste exato momento, estou sentada em uma cadeira de plástico na varanda, tão desorientada que minha vista está ficando embaçada. O ventilador de teto amarelo gira com uma precariedade lenta.

Dou um tempo e vou à cozinha abrir a geladeira só para ver o que tem. Uma embalagem de tofu se partiu e derramou o líquido em um amontoado de cogumelos na prateleira de baixo. Nojento: todas essas plantas mortas, carne morta. Não quero nada disso dentro de mim. Pego um pano para limpar a bagunça. Enquanto torço o pano embaixo da torneira, minha tia me chama.

— Sua amiga está aqui — diz ela.

Circe enfia a cabeça na entrada da cozinha.

— Oi.

— Ah, oi — respondo.

— Pensei em vir aqui para ver como você está — explica Circe. — Percebeu o cheiro da neblina?

— Fumacenta.

— Estou sufocando.

Caminhamos até a entrada da garagem. Tia Yunxi está sentada ao lado do caixão falando em um tom baixo e sussurrado com uma mulher de cabelo curto que está soluçando. É Lian Ying, uma das clientes antigas da minha mãe, que também chorou copiosamente ontem. Sentamos em duas cadeiras de plástico onde não dava para nos ouvir.

— Aquela mulher estranha veio duas noites seguidas! — observou Circe. — Quem é ela?

— Você também veio duas noites — respondo, mas na mesma hora me arrependo da franqueza.

Odeio o pedido de desculpas como o de um cachorrinho em meu sorriso, minhas bochechas doem.

— Qual é o problema? Posso ir embora se você quiser — retruca Circe, sem sorrir.

— Não, desculpa. Não vá.

— Tudo bem — responde Circe, parecendo satisfeita.

— Eu queria nunca mais ter que voltar para a escola — digo, mudando de assunto.

— Você vai superar — consola.

Ela continua olhando para a tia Yunxi e a mulher em prantos querendo atenção.

— Ah — acrescenta —, Leslie disse que você é agradável.

— Obrigada — respondo.

Minhas bochechas queimam com a estranheza do comentário naquele momento e também com o quanto ele é vago. O que significa *agradável*? Uma paisagem é agradável. As toalhas de mão perfumadas que recebemos em restaurantes de frutos do mar são agradáveis.

Observo as bochechas de Circe e as pontas de seus cílios enquanto ela pisca. Ela volta a me olhar e, no instante em que está prestes a falar sua atenção se desloca para trás de mim. Sigo seu olhar. Uma jovem esbelta está entrando. Usa um vestido longo preto e sandálias de madeira que se fecham em fivelas sobre os pés magros. A sola de madeira faz *tap-tap* no cimento. Ela vem até onde Circe e eu estamos para pegar um pedaço de linha vermelha da pilha que está ao nosso lado.

— Você gostaria de uma bebida? — pergunto a ela.

— Ah, sim, por favor — responde a mulher. — Seria ótimo.

Trago uma caixinha vermelha de chá de longana.

— Obrigada — diz ela enquanto bebe pelo canudinho. — Eu estava com muito calor. Vocês são filhas da Amisa?

— Eu não, só ela — responde Circe. — Ela é Szu, e eu sou Circe.

— É um prazer conhecer você, Szu — diz a mulher. — Espera, qual de vocês duas é Szu?

— Eu.

— Ah, sim. Como você cresceu!

Circe e eu trocamos um olhar.

A mulher é escultural. Cheira a butique chique e de perto dá para ver a base no rosto, espalhada pelos poros e levemente borrada por causa da

umidade. Ela pode ter de quase trinta a quarenta e poucos anos.

— Você também trabalhou com a minha mãe? — pergunto.

De canto de olho percebo que minha tia está sentada com a coluna ereta e nos observando.

— Eu não — responde a mulher. — Sou filha de Iskandar Wiryanto. Ele trabalhou com sua mãe.

Ela sorri, mas seus olhos estão sérios.

— Posso ajudá-la? — pergunta minha tia.

Ela vem ao nosso encontro e senta a uma cadeira da mulher.

— Eu só estava conversando com sua neta.

— Ela é minha sobrinha — afirma tia Yunxi, sem sorrir. — Nós nos conhecemos? — continua. — Meu nome é Yunxi.

— Meu nome é Novita — fala a mulher, constrangida. — Meu pai dirigiu os filmes *Ponti*.

— Ah, claro. Iskandar Wiryanto — diz tia Yunxi. — Ouvi falar muito dele. Como ele está?

— Ele morreu faz dez anos.

— Meus pêsames.

— Acontece — responde Novita, observando o toldo que cobre o funeral. — Eu não sabia que Amisa tinha família em Cingapura. Passamos muito tempo juntas.

Novita dirige a declaração a mim, não a tia Yunxi.

— Você gostaria de ouvir uma história sobre sua mãe, Szu?

— Não temos tempo — retruca tia Yunxi.

— Ah. Claro — respondo, embora não esteja gostando do jeito como a mulher fala comigo, como se eu tivesse seis anos, não dezesseis. — Que história?

Ao meu lado, Circe inclina o tronco para a frente sentada na cadeira.

— Ah, uma história engraçada — diz Novita, depois olha para minha tia. — Serei breve. Eu tinha cinco anos quando eles filmaram *Ponti!* Quando conheci sua mãe no set, ela se aproximou de mim usando um *samfoo* marrom-claro, com tranças no cabelo. Até com roupas tão simples ela parecia uma princesa. Perfeita. Jogamos bolinhas de gude no set. Enfim, na segunda vez que visitei o set, meu pai aponta para um aglomerado de bananeiras enormes e diz. "Ei, Novita, por que você não vai ali? Talvez eu tenha escondido um presente." Então eu vou. Quando chego bem perto, as folhas se mexem, e sua mãe pula na minha direção, rosnando. Desta vez ela

está toda de branco e sua boca está cheia de sangue. Gritei e corri o mais rápido que podia, mas não vi o poste de metal.

— Meu Deus — diz Circe.

Novita olha em volta para a plateia de três pessoas, incluindo minha tia de cara fechada e com os braços cruzados.

— E aí? — pergunta Circe.

— Perdi os dentes da frente. Ainda me lembro do barulho. Vi estrelas. Sangue por toda parte. Nunca mais achamos meus dentes. Procuramos em todo canto.

— Então, a sra. Ng te deu um susto de cair os dentes — comenta Circe, e ri.

— Ah, deu sim! — diz Novita, e bate palmas uma vez.

Imagino minha mãe abrindo as folhas, feroz, brava. Estremeço. Tia Yunxi está com a cara fechada. A boca contraída.

Olho para Novita sem jeito. Não sei o que dizer. Acho que ela confundiu Circe comigo de novo, como se fôssemos intercambiáveis. Novita levanta a mão para colocar o cabelo atrás da orelha, e reparo em suas unhas, sujas, com um esmalte vermelho cintilante descascado.

— Bom, obrigada por vir — diz tia Yunxi. — Mas já estamos acabando por hoje.

Olho para o relógio; são só dez horas. Ontem ficamos até bem depois das onze.

— Que pena — comenta Novita. — Szu, tenho muitas coisas para contar sobre sua mãe.

— Em outra oportunidade. Obrigada por vir — corta tia Yunxi. — Eu acompanho você até o portão.

Minha tia levanta da cadeira e fica parada olhando para Novita como se fosse um quadro que quer tirar da parede. Novita pega a bolsa e pendura no ombro. Estica o braço por cima de Circe para jogar a caixinha de chá na lixeira preta. Quando volta a olhar para mim, fico surpresa ao perceber que seus olhos estão vermelhos e um pouco úmidos. Ela me encara por um instante.

— Foi um prazer conhecer vocês — diz. — Não precisa me acompanhar.

Observamos Novita cambalear pela calçada. Ela vai embora muito mais constrangida do que quando chegou, dura como uma tábua. Fico imaginando que vai virar e gritar alguma maluquice. Mas ela chega ao portão, abre e evita nosso olhar ao virar para fechá-lo novamente.

— Isso foi estranho — resmunga Circe.
— *Você* também não tem que ir embora? — questiona tia Yunxi.

*

Naquela noite, sonho com minha mãe com o cabelo preso em um rabo de cavalo, como uma das garotas do vôlei da escola, o que não era do seu feitio. Sua expressão é suave e quase serena. Ela anda pelo corredor que vai da cozinha, passa pelo meu quarto e o dela e acaba à porta de tia Yunxi no fim dele. Passa as pontas dos dedos levemente pela parede à esquerda. O cheiro de angélica queimada preenche o corredor, acre e marcante. Sob a porta de tia Yunxi, uma luz vermelha brilha. A luz fica cada vez mais brilhante e molda o rosto macio e fundo da minha mãe em uma aura vermelho-alaranjada. Ela estica o braço para girar a maçaneta, muda de ideia e vira em direção à luz extraterrestre da cozinha. Aquela mulher deslumbrante que veio mais cedo está parada em frente ao balcão, tão alta quanto a geladeira. Não me lembro do nome dela. Ela olha para minha mãe, os olhos pidões como os de um cachorrinho. Minha mãe se aproxima e pega sua mão. A mulher se curva e a segue. Quando as duas chegam ao corredor, a mulher parece crescer; precisa curvar o tronco e baixar os ombros. Minha mãe a leva em direção ao quarto de tia Yunxi. Quando elas chegam à porta com a abertura iluminada, dão meia-volta. Os pés descalços da minha mãe são silenciosos, mas os tamancos de madeira da mulher ressoam no piso frio. Abro levemente os olhos e me reviro na cama. Meu quarto é banhado pela luz azulada da madrugada. A menos de um metro de distância, o *tap-tap-tap* ressoa do outro lado da porta do meu quarto. Acordo e tento me mexer; não consigo, ouço em pânico. Quando consigo levar as mãos ao rosto, as batidas secas são substituídas pelo zumbido e pelas batidas de caminhões de lixo.

18
AMISA
1978

Na primeira segunda-feira após a morte de Didi, Amisa fez o teste para o papel de Ponti. Foi no mesmo dia que o velório do irmão, mas ela não suportaria ir. Ficou diante de Iskandar e dos produtores do filme com os olhos fundos e entorpecidos, e fez o que o diretor mandava. Os movimentos lhe pareceram naturais; ela não tinha nada a perder. Eles lhe ofereceram o papel na hora. Na manhã seguinte, Amisa pediu demissão do emprego no Paradise Theatre. As filmagens teriam início em seis semanas, em janeiro.

Todas as manhãs, enquanto escovava os dentes, ela se olhava no espelho e pensava: Atriz em Tempo Integral e Mulher Mais Bonita da Ásia. Seu ego floresceu como as flores roxas da cortina do chuveiro. A esperança se escancarou no horizonte. Ela amava os olhos tranquilos das câmeras gravando, as luzes cintilantes, as trocas de roupa, litros de sangue falso, facas falsas, folhas falsas, paredes falsas, a agitação e o esforço das pessoas reunidas para filmá-la. O único problema era que atuar era mais difícil do que ela imaginava.

Algumas noites, Wei Loong vinha assistir às gravações depois do trabalho. Sua presença devia acalmá-la, mas ela se sentia impelida a agir de modo ainda mais formal. Iskandar Wiryanto não a tratava mais com a reverência entusiasmada de quando tinham se conhecido. Com uma semana de filmagem, ele já se revelara um tirano, um déspota, um egomaníaco. Mas ela assinara o contrato para os três filmes e teria que ir até o fim.

No início da segunda semana, eles estavam gravando em um campo às duas e meia da manhã. Nem a presença do marido foi capaz de reprimir a ira de Iskandar.

— Você está me deixando louco! Isso não está dando certo. Inútil. Inutilizável. Estamos todos arruinados.

Iskandar derrubou a claquete das mãos do assistente e marchou em direção a Amisa. Estava diante da equipe de filmagem com as luzes todas em

cima dela, um vestido branco fino, descalça. Suas pernas estavam cobertas de lama e ela tinha galhos nos cabelos pretos compridos. A maquiagem empalidecia seu rosto, com os olhos rodeados de hematomas, e ela tremia embora não estivesse frio.

— Aqui. Fique aqui, assim, na marca — ordenou, apontando. — E você precisa chamar a atenção quando sair da árvore. Seja mais expressiva. Agora você está parecendo um cadáver. Esta é a grande revelação. Tenha um pouco de energia. Seja graciosa como uma bailarina, uma bailarina assustadora.

— Não entendo o que você quer dizer. Eu sei dançar, mas não sei o que seria uma bailarina assustadora.

— *Bailarina expressiva!*

— O que é isso? Por que você precisa falar tão difícil?

— Você é burra?

— Não, não sou, e você não pode falar assim comigo.

Ela cruzou os braços e projetou o queixo para a frente.

— Venha comigo — disse ele.

Ele a pegou pelo braço. O marido ficou só olhando, assim como os dois assistentes e Ah Choon, o eletricista grosseiro com um sorrisinho no rosto. O diretor passou pelos equipamentos e a mesa do bufê vazia, e levou-a a seu Ford Cortina bronze no estacionamento.

— Entre — disse ele.

— Por quê?

— Porque eu estou mandando.

Relutante, ela sentou no banco do carona. Ele entrou ao lado dela e bateu a porta. Estava escuro no carro e o estofamento de vinil cheirava a cigarro e picles.

— Aonde estamos indo?

— Lugar nenhum, essa é a questão. Olha só, Amisa, sei que nem sempre concordamos. Mas tenho muita confiança em você. Sei que pode fazer algo especial.

Sua voz era calma e suave e o bigode se mexia quando ele falava. Ela só via seu lábio inferior, como um ventríloquo.

— Você precisa canalizar a energia certa e se concentrar. Pare de se fiar apenas na beleza. Seja como você foi no teste. Lembra quando você gritou e uivou, e estava tão furiosa que pensamos que fosse arrancar nossos olhos? Hamid, Chek Bee, Roddy e eu ficamos de queixo caído. Sem chão. Tente

fazer igual.

— Meu irmão tinha acabado de morrer — confessou.

Ficou olhando para as mãos pequenas e pálidas no colo e a lembrança a conteve.

— Olhe para mim.

— Não me diga o que eu devo fazer.

— Por que não? Sou seu diretor. É meu trabalho. E nós assinamos um contrato.

Amisa virou para ele devagar, o rosto iluminado por um raio de luz amarela.

— O que você quer?

— Seu poder. *Ponti!* precisa de um pouco do seu poder. Sem ele, não existe filme: minha visão está arruinada. Não dependa apenas da beleza. Essa é a saída fácil. Seja minha *pontianak*, minha fantasma assassina, por dentro e por fora. Vá mais fundo. Canalize todas as coisas que te fazem querer gritar. Você tem muitos sentimentos, Amisa, eu percebo. Estão todos fervendo embaixo desse seu rosto perfeito, esperando para serem libertados. A vida é perda, certo? Você só tem vinte anos, mas já tem arrependimentos, não tem? Não se pergunta como o tempo pode passar tão rápido? Você pode até dizer não, Iskandar, sou tão jovem e bela, *saya tidak mengerti!* Mas sei que é mentira. Porque todo mundo tem arrependimentos. E todo mundo se pergunta como o tempo pode passar tão rápido.

Ela suspirou e olhou pela janela, para o estacionamento rodeado de caniços sórdidos.

— Seu irmão ficaria feliz se você se saísse bem — continuou ele com a voz suave. — Tenho certeza. Confie em mim. Você pode ir longe. Você tem algo especial.

Iskandar Wiryanto tinha cinquenta e cinco anos e ainda lhe lembrava o gavião. Ela sentiu uma pontada no peito em parte causada pela semelhança. No carro abafado, sentiu pela primeira e única vez na vida uma pontada forte e estonteante de medo e prazer ao mesmo tempo. Ela presumia que o respeitava. Tinha medo dele, e ninguém mais lhe inspirava aquilo. Queria provar que ele estava certo. O que havia de especial nela, por trás do rosto incrível? Ela tinha mesmo um ímã de grandeza aninhada dentro de si: algo quimérico que brilhava e atraía, um esplendor esperando ser evocado? Amisa não sabia, mas ele parecia ter certeza.

Ela passou a ir à casa dos Wiryanto depois das filmagens algumas noites

ou tardes, dependendo de quando tinham começado e terminado as filmagens. Era de conhecimento da equipe e dos outros atores, e Amisa adotou a mesma ousadia orgulhosa que tinha no *kampong*. E daí se as pessoas pensavam que ela e Iskandar exemplificavam três vezes por semana o clichê da indústria cinematográfica: a atriz principal ingênua que se deita com o diretor mais velho — sendo o pênis mais atraente aquele que pertence a quem detém o maior poder. E daí se a maior parte da equipe e dos atores a odiavam e se Novita, a filha de cinco anos do diretor, a seguia pelo set como um fantasminha irritante de quem ela não conseguia se livrar?

Os Wiryanto moravam em um bangalô amplo e decorado por um arquiteto na Costa Leste com duas alas separadas. A sra. Wiryanto ocupava a ala esquerda, que exalava lilases e frutas cítricas. Amisa só espiou essa parte da casa uma vez; viu um labirinto de closets lotados de vestidos de grife e uma infinidade de sapatos em caixas chiques.

Novita tinha um quarto redondo no meio, cheio de brinquedos ainda novos, nas embalagens de plástico. A sra. Wiryanto incentivava a filha a ser uma colecionadora, e não alguém que bagunçava e amarrotava as coisas. A ala direita era domínio de Iskandar, onde ele idealizava e escrevia seus roteiros. Ele ocupava um escritório enorme cheio de livros, com piso de taco, uma TV grande, uma vitrola e um quadro para anotar suas ideias de roteiro. Era até esse cômodo que Amisa o seguia durante suas visitas, e ele sempre trancava a porta. A filha esperava do lado de fora, arranhando a madeira de vez em quando como um cachorrinho que não fora alimentado.

Ali, todos achavam que eles trepavam como animais. Era o que parecia; Amisa saía da casa com o cabelo emaranhado, o olhar atordoado. Até Wei Loong, ela tinha certeza, deve ter imaginado imoralidades com a mesma raiva frouxa e inevitável que lhe despertava ódio. Ah Choon, o eletricista, Anson, o segundo cinegrafista, e Poh Heng, o cara dos efeitos especiais, eram os piores fofoqueiros. Certo dia, ela os ouviu especulando atrás de umas buganvílias no intervalo do almoço. Eles diziam as coisas mais obscenas em *hokkien* sobre o que ela e Iskandar faziam na casa dele; o que Iskandar estava enfiando na porta da frente e na de trás; quantas vezes; como seria seu bebezinho indochinês com um pai lunático e uma mãe vadia, burra e temperamental; se a coitadinha da Novita precisava colocar algodão nos ouvidos para abafar os sons terríveis. Amisa não se deu o trabalho de passar pelas flores para confrontá-los.

A verdade era que ela desejava que as especulações fossem verdade. Na

época, era o que queria. Ela se surpreendeu. Estava apaixonada pelo homem mais horroroso que já conhecera. Sem quase ninguém saber, o belo ator principal, Abdul Aziz, é que entrava e saía às escondidas da ala da sra. Wiryanto, e certa vez Amisa e Iskandar chegaram a dar de cara com ele no corredor vestindo nada além de uma toalha, o peito largo e reluzente exposto. Iskandar acenou animado e disse:

— Se divirtam, mas se cuidem.

O que Amisa e Iskandar faziam no cômodo trancado não se encaixava nos moldes de um caso convencional. Porque o diretor não encostava um dedo nela.

Acontecia assim: eles entravam no escritório. Ela largava a bolsa. Ele puxava uma cadeira e sentava. Ele lhe mandava deitar no chão, com os braços e as pernas esticadas. Na maioria das vezes, ela ficava vestida; em outras, ele a mandava tirar toda a roupa e colocar uma bermuda branca desbotada que parecia fralda geriátrica. Ela cruzava os braços sobre os seios e ele dizia: "Não seja burra, abaixe os braços." E ele falava com ela. Só isso, só falação, mas uma falação potente. Espirais de discursos sobre o quanto ela estava passando uma imagem tediosa e o quanto ela era melhor do que aquilo. Que ela era uma alma cinzenta morta dentro de uma bela casca, ou uma alma sublime dentro de um ser impecável, mas terrível, dependendo do humor em que estivesse. Que a beleza não significava nada em um mundo assassino no qual os homens só queriam comê-la e matá-la e ninguém se importava com o que ela pensava. E no qual as mulheres a viam como um desafio ou uma ladra de maridos. Falava do irmão dela, da mãe, da irmã, do *kampong* e que eles a reprovavam. Obrigou-a a contar-lhe com quantos homens já tinha se deitado, uma estimativa, e fez chacota dela. Ele era tão cruel que depois de um tempo ela passou a aceitar, a esperar a humilhação, a sentir que de alguma forma merecia aquilo. Ele a obrigava a repetir falas do roteiro sem parar até as palavras deixarem de fazer sentido; então, ria da pronúncia do inglês dela e dizia que não importava, de qualquer forma eles dublariam os filmes com a voz de uma atriz de Los Angeles chamada Savannah Roberts, e Amisa não conseguiria falar melhor ou ser mais inteligível ainda que praticasse durante um milhão de anos. Ele destruía sua autoestima e a colocava em pé de novo dentro de uma hora, acalmando-a com sua voz de mel, contando histórias fervorosas sobre a natureza emaranhada das selvas de Sumatra; o massacre de centenas de milhares de comunistas; as maneiras terríveis pelas quais a ditadura de Suharto triunfou;

que ele não teve escolha a não ser ir embora para sempre, sua vida espalhada pela Ásia e pela Europa, sua visão artística de fazer filmes de terror que colocariam a Indonésia e Cingapura no mapa. Ele tinha muitos mitos para contar, uma sede insaciável de amontoar seus humores e lembranças em noventa páginas de roteiro e fazê-los explodir na tela. O personagem Ponti era baseado em sua própria mãe falecida, que guardava uma leve semelhança com Amisa. Ele a tornaria incrivelmente famosa. Seu rosto embelezaria outdoors em Hong Kong, Paris, Hollywood; ela voaria pelo mundo em jatinhos particulares; seria sua musa e eles iriam ao Golden Horse Awards e ao Oscar juntos. Ela seria imortal.

Certo dia, Amisa levantou e estendeu os braços para ele, seminua e muito ágil e suplicante com o cabelo todo bagunçado, o peito aberto e os olhos cintilantes. Estava dando o máximo de si. Ele levantou as mãos em um gesto cortês de desgosto e súplica. Era bom em dizer e fazer coisas ao mesmo tempo autoritárias e conciliatórias.

— Se contenha! Você é muito bonita, mas não faz meu tipo — disse Iskandar. — Você está melhorando muito, Amisa. Mas nossa relação é estritamente profissional, e eu gostaria de mantê-la assim. Além disso, sou velho demais para você e acho que seu marido sem sal é bom para sua saúde. Você é um *chilli padi* e precisa de algo ameno. Não toque em mim, *lah*. Como eu já disse, sou um homem bem-casado.

Amisa crepitou como um motor com defeito e não soube o que fazer com os braços. De repente, passou a sentir vergonha de seus seios, assim como da excitação febril que sentia sair de sua pele como vapor. Ela vestiu a roupa, atormentada pela primeira rejeição sexual de sua vida. Achava que era invencível. Achava que nenhum homem era capaz de resistir a ela.

Ele a levou para casa naquela noite com a filha protegida pelo cinto no banco de trás. Amisa manteve um silêncio taciturno, sendo grosseira ao ignorar as perguntas de Novita sobre que árvore era aquela, que prédio era aquele? Iskandar suspirou para o volante e ligou o rádio na Gold 90,5.

— É uma sexta-feira agradável, 5 de outubro de 1978. A temperatura é de trinta e dois graus, com nuvens esparsas. Há um engarrafamento causado por uma obstrução na via expressa. Espero que sua noite esteja maravilhosa apesar disso. Aqui vai uma música para relaxar, da banda Fleetwood Mac — disse o apresentador devagar.

Amisa não estava prestando atenção; ficou observando a cidade passar, luzes nas janelas de prédios comerciais e fileiras longas de jambeiros,

seguindo rumo a Toa Payoh e seu marido mal-humorado. A canção começou inofensiva, progressões suaves de cordas, voz feminina moderada na vibração folk popular.

Mas aos exatos trinta segundos, quando Stevie Nicks soltou a palavra *landslide*, "deslizamento", Amisa se contraiu como se tivesse sido golpeada no rosto. Começou a soluçar. Não conseguiu evitar. Cada verso e cada mudança na música a partir dali assumiu uma potência insuportável. A voz que emanava dos alto-falantes no painel parecia muito íntima e suave, como se a dona estivesse tentando, sem sucesso, manter a dor para si mesma. Infectada pela cadência da melodia americana, Amisa sentiu uma tristeza insuperável. *Didi*, pensou. *Didi, Didi, Didi*. A cada verso, o pranto de Amisa se amplificava no carro. Iskandar olhou para ela e aumentou o volume cada vez mais, enquanto Novita assistia, confusa e tensa. Em um cruzamento, os motoristas dos carros de ambos os lados olhavam para a cena desconcertante: homem colocando uma canção folk no volume máximo, mulher bonita chorando, criança confusa no banco de trás.

A partir de então, quando parecia propício durante as noites que passavam juntos, Iskandar franzia as sobrancelhas enquanto abaixava a agulha e o disco de vinil preto começava a girar como uma lâmina. "Landslide" reverberava nas paredes do escritório, a voz rouca por toda parte, os acordes dolorosos. Ele tocava a música no set, também, quando queria provocá-la, sem parar, até todos enjoarem dela e dizerem que fazia seus ouvidos sangrarem. Mas ninguém podia negar que a música tinha um efeito. Os olhos frios da atriz escureciam, e Ponti começava a incorporar uma tristeza assustadora primorosa. A mudança era imediata e aparente. Ele extraiu cada partícula de emoção dela até que um dia, finalmente, as gravações acabaram.

— Encerramos — disse Iskandar. — Eu sempre quis dizer isso.

A equipe aplaudiu educadamente, suspiros de alívio por toda parte. Amisa permaneceu sentada, metade para dentro, metade para fora da figueira-de-bengala idiota, esgotada.

*

Iskandar tinha grandes planos para a estreia. E a distribuição. E para promover o filme. No fim das contas, um diretor filipino chamado Bobby Suarez, que estava rodando um filme ao mesmo tempo, também tinha. O

título era *They Call Her Cleopatra Wong* e a protagonista era uma garota encantadora chamada Marrie Lee, que tinha o cabelo repicado e um sorriso radiante. Se colocasse fotos de rosto delas lado a lado, você ia preferir ser amigo de Marrie Lee do que de Amisa Tan.

Marrie Lee era Cleopatra Wong, uma agente da Interpol que aos chutes e socos desvendou uma conspiração que envolvia monges impostores. Era uma coprodução internacional das Filipinas e de Cingapura, e superespiões eram a sensação do momento. Ninguém ligava para *pontianaks* — estavam fora de moda; superstições começavam a ser descartadas; ninguém queria se envolver com fantasmas. Só havia espaço para um filme nacional ser exibido naquele ano; não houve apoio nem interesse; decisão financeira; nada pessoal ou quanto à qualidade do seu filme, cara. Esses foram os motivos citados pelos distribuidores, e os cinemas menores, independentes, se recusaram a exibir a produção. Além disso, havia um filme recente chamado *Pontianak* dirigido por Roger Sutton. Acabaram encontrando um cinema que aceitou exibi-lo: um cinema com duas salas em Bishan. Na estreia, Amisa usou um vestido cortado no viés e sorriu para as câmeras mostrando os dentes. O auditório estava meio vazio. Ela sentou entre Iskandar Wiryanto e Wei Loong, que dormiu durante a última meia hora de filme.

Eles rodaram *Ponti 2* logo depois, com elenco e equipe desanimados, mas os Wiryanto pagavam relativamente bem para colocar comida na mesa. E isso bastava para as pessoas aguentarem alguém difícil e iludido como Iskandar Wiryanto. O primeiro filme não chegou a lugar nenhum, nem o segundo. Quando rodaram *Ponti 3: A maldição do Bomoh* em 1981, foi como ver uma árvore cair na floresta mais distante em câmera lenta e penosa. Até o roteiro era tão ruim que parecia que Iskandar tinha desistido e sabia que aquilo não daria em nada. Rodar o filme foi como observar a tinta secar e aplaudir lentamente o resultado final. Ninguém ousava dizer, mas a trilogia era fruto da vaidade, um presente caro e elaborado da sra. Wiryanto para o marido, viabilizando seus desejos e ilusões de grandeza que pareciam se afastar da concretização a cada tentativa.

Em casa, Wei Loong e Amisa dormiam na mesma cama, mas mal se tocavam. Ele estava ressentido por causa de Iskandar, apesar de ela insistir no profissionalismo; não acreditava que Iskandar nunca tivesse adentrado seu corpo macio e dócil, nem mesmo a beijado. Por que, então, ela ia à casa dele com tanta frequência? A equipe inteira ria de Wei Loong; era um corno manso. Os dois faziam refeições juntos em silêncio, preenchiam as horas

antes de dormir com a TV ligada. Era difícil lembrar que já tivesse havido algum tipo de afinidade ou afeto entre os dois.

Na semana seguinte à conclusão das filmagens de *Ponti 3*, Amisa voltou a trabalhar no Paradise Theatre, que passou a se chamar Everitt Cineplex. Ela perguntou por Rocky, e lhe indicaram o escritório no andar de cima. Ele não pareceu surpreso ao vê-la.

— Sempre soube que você voltaria — disse.

19
SZU
2003

É a última noite do velório, e não aguento mais. Olho o relógio e tento não deixar transparecer que estou contando as horas. A blusa branca que usei todos os dias está começando a cheirar mal. Circe chegou faz uma hora, pontual como nunca. De camiseta preta e calça jeans, ela está contida, solene.

O relógio marca dez para as dez quando meu pai surge na entrada da garagem. Respiro fundo, e meu corpo inteiro parece mole e leve. Meu pai foi embora há nove anos, e quando ele se aproxima parece mais jovem, não mais velho, do que a lembrança que tenho dele. Seu cabelo é quase todo preto, com as laterais lisas de brilhantina. Ele está bronzeado e com uma camisa de manga curta escura e calça social bem passada. Por algum motivo, quando pensava nele no presente, eu sempre o imaginava magro demais e pobre, um pária com bigodes de crustáceo e careca.

— Oi, Szu — diz ele, a voz nova, firme; a lembrança que eu tinha dela era toda errada.

Fico olhando para ele por um instante. Sinto uma fisgada no peito ao mesmo tempo vasta e dolorosamente pontual. Viro para Circe de um jeito mecânico e sussurro:

— É meu pai.

Ela fica em silêncio, só olha para mim e de novo para ele, perturbada.

— Szu Min — diz meu pai, como se estivesse testando o som do meu nome.

Ele me encara e meu queixo enrijece.

Eu me viro e quase bato em tia Yunxi.

— Que bom que você veio — diz ela para ele.

Embora seu tom seja uniforme, calmo, consciente dos visitantes, as pessoas se viram para nós. Os seres humanos têm faro para o drama.

— Não sei o que você quer — fala tia Yunxi sem se exaltar, em *hokkien*.

— Mas agora não é hora.

É possível que meu pai tenha desaparecido em uma máquina do tempo e só voltado agora? Ele não envelheceu um dia sequer; parece bem alimentado e descansado. Pressiono os dedos dos pés nos sapatos de lona e os contorço em um ato reflexo, só para ter certeza de que não estou sonhando.

— Vi o obituário no jornal — explica meu pai com aparência jovem em *hokkien*. — Queria prestar minhas condolências. Eu morava aqui, esta era minha casa.

— Não é mais — dispara minha tia.

Meu pai solta um suspiro longo. Com uma das mãos, coloca um par de óculos de sol na cabeça enquanto encara minha tia.

— O obituário não foi publicado para você — continua tia Yunxi, com as mãos na cintura. — Olha só, Ah Loong, por que não presta suas condolências? Depois, vá embora. Agora não é hora de fazer cena.

— Quem é você para falar comigo desse jeito? — questiona meu pai. — Com esse ar superior? O que te dá o direito?

Seu tom deixa o ar pesado. Todos estão olhando.

— A Szu sabe? — indaga meu pai, me olhando como se estivéssemos no mesmo time.

Minha tia o ignora. Dois convidados vieram até ela, homens corpulentos com o cabelo oleoso partido para o lado e braços grossos.

— Por favor, vá embora — diz tia Yunxi, o tom calmo e educado.

— Por favor, vá embora — repito. — Você não devia estar aqui.

Minha voz treme na última palavra.

— Você não acha que devia contar a ela? — pergunta meu pai à minha tia.

Ela só o encara.

Ele então se vira para mim.

— Ela não é sua tia de verdade — solta ele, com os olhos em chamas. — Sua mãe algum dia contou isso? Você percebeu? Elas só moravam juntas. Ela nem é da família…

— Pare com isso! — grita um homem da lateral. — Como você pode ser tão desrespeitoso?

— Esta mulher é uma impostora — continua meu pai, gesticulando para tia Yunxi. — Sempre foi. Ela era uma má influência para sua mãe. Só se mudou para cá para morar na casa e fazer magia negra aqui. Ela não é confiável.

— Vá embora — digo, em inglês. — Pare de insultar minha tia.

Ele me encara, surpreso, os olhos inchados como os de um peixinho dourado e o pomo de Adão subindo e descendo no pescoço. Sou só um pouco mais baixa do que ele. Ele é metade do que eu sou, mas não me sinto mais próxima dele do que me sentia da minha mãe.

— Você não devia estar aqui — diz outro homem ao meu pai em mandarim.

O homem dá um passo à frente, mas, antes que qualquer coisa aconteça meu pai recua para ir embora. É como um pesadelo lento e vergonhoso que se repete. Volto a ter oito anos e fico esperando que ele se vire. Ele anda depressa, com determinação, como se estivesse a caminho de uma reunião importante. Eu me lembrava dele gentil. Covarde, mas gentil. Agora meu olhar perfura sua nuca. Meu coração está pulando, e ouço o sangue zunindo nos ouvidos enquanto o vejo ir embora. O portão bate; ele o deixa entreaberto. Penso em correr atrás ele, mas não sei se para abraçá-lo ou socá-lo.

Circe e eu entramos em casa. Ela está animada com o drama. Percebo por seus movimentos inquietos e o brilho em seu olhar.

— Meu Deus — diz ela. — Você está bem? Então aquele cara era seu pai? Que situação, hein?

— É.

— Ele parece muito jovem.

— É. Nem me fale.

— Muito insensível da parte dele vir aqui hoje. Justo hoje… — comenta Circe.

— Justo hoje — repito, e minha voz treme. Na minha cabeça, estou imaginando que deveria ter gritado com ele, ter tido coragem. Eu devia ter gritado: *Vá embora, já que é tão bom nisso*, e todo mundo teria me aplaudido.

Circe gira o pé esquerdo em uma direção, depois na outra.

— O que você achou das coisas que ele falou sobre sua tia não ser sua tia de verdade? — pergunta ela. — Isso é louco.

— Ele deve ter razão — respondo.

— Bom… — começa Circe.

— Szu, pode vir aqui fora? — grita minha tia da varanda. — Preciso de você.

*

Mais tarde, os homens da funerária aparecem. Eles estacionam a van e descem, um emaranhado de rostos cansados. Logo depois, os monges chegam.

O celebrante tem sardas no rosto e na careca. Enquanto executa os ritos finais em volta do caixão, cantando e entoando sutras, fico vendo seu manto alaranjado balançar. O monge mais jovem se junta a ele. Suas vozes são baixas, calmas. Eles dão início ao ritual de fechamento do caixão. Ninguém deve olhar — dá azar —, mas, quando todos estão com os olhos fechados, abro o olho esquerdo, como uma baleia gigante faria no fundo do oceano. Silêncio submarino. Ninguém me vê estragar o ritual. Seis homens levantam o caixão, equilibram-no no ombro. Então, começam a descer pela entrada da garagem e pelos portões já abertos.

*

O resto da tarde passa em um borrão agitado. Na sala de observação do crematório, vemos a porta do incinerador abrir. O caixão entra deslizando devagar. Parece muito pequeno da galeria, como se fosse para um animal de estimação ou uma boneca. Quando a maior parte do caixão entra, as portas se fecham e minha mão se contorce, querendo alcançar minha mãe. Os monges continuam cantando. Me pergunto quantos rituais eles fazem por semana, com que frequência o tédio se sobrepõe à devoção. Percebo que estou segurando a mão pequena e gelada de Circe e não sei como aquietar meus pensamentos. Penso no rosto abatido da minha mãe e em seu sorriso incomum. Meus olhos começam a se encher de lágrimas, e vejo as coisas distorcidas no ar, como se estivesse perto do fogo.

*

Na manhã seguinte, tia Yunxi e eu voltamos para buscar os restos mortais. O atendente do crematório nos leva até uma salinha banhada por um sol cruel. Lanço um olhar para a bandeja à frente, no balcão de cimento. Minha tia me dá um par de pauzinhos compridos e inclina o queixo em direção à pilha cinza. Os ossos da minha mãe se fragmentaram tanto no fogo que parecem ser de um pássaro. Pegamos o que conseguimos ver e colocamos em uma bandeja menor, a fim de ser transferido para a urna. Quanto mais procuro

por pedaços dela, mais minha vista borra.

— Está tudo bem — diz tia Yunxi. — Não precisamos nos apressar.

Ela solta os pauzinhos por um instante e acaricia meus ombros devagar.

Quando terminamos de recolher os ossos, o assistente os coloca na urna. Seguimos outro atendente pelos corredores do columbário, com piso de mármore reluzente e prateleiras em nicho que vão até o teto. Seria fácil nos perdermos aqui se não anotássemos a localização. Minha mãe ocupa a quinta fila de baixo para cima, terceira vindo do corredor, a boca inteira sem sorrir, os olhos límpidos e sérios.

*

A manhã de segunda-feira está escura e nublada; coisa de filme de apocalipse. Circe me guia pelos corredores da escola como se eu fosse famosa e ela fosse meu segurança mal-encarado. Minhas pálpebras pesam com a tortura da vida real. Todos estão olhando para nós. Depois de uma semana ausente, o Convento Whampoa dos Eternamente Abençoados tem um ar de penitenciária. As paredes em tom pastel são intoleráveis. Janelas com grades e silêncio perto da sala dos professores, seguindo até nossa sala de aula. Garotas no corredor cochicham atrás de nós. Priya e Elizabeth me oferecem sorrisos e *meus pêsames.* Trissy e Clara olham para mim como se eu tivesse sido retirada do mar.

— Cadê a compaixão delas? — pergunto a Circe.

Não tão secretamente, estou me deleitando no campo de força do luto, na imunidade às provocações e na atenção bem-intencionada e nas condolências das garotas mais gentis.

— Algumas dessas cretinas são burras e superficiais demais para sentir alguma coisa — sussurra Circe. — Não valem o incômodo.

Mas ela é quem fica olhando em volta enquanto coloca a mãozinha nas minhas costas e me acompanha até a sala de aula.

Na aula de geografia, a sra. Lee entrega os roteiros de avaliação contínua. Minha pontuação é quarenta e quatro por cento, e não me dou o trabalho de ler as observações em detalhe, só fico olhando para a tinta vermelha raivosa que circula minhas respostas. “Continue tentando, Szu”, diz o recado na última página. Parece um cartão motivacional. De uma esperança vazia. Pela porta, olho para o campo de educação física, comprido e retangular. As árvores verde-escuras que se destacam ao fundo ficaram mais

claras nos últimos meses, e a neblina se assentou. Algumas das extremidades dos troncos estão verde-claras, como se tivessem secado. Estamos no fim de agosto. Não há mais cachorros selvagens. Só a lama macia e feia e minhocas vagando na terra. A neblina indo e vindo, causando doenças, contaminando nossos pulmões enquanto dormimos. Depois da aula, rasgo a última página do meu roteiro e a amasso até virar uma bolinha na palma da mão. Jogo na cesta de lixo na saída.

Depois da aula, Circe e eu pegamos o trem até Bugis, mas os ingressos para o filme que queremos ver estão esgotados, então, compramos copos gigantes de Coca-Cola Diet e sentamos nos pilares enormes no saguão do cinema, porque é o que fazemos mesmo quando o lugar parece úmido e sujo de um jeito cansativo e lamentável. Trailers de remakes de remakes se repetem nas telas acima dos carrinhos de pipoca. O barulho das explosões está fora de sincronia. Quando desvio o olhar, o brilho e os clarões fazem meus olhos doerem.

— Não perguntei como você foi em geografia — digo para Circe.

— Ah, fui bem — responde Circe, sacudindo os cubos de gelo da Coca-Cola Diet.

— Quanto? Eu acertei quarenta e quatro.

— Hum.

— Quanto você acertou?

— Setenta e um.

Ela olha para mim com a cabeça baixa.

— Uau! Incrível. Por que não disse antes?

— Ah, normal — comenta Circe. — Não é nada de mais — acrescenta.

Mas é: achei que fôssemos um fracasso juntas. Ela vira a cabeça para um grupo de garotas de outra escola secundária com uniforme roxo subindo as escadas rolantes. Elas estão histéricas, uma voz alta e clara borbulhando em risadinhas sem fôlego. Quando as pessoas riem muito parece que estão se divertindo de verdade, principalmente quando a gente não sabe qual é a piada.

— Que uniforme horrível — faço uma tentativa, mas Circe não reage.

À sombra do pilar, sinto que estou puxando-a em direção ao carpete com meu peso mofado. Ficamos sentadas por mais cinco, dez, vinte minutos. As explosões se repetem nas telas. As garotas de uniforme roxo entram em uma sala, ainda rindo escandalosamente. Tento pensar em algo interessante para dizer.

— Bugis é muito sem graça — resmungo.

— É? — pergunta Circe.

Antes de minha mãe morrer, isso bastaria para Circe vir com uma tirada engraçada. E eu concordaria, e nós cairíamos na gargalhada. Agora ela vira para mim, os lábios contraídos, o rosto brilhando. Seus olhos descem até meus pulsos e meus joelhos saltados, destacados embaixo da saia verde-escura.

— Quer fazer um lanche? — pergunta ela. — Estou louca para comer milho doce. Ou *tau huay*.

— Não quero nada — digo; meu estômago ronca. — Estou me sentindo meio inchada — acrescento, o que é verdade.

Minha barriga borbulha baixinho, e desta vez agradeço pelas explosões que precedem a fala pausada do narrador de voz grave.

— Vamos levantar, minhas pernas estão dormentes — diz Circe.

Ela pega a mochila da escola sem me olhar. Sou eu quem recolhe e joga no lixo os copos de Coca-Cola Diet vazios. Sigo Circe até a banquinha de lanches. Ela pede leite de soja e panqueca de feijão azuki.

— Pode segurar isso para mim? — pergunta ela, me entregando a embalagem de papel quente com a panqueca do tamanho de um descanso de copo.

Circe ajeita a alça da mochila e bebe um gole do leite de soja.

— Beba um pouco — diz.

Faço que não com a cabeça quando ela oferece o canudo.

— Panqueca?

Recuso de novo. Quando devolvo a embalagem, ela solta o ar com força e revira os olhos, tudo tão rápido que não consigo, e de qualquer forma não ousaria, responder.

*

Quando chego em casa, minha tia acabou de limpar o quarto da minha mãe. As paredes estão brilhando e o quarto cheira a água sanitária.

— Não dá azar limpar tanto? — pergunto.

— Como foi a escola?

— Fui mal em geografia.

— Ah — retruca minha tia. — Uma prova? Foi mal em uma prova? Pode fazer de novo.

— Não. Não é assim que funciona. Agora já era.

— Por quê?

— Você não vai entender.

— Hum — diz ela. — Deixe para lá. Não se preocupe, Szu. Faz mal. Se preocupar até a cabeça doer. Faz mal para você.

Minha tia está com as mangas arregaçadas nos braços finos e um frasco de limpa-vidros na mão. Ela deixa o frasco na mesa e vira para mim.

— Szu, pode sentar um minuto?

Largo a mochila e sento à sua frente. Ela fica me olhando enquanto me abaixo para tirar as meias.

— Não tivemos a oportunidade de conversar — começa ela. — Não fiquei surpresa ao ver seu pai aquele dia. Ele queria prestar condolências, mas não fez isso da melhor maneira.

Uma pausa.

— Não importa — digo por fim.

— Tem certeza, Szu Min?

— Sim, tia Yunxi, tenho certeza — respondo.

— Quer conversar sobre isso? Perguntar alguma coisa?

— Não importa. Não quero vê-lo de novo.

Tia Yunxi franze as sobrancelhas e contrai os lábios. Suspira e balança a cabeça.

— Não me importo — digo, minha voz fraca, suplicante; odeio isso.

— Pobre garota. Me preocupo com você.

— Não precisa — respondo ríspida.

Pego minhas coisas rápido e levanto. Ao trancar a porta do meu quarto, ouço minha tia se movimentar no quarto ao lado. Ela está abrindo e fechando gavetas, fazendo mais barulho do que o necessário.

*

Faz três semanas que minha mãe morreu. Circe já evita o assunto, ou não dá continuidade à conversa quando me pergunta por que eu estou quieta e eu respondo a mesma coisa: estou triste. Está ficando chato ouvir isso, dá para perceber.

Depois da aula, no centro de ensino de reforço, encontramos algumas nadadoras coladas aos namorados. Eu as vejo primeiro, um amontoado de bronzeados perfeitos e pernas de gazela, culminando em oito supermulheres

de ombros fortes com sorrisos brilhantes e enigmáticos. Em vez de passar pela indignidade de sermos ignoradas por elas, Circe e eu irrompemos em um trote de avestruz até os fundos do prédio e sentamos nos degraus cor de terracota.

— Você pensa em encontrar seu pai? Procurar por ele? — pergunta Circe.

É a primeira coisa que ela diz para mim desde que batemos em retirada apressadas. Não discutimos por que ou como saímos apressadas.

— Ele não deixou nenhuma pista.

O suor gruda nos meus ombros e estou sem ar, tonta.

— Tenho certeza de que conseguimos encontrá-lo — argumenta ela. — Podemos contratar um detetive particular. Você não assiste TV?

— Eu não tenho TV, lembra?

— Ah é. Tudo bem, bom, eu tenho internet.

— Não. Deixa pra lá.

— E aquela mulher? Novita? Pode ser que ela saiba de alguma coisa. Podemos procurar o telefone dela e ligar.

— Não tem nada para saber. Ela era só uma louca. Dificultando a vida da minha tia.

— Você não tem curiosidade?

— Eu não ligo.

Ergo o pescoço para ver se as nadadoras nos seguiram.

— Você sempre diz isso — observa Circe. — Sendo que é óbvio que liga. É cansativo.

O que ela realmente quer dizer é: *Eu* sou cansativa. O que eu quero dizer mas não digo é: *você não é a Nancy Drew; minha família não é o mistério do mês, então, vá se foder.*

O ar entre nós é quente e tem um cheiro forte, como se tivesse saído do escapamento de um carro. Olhamos para a estrada principal com seu fluxo interminável de ônibus e táxis. Quando me volto para Circe, ela está com uma expressão irritada, o queixo projetado para a frente, olhando as folhas secas de uma árvore balançando na brisa leve e egoísta.

— Eu ainda acho que se eu fosse você estaria no mínimo curiosa.

— Não é tão fácil assim — retruco, e sinto o sangue subir; falo rápido, as palavras saem antes que eu possa refreá-las. — Você só acha que é fácil porque o problema não é seu. As coisas são muito mais difíceis quando se está vivendo o problema do que para quem está de fora. Às vezes não existe solução rápida e mágica.

— Não me diga, Sherlock.

— Você não entende.

Quando ela olha para mim, seus olhos estão furiosos.

— Na primeira vez que ele foi embora — começo, antes que ela diga alguma coisa —, eu passei um tempão dizendo a mim mesma que ele estava tendo um dia difícil. E que eu tinha feito alguma coisa errada. Ou que minha mãe tinha dito alguma coisa errada. E que ele não era uma pessoa ruim. Só estava com muita raiva ou muita vergonha para voltar logo. Mas vê-lo de novo daquele jeito, de repente, e depois ele simplesmente ir embora. Ele nem tentou ficar.

Circe está com os olhos arregalados e secos, boquiaberta.

— Para quê? Por que voltar?

Estou tremendo.

Circe pega na bolsa um pacote de lenços e me entrega dois pedaços.

— Toma. Sinto muito, Szu — diz ela. — Não sei o que dizer.

Balanço a cabeça e seco meus olhos com as costas da mão, vermelha e furiosa. Circe olha para a direita e depois de novo para mim. Sigo seu olhar em direção ao balanço reluzente de rabos de cavalo. As nadadoras caminham até o ponto de ônibus, armadas com namorados e potinhos de frozen yogurt.

20
AMISA
1982

Amisa estava inquieta na cadeira de plástico próximo à porta do cinema. Já fazia um ano desde o fim das filmagens de *Ponti 3*. Sua vida já devia ter mudado, mas era a mesma coisa sonolenta e empacada de sempre. Ela tinha vinte e quatro anos, mas parecia ter menos. Três filmes mostravam seu nome, mas seu nome não importava. *Ponti 1*, *2* e *3* eram rolos de filmes que cabiam no porta-malas do carro de Iskandar; eram coisas que tinham sido feitas. E agora? O que viria depois?

A estreia de *Ponti 3* estava marcada para aquela noite. Iskandar alugara uma sala no Everitt Cineplex a partir das sete da noite. Às seis e meia Wei Loong chegou.

— Seu vestido — disse, entregando a sacola de vime.

Ele vestia uma camisa bege com o colarinho engomado. Quando ela saiu com o vestido de festa azul, ele pegou-a pelo braço, olhando para a frente, o rosto esboçando um sorriso. No decorrer da hora seguinte, as pessoas começaram a chegar: amigos da equipe, colegas de Wei Loong, Yunxi e finalmente Iskandar, em um terno cor de creme. Parecia bronzeado e muito velho, a pele coriácea, os olhos de gavião sábios e penetrantes. A sra. Wiryanto vinha logo atrás, o penteado duro de laquê, vestindo um terninho cor de champanhe. Novita foi a última a entrar no saguão, aos nove anos, toda magrinha e dentuça. Tinha quase a mesma altura de Amisa.

— Oi, Amisa.

— Oi, princesinha.

— Por que faz tanto tempo que não te vejo? Por que você nunca mais foi à minha casa?

— Não sei — respondeu Amisa, contraindo os lábios.

Mas sabia: as filmagens tinham terminado e, com elas, aparentemente, os convites à casa dos Wiryanto. Ela olhou para Iskandar e sentiu uma onda e um peso no peito. Ele conversava com um sócio. Parecia que suas costas

estavam claramente inclinadas em direção a ela. Ele virou e a pegou encarando-o. Amisa sorriu.

— Como está minha estrela? — perguntou ele, com uma leveza cavalheiresca. — E como está o marido orgulhoso?

— Estamos bem, obrigado — respondeu Wei Loong.

Ela sentiu a mão do marido escorregar até sua cintura.

O cinema cheirava a pipoca rançosa e poltronas mofadas. Amisa deve ter limpado aquele piso centenas de vezes. Sentou tensa entre Wei Loong e Novita. Iskandar Wiryanto estava dali a duas cadeiras, depois da mulher e da filha. As luzes diminuíram.

— Maior! Mais assustadora! Temos que fazer tudo em maior escala — dissera Iskandar, insistindo que ela usasse uma máscara de látex, aplicada por uma maquiadora nervosa, uma garota que tinha não mais do que dezenove anos, que pontilhou as bordas do látex na pele de Amisa.

Ela parecia extravagante, quase irreconhecível, mas de certa forma aquilo parecia desleixado e não intencional. Só dois olhos brilhando por trás de uma máscara emborrachada com um nariz adunco como o de uma bruxa de um conto de fadas, nem de longe a imagem que as pessoas têm de uma *pontianak*.

Na telona, ela saltava de um armário. As mãos estendidas acima da cabeça, parecendo um desenho animado. Novita abafou uma risada ao lado dela, e naquele momento Amisa odiou a garota. Aquela grande surpresa levara horas para ser filmada. A maldição do Bomoh, que dava título ao filme, era torná-la ainda mais feia. Como suas costas doíam de ficar agachada naquele armário de mogno, esperando para abrir as portas saltando e rugindo. Ela tinha furúnculos e vergões pintados e colados nos braços e pernas.

Deu uma olhada em Iskandar. Ele estava com os cotovelos apoiados nos braços da poltrona de plush e os dedos cruzados em frente ao rosto, como um jogador de xadrez pensando no próximo movimento. Será que ele achava que o filme era bom? Amisa mal conseguia manter os olhos na tela. Finalmente os créditos subiram. Wei Loong aplaudiu muito quando o nome dela apareceu.

AMISA TAN ..... PONTI

As mãos dela ficaram paradas, e ela manteve os olhos quase fechados para

a tela enquanto outros nomes seguiram. Se perguntou quantas atrizes ao redor do mundo já tinham lido seus nomes nos créditos e visto o trabalho duro, com frequência terrível, criptografado naquela linha de pontos: as filmagens longas, as tomadas ruins, suportar o sol e a chuva. Se sentiu intimidada pela falta de originalidade de seu pensamento.

— Você é um bom monstro, Amisa — disse a sra. Wiryanto a ela mais tarde, no saguão.

— Obrigada. Fico muito feliz que tenha gostado — respondeu Amisa.

Suas bochechas doeram quando ela sorriu.

*

No início de 1983, os Wiryanto se mudaram para Hong Kong. Iskandar disse que a indústria cinematográfica era mais viril lá, e ele encontraria colaboradores melhores. Ligaria para ela, segundo afirmou, quando as coisas estivessem em ordem.

Durante o primeiro ano em que não soube dele, o hábito doloroso do amor não correspondido a fez perdoá-lo. Um amor assim suporta muita crueldade, é até mesmo fortalecido por ela. O enfraquecimento de sua alma manteve forte aquele apego ruim. Amisa sabia como ele era, como devorava ideias e as descartava sem pestanejar, e como tudo e todos desapareciam quando estava concentrado em um projeto, até mesmo a própria filha. Que chance Amisa tinha?

Procurou por notícias de filmes de Iskandar nos jornais, mas nunca apareceu nenhuma. Tentava ligar para o número dele que tinha os dígitos do seu aniversário e, em seguida, para o número estrangeiro que ele deixara, mas uma linha estava cancelada e a outra ou estava ocupada, ou cinco bipes longos prometiam uma reposta antes que a conexão fosse interrompida.

Fez vinte e seis anos, depois vinte e sete. Embora ainda fizesse testes, nenhum estúdio em Cingapura ou na Malásia ofereceria um papel principal, ou mesmo importante, para uma mulher de quase trinta sem potencial para virar uma estrela e, além disso, sem experiência, a não ser três filmes de terror desconhecidos que mal tinham sido exibidos e, portanto, era como se não existissem. Ninguém tinha ouvido falar dela, nem de Iskandar Wiryanto, nem dos filmes *Ponti*; ninguém se importava em ajudá-la. Tentou mentir a idade, mas as regras da indústria eram rígidas, e as permissões de trabalho exigiam carteira de identidade ou passaporte, e ambos traziam a

data teimosa e condenatória de seu nascimento.

Ela queria muito ser alguém e tudo, não ninguém e nada, mas a trincheira entre os dois estados era profunda e larga, um mistério teimoso a ser atravessado. Foi a uma reunião com um homem que encontrou nos classificados, que afirmou que conseguiria um teste para ela em um filme para TV em Hong Kong. Ele trabalhava no escritório dos fundos do Sandstone Plaza, um prédio amarelecido e de reputação duvidosa, o que já era um mau sinal. Era um chinês de quase quarenta anos com uma aparência indisposta e enjoada: olhos inquietos, palidez esverdeada.

— Eu ajudo você se você me ajudar — disse ele.

Pelo menos ele vai direto ao ponto, Amisa pensou enquanto o olhava de cabeça baixa. Esperou três segundos antes de concordar timidamente com a cabeça.

Ele a levou para o Hotel Fragrance e reservou um quarto por hora. O ar-condicionado pingava nos ombros nus de Amisa e no travesseiro azul barato que cheirava a suor velho e creme hidratante. A ventilação fazia um barulho triste e estranho e abafava seus gemidos monótonos e desanimados enquanto o homem a virava e metia nela como se ela fosse um pedaço de carne. Era um sexo sem sexo, um corpo fazendo movimentos urgentes e feios; dois estranhos sacudindo e barganhando uma conquista. Amisa pensou em quando era mais nova, deitada nos campos com os homens de pele escura e os meninos ávidos no Kampong Mimpi Sedih. Ela se considerava vitoriosa naquela época; detinha a vantagem. Não era assim agora. Sentia uma pontada de carinho por Wei Loong e a consideração com que ele a manuseava. Consideração *demais*, na verdade, encarando-a com um olhar meloso e fidedigno que não favorecia seu rosto. Mas ser comida assim, com a roupa de cama brega e reveladora, também não era bom.

*

Durante os anos seguintes, ela experimentou participar de testes para o Canal 8, mas rejeitou os dois papéis que lhe ofereceram. Se recusou a colocar talco no coque, a reverenciar concubinas. Não faria o papel da matriarca ranzinza, da ama, a *mah jie*, sofrida, da *amah*, da irmã solteirona que ficava escrevendo. Queria estar no centro de cada história, amar e odiar e lutar e vencer sem complacência, sem abrir mão de tempo de tela, sem poupar esforços. Por que o envelhecimento tinha que minar seus desejos?

Eles certamente cresciam conforme ela crescia. Por que ninguém respeitava isso?

Certa tarde, ela estava na bilheteria olhando as próprias mãos e se perguntando se pareciam enrugadas quando Wei Loong entrou pulando pelas portas duplas. Seu sorriso era largo.

— Deu certo. Depois de nove anos cruéis, deu certo!

— Do que você está falando?

Ele sacudiu um pedaço de papel na frente dela: o Toto, gravado com a logo vermelho-clara da Singapore Pools, recibo impresso com os números em que ele apostava toda semana desde o início do casamento: 23081958, números bônus 190476. Eles tinham ganhado.

— Podemos sair do apartamento. Comprar uma casa, nosso próprio jardim. Uma porra de uma garagem. Nunca tive jardim, você já teve?

Fazia muitos anos que Wei Loong não lhe parecia tão atraente e entusiasmado.

Ele a tirou do balcão em um rodopio. Sim, as possibilidades estavam se abrindo: que se foda o cinema, os talões de ingressos, as cascas de amendoim que ela tinha que varrer toda noite, os banheiros sujos, a figueira, os vizinhos barulhentos, o quarto bege.

Compraram uma casa em uma rua sem saída com uma entrada longa coberta de folhas. Era melhor do que seus sonhos. Havia um jardim cheio de árvores envergadas e plantas cheias de insetos. Tudo era desperto, vivo.

No dia em que se mudaram para a casa, eles foram para o quintal. A luz caía em listras diagonais nos azulejos sujos, estilo Nyonya. Manchas de chuva e bolor, manchas marrons e amarelas. Wei Loong a levantou pela cintura e suas mãos a machucaram um pouco, os dedos a cutucando nas costelas. Ele a balançou de um lado para outro e a segurou no ar como um troféu. Então, colocou-a no chão e ela riu porque era o que as pessoas faziam nos filmes.

21
SZU
2003

Depois da aula, desmaio na cama e só acordo quatro horas mais tarde, quando já está escuro. Abro os olhos e vejo meu corpo no uniforme amarrotado. Sinto a letargia raivosa das horas perdidas.

Como se ela sentisse que estou acordada, ouço a porta do quarto de tia Yunxi se abrir. Ela pisa o corredor usando os chinelos da minha mãe e bloqueia a luz na porta do meu quarto. Finjo estar dormindo quando ela entra e coloca a mão na minha testa.

— Friagem — pronuncia ela em *hokkien*, com a voz rouca e teatral. — Toda hora o tempo esfria.

Continuo fingindo dormir enquanto ela vai à cozinha, abre a geladeira, o armário que range, serve-se de algo, fecha e volta batendo uma colher em uma tigela. Sopa feita em banho-maria para me equilibrar. Peras chinesas, goji berry, fungo da neve, ervilha-torta, aipo, com cor de mijo e cheiro da morte.

— Seu coração está com medo de ter ofendido um espírito — diz tia Yunxi. — Não sei qual.

Ela coloca a mão em meu peito, sobe até o pescoço e desce de novo, bruscamente, como se estivesse procurando algo estranho. Sua mão é quente e calejada. Na escuridão, estudo os nós de seus dedos e o modo como as veias se sobressaem, tantas décadas de vida correndo por elas, toda a dor e a riqueza. Agora que estou mais magra, estamos parecidas. Embora ela não seja realmente da família, assim como mulheres que vivem juntas menstruam juntas, sinto que estou absorvendo suas características, e talvez em quarenta anos eu seja outra versão dela.

— Você devia parar de andar com aquela sua amiga — diz com a voz suave. — Ela é uma garota mimada com uma alma fraca. Faz mal para você.

— Não fale assim de Circe — respondo, embora esteja começando a concordar.

— Szu Min. Szu. Estou preocupada com você.

— Eu estou bem, sério.

— Isso não é verdade.

Meus olhos ficam vidrados. Sinto que ela me encara com a testa toda enrugada, a boca em uma linha preocupada. Se eu me concentrar na idade que minha tia parece ter, minha alma vai se acalmar. Neste momento não quero ser boazinha.

— Se você não comer, vai perder sua força — ralha ela. — E vai deixar coisas ruins entrarem. Como espíritos gananciosos. Ou uma gripe horrível. Sei que ainda está incomodada. Com sua mãe, com seu pai. É muito para uma jovem como você.

— Não estou pensando em nada — retruco. — Obrigada pela sopa.

Quando ela sai do quarto, espero até que não possa mais me ouvir para então jogar colheradas de pera e fungo na lixeira e cobrir com papel quadriculado. Amanhã me livro do resto.

*

Na tarde do último simulado, saio da sala marchando como um carrasco. A prova de verdade será mês que vem. Me sinto como a última garota na metade de um filme de terror, os olhos arregalados, virando uma esquina, falsamente segura porque sua provação precisa de maiores complicações.

Circe me convida para ir ao K-Box com ela e suas novas amigas do coral para comemorar. Vou com ela só para cultivar as últimas migalhas de amizade, apesar de saber que não vai fazer muita diferença; e ela sabe que o karaokê combina duas coisas que odeio: cantar e socializar.

Três garotas do coral estão esperando na recepção vermelha e preta do K-Box. Elas terminaram o simulado antes e só Deus sabe há quanto tempo estão aqui, com os cadarços desamarrados de propósito, o cabelo chanel e a expressão neutra. Tsarina, Rong En e Angela. Frequentamos a mesma escola há quatro anos, mas nunca saí com elas, muito menos tive uma conversa decente. Circe e Tsarina são segundas sopranos no coral e ultimamente têm passado algum tempo juntas ensaiando para um festival. Estou acostumada com a voz de Circe, mas Tsarina Chong parece estar com a garganta cheia de catarro e hélio. Ah, ela é terrível, e acena para mim como se eu devesse me sentir abençoada por isso. Angela e Rong En nem notam minha presença. Sincronizo meu passo com o delas quando Circe e Tsarina nos

levam por um corredor preto e estreito, passando por salas escuras e à prova de som, até chegarmos à nossa mesa.

Nossa sessão consiste de duas horas de cantoria, incluindo uma jarra de refrigerante e uma tigela de "aperitivos sortidos" que se revelam os amendoins mais lamentáveis da terra. Não quero cantar, e as outras garotas dão de ombros para minha falta de participação.

— Você é muito deslocada — comenta Tsarina. — É como uma pessoa que vai a um parque de diversões e não anda na montanha-russa. Só espera e segura as bolsas.

— Rá, rá, que engraçado — retruco, rindo.

Circe lança um olhar intenso na minha direção e começa a folhear o catálogo de músicas. Eu sei, sou o penduricalho dela, algo para lhe passar segurança, como um namorado calado, se tivéssemos namorados. Depois de cinco minutos intermináveis de seleção e organização, a cantoria começa.

Tsarina e Rong En são as primeiras. Elas têm a mesma voz competente porém não maravilhosa, e é provavelmente por isso que são amigas. Circe é a próxima. Ela escolhe uma música da Stefanie Sun e força a entonação ao fingir que seu mandarim é pior do que de fato é. Acha que não falar bem a língua materna faz dela mais interessante. Tsarina, Rong En e eu rimos de Circe. Sutilmente no início, e depois mais alto. Tsarina e eu trocamos olhares de canto de olho, como se compartilhássemos uma piada interna, e ouço a voz de Circe vacilar enquanto ela tenta se concentrar na música e não perder a calma. E é tudo muito engraçado. Mas então percebo as outras garotas lançando olhares para mim porque elas pararam de rir e meus ombros ainda estão chacoalhando, quase involuntariamente. Seco as lágrimas dos olhos e pigarreio. Sufoco meus soluços e direciono a atenção às paredes vermelhas e à tigela de amendoins na mesa. Uma dor ardente e suave toma meu estômago.

— Tem certeza de que não quer tentar, Szu? — pergunta Angela, uma garra segurando o microfone.

Faço que não com a cabeça.

— É só falar! — exclama ela, e limpa a garganta. — Vamos lá!

Sua animação é uma bolha de arco-íris impermeável. Ela escolheu uma música da Mariah Carey. Durante a longa introdução instrumental, desvio o olhar e me preparo para o pior. Então, ela começa a cantar. Em dez segundos fica claro que ela é muito boa, muito melhor do que as outras três, e vai ser abençoada para sempre a não ser que fume três maços por dia como

minha mãe. Ela faz parecer fácil, mudando o tom de maneira impressionante enquanto as outras garotas do coral estão com os lábios contraídos, jogadas no encosto de couro falso, e se encolhem a cada modulação. A música não acaba nunca. Sempre que acho que vai terminar, Angela segue cantando, gesticulando toda confiante, como se estivesse fazendo uma performance acústica ao vivo na TV.

Penso nos termos do coral que Circe já mencionou para mim: *glissando*, *tremolo*, *portamento*, deslizando da língua da minha mente como sabores de sorvete gourmet, e pensar em sobremesa me deixa enjoada. Circe dá sorrisos motivadores para a tela, as bochechas esticadas, os olhos firmes e brilhantes. De tempos em tempos, Tsarina pega um punhado de amendoins e mastiga como um vaqueiro mascando fumo. Assisto à contagem regressiva do cronômetro na tela enquanto a voz incrível de Angela inunda o lugar. Não era uma competição, mas ela ganhou.

Depois, Circe e eu ficamos na entrada por uns dez segundos vendo as outras garotas irem embora. Se eu não estivesse aqui, como um apêndice alto e esquisito, talvez ela as acompanhasse até o MOS Burger para conversar sobre garotos enigmáticos da igreja e coisas do coral.

— Acho melhor eu voltar para casa e estudar um pouco — diz Circe enquanto descemos a escada rolante. — Além disso, minha mesada está acabando; então, não posso fazer nada na cidade.

Ela nunca usou a desculpa do dinheiro antes. Vamos até o ponto de ônibus em silêncio. Ela parece irritada comigo, embora eu ache que me comportei bem hoje.

— Estou tendo pesadelos — comento, porque ela se interessava por sonhos em razão de seus problemas para dormir.

Ela está olhando para o outro lado, esperando pelo ônibus setenta e sete. O meu é o quinhentos e dezoito.

— Minha mãe sempre aparece — continuo, e é verdade.

Também acho que se mencionar minha mãe Circe pelo menos vai ter que prestar atenção.

— É normal sonhar com as coisas — responde Circe.

— Às vezes ela parece tranquila — continuo. — Outras, parece muito triste, e não suporto e acordo triste também. Parece que ela está tentando me dizer alguma coisa. Mas não entendo o que é.

— Hum — murmura Circe, virando um pouco o pescoço, sem tirar os olhos da rua. — Eu não pensaria demais nisso.

Ela estreita os olhos para ver o número do ônibus que se aproxima, mas é o sete, não o setenta e sete.

— Ultimamente tenho pensado.

— Em quê? — pergunto.

— Não é louco que estejamos presos aqui na Terra e que não vamos sair daqui vivos?

— Como assim?

Me sinto ofendida por ela ter feito pouco caso do meu sonho.

— Esses dias eu estava assistindo a um programa sobre a NASA. E me ocorreu que o único jeito de sair deste planeta é morrer ou virar astronauta.

Ergo as sobrancelhas.

— Hum. É. Acho que sim. O que fez você pensar nisso?

— Não sei, uma sensação de aleatoriedade. Enfim, você já ouviu falar de um astronauta de Cingapura? Não, né?

— Não… e desde quando você se interessa por essas coisas do espaço e do planeta?

— Por que não? Estou falando sério.

— É legal, eu acho.

Olho para o chão.

— Não me importo de estar neste planeta — continuo, insegura.

— Mas por quê?

— Não sei… é quente demais aqui, mas é legal.

Circe dá um passo para trás, como se estivesse me avaliando, e pisca como se estivesse tirando poeira dos olhos.

— Você odeia estar aqui — diz ela.

— Não odeio, não.

— Odeia, sim. Odiadora da Terra.

Embora seja uma conversa idiota, ainda assim é um progresso, quase como éramos antes. Nas últimas semanas, os assuntos giraram em torno das provas e do quanto ela anda ocupada. Circe parece insistir no assunto. Por um instante, eu viajo olhando para as árvores verdes e largas do outro lado da rua enquanto os carros passam apressados. Então me lembro de uma coisa.

— Ei, espera aí, você não leu isso na internet um tempo atrás? Aquilo do astronauta da Terra? Eu lembro. A gente estava no seu computador, na sua casa.

— Não lembro.

A boca rachada de Circe se contrai.

— É. Acho que você me mostrou o Livejournal de alguém, ou sei lá. Era um blog. Essa coisa de que nunca vamos sair vivos deste planeta e que só temos este tempo na Terra etc. Uma garota americana escreveu isso. Eu lembro!

Circe faz uma cara desapontada. Ela parece mais velha, séria. Franze o cenho e respira fundo. Ao falar suas palavras são suaves e lentas, carregadas de indignação.

— O que foi?

— É… Como assim?

— Meu Deus, como você é frustrante.

É quinta, fim de tarde, e a cidade está num agito brutal. O ponto de ônibus do Tangs Plaza parece mais exposto do que a maioria — à beira da rua larga e cheia, gente por toda parte. O setenta e sete para e despeja pessoas, que passam nos atropelando. Um homem de meia-idade com uma gravata azul bate sem querer no meu braço com a pasta.

— Ah — digo, esfregando o ombro. — Merda. Circe, não tem importância.

Circe cruza os braços. As pessoas continuam empurrando. Dou um passo para o lado. Ela continua com o cenho franzido.

— Quer saber? — pergunta ela.

Dou de ombros de leve. Seus olhos passam do meu rosto para o ônibus que chegou. A multidão começa a fazer uma fila longa.

— Eu dei o melhor de mim — diz. — Tentei ser compreensiva. Mas é muito difícil estar com você, Szu. Não é só difícil, é *doloroso*. É como se uma dor enorme e escura seguisse você por toda parte. Não é divertido estar com você. Você tem pena de si mesma o tempo todo. E odeia tudo. Pelo menos eu tento. Você acha que é melhor do que todo mundo.

— Você também — argumento, como que por instinto.

Ela estreita os olhos.

— Isso não é verdade — me corrijo.

Fecho as mãos, que estão geladas.

— Eu me importo com meu futuro — responde ela. — Não posso mais fazer isso.

— Fazer o quê? — ladro.

Meu rosto fica vermelho com a adrenalina. Tenho vontade de bater nela.

— Cuidar de você — despeja Circe.

Ela se vira e a porta do ônibus abre com um assovio. Ela empurra uma tia com cabelo grisalho. A tia faz um barulho de reprovação e vira a cabeça para mim como se eu a tivesse empurrado.

Meus olhos ardem enquanto vejo Circe embarcar e passar o vale-transporte. Sua mochila da Jansport azul surrada faz zigue-zague e cai no chão do ônibus. Está cheio demais, então ela se segura na barra e olha para o outro lado. Sua postura a faz parecer ainda mais baixinha. Quando o ônibus arranca, olho meu próprio rosto franzido refletido na janela.

Aconteceu tão rápido que nem fizemos alarde. Desconfio que foi a última vez que nos falamos. Esta noite não é só a neblina que dá ao ar da Orchard Road uma sensação de término engasgada, impessoal. As pessoas me empurram e batem em minhas panturrilhas com suas sacolas. Talvez Circe esteja certa, e eu odeie estar neste planeta porque sou inútil. Tirando minha tia, ninguém notaria se eu fosse embora ou morresse. Não tenho pais nem irmãos nem amigos. O futuro é uma prova em que fui reprovada. Me sinto leve como um dente-de-leão e não como há trinta e seis horas; então, não fico surpresa ao tropeçar e cair com um baque. Parece um som fraco, mas a sensação é aguda, e no instante antes de desmaiar minha barriga dói muito, assim como meus ossos frágeis e o buraco em meu coração.

22
AMISA
1987

No final de janeiro de 1987, o bebê nasceu. Era uma garotinha, e Wei Loong gostava de Szu Min — era o nome de sua avó. Amisa concordou, exausta de carregar e expelir dolorosamente aquele pacotinho vermelho que esperneava. Ng Szu Min se parecia mais com Wei Loong do que com ela; era difícil discernir seus traços naquela cara amassada com olhos castanhos pequenos como continhas.

Em junho Amisa descobriu nos jornais que o Everitt Cineplex, antigo Paradise Theatre, fora demolido para dar lugar a um grande shopping center. A casa onde tinha ficado em Geylang fora vendida e transformada em um prédio de escritórios. Nada era reconhecível. Nem mesmo sua própria filha. Ela esperou pela ternura selvagem, pela febre instintiva do carinho maternal, mas só de olhar para Szu Amisa se sentia inchada e confusa. Pela primeira vez ela entendeu a própria mãe com uma intensidade visceral e inegável. Os pés inchados eram estranhos para ela. A pele coçava e manchas secas começaram a se formar em suas mãos e tornozelos. Ela passava horas no banho lamentando pelo corpo destruído, enquanto a responsável chorava no quarto ao lado.

Wei Loong batia à porta, furioso.

— Já que gosta de atuar, por que não interpreta o papel de mãe? — dizia.

— E você, por que não interpreta o papel de homem de verdade? — devolvia ela.

Suas palavras ecoavam no banheiro. Coisas desagradáveis, como: "Onde você estava mais cedo? Metade do tempo você não está em casa. Só sai e bebe cerveja. Você não sabe nem limpar a bunda do seu bebê. Vamos! Cadê o pai exemplar? Hipócrita de merda."

Sua voz ficava rouca como a de uma gralha. Depois de cuspir a raiva, ela corria os dedos pelo cabelo molhado e fazia cara feia para o marido. Ele a encarava, antes de os gritos do bebê o chamarem no quarto ao lado.

Algumas manhãs ela levava a filha para o parque comunitário. Sorria para as outras mulheres com carrinhos e chinelos marrons. Amisa era uma mulher empurrando um problema. O problema balbuciava enquanto elas davam duas voltas pelo parque.

*

1995. Já era um ano ruim antes mesmo de começar, e cada dia confirmava sua podridão. Final da tarde, calor insuportável: o ar úmido pesando sobre sua pele fotossensível, os ombros doloridos descascando. O cheiro de restos de comida nas lixeiras lá fora viajava de um cômodo ao outro com as janelas abertas. A criança dormia no quarto ao lado, com o ventilador de teto no máximo. Amisa sentou-se na cama e observou Wei Loong passar brilhantina em um topete disperso com cuidado. Logo ele faria quarenta anos. Seu cabelo começara a ficar ralo em um pedaço do lado esquerdo da cabeça. Ele estava em pé em frente à penteadeira dela, manuseando um pente preto com uma seriedade pictórica.

— Aonde você vai? — perguntou ela, tentando parecer brincalhona. — Para que tanto esforço?

— Vou encontrar velhos amigos do Exército.

— Por exemplo?

— Você não conhece. Nem sai mais de casa — respondeu ele com a voz baixa.

Lançou um olhar furtivo em direção a ela. Amisa inclinou a cabeça como uma coruja e não piscou até que ele, como sempre, desviasse o olhar primeiro. Esticou as pernas sob os lençóis verdes finos, com uma alça da camisola escorregando pelo ombro.

— Então, tchau — disse Wei Loong.

Ele se aproximou e pressionou a boca brevemente no rosto dela antes de sair do quarto. A visão de Amisa seminua em meio aos lençóis bagunçados já não tinha o mesmo apelo irresistível de quando tinham se conhecido dezoito anos antes. Era natural, pensou ela. Nem sentia falta de seu apetite incessante e insistente, mesmo.

O barulho do motor viajou desde a entrada da garagem. Amisa empurrou o corpo para a frente e sentou-se na beirada da cama, apoiando o rosto nas mãos. Se um dia o amou, foi porque ele a amava. Assim fora no início. Mas agora que ele não a amava, não havia sentimentos a serem feridos. De certa

maneira, era libertador. Ela era uma pessoa sem importância tática para ninguém, exceto, talvez, pela pessoinha no quarto ao lado. Provavelmente havia uma amante jovem em algum lugar, esperando pelo abraço cheio de brilhantina de Wei Loong, por seus beijos de rêmora. Fulana de tal que ficasse com ele. Amisa não tinha energia para ficar com raiva ou ciúme por alguém interferir em seu casamento antigo com o restaurador de móveis antigos. Em um segundo ela levantaria e veria se Szu ainda estava dormindo ou se queria comer.

*

2003. O corpo inteiro de Amisa doía, até os olhos, e ela estava muito, muito cansada. Precisava de uma bebida, e os cigarros tinham acabado. O sol brilhava forte no jardim e queimaria sua pele se ela saísse àquela hora. Yunxi estava presa na sala de sessão com uma mulher neurótica e profundamente irritante que precisava de conselhos da vida espectral até para as questões mais insignificantes: o que comer no jantar e se o leão ia cobrar mais do que devia. Mas ela sempre pagava pelas consultas extralongas.

Amisa sentou na cama e ficou assistindo à luz dançar na janela empoeirada. Talvez por Wei Loong ter ido embora para sempre e ela não ser mais incomodada pelos homens, se perguntou sobre Iskandar Wiryanto. Ele deixara Cingapura quase duas décadas antes. Seria um idoso agora.

Disse estas palavras para ele em sua cabeça: *Você sabe quem eu sou, Iskandar Wiryanto? Ninguém sabe. Nunca serei famosa. Tenho quarenta e três anos e sou desconhecida. Também desconhecido: Iskandar Wiryanto. Seu nome não significa nada para mais ninguém.*

Ela se levantou e sentiu o sangue subir-lhe à cabeça, e suas pernas quase cederam. Água, provavelmente precisava de água. Saiu do quarto e parou diante da porta de Szu. A filha estava com a amiga mais uma vez, aquela garota irritante cujo nome Amisa nunca lembrava.

Hábitos adolescentes cresciam rapidamente e apodreciam na privacidade abafada daquele quarto. Havia uma placa de *NÃO ENTRE! ZONA PERIGOSA* colada à porta de madeira e, embaixo, um adesivo das Spice Girls arrancado pela metade e que desbotara aos poucos sob o olhar de vergonha de Szu. (“Eu nunca amei as Spice Girls”, alegava. “Elas só eram meio legais.”)

Quando Szu tinha oito anos, logo antes de Wei Loong ir embora,

implorou aos pais que comprassem aquele adesivo enorme em uma papelaria em Bras Basah. Aquilo os comovera e divertira muito (àquela altura, uma das poucas coisas que os comovia e divertia), o desespero com que Szu queria aquele adesivo enorme e feio. Ela implorou como se fosse questão de vida ou morte. Na época, Amisa ficava maravilhada com como às vezes era preciso muito pouco para fazer uma criança feliz — mesmo uma criança tão séria quanto sua Coelhinha. Foram necessários apenas 1,99 dólar de Cingapura e um pedaço de papel adesivo colorido para que Szu se sentisse nas nuvens. Mas isso foi antes. Agora, tudo o que restava do adesivo eram marcas de unhas e a sombra de um braço casualmente apoiado sobre outro, um chumaço de cabelo, dentes brancos em rostos apagados.

Amisa bateu. Ouviu barulho de papéis, sussurros. Bateu à porta duas vezes e abriu. Szu estava sentada na cadeira, e a amiga com as pernas cruzadas na cama. Uma música esquisita tocava. Elas estavam folheando revistas, o que Amisa reprovava. Szu ficou vermelha.

— Oi — disse.

— Garota, você pode ir até a loja para mim?

— Agora?

— Sim.

— Ah — respondeu Szu, o que queria dizer: não.

— Sua amiga pode ficar. Enquanto você vai, eu converso com ela. Podemos bater um papo.

— Não precisa, tia. Eu vou com ela — resmungou a amiga.

— Por favor, é sra. Ng — corrigiu Amisa, e forçou um sorriso.

A garota devolveu o sorriso com timidez.

— Qual é seu nome mesmo?

— Circe.

— Ah, sim, Sissy, é claro. Como Sissy Spacek.

A garota não respondeu. Amisa tirou cento e vinte dólares de Cingapura do bolso e entregou as notas amassadas a Szu.

— Dois maços de Marlboro vermelho e uma garrafa de Jim Beam. Rapidinho.

— Tem certeza? — perguntou Szu.

— É claro — respondeu Amisa. — O tio sabe que você é minha filha, ele é meu amigo, não vai implicar. É só pagar quando ninguém estiver olhando. E pode usar o troco para comprar um lanche para vocês duas. Alguma coisa não muito calórica, vocês precisam cuidar da saúde.

Szu pegou o dinheiro e levantou. Amisa passou por ela e se sentou na cadeira. Na porta, Szu virou para Amisa e Circe. Circe se mexeu, como que para segui-la.

— Não tem necessidade de as duas irem, não é uma operação militar. Você fica — disse Amisa, olhando para a amiga com um sorriso fechado.

— Ah, tá bom — respondeu a garota.

Não queria ser mal-educada.

Elas não disseram nada enquanto Szu atravessava o corredor e saía de casa. Amisa pensou em perguntar à garota o que ela fazia, mas, é claro, ela só estudava. Fazia coisas de colegial e tinha preocupações de colegial. Tinha todo o tempo do mundo para decidir em que direção seguir, e como, e quando.

Amisa analisou a única amiga da filha. Era pequena e magricela, com o nariz comprido como o de um galgo afegão. Ela conferia um ar de distinção a seu rosto jovem; Amisa gostava de pessoas que tinham um nariz notável. A garota abaixou a cabeça e a levantou de novo.

Naquele instante, as paredes roxo-claras do quarto pareceram afunilar até um ponto de brilho caloroso. Era o olhar de Circe: assustado, mas intenso e suplicante. Ela tinha o olhar desesperado porém conformado de alguém em fuga, na floresta, morrendo de fome. Alguém que passara por coisas ruins e difíceis e precisava de uma ajuda que não esperava receber. Quase quarenta anos tinham se passado desde que Amisa encontrara o homem e a mulher oleosos, e achou que nunca mais os veria. Mas ali estavam eles, olhando para ela com alegria e reconhecimento.

Amisa pegou as mãos de Circe, que começou a recuar, mas mudou de ideia e as deixou ali.

— Você vai sobreviver, não se preocupe — disse Amisa, segurando firme. — Sei como as pessoas são. Elas não dão e nunca escutam. Mas você é diferente. Eu sou diferente também. Sei que você foi ao inferno e voltou. Acredito em você.

Uma sombra passou, e quando a luz do sol voltou o sentimento desapareceu e elas voltaram a ser estranhas. Amisa afastou as mãos bruscamente. A boca da garota parecia um bambolê.

— Hum, aproveite o resto da tarde, Sissy — disse Amisa. — Vou tirar um cochilo. Quando Szu voltar, diga a ela que deixe as coisas do lado de fora da minha porta.

23
CIRCE
2020

É tarde de sábado. Estou no FairPrice, de ressaca e empurrando o carrinho vazio com um esforço onírico. Existe algo tranquilizador nos mercados em tempos de leve crise física autoinduzida. Passando devagar pelo corredor de hortifrúti, observo os maços verdejantes de *chye sim* e alface-manteiga sem pegar nada; o cheiro forte de vegetais frescos e pesticida me conforta.

Ontem à noite fui a um bar novo na Amoy Street chamado Kopi O))), que parecia as cafeterias *kopitiam* decadentes, incluindo as cadeiras de plástico bambas e os gatos de rua, tirando o fato de que servia martínis de café expresso com cendol, uma sobremesa gelada, a vinte e cinco dólares de Cingapura e os funcionários usavam um uniforme composto de uma regata preta e jeans justo demais. Julius tentou me arranjar com seu amigo Deon, um homem de pele cor de margarina de quase quarenta anos e um bigode de suor no buço.

Julius não me disse que estava me arranjando, mas eu soube assim que cheguei. Estava escrito no modo como seus amigos da publicidade deslocavam o peso de um sapato descolado para o outro e bebiam seus drinques, e na velocidade com que deixaram uma distância óbvia em volta de nós dois. Depois de três martínis, o açúcar começou a me deixar enjoada e eu não queria mais participar daquela inépcia social decepcionante. Eu não tinha mais assunto depois de cinco dias de conversas tensas e tediosas no trabalho. Além disso, Deon também não estava interessado em mim. Percebi o desvio minúsculo de seu olhar quando ele me cumprimentou e o modo como olhava para trás de mim enquanto conversávamos.

Nunca fui de beber muito; então, estou sofrendo dolorosamente os efeitos do álcool. Minha cabeça lateja e sinto um gosto de merda na boca. Estou apertando um abacate exorbitante que parece um seio quando meu irmão liga. Não falo com ele há semanas, talvez meses. Ver *LESLIE* piscando no celular é tão improvável que paro o carrinho para atender.

— Alô? Você me ligou sem querer? É Circe.

— É, eu sei. Oi, Sisi.

— Tudo bem?

Equilibro o celular entre o queixo e o ombro e volto a empurrar o carrinho. Ouço a tensão na voz de Leslie enquanto ele conta que o filho mais novo, Ezekiel, começou a fazer aula de natação e o pequeno prodígio, Thaddeus, acabou de tocar em um recital de piano. Sempre odiei os nomes dos filhos dele. Acho pretensiosos. Mas quem sou eu para falar alguma coisa? Meus pais me deram o nome de Circe.

— Rach anda ocupada no trabalho. E tem sido uma loucura para mim também.

— Aham, aham — digo, me arrastando pela seção dos grãos.

Entro no corredor de carnes e laticínios.

— Você tem ligado para a mamãe?

— Sim, semana passada — minto.

— Ela não tem tido notícias suas. Você ficou de ir ao Thomson Medical com ela segunda. Para ver as pedras na vesícula, lembra?

— Você tem carro.

— *Sim*, mas estou enrolado com um projeto e as crianças agora. Muito enrolado.

Odeio seu tom de voz.

— Achei que a consulta da mãe fosse na outra semana. Olha só, estou ocupada também. Tem muita coisa acontecendo.

Ouço meu irmão ajustar o telefone e respirar fundo.

Mesmo com quase trinta anos, Leslie ainda parece jovem. Se eu saísse falando que ele tem vinte e cinco, ninguém duvidaria. Ele tem uma pele de porcelana e traços delicados e usa filtro solar fator máximo. É incapaz de deixar a barba crescer e tem o nariz comprido e notável dos Low, que parece digno nele e grosseiro em mim.

Combinamos que vou acompanhar minha mãe na cirurgia semana que vem.

— E o Julius? — pergunta Leslie.

— Ele está bem — respondo.

Solto o ar de uma vez e sinto uma bola de calor ainda apoiada em minha clavícula. Parece que Leslie pensa que Julius e eu estamos namorando, vivendo em pecado. Enquanto ele divaga, eu começo a encher o carrinho, jogando pão Gardenia e filés de panga, tofu, beterraba, carne de porco

moída e um pacote de pimenta.

Estou decidindo entre pacotes jumbo de papel higiênico com desconto quando Leslie diz:

— Ah. Você nem imagina quem eu encontrei outro dia. Fantasma do passado.

— Quem?

Escolho o mais barato e minha garganta começa a fechar.

— Szu Min! Sua amiga do quarto ano. Sua gêmea alta.

— Nossa! Que mundo pequeno. Onde?

Minha mão se agarra ao puxador prateado do carrinho.

— No Railway Mall. Ela estava com a filha. Alô?

— Sim, estou ouvindo — digo, trocando o celular do lado esquerdo para o direito.

Paro de empurrar o carrinho.

— Ela tem uma filha?

— Sim. Uma garotinha, mais ou menos da idade do Ezie. Uma graça.

Imagino Szu como uma versão estendida e pálida de sua figura adolescente, vagando pela antiga vizinhança com roupas de maternidade de batique, cobrindo a barriga de meia-lua. Com uma filha que cresce tão desengonçada e antissocial quanto ela era; Szu responsável por outro ser um humano. Parece absurdo, quase obsceno.

— Como ela estava? Szu, não a criança.

— Parecia bem. Você sabe, sempre gostei da Szu. Ela sempre pareceu mais velha do que realmente era. Era inteligente.

— Quê? Ela estava sempre com a cabeça nas nuvens.

— Você é muito malvada — repreende Leslie naquele seu tom oficial, e o ouço inspirar para dizer algo, mas ele desiste.

É impressionante a potência com que um parente é capaz de comprimir anos de decepção em três segundos de silêncio ao telefone.

— Enfim — continua Leslie. — Ela perguntou por você. Me deu um cartão.

— Ah, legal.

— Talvez vocês devessem voltar a se falar. É uma pena o que aconteceu entre vocês.

Por um instante não sei o que dizer. Me sinto ofendida por sua franqueza. Ele nunca tocou no assunto antes. Não havia muito o que comentar, para começo de conversa. Mesmo assim...

— É, talvez… Olha só, preciso desligar. Estou recebendo outra ligação — digo, e resmungo uma despedida e desligo.

Abandono o carrinho e saio apressada do mercado. Os afazeres podem esperar. Preciso tomar um ar, e minha cabeça dói.

Embarco em um ônibus para casa e medito olhando pela janela, com árvores e nuvens e aviões voando baixo. Minhas coxas grudam no assento. De vez em quando duas adolescentes em pé no corredor deixam escapar risadas altas. Uma delas é mais alta do que a outra; usa aparelho e tem cabelo curto. A mais baixa tem um rosto infantil. Entramos em um túnel comprido. A mais baixa mostra algo para a mais alta no celular; as duas contemplam o brilho enigmático da tela e olham uma para a outra com risinhos irônicos. Encasuladas em um saber secreto e insignificante, elas são seu próprio universo inquieto e cativante.

*

Quando penso na Era Szu, em geral me surpreendo com o quanto foi breve. Pouco menos de um ano se passou e ela, a tia e a mãe desapareceram. Estranhamente indeléveis eram os cheiros e as sombras daquela rua sem saída, a fumaça de Marlboro e os sopros de incenso, o aquário embolorado borbulhando como um caldeirão, o altar com seus deuses giratórios, a sala trancada.

Quando conheci Szu e ela me disse que não tinha amigas, achei difícil de acreditar; ela era inteligente e interessante, uma raridade naquele convento cheio de aprendizes de Mulheres Perfeitas embonecadas. Szu e eu éramos cidadãs de lugar nenhum. Nunca nos sentimos em casa. Nem com as felizes nem com as populares; nem mesmo com as marginais, as rebeldes. Éramos muito desajeitadas para sermos misteriosas, muito cuidadosas para sermos selvagens e muito envergonhadas para nos destacarmos. Achávamos que nossa alienação era única, e nosso descontentamento nos agradava em segredo; significava que não éramos ovelhas.

Depois da morte de Amisa as coisas mudaram. Szu parou de comer direito e até mesmo de tentar estudar. Ficou assustadoramente magra e muito intensa. No início, tentamos agir como nos primeiros meses, um companheirismo que tranquilizava. Mas, no fim do ano, ser amiga de Szu era como carregar um balde de água pesado e transbordante. Sua tristeza me botava para baixo, e eu não conseguia fugir das gotas que escapavam:

nem no cinema, nem estudando em cafés, nem mesmo sozinha. Ela me seguia pela escola e à tarde depois da aula, como um fantasma com o rosto pálido e os olhos vazios. Começou a usar um rabo de cavalo elaborado como o meu e parasitava minha casa o dia inteiro, bebendo litros de Coca-Cola Diet e derramando sua tristeza nas minhas coisas. Ela passou a ter um cheiro azedo e bolorento que me pegava de surpresa em baforadas repentinas. Seu cabelo caía por toda parte, deixando mechas pretas emaranhadas na minha roupa de cama. Estava apaixonada por Leslie. Quando achava que eu não estava olhando, o encarava com um apetite obsceno e óbvio. Aquilo me perturbava.

Quando começamos a namorar, meu ex-marido e eu tivemos uma conversa sobre relacionamentos anteriores. Eu disse a ele que, de certa forma, antes ainda do namorado tedioso da faculdade, Szu foi como meu primeiro teste de paciência: um tipo de amor tênue e infantil que evoluiu para a fadiga e o torpor de um casamento difícil. Podemos dizer que foi profético: não é exagero quando digo que tínhamos só dezesseis anos mas parecia que tínhamos nos suportado por décadas.

Quando Szu e eu dormíamos na mesma cama, na escuridão eu sentia os pensamentos e sentimentos pulsando de sua forma pétrea, uma presença telegrafada tão forte que parecia um outro ser. Quando meus pés tocavam de leve os seus, ela estava fria como gelo. Eu virava para o outro lado fingindo dormir e colocava o rosto nas mãos. Nada funcionava; eu não a bloqueava. Era como gás sarin, vazamento de veneno.

Szu e eu tivemos uma discussão (se é que se pode chamar aquilo de discussão — como sempre ela foi irritantemente reticente, conciliatória, muda), e depois ela se afastou de mim. Durante algumas semanas, entrei em um ritmo de normalidade: revisão, coral, amigas novas do coral, algumas garotas sem sal mas agradáveis, de cujos nomes mal me lembro. De vez em quando, espiava o andar arrastado de Szu de canto de olho, aqueles membros amarelados como pauzinhos de comer, e fingia não ver. Ela ficou mais magra e abatida, a voz abafada quando era convocada a falar. Sua deterioração era ao mesmo tempo assustadora e afirmativa para mim; por um lado eu me preocupava, mas por outro achava que tinha tomado a decisão certa. Até as garotas malvadas a deixaram em paz. As provas estavam chegando, e era ir longe demais provocar uma garota que claramente não estava bem, que tinha perdido a mãe havia pouco tempo.

As coisas poderiam ter continuado assim até as provas finais e até nos

formarmos e seguirmos nossos caminhos, se ela não tivesse desmaiado no pátio em uma manhã nebulosa que cheirava a fumaça. Aconteceu pouco antes do momento cívico. Eu estava em outro lugar e me lembro de um aglomerado de pessoas abrindo espaço para ela, do burburinho de aflição. Nossa primeira prova foi uma semana depois. Dois dias depois ela desmaiou de novo, durante uma revisão de química. Eu não estava lá, mas fiquei sabendo dentro de uma hora. Algo sobre uma ambulância e primeiros-socorros. Eles a levaram para o hospital; ela estava doente demais para fazer as provas. Todas do nosso ano estavam intrigadas e com um pouco de inveja por ela ter sido liberada, e de repente se lembraram de que Szu e eu éramos melhores amigas.

— Como Szu está, tem notícias? — perguntaram Clara, Meixi e Elizabeth Kwee.

— Hum, ela está se recuperando — respondi, imaginando que era verdade.

Então, no meio do período de provas, recebi uma ligação em casa. Era tia Yunxi. Ela falou em inglês, com a voz tremendo.

— Pode vir fazer uma visita? Szu não está bem.

*

Ao entrar pela garagem, me lembrei do velório com os estranhos e as interrupções, e do conforto irrecuperável dos primeiros dias. O jardim fedia a vegetação podre. Grilos e cigarras cantavam. Enxames de mosquitos me seguiram, brincando com meu cabelo.

Tia Yunxi estava esperando na porta. Parecia igual, rançosa e empoeirada como comida enlatada e muito magra. Vestia um conjunto de calça e blusa lilás estampado. Não retribuiu meu sorriso; simplesmente me deixou entrar pela sala de estar com o altar aceso.

— Cuidado, o chão está molhado — disse.

Havia um balde azul no canto da cozinha. Dei uma olhada no aquário, que estava vazio. O vidro ainda sujo de verde com pedras cobertas de musgo no fundo.

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigada, tia.

Eu sentia seu desgosto. Sabia que ela sabia que eu tinha negligenciado sua sobrinha. A porta do quarto de Szu estava aberta, e passei pelo corredor

com delicadeza, tentando parecer relaxada, mas estava tomada pela culpa e pelo pavor. Szu estava deitada na cama, olhando para a parede. O cabelo comprido estava enfiado embaixo do travesseiro cheio de bolinhas. Seus dedos despontavam para fora da cama. O restante do corpo estava coberto por uma manta xadrez fina que eu nunca tinha visto. A cena me lembrou Amisa no hospital, o cheiro impessoal e antisséptico no ar, a pintura paliativa.

Sua respiração parecia superficial. Ela tinha o cotovelo ossudo e ressecado de uma velha.

— Sou eu! — chamei.

Szu nem se mexeu. O ar naquele quarto roxo estava estagnado. Sentei na cadeira giratória e larguei a mochila da escola. Depois de alguns segundos, ela se agitou e virou para mim. Sua expressão era serena, mas a pele a traía, desgastada e amarelada. Tentou um sorriso, e eu sorri de volta, mas não foi sincero. Onde estava minha gentileza? Szu Min estava doente e não ia fazer as provas no mesmo dia que todo mundo. Sua tia era esquisita e possivelmente uma charlatã. E ela não tinha mais nenhum dos pais. A vida estava uma merda para ela, mas eu só pensava no quanto me sentia sobrecarregada, como se estivesse perdendo tempo. As provas de matemática e história seriam na semana seguinte, e minha cabeça estava cheia de fatos e números. Eu queria me sair bem e seguir em frente.

Szu soltou o ar longa e profundamente.

— Acho que estou morrendo — disse.

— Não está não — respondi. — Você está blefando, né?

Não acreditei nela, mas meus olhos se encheram de lágrimas. De repente, senti um arrependimento verdadeiro e profundo em relação aos últimos meses; queria me aproximar e abraçá-la, mas ela parecia frágil demais.

— A tia disse que ofendi alguns espíritos e respirei ar ruim. Tenho ossos leves e o corpo leve, e se não tomar cuidado vou morrer jovem.

— Foi isso que os médicos disseram?

— Não lembro. E também não importa.

Ela desviou o olhar e deitou olhando para o teto. Fechou os olhos. Me perguntei se ela queria que eu não estivesse ali ou se estava esperando que eu dissesse alguma coisa, ou até que me desculpasse.

Depois de alguns minutos, comecei a falar. Falei sem parar, e o único sinal de que Szu estava me ouvindo era o modo grandioso e franco com que seus olhos se agitavam atrás das pálpebras como se ela estivesse sonhando.

Talvez acreditar que ela estava dormindo tenha me dado coragem. Àquela altura, eu já não ligava mais para o julgamento que ela faria de mim e não me importava com o efeito que minhas palavras poderiam causar. Quaisquer que fossem meus motivos, naquele dia decidi contar a ela algo que nunca tinha mencionado antes e que nunca mais contei a ninguém.

*

Eu tinha oito anos há um quarto de século. Uma tarde de setembro, choveu tanto que a lama no acostamento subiu e engrossou. Enquanto eu olhava pela janela do ônibus da escola, o canal ao longo da estrada principal corria cheio de água cor de chá com leite. Quando cheguei em casa, o céu já tinha irrompido em uma chuva de monção torrencial.

Na época, morávamos no velho apartamento, nossa velha vida; foi logo antes de o negócio do meu pai decolar. Ficava no terceiro andar do bloco. Tentei abrir a porta da frente, mas estava trancada. Encostei o ouvido na janela e ouvi o apartamento tamborilar com uma presunção inabitada. Tremi e sacudi a maçaneta de metal como se ela fosse ceder. Minha mãe devia ter esquecido que o coral fora cancelado e que eu chegaria em casa três horas mais cedo. Eu era muito nova, pelo que parecia, para me confiarem minha própria cópia da chave.

Meus pais tinham acabado de demitir Melati. Ela era nossa empregada, uma mulher calada de vinte e um anos da Indonésia. Eu adorava Melati porque ela era divertida e gentil comigo, mas ela tinha um defeito fatal. Não parava de comer doces o dia todo. Esse hábito era considerado inaceitável, embora ela fosse muito dedicada e comprasse os doces e chocolates com o próprio salário, e às vezes os compartilhasse.

Sem Melati, a porta era um beco sem saída. Fiquei tremendo do lado de fora da porta trancada, marrom-cocô com uma grade verde. Tentei chacoalhá-la apesar de saber que meus esforços eram inúteis. Meus pulsos estavam moles e fracos. Devo ter ficado lá com o avental encharcado durante mais de meia hora, com a mochila da escola aos meus pés. Olhei para meus sapatos Bata, e para o concreto sujo, e finalmente para a grama encharcada dois andares abaixo. Pensei na dor inimaginável que sentiria se pulasse, antecipando-a com a abstração de um romance adulto. Como minhas pernas se esmagariam. Como meu corpo cederia.

Fiquei na calçada protegida, um pé na frente do outro, uma brincadeira,

fingindo estar em uma trave olímpica em zigue-zague. A mochila da escola ensopando minhas costas, os livros pesados e inúteis. Estava com fome e com frio. Percorri todo o corredor e depois subi as escadas. Não poderia ter subido mais do que alguns andares. No entanto, mais tarde, quando tentei entender os acontecimentos, era como se algo em meu cérebro não se encaixasse. Os corredores e os blocos idênticos marrons com laranja se fundiram e se distorceram em uma infinidade de escadas e corredores, como um desenho de M. C. Escher. É engraçado nos acostumarmos tanto com o ambiente em que vivemos a ponto de o fato de percorrermos um caminho diferente se tornar tão estranho quanto escrever com a mão não dominante.

Estar do outro lado do bloco, que Leslie e eu não explorávamos havia algum tempo, bastava para me desestabilizar. O chão sobre o qual me encontrava parecia o mesmo que o nosso, incluindo o capacho de boas-vindas de cerdas marrons algumas portas à frente e o único vaso de planta no corredor. Minha pele estava pegajosa, e eu precisava de um banho. A tempestade seguia com suas batidas raivosas de pistão. Cocei uma picada de mosquito na nuca, sem saber o que fazer.

Uma porta no meio do corredor à direita se abriu, exatamente onde seria nosso apartamento, mas esse não era o nosso andar. Primeiro, a tranca interna, depois a grade. Uma tia colocou a cabeça para fora. Ela tinha cabelos brancos e um rosto nebuloso. Ela me lembrou uma tartaruga por causa do olhar lento e reptiliano e da pele flácida do pescoço. Morávamos nesse prédio fazia anos, mas eu nunca a vira antes. Ela fez sinal para que eu me aproximasse.

— Garota, você é Circe, não é?

— Como você sabe meu nome?

— Sua mãe me disse para deixar você entrar caso ficasse trancada do lado de fora — explicou. — Não fique aí parada, vai ficar gripada.

Permaneci onde estava, mesmo quando ela saiu e acenou. Ficou na minha frente, com as mãos na cintura. Era velha e bem gorda. Dava para ver os caroços onde a blusa azul se agarrava à barriga, e a pele assada embaixo dos braços.

— Sua mãe me disse para procurar por você. Estou feliz por você ter vindo aqui.

— Você conhece minha mãe?

— Sim, claro. Ela disse para eu te dar um chá.

Ela falava como uma professora educada no exterior, mas era difícil

definir de onde era seu sotaque. Pensei em Hong Kong ou Taiwan.

Espiei o apartamento atrás dela. Estava escuro, não tinha nem uma TV ligada. Dava para ver a beirada florida do sofá, e o piso era manchado. Preciso dizer que não sou burra: me lembrei do que nos ensinavam desde o jardim de infância sobre estranhos, ainda que Cingapura seja um dos lugares mais seguros do mundo. A fita educativa nos ensinava a recusar qualquer coisa que oferecessem e nos afastar devagar, afirmando que nossos pais estavam por perto. Me senti lisonjeada, pois, se a mulher fosse uma sequestradora, eu havia sido considerada valiosa e fofa o suficiente para que cometesse um crime. As crianças desaparecidas da TV costumavam ser britânicas ou americanas, garotinhas loiras dignas de concursos de beleza ou anjinhos de franjinha.

— Entre, *lah* — disse a mulher. — Pare de enrolar. Sua mãe, Magda, me pediu para cuidar de você. Nos conhecemos do grupo de estudo da Bíblia. Ela nunca disse? Sou a madame Chang, aliás. É um prazer conhecer você.

A madame Chang me arrebanhou para dentro. A sala era muito escura. Ela gesticulou em direção a uma cadeira de ratã. A única iluminação da sala vinha de um pequeno aquário em um canto. Algas cresciam no topo e no fundo. Dois peixinhos-dourados grandes e gordos com caudas esfarrapadas nadavam sem rumo. Eram branco-perolado com um toque de vermelho, como se as escamas tivessem desbotado. Um dos peixes tinha catarata.

— Gostaria de tomar um suco? Ou um achocolatado Milo?

— Talvez Milo — respondi. — Obrigada, tia.

Ela foi para a cozinha. Em meio ao estrondo da tempestade, ouvi a batida e o zumbido da porta da geladeira. Ela voltou com uma caixinha gelada de Milo. Peguei da mão dela e, suspeitando que pudesse estar batizado ou envenenado, derrubei no chão. Madame Chang pegou a caixa e me devolveu. Mais uma vez, deixei cair. Cometer o mesmo erro duas vezes parecia irritar adultos e professores. Se ela ficasse brava, não era confiável.

— Você é travessa — comentou madame Chang colocando a caixa no meu colo, mas sorriu ao falar e seus dentes amarelos reluziram.

Ela se sentou na cadeira ao lado da minha, com as mãos nos joelhos.

Abri um sorriso forçado e dei de ombros. Chacoalhei o achocolatado antes de espetar o canudo, me perguntando quanto tempo meus pais demorariam, e quanto tempo a tempestade duraria. Enquanto bebia, fiquei olhando para o peixinho com catarata, nadando instável. Parecia que ia ficar de barriga para cima a qualquer momento.

— Você está olhando para meu jinyu, é? Adivinhe quantos anos ele tem?

— Não sei.

— Vamos, adivinhe.

— Dois?

Bebi mais um gole, fazendo um barulhinho com o canudo. O Milo tinha um gosto levemente amargo.

— Errado! — disse madame Chang, e sorriu para mim. — Tente mais uma vez. Vamos!

Dei de ombros.

— Os dois têm cento e cinquenta anos. Marido e mulher, sabia? Sobreviveram à guerra e aos ingleses. Se eu tivesse mais espaço, esses peixes seriam do tamanho de patos. Ou talvez até porcos.

Não disse nada e olhei para o piso de azulejo.

— Você gosta da escola?

— É legal — respondi sem muito entusiasmo.

— Não fale assim — disse madame Chang. — Só legal? Você tem sorte de poder frequentar uma. Eu nunca tive a oportunidade. Meu pai me obrigava a ficar em casa o dia todo. Minhas irmãs, algumas muito inteligentes, nunca puderam ler livros; todas tinham que cozinhar, limpar e costurar. Tive que aprender tudo sozinha. Não diga que o governo é ruim por te obrigar a ir para a escola.

Revirei os olhos por dentro. Sabia que tipo de gente ela era: Tia da Pregação Política. Eu odiava ouvir sermão.

— Você sabe ler? Fazer contas? — perguntei, porque odiava as duas coisas. — Eu sou boa em matemática — menti. — Acertei tudo no último teste.

— Nossa, muito inteligente — elogiou. — Está com fome?

— Não — respondi, mas madame Chang levantou da cadeira.

Custou-lhe muito esforço.

Fiquei olhando para as revistas femininas empilhadas com cuidado na mesinha de centro. Madame Chang voltou trazendo um prato com canudinhos de biscoito. Peguei um só para ter o que fazer. Quando mordi o biscoito, ele se esmigalhou inteiro e se espalhou no meu uniforme.

— Como você conhece minha mãe? — indaguei, enquanto pegava mais um. — Estou sempre no jardim. Nunca vi você.

— Sou muito reservada — respondeu madame Chang.

Eu estava prestes a perguntar por que quando ela me olhou com uma

expressão séria. Seus olhos eram muito brilhosos, e muito pretos. De repente ela pareceu triste, e sua tristeza sugou a luz da sala. Tinha um peso, um volume.

— Você é uma garota muito especial, Circe — disse ela, com a voz frágil. — Nem todos são como você.

A luz do aquário passou de roxa para verde-azulada, e as paredes assumiram um traço ondulante. Em questão de instantes, madame Chang pareceu ficar mais jovem conforme a sala ficava verde como lodo de desenho animado, como resíduo nuclear. Ela não parecia ter mais do que cinquenta anos. Tinha uma expressão séria de anseio. Estendeu a mão na minha direção, fez que ia tocar meu queixo, e eu recuei, não porque pensei que ela fosse me bater, mas porque quando sua mão se aproximou senti uma força que só posso descrever como vertigem extrema, ou o que eu descobriria anos mais tarde se chamar mioclonia noturna, aquele solavanco que dá quando estamos caindo no sono.

À luz verde-laser, madame Chang me disse que tinha milhares de anos. Não me lembro de suas palavras exatas, só da essência. Até sua voz mudou. Ela passou a ter uma pegada de voz de narrador, quase teatral. Nascera nas montanhas Qin havia uma eternidade. Quando era bem pequena, cinco sacerdotes e um astrólogo vieram à sua casa. Fazia muito tempo que buscavam alguém como ela. Inspecionaram seu corpo e declararam que ela cumpria todos os requisitos. Tinha vinte dentes perfeitos, um pescoço tão curvado quanto uma concha, olhos preto-carvão e cílios bovinos. Ela tinha cinco anos. Os homens a levaram a uma sala gigante cheia de cabeças de animais abatidos tomadas por moscas. Eles apagaram suas tochas e a deixaram lá, trancada sozinha na escuridão. Ao raiar o dia, a encontraram calmamente sentada com as pernas cruzadas entre as carcaças e a declararam uma deusa.

Daquele momento em diante, ela só podia deixar seus aposentos para ocasiões cerimoniais. Só via as irmãs. Era considerada tão sagrada que seus pés nunca podiam tocar o chão, ou seus poderes desapareceriam. Era carregada para todos os lugares em um palanquim elaboradamente enfeitado, e as pessoas choravam quando a viam. Ofertavam-lhe frutas gigantes, arroz, flores, às vezes giz de cera, embora todos vivessem em pobreza extrema. Lágrimas felizes e reverentes eram exatamente iguais às tristes. Ela estava solitária e cansada de fazer as pessoas chorarem. Suas pernas ficaram moles e fracas como gravetos. A vida seguiu assim até que ela

derramou sangue pela primeira vez e lhe disseram, como se não fosse nada, que ela e a família voltariam ao anonimato de seu povoado. Foi muito difícil para ela ser normal depois de anos sendo tratada como um ser divino na terra. Até mesmo andar com convicção, a passos largos e ousados, pois estava acostumada a arrastar os pés.

Os homens que se casavam com deusas como ela eram amaldiçoados com a morte precoce, mas ela não quis acreditar nisso. Cresceu, se apaixonou. O marido, sr. Chang, trabalhava em uma mina. Trouxeram alegria um ao outro durante quatro anos perfeitos; então, ele adoeceu. Tinha poeira nos pulmões e o *sinseh*, o médico da medicina tradicional chinesa, não podia fazer nada para ajudar. Certa noite, quando a lua estava tão cheia que inundava a janela, madame Chang acordou sem ar. Lembrou aquela noite de provação com as cabeças ensanguentadas de búfalos olhando dentro de sua alma, os olhos de vítima e os cílios longos e empoeirados. Emocionante, frio. Se perguntou por que o fato de ter suportado aquilo fazia dela alguém especial. Agora ela era impotente. A respiração laboriosa do marido ressoava ao seu lado. O *sinseh* disse que ele não tinha muito tempo. Com o coração doendo, ela foi tomada pelo impulso de se afastar daquele leito e da dor que preenchia cada canto da casa. Decidiu subir a montanha.

Perambulou pelo caminho de terra sinuoso, com os passos lentos de alguém que reluta em voltar para casa, mas deve fazê-lo logo. Algo pequeno brilhava à frente, piscando como um aviso. No meio da lama ela encontrou uma pérola. Tinha um brilho rosado reluzente. Era de uma beleza perfeita. Ela nunca tinha visto nada assim. Sem pensar, colocou a pérola na boca, jogou a cabeça para trás e engoliu. Tinha um gosto desagradável. Quase imediatamente começou a sentir os ossos mais leves e seu corpo inteiro parecia estar se dissolvendo como espuma. Seus pés, outrora sagrados, agora calejados, deixaram o chão. Seus sapatos escorregaram, e ela começou a flutuar. Subiu até ficar acima das árvores, antes mesmo que pudesse gritar. Viu o povoado e as montanhas se encolherem até ficarem do tamanho de seus dedões.

— E depois? — perguntei à madame Chang.

Sua mão tocou meu joelho. A luz do aquário ficou azul e iluminou as linhas de sua testa.

— Continuei flutuando até a Terra toda parecer um pergaminho enrolado e cheio de manchas de tinta. Passei pelas nuvens e pelos pássaros. Subi até alcançar a lua — disse ela, e a sala foi tomada de uma cor azul-

astral. — Lá em cima eu não precisava de sapatos. Não é tão especial assim a lua, só pedras e lava resfriada; cheirava à pólvora. Como batalhas, como vulcões. Ouvi um barulho ao longe, como se alguém estivesse cortando madeira. Estranho, pensei. Definitivamente parece um lenhador. Continuei avançando, tentando me aproximar. Andei por muitas horas, mas não parecia estar progredindo. Quando estava prestes a desistir, ouvi uma batida e um sussurro. Olhei em volta e vi um coelho branco espiando de uma cratera. Primeiro as orelhinhas, depois os olhos redondos…

— Impossível! — exclamei. — Essa é a história da Chang Er, a deusa da lua. O Festival de Outono é semana que vem, não é? O Festival da Lua.

— Semana que vem? — perguntou madame Chang, e me olhou com um sorriso leve e tímido; suas pupilas eram enormes. — Festival da Lua?

— Por favor, Chang Er? Todo mundo conhece essa história. Tem no meu livro de chinês… — continuei, embora com menos insistência. — Teve até uma série na TV sobre ela ano passado…

Minha voz falhou, e eu parei de falar porque madame Chang estava me olhando como se eu a tivesse ofendido. Seus olhos ficaram rígidos e brilhosos por um instante. Então, ela relaxou.

Eu quase a imaginava como aquela deusa jovem com um nariz delicado e uma boca de botão de rosa, flutuando rumo ao exílio lunar. Por que havia um lenhador e um coelho na lua? O mito não fazia sentido. Por que e como ela voltou para a Terra? Me perguntei essas coisas, mas não queria saber. Então, larguei o achocolatado.

— Preciso ir para casa — falei.

— Não pode — respondeu madame Chang. — Seus pais não estão. Você não pode ficar sozinha.

Um trovão ressoou, e o relâmpago iluminou a grade trancada.

Tentei calcular se conseguiria fugir pela porta. Meus membros pareciam pesados, lentos. Madame Chang levantou e esticou o braço em direção à mesa atrás de mim. Pegou a revista que estava na pilha: *Nuyou*. Folheou até a metade, as páginas fazendo o som de uma batida ao serem viradas.

A página dupla central se abriu e revelou uma modelo eurasiática de cabelo castanho posando em uma cadeira: nada fora do comum, mas vários pedaços de papel caíram no chão.

— Olha isso — disse madame Chang. — Eu mesma fiz.

Eu não queria encostar em nada. Ela pressionou alguns com firmeza em minhas mãos. Eram finos como lenço de papel. Segurei um contra a luz,

minha mão tremia. Estava cortado em formato de pássaro. Outro tinha formato de um gato à espreita.

— Gato — falei.

Tentei levantar, mas estava presa.

— Gostou deles? Fiz para você — disse ela.

Alisou um deles com as mãos, virou-o para mim. Posicionou o rosto bem em frente ao meu.

— Circe. Escute — ordenou. — O tempo é um animal selvagem. O tempo é um tigre. O tempo é um boi. O tempo é um rato. *Xiao lao shu* — disse em chinês, agitando o pedaço de papel em um movimento quase cômico. — Você é um ratinho.

A luz assumiu um tom de amarelo. Um peixinho-dourado saltou e mergulhou no aquário. A pessoa que dizia ser madame Chang pareceu velha de novo. Ela foi para trás de mim. Congelei. Colocou as mãos em meus ombros. Deixei os papéis idiotas caírem.

— Você é jovem agora, mas um dia seu corpo vai mudar — disse madame Chang.

Suas mãos se movimentavam delicadamente em volta do meu pescoço. Minhas pálpebras ficaram pesadas. A voz dela parecia adulterada, como que filtrada pelo aquário.

— Sua pele vai ficar frouxa. Seu cabelo vai cair. Um dia você vai acordar com os ossos todos errados e vai ter dificuldade para se mexer como antes, e não há como fugir disso.

Quando minha mãe voltou por volta das cinco e meia com Leslie a reboque, me encontrou caída no corredor diante do nosso apartamento. Eu tinha caído no sono usando a mochila da escola como travesseiro, as pernas encolhidas, os braços esticados cada um para um lado. A tempestade havia diminuído; eram só uns pinguinhos constantes. Estava quase escuro. Meu uniforme estava todo amassado, e eu tinha uma mancha de sangue na perna direita, mas nenhum corte; ela conferiu. Mais tarde, minha mãe me disse:

— Era como se você tivesse dado um tapa num mosquito enorme enquanto ele estava te picando.

Minha mãe me colocou na cama.

— Cadê ela?

Foi a primeira coisa que perguntei quando recobrei a consciência.

— Quem? — perguntou minha mãe.

Minha temperatura estava alta. Ela colocou uma toalha fria em minha

testa.

— Madame Chang. A tia que mora no andar de cima. Do seu grupo de estudo da Bíblia. Ela está aqui?

Olhei em volta discretamente, os olhos inchados. Minhas têmporas latejavam.

— Não, não sei do que você está falando. Não conheço essa pessoa. Você não está se sentindo bem. Volte a dormir.

Quando meu pai chegou do trabalho, eu estava ainda pior. Eles me levaram ao médico, que concluiu que eu tinha dengue. A febre pode causar alucinações; minha testa estava quente como uma fornalha.

Meus pais saíram perguntando a todos no bloco, mas ninguém tinha ouvido falar de uma tal de madame Chang. Eu estava muito assustada e fraca para procurá-la com eles.

— Era no mesmo lugar do nosso apartamento, mas em outro andar — expliquei. — A dona lua com o aquário.

Eles me olharam como se eu estivesse louca.

— Do grupo de estudo da Bíblia.

— Pare de dizer isso! — gritou minha mãe. — Pela milionésima vez, não tem nenhuma madame Chang no meu grupo de estudo da Bíblia!

Ela refletiu por um instante.

— Mas tem uma sra. Chan.

— Não é ela — respondi. — Ela é legal.

— Essa madame Chang fez alguma coisa com você? — quase berrou meu pai. — Alguma coisa incomum?

Minha mãe fez um muxoxo.

— Tsc, não fale assim. Ela não vai entender.

O rosto do meu pai era como um trovão. Ele agarrou meu braço e minha mão se abriu para o nada. Sem entender direito, eu sabia mais ou menos o que ele queria dizer. A especulação deixou minhas bochechas vermelhas.

Meus pais tentaram em todos os apartamentos do bloco. Meu pai não encontrou um lugar como o que eu descrevera, com um aquário no canto, um sofá de estampa floral, cadeiras de ratã e piso cinza. Ele ralhou que foi tudo culpa da febre, que eu tinha sonhado tudo aquilo. Eu já era conhecida por inventar histórias, exagerar. Então, minha mãe viu na TV uma sala que batia exatamente com minha descrição — era o cenário de uma tragicomédia sentimental chamada *Bukit Panjang*, que ia ao ar toda quinta-feira às oito da noite no Canal 5. Ainda que parecesse um pouquinho

diferente, todos os componentes estavam lá.

Eu podia subir para procurar pessoalmente se quisesse, eles disseram, mas eu não quis. Durante o restante do ano que moramos lá, nunca mais subi até os outros andares. Leslie ficou impressionado com a mancha de sangue em mim e se fixou na ideia de que um fantasma teria causado minha febre. No fim, minha mãe concluiu que eu tinha me assustado. Havia uma explicação simples, e com frequência tediosa, para tudo, ela disse.

*

Quando parei de falar, Szu estava com um sorriso largo e tranquilo no rosto. Parecia uma criança que tinha acabado de ouvir uma história de ninar acolhedora. Fiquei irritada. O que eu tinha acabado de contar não me confortava. Após dizer aquelas palavras, eu sentia como se as tivesse desperdiçado. Fiquei olhando para o chão empoeirado.

— É por isso que você tem problemas para dormir? — perguntou Szu.

Olhei para ela. Seus olhos estavam brilhantes e irritantes.

— Bom, é — respondi. — Às vezes eu tenho pesadelos e acordo no meio da noite. E não consigo voltar a dormir.

— Entendi — retrucou Szu. — Pesadelos com a madame Chang?

— Não. Só pesadelos aleatórios. Enfim, estou melhor agora.

— Nada da madame Chang?

— Não.

— E você nunca mais a viu? Essa mulher que morava na lua?

Szu entrelaçou os dedos sobre a barriga, muito respeitável, como uma princesinha. Seus pulsos estavam minúsculos. Sua expressão era pensativa e alerta, os olhos emergindo de um rosto firme e pontudo. Quase como uma bailarina. Parecia estar a um mundo de distância da garota de ossos grandes e desajeitada que eu tinha conhecido no início do ano.

— Não — respondi despreocupada. — Também não quis procurar por ela.

Nem me dei o trabalho de mencionar a matéria de jornal que encontrei uma semana após o incidente. Guardei o recorte durante anos, escondido em uma pasta da Hello Kitty: 23 de setembro de 1995, *Principais notícias.*

Dois pacientes tinham fugido do Hospital Psiquiátrico Woodbridge e permaneciam à solta, escondidos em algum lugar, ou talvez tenham atravessado a ponte, quem vai saber. ADULTOS VULNERÁVEIS, a

matéria dizia. Embaixo havia duas fotos granuladas. Um dos fugitivos era um indiano de aparência cansada, de quarenta e poucos anos e com um bigode de vilão e um olhar implacável; a outra era uma chinesa que parecia infeliz, de quase setenta anos, que não se chamava madame Chang, mas era parecida. As duas poderiam ser primas. Irmãs, forçando um pouco. Não parei de pensar na conexão.

Achei que mostraria o recorte de jornal para a polícia algum dia, triunfante, e que eles a pegariam. Mas isso nunca aconteceu. E meus pais nunca mais me perguntaram nada sobre o incidente. Foi horrível, ninguém acreditava em mim. Nem mesmo meu irmão, que tinha dez anos e era supostamente meu melhor amigo. Quando fiz treze anos, queimei o recorte com um isqueiro.

— É engraçado, uma mulher na lua — disse Szu. — Tipo o que você falou sobre os astronautas. A madame Chang saiu da Terra e voltou. E se a gente pudesse sair da Terra e voltar? A madame Chang era real, ou um fantasma? E se a gente pudesse perguntar a um fantasma o que ele sabe, por que ele é daquele jeito? Será que isso é possível?

Ela estava resmungando sem parar. Dei de ombros e cutuquei uma pelezinha do dedo.

— E se o que minha tia faz for de verdade? — continuou Szu. — Minha vida inteira eu nunca acreditei. Vi muitas coisas nos bastidores, os livros de despesas, o jeito como falavam dos clientes, essas coisas… mas e se for real?

— Quem liga?

— Você liga. Você mesma disse. No ponto de ônibus, na cidade. Talvez este planeta seja só um lugar, entre tantos outros. E a gente possa saltar por aí. E a viagem no tempo não seja uma invenção.

Szu estava balbuciando besteiras. E estava tão obcecada com a lua idiota, que não era a questão, embora eu não soubesse descrever exatamente o que seria. Me senti ofendida.

— Agora você me fez pensar… quem sabe… — disse ela.

Parei de ouvir e fiquei olhando para ela com um misto de ternura e repugnância. Ela me lembrava um animal doente, peludo e com os olhos vermelhos. Como um coelho com mixomatose, que era uma palavra que nós duas aprendemos meio ano antes por ser uma música de um álbum do Radiohead. Me parecia que todo o conhecimento que eu tinha aos dezesseis anos era terrível ou vergonhoso demais para esquecer, ou só fatos inúteis, preguiçosos e incidentais. De todo o resto eu simplesmente não dava conta.

Nossas tardes tranquilas ouvindo música juntas pareciam improváveis, fictícias.

— Minha mãe achava que eu era especial, no bom sentido — continuou Szu. — Quando eu era pequena, demorei para aprender a falar. Mas, quando peguei o jeito, comecei a crescer muito rápido. Mais alta e tagarela. Aí ela deixou de gostar de mim. Eu percebi, mas não podia fazer nada para impedir. Estava além do meu controle. Eu não era especial o suficiente.

Cruzei os braços e reclinei o tronco na cadeira. Já tinha ouvido aquela diatribe muitas vezes.

— Até você é mais especial do que eu — disse Szu baixinho.

Senti muita pena dela para ficar ofendida. Dei um sorriso breve e balancei a cabeça. Szu me liberou de seu olhar e virou de novo para a parede. Acho que eu devia ter dito que nós duas éramos únicas, um conforto breve e gentil para que ela se sentisse melhor. Era óbvio que o mistério malvado da mãe ainda a consumia, uma rejeição perpétua à qual tinha sobrevivido mas não necessariamente superado. Alguma coisa se revirou, fez um nó e endureceu nas minhas entranhas. Eu queria dizer a Szu que a mãe dela, com todos os defeitos que tinha, pareceu reconhecer meu encontro terrível com a madame Chang sem que eu contasse a ela, e que ela tinha sido extremamente gentil. Ainda que só daquela vez, mas eu jamais esqueceria, e jamais me esqueceria dela. De como ela me disse que nós duas éramos diferentes enquanto apertava minhas mãos nas suas, delicadas e frias. E senti naquela hora um laço que nem a própria filha tinha com ela, e Amisa sentiu em mim também, embora tenha me ignorado dali em diante. O que nos conectava era algo real, verdadeiro e raro. Szu não entenderia.

— Preciso ir — falei apenas. — Tenho aula daqui a pouco.

Era mentira, mas eu esperava que Szu não percebesse. Apoiei as mãos nas pernas e me levantei. Ela ficou em silêncio e respirou fundo enquanto eu pegava a mochila no chão e enfiava os pés de volta nos sapatos.

— Não vá — pediu ela em voz baixa. — Por favor.

Parei.

— Negativo — respondi. — Hoje não posso. Você vai ficar bem. Só precisa descansar. Até mais, Szu.

Nenhuma resposta. Apenas a curva imóvel de sua bochecha. Fios de cabelo lisos no cobertor. Ela fungou duas vezes.

Enquanto atravessava o corredor, olhei para o quarto vazio de Amisa: porta aberta, cortinas abertas, móveis escuros. Era deprimente vê-lo tão

exposto: só um quarto quadrado, não muito maior do que o da filha, o cheiro de naftalina com um toque de aromatizador floral. Aquela assombração antiga e misteriosa. Não fornecia nenhuma resposta. Szu se sentia traída pela falta de explicações, e eu tinha pena dela. Mas a vida simplesmente acontecia e não era justa, não era culpa minha. A memória nos lançava para trás com mãos idiotas; era, só o passado insistindo nas coisas passadas porque não sabia o que fazer.

Na porta da cozinha, eu me despedi de tia Yunxi. Ela estava cortando uma melancia e virou para mim com um olhar cauteloso. Emitiu um som de reconhecimento: feio, quase gutural. Só quando saí apressada da rua sem saída, virei à direita e cheguei ao ponto de ônibus, é que me toquei de que Szu talvez estivesse chorando. Eu não sabia ainda, nem esperava isso de verdade, mas aquela foi a última vez que a vi.

24
SZU
2020

Estou assistindo ao jornal das oito com meu marido, Ben, e minha filha, Elizabeth, quando meu celular vibra. Viro a tela para ler:

> Oi, Szu.
>
> Aqui é Circe, da escola secundária. Quanto tempo! Peguei seu número com Leslie. Ele disse que te encontrou esses dias. Legal saber que você está por aqui. Queria ver se você tem um tempo para nos encontrarmos qualquer dia desses.

Olho para a TV. Imagem ampla de uma nebulosa, corta para cientistas falando. Chang'e 6, o satélite lunar não tripulado da China, acaba de pousar em uma planície de lava na lua. A filmagem mostra a nave na escuridão densa do espaço, então a câmera mostra um diagrama que indica a localização do pouso.

O local do pouso é uma planície de lava vasta chamada Mare Imbrium, ou mar das Chuvas. Os dados coletados pelo satélite serão usados para aprimorar tecnologias fundamentais para missões futuras…

Olho para o batom magenta e o rosto cansado da âncora e penso na mensagem. Elizabeth agarra meu braço e eu sorrio para ela. Estava segurando sua mão quando encontrei Leslie no Railway Mall esses dias. Elizabeth e eu estávamos indo comprar farinha de milho e cebola. Leslie, minha primeira paixonite: fiquei surpresa com o quanto ele mudou, quando, na verdade, não é assim mesmo que o tempo funciona? Ele parecia um homem adulto e fatigado, mas não pude deixar de colar sobre seus traços o fantasma de quem ele era aos dezoito anos. Conversamos sobre amenidades e nos despedimos, e eu me lembrei do jeito triste e truncado com que me despedi de sua irmã mais nova.

Faz dezessete anos que a vi pela última vez. Circe saiu do meu quarto de infância com uma pressa criminosa, jogando desculpas pelo caminho. Eu sabia que suas intenções eram boas, mas ela tinha medo de e por nós duas. E tinha acabado de compartilhar algo feio e importante. Mas eu não sabia o que fazer, ou como ajudá-la. Eu estava no início do meu pior, naquela época. É difícil reunir forças para ser generosa ou compreensiva em tempos como aquele, do qual eu levaria anos para sair. Posso dizer seu nome com um desapego crescente, agora que estou bem: meu transtorno alimentar, o modo como tentei usar a dormência que sentia ao não me permitir desfazer o caos transbordante e voraz de todo o restante e impedir que tomasse conta de mim. Parece dramático, mas aquele foi um ano dramaticamente ruim. Quando eu estava doente, todos na escola fingiram não perceber. Acharam que o jeito mais gentil de lidar comigo era com luvas de pelica. Sentia como se tivesse perdido a mãe, mas também o pai de novo, aos dezesseis anos. Tudo o que eu tinha, no fim, era tia Yunxi. Até ela sabia que não podíamos depender exclusivamente de seus amuletos, suas misturas de raízes secas e fungo da neve.

— Eu disse que sua amiga não era boa coisa — lembrou ela na época. — Gente que abandona. Não se preocupe, vou invocar um verme comprido e sinuoso dentro dela, porque é isso que ela é, um verme.

Soltei um riso fraco.

Saí da escola. Nos mudamos da casa duas semanas depois e fomos para Penang conhecer minha tia, minha tia de verdade. Jiejie é a mulher mais gentil do mundo e nos acolheu sem questionamentos.

Não que Yunxi precisasse da ajuda dela — ela é a pessoa mais forte que conheço. Logo depois que fui morar com Jiejie, tia Yunxi saiu mais uma vez em uma de suas expedições — dessa vez para o Tibete. Ela vem e vai quando quer. E ao voltar de uma viagem, alguns anos atrás, anunciou para todos nós que havia renunciado à mediunidade e se tornado cristã. Fico feliz que ela esteja feliz. Foi morar com duas amigas da igreja em Georgetown. Ainda se comporta como a mesma pessoa que era na outra vida, com a voz rouca engraçada, os maneirismos agitados. Lembro quando ela tentou me explicar, há muitos anos, a diferença entre xamãs e médiuns. Que xamãs têm o poder de permitir que seus espíritos deixem seus corpos, alcem voo e vão para longe. Eles viajam longas distâncias, encontrando maravilhas que jamais veríamos ou conheceríamos. Médiuns são o inverso: eles evocam, convidando deuses e espíritos para seus corpos e os sentindo com a violência

de uma flagelação. Acho que Yunxi estava tentando me dizer que, se nosso corpo é receptáculo, temos que tratá-lo com respeito enquanto o temos. Mas não tenho certeza: ela sempre foi de falar em círculos.

Ben muda de canal e está passando o trailer de *Ponti 2020*. Faço uma careta, mas antes que ele mude de canal de novo faço que não com a cabeça, e nos viramos para assistir juntos. Eunice Prinze não se parece em nada com minha mãe. A nova Ponti corre descalça de um lado a outro do casco cintilante do Marina Bay Sands. A nova Ponti usa uma saia longa. A nova Ponti assombra os expatriados de colarinho perfeito em Boat Quay. A nova Ponti diz ao ator principal (previsivelmente branco):

— Sobrevivi a coisas que você não acreditaria. Confie em mim.

— Como posso confiar em um monstro? — questiona ele.

— Você é capaz de apostar?

— Por você, sim.

Reviro os olhos enquanto eles se beijam ao som de uma música ambiente sintetizada.

— Talvez não seja ruim. Podemos assistir em casa para dar risada — diz Ben.

— É, definitivamente risível — respondo. — Pelo menos estão tentando promover o filme. Tanto esforço. Lembra aqueles papéis esquisitos que a empresa de relações-públicas mandou?

— E a cesta no fim! Acho que eles se sentem culpados por estarem destroçando o legado da sua mãe.

— Hum. Talvez.

O trailer termina e uma série americana de investigação criminal volta a passar. Elizabeth começa a dar socos na almofada azul.

— Pare com isso, sua macaquinha! — digo a ela.

Volto ao celular.

Oi, Circe!

Que bom receber sua mensagem. Leslie disse que você está bem. Seria ótimo encontrar você. Estou livre qualquer dia da semana que vem menos quarta, então é só me dizer quando.

Aperto “enviar” e vejo a barrinha azul crescer.

*

Comecei a frequentar um curso de cinema, toda quarta à noite das sete às dez. É um curso introdutório. Esta semana, como tarefa de casa, temos que fazer umas edições básicas.

Talvez porque o remake esteja para sair logo, ou porque sou masoquista, escolhi cenas do *Ponti!* original. Estão na minha frente, digitalizadas, analisadas à exaustão. Meu foco é uma sequência específica aos vinte minutos de filme.

Abrimos com uma imagem de uma figueira-de-bengala grotesca, com raízes aéreas lembrando membros e videiras embaralhadas. Calmaria. Uma sombra passa. As folhas se agitam. Então, a coisa humana monstruosa que é minha mãe começa a surgir. Primeiro, as mãos brancas e finas. Então, seu rosto belo e ensanguentado. Seguido pelo restante dela, um ataque elegante de vestido branco e pernas cheias de cicatrizes. Sou obcecada por esse momento. Fico voltando e revendo, como se ela fosse me dar respostas após milhares de repetições. Amisa, Ponti, Xiaofang se esconde e se revela para mim repetidas vezes, na sequência hipnótica dos quadros. Sua pele branca como a lua entra em foco, antes de desaparecer na escuridão mais uma vez. A esperança em seu rosto parte meu coração. Volto. O ódio em seu rosto parte meu coração.

Tenho trinta e três anos. Conforme a lacuna diminui, doze anos entre minha idade e a da minha mãe quando morreu, me aproximo da ideia dos meus quarenta anos com uma fé incerta. Somos colocados neste planeta e não vamos sair dele vivos. Mas, enquanto estou aqui, posso tentar ser gentil. Quando minha mãe, a atriz de filmes de terror, floresce nas videiras, aperto o pause e a odeio e sinto sua falta, tudo ao mesmo tempo. Mas acima de tudo converso com ela. Me lembro do feitiço bobo que dizia antes de entrar pelos portões da escola. Como eu queria que aquelas palavras funcionassem, versos de proteção. Como se ela pudesse me ouvir do outro lado, me aproximo da tela e digo a Ponti a mesma coisa que desejo para minha filha todas as noites. Estamos presos a uma terra quente e terrível, e só piora. Mas, mesmo assim, quero cuidar de você para sempre. Que você esteja segura, que tenha conforto. Que tenha uma vida longa e bagunçada, cheia de amor.

Despauso a cena, mas desta vez o filme não continua. Clico mais uma vez. A tela gagueja e trava em um borrão imperfeito.

Agradecimentos

Sou profundamente grata a:

Jean McNeil e George Ttoouli, por me guiarem e incentivarem desde o comecinho.

Deborah Rogers, que não cheguei a conhecer, mas me deu a ajuda, os meios e a autoconfiança para terminar este livro.

Emma Paterson, por ser a agente, leitora e pessoa mais empática e incisiva do mundo.

Sophie Jonathan e Ira Silverberg, por terem tomado um cuidado extraordinário e preciso com o meu trabalho. O *Ponti* é de vocês, obrigada.

As equipes da Picador e da Simon & Schuster, todo mundo da Rogers, Coleridge and White, assim como Lucinda Praine.

Doutora Karen Schaller, Henry Sutton, Giles Foden e Trezza Azzopardi, da Universidade de East Anglia.

A David TK Wong Fellowship, a Booker Foundation e a Elizabeth Kostova Foundation, pelo apoio.

Elizabeth Berry, Zoe McCarthy, Owen Fung, Jennifer Eakins, Cecilie Olsen, Caitlin Ingham, Peter Bloxham, Tom Offland e Joan Chan pela amizade maravilhosa e cheia de humor.

Suzanne Ushie, por ser minha primeira leitora e sempre a melhor companhia para escrever.

Avni Doshi, por ser o melhor colega possível enquanto esta história estava na incubadora (e por me ajudar a dar o nome a Amisa).

Soumya Poudaval, por ler o primeiro rascunho e analisar as cenas passadas na escola.

Minha família — os Teos e os Ongs — por tudo.

Sobre a autora



© Barney Poole Photography

SHARLENE TEO nasceu em Cingapura em 1987. Tem bacharelado em Direito pela Universidade de Warwick e mestrado em Escrita Criativa pela Universidade de East Anglia, onde recebeu o Booker Prize Foundation Scholarship e o prêmio David TK Wong Creative Writing. Foi finalista do prêmio Berlim Writing Prize. Em 2016, ela ganhou, com *Ponti*, o prêmio de autor estreante do Deborah Rogers Writer's Award.